

A nossa gravura

Escola Popular Quase de Agosto

O edifício cuja photo se representa em supplemento a esta Revista, constitue um dos mais notaveis do Maranhão pelos duplos fins a que tem sido destinado.

Devido à incansável e constantes esforços do Dr. João Antonio Coqueiro, sempre animado dos melhores sentimentos, incorporou-se nesta capital uma sociedade no intuito de fundar um estabelecimento médico. Além de outros salien-

...preza os Drs. Almeida Oliveira, Mendes Pereira e Major Romão Frazão, cuja diligência não se tornaram inextinguíveis.

...correu a cavalo, e os cavalheiros de nossa sociedade, respondendo ao apelleo d'aquelle
...gras cidadãos, e inspirados no mesmo
...interesse, não recusaram auxilios, concorrendo com donativos, alguns de bem alto
...valor, merecendo em attenção a taes bene-
...fícios serem agraciados pelo governo im-
...perial com titulos nobiliarios e condecora-
...ções.

A escola foi instalada n'uma das casas à rua dos Afogados desta cidade, mas sem acomodações precisas; tendo em breve de suspender as aulas que já funcionavam regularmente.

Os inatigáveis empreendedores de tão alevantado commettimento cada vez mais fortalecidos na idéa patriótica e ali que os prendia, resolveram comprar ou alugar um prédio adequado ao fim.

Realizaram o projecto comprando o sobrado situado á rua do Egypto em que residia o Dezenbargador Coutinho, sendo desde logo reconstruido com todos os comodidades que eram necessarios.

Foi na presidência do Dr. Augusto Olympio Gomes de Castro que tiveram começo os trabalhos sob a administração do habido architecto Agostinho Azeiteiro, ajudado na maior parte pelo promotor da l. l. ex.

O Dr. Gomes de Castro apalhou sempre com merecido aplausos semelhante projecto, predigalizando todos os meios que lhe eram dados para dar valor ao triunfo da bem da instrucção. Em pouco tempo construiu o novo edificio que a deixou a despet, reabrendo-se as aulas de diferentes cursos já iniciados e lo outros.

capacidade, em outros mistérios, também podemos estudar com dificuldade. Lemos na revista Grêmios da nacional o Sr. Joaquim Teixeira de Souza, Arithmetici, desenhos e construções, o Dr. Manoel Jansen Pereira, Geometria applicada ás artes, o Dr. João Amador Gurgelco, — Historia Geral, o Dr. A. J. de Mattos Pereira.

...insistiu e prometeu muito
...era o mais fácil e rápido
...tanto como as outras com
...analisar - não sabemos por
...necessário e abundantemente
...se via fotografar a
...certo, sem dúvida
...30% sobre o
...o 2º pagamento

No primeiro e
para os dois estudos

notando-se no alto, em forma de cereadura pelo entablamento que a guarnece, nomes de homens célebres em todos os ramos do saber.

Contiguo a esta sala, ha outra de igual tamanho que dá saída para a varanda toda rodeada. Depois de um pequeno corredor lateral abre-se no fundo um salão espaçoso com paredes ornadas de pinturas e oleo.

No segundo pavimento logo á entrada, ao lado direito do vestibulo, rasga-se uma porta que conduz a diversos compartimentos, seguindo-se um salão bastante largo, aberto em arcos com sahadas para um avarandado.

O todo do edifício é elegante, e, segundo opiniões de competentes, construído não só com muita solidez como subordinado às exigências da arte.

No lado externo de açio-se nas paredes, sobre as janelas, os seguintes nomes de maranhenses illustres que sahiram honrar o berço:—Odorico Mendes—Sotero dos Reis—Gomes Dias—João Lisboa—General Falcão—Gomes de Souza.

Tendo a «Sociedade Onze de Agosto» deixado de funcionar e estando o prelio armado, o Dr. José Manoel de Freitas, então Presidente da Província, dando execução ao § 11 da Lei n. 4135 de 5 de Setembro de 1876 mandou que fosse indemnizado os professores de dita escola, todavia, não se deu seguimento a esta medida.

re de crianças de uma sociedade passando o período pré-lho a ser próprio provincial. Nello monton a biblioteca Publica e estabeleceu a aula nocturna de primeira¹ lettras nominando para reger a o professor Raimundo Joaquim Cezar. Esta aula teve começo de de 1.^a de Agosto de 1882 com uma frequência media de cem alumnos, constante de operarios das fundições, aprendizes de alfaiate, marceneiro, sapateiro & c.

A Assembleia Legislativa Provincial que celebrava seus sessões no consistorio da Catedral, cedido pelos Bispos da Diocese, resolveu, por falta de commodo e espaço necessário, a sua transferencia para o edificio mencionado, onde continuou tanto para esse fim effectuando alguns reparos indispensaveis.

Hoje funciona ali no pavimento superior o «Congresso Estadual», e no pavimento terreo a Repartição de Hygiene e a Escola publica do 1.º districto.

LITTERATURA

Flores e Frutos

Junto a um caramanchi de madre-silvas, conversam, aлегem, e as duas amiguinhas no jardim, muito begadinhas uma a outra, sentadas no banco de pedra.

Uma ambas jovens, frescas e rosas como as flores da primavera e as alvornadas de agosto. Sarah, uma gentil trigueirinha, de olhos travessos e sorridente e alegre. Carmen, mais alta que sua companheira, mais sisuda, mais terra, era o sol e o dia sympathia.

Que mal'dade, Sarah! disse Cermen.
 O que é? perguntou a primeira, assustada.

Porque d's'olhas a-sim essa pobre flor?
e reforçam a outra. Tão bella estava ainda ha
pouco, mal-cida a colheita.

O fiz insensivelmente; urgia. Carnu-
Nenhuma falta porém fiz, visto que o pe-
se acha repleto dellas, como ves. Além
disso não acho-a tão bella, como dizes, é
tão vermelha!

Pois gosto imensamente d'ella, não só pela cor, que te não agrada, como pela forma delicada que tem, e ainda mais pela sua significação no novo dicionario, de que faz menção o precioso livro «A vida das flores». Esta flor é o emblema da innocencia!

Sim! disse Sarah. E tens esse livro?
Tenho e posso ceder-lo, para que aprendas a ser boninha com aquelles que o merecem. Já o folheei tanta vez que lo posso repetir o que exprimem grande parte dellas.

Vou então, Carmen, colhar um variadíssimo ramalhete, para que me ensines desde logo a significação das suas symbolas.

Será com uma condicção—que, por tua vez, me dirás a linguagem dos frutos, de que tens algum conhecimento, segundo já me asseveraste.

Pois bem, eis ali uma proposta mi-
litar.

E deitaram ambas a correr pelo jardim, onde ficou Sarah; passando Carmen ao pomar para colher os frutos.

Reinou, durante a'gũa tempo, grande silencio, ouvindo-se somente os gorgoros da passarada, que festejavam a fresca manha, e viam-se uma ou outra borboleta adejando subtilmente as flores, e aqui e alli mimosos colibris esvoaçando tambem por sobre ellas.

Merguando ainda em nuvens rosas e cinzentas, começava Appollo, o poderoso astro, a mostrar a sua loura cabelleira, arrastando consigo immenso agito branco e azul verdadeiro prior da natureza.

Algun tempo depois, foi Carmen a primeira que chegou ao banco de pedra atigada, com uma cesto cheio de frutos, e que a muito custo podia carregar.

Appareceu também Sarah com uma grande profusão de flores em seu avental, onde as guardara.

— Pois flores, já se vê, pois pertencem ao sexo amável, disse Sarah.

Logo vi, em um trapasso, que as havia de virar, para que fosse eu a primeira. Passa-me então o teu feixe de flores, pois isso nunca foi rama horto!

De frutos está também tão cheio o teu cesto, que parece antes uma grande provisão para boa venda do mercado!

Tens sempre prontas as tuas respostas; mas vamos ao que importa ao nosso propósito, e centuramo-nos a andar de novo no banco de pedra.

—Começou Carmen:—esta pobre flor, que desfolhaste, chama-se flor de liz, indica innocencia, como te disse.

Três poezias, emitiendo as outras, a significação me é conhecida: Canção, o primeiro; Lyrio, a solidão; Violeta, a tranquilidade; Chagas, o sofrimento; —império, Jasmin — pureza; Cravo — casamento; Magnolia — indiferença; Amor perfeito — fidelidade; Verbena — impiedade; Campanula — poder; Papoava — alegria; Madresilva — firmeza; Jacintho — felicidade; Adão-sol — desespero; Acacia — recordação; Adonis — tristeza; Alceon — quero saber-te; Angelica — prazer; Artemisia — pensamento; Graviola — bruxa — desejo; Nuvens — voo; Juncillo — meiguice; Tulipa — tristeza; Pungol-matão — não te esqueças de mim; Lilaz — humildade; Gervásios — ternura; Cereia — tristeza; Cravo amarelo — presentinho; e não me lembro mais.

SUPPLEMENTO AO N. 74
DA
-REVISTA ELEGANTE-



(Cópia de uma photographia da Alfaiataria Teixeira)

(Imp. na Typ. a vapor da Alfaiataria Teixeira)

ESCOLA POPULAR ONZE DE AGOSTO

E esta branca, com o fundo amarello?
E o—Narvoso—exprime belleza presun-
ciosa. Dize agora, Sarah, de qual gostas
mais.

Eu sei, são tantas! Para dizer-te a ver-
dade, gosto de todas.

Cabe-te agora a vez.
Vamos lá, passa-me o cesto. Começo
pelo que tem a primazia de rei dos fruc-
tos—Ananaz—significa delicia; Melancia—
frescura; Banana—desengano; Laranja—in-
gratidão; Abacate—loucura; Piqui—vergo-
nha; Jaca—inconsciencia; Lima—frescura;
Lumão—começo oppresso; Sapoti—perfeição;
Caju—impaciencia; Anajá não me engana;
Bacurá—de por ti; Jussara—luto; Burity
—sempre o mesmo; Goiaba—não quero;
e... sei que não ha mais.

E as uvas?
E' verdade!—as uvas querem dizer—no-
ta de qual gostas mais, charmant?

Das uvas, tanto que vou pedir-te
me faças uma grinalda de ellas, a pre-
senta de flor de liz. Ficarás assim, sen-
do a innocencia, e eu a

D'aí a instante afastaram
as duas anguinhas de mão
roadas de flores e fructos.

Lea

Buc

O céu é bello
mavera lancha na
res o seu primei

Com elle as
er o prazentei

O prado ver
cheiro agreste
multicores in
de verdura

O gal
sen cam
reito.

lin, com
rios aqua

Em uma
pelo remanso,
lanção na agua o

Tres cravanc
tão pela relva, lu
d'un enxame de lo

O pastor abre
rebanho de carneiros en
pina.

Junto á porta da ca
mulher forte e sadia; e
cora que chama abegon
para a primeira refeição.

Sensitico

Antes e depois

Tinha chegado o momento da partida.
Pessoas de casa, vindo a forum abrigar,
derramavam abundantes lagrimas pela
enorme dor da separação, exprimiam no
pranto a saudade que lhes ficava daquelle
que se ia partir... partir para não mais vol-
tar talvez.

Muchos que eram seus labios, pallido
que era o seu semblante! a sua voz não se
ouvia para articular uma supplica, o seu
tosto não se contrahia para traduzir a amar-
gura que a torturava na despedida dos que

lhe eram caros. Abraçava um por um, paes,
irmãos e amas, prometendo-lhes eterna
lembrança de todos, recordações e instantes
dos que ficavam, mas, ao imprimir-lhes
o ultimo beizão pegar das mãos que tan-
tas vezes satizeram os desejos, os capri-
chos do seu tempo de criança, ninguém dos
olhos de Constancia viu deslizar a gotta do
pranto, fulgura nas palpebras o orvalho
consolador.

Havi
tand
em

mezes q
iz do
Vaga inqu
fari partindo
que chegava, pa
casita d'onde saíra sem
com o cinzel da esperan
o Louro da ventura que de
tilhar com o efeito de seu cor
vida lhe naufragava no começo
rota, o fragil baixel de seus idea
resistira aos escolhos da realidade:
po, que tantas promessas de ded
lhe fizera, que tudo lhe promett
lhe fizera, como perjuro é sem
intel a luras, como perjuro é sem
o que offerece aquillo que não pode
fornecer: a ventura que se não garanti
a ninguém.

Então chorou amargamente, envergo-
nhada do egoismo que a empossa na
partida, presaboreando gosos d'un futu-
ro chimérico, esquecida dos gosos do
passado real que deixava.

S. Luiz.

Regino Augusto

Saudade eterna

A tarde expira; alem pelo vallado
geme a viração na copa dos arvoredos.

Os passarinhos em busca de pousada
trirão a ultima monodia.

O sol deixa saudoso o céu azul e vai
engolfar-se nas profundezas do mar.

Eis a hora do silencio e do mysterio; só
a pobre rôla viúva chora saudosa o esposo.

O sino toca angelus e Lucia veste a
tunica do noivado; como é bella sob as
flores de laranjeira e a alvura d'aquelles
véos...

Mas... o seu noivo... é o noivado do

...córda e pelos ares
...nes da baunilha, tra-
zidos...

...Vai triste o melanco-
lica de... um túmulo do cemiterio
d'alva as... frescas e viciosas que co-
llecção seu jardim.

...luz vai... Lucia volta mais triste
e melancolica de que fora.

Fudo é silencio... mysterio, só a
pobre rôla viúva chora saudosa o es-
poso.

Sensitico

Noiva

Arremente pallida e nervosa,
lanca da bezenca da agonia,
ella tinha a feição doce e piedosa
Da doce e piedosa Magdalena.

Da face descorada a ruiva rosa
Ade o laço que quer e que condena
Passos incertos, tremula e chamma,
No rosto angustia, nos olhos pena.

Elle se vai casar... Soa a hora
Ha tanto tempo lúida esperada,
Que agora teme, que repelle agora.

Quer e não quer, á dorida ruzad
Pois muito pode o amor, quando
E' todo o amor e muita vez—o

(Das manhãs)

A. Reis,

Desperta

Vejo-te! E uma saudade indefinida
—grato de dor, de gozo e de trist
Desta saudade longa, desta saud
Triste, angustia, tremula, atida!

Saudade!... E esta vida aborrecida
De delicta illusao e de incerto
Por doces horas se conserva il
de angustia—luz a ser oppo

Não posso amar-te mais! poron
O tempo em que te amei. Ce
E amamento, na tua seia acor

Pena que esta illusão depoi
E eu torne a ser esquecer.
Seja esta alma para o amor

S. Luiz—1928



REVISTA ELEGANTE

A lei do porvir

Colocado o homem ante dois extremos — a esperança de uma eternidade incompreensível e a certeza de seu fatal aniquilamento — a única solução conciliável é a que se decide pela conciliação do direito de viver, o qual resulta do sentimento naturalíssimo do amor à vida que é inquestionavelmente um amor, bem sincero.

E por elle que as tendências individuais geridamente se empenham em fortalecer o espirito económico com o fim de melhorar as condições sociais na luta pela existência, e as transformações políticas vão instinctivamente prendendo-se cada vez mais ao encadeamento dos factos positivos e materiais.

A vida contemplativa tende a desaparecer e o domínio da compressão e da força ha de por fim confundir-se no meio das regalias da paz universal que será, ao que parece, a última expressão das conquistas do trabalho. O tempo porém deste auge de sucesso ninguém pode ainda fixar.

E todavia preciso que, em vez de ser uma desagregação de partes, o regenera-

tor do universo constitua um todo harmonioso, um corpo em que as grandes massas de população, o proletariado enfim, representem o verdadeiro centro da actividade que lhes dê a industria como seu cerebro, que é o capital como o sangue ou a seiva vital, e a reproductora do movimento popular.

E uma organização systematicamente solidaria desta natureza que convem à instituição do trabalho para que delle possa nascer os estímulos da igualdade e da fraternidade; porque afinal elle é a vida social e a vida social é o homem reproduzindo-se nas gerações passadas, presentes e futuras. Aquelle que ataca a ordem social ataca a vida do individuo na existência colectiva.

Da verdadeira convergencia dos elementos — proletariado, industria e capital — depende a cessação das lutas fratricidas que perturbam as sociedades, elementos que devendo agir concordemente são todavia compellidos pela anormalidade das circunstâncias a manter funcção separadas, assimilando-se somente na cooperação dos interesses egoisticos.

A bussola, a imprensa, o vapor e a electricidade são as mais bellas concepções do cerebro investigador do trabalho — a industria; mas tão maravilhosos apostolos da civilização levando ás regiões longinquas as primeiras noções da liberdade, da igualdade e da fraternidade, com ellas levaram tambem a pólvora e a arma de fogo plantando desde logo, com esses e outros accessorios da destruição, o domínio do despotismo no coração ingenuo dos povos ignorantes.

A facilidade de transmitir e perpetuar o pensamento conduzindo pelos novos vehiculos as manifestações da intelligencia a todas as distancias em tempo mais ou menos rapido, por tal modo acelerou a marcha do progresso humano que este não pode deixar de sentir-se dos defei-

tos originados de semelhante precocidade.

Onde foi a liberdade foi a escravidão onde a igualdade a distincção por privilegios, onde a fraternidade a differença de classes e de raças; por toda parte o fingimento e a hyprocrisia acompanharam a verdade; o arbitrio a justiça, a guerra a paz; e isso a que hoje se chama civilização moderna, nada mais é do que a conciliação apparente de elementos divergentes e contradictorios que Max-Nordau collectanea em precioso volume com o nome de *Mentiras Conventioneiras*.

E de uma tal amalgama de idéas, de erros e contradicções, de ordem e desordem que surge no espirito humano esse principio de que fallamos e que se mantem sempre coherente e pacificamente organisador — o principio de conservação —. A elle se deve os grandes commettimentos da industria que cada vez mais se desenvolve e progride pela actividade das classes laboriosas e pelo concurso animador do capital.

Em todos os tempos o trabalho industrial tem pesado sobre as classes necessitadas e dessa inevitavel desigualdade de sorte originão-se nos grandes centros populosos as propagandas socialistas que em suas exagerações subversivas e anarchicas, confundem a tyrannia politica com os effeitos da organização do trabalho, insurgindo-se contra as concentrações do capital, que aliás é o mais respeitavel e o mais respeitado representante da actividade proletaria.

Ninguém se illuda com a situação da actualidade para tentar corrigi-la por meio de agitações revolucionarias, porque ella de facto já se estorce em silencio entre dois principios manifestamente antagonicos — o direito de reinar e o direito de viver, o soberano e o proletario, a politica e a industria.

A Europa, que tomamos para exemplo, tem em tempo de paz cerca de tres mil-

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO — IMPERIAL —

CAIXA POSTAL 40

ANNO VII

Maranhão, 1.º de Setembro de 1898

NUMERO 75

Supplemento ao N. 75
DA
REVISTA ELEGANTE

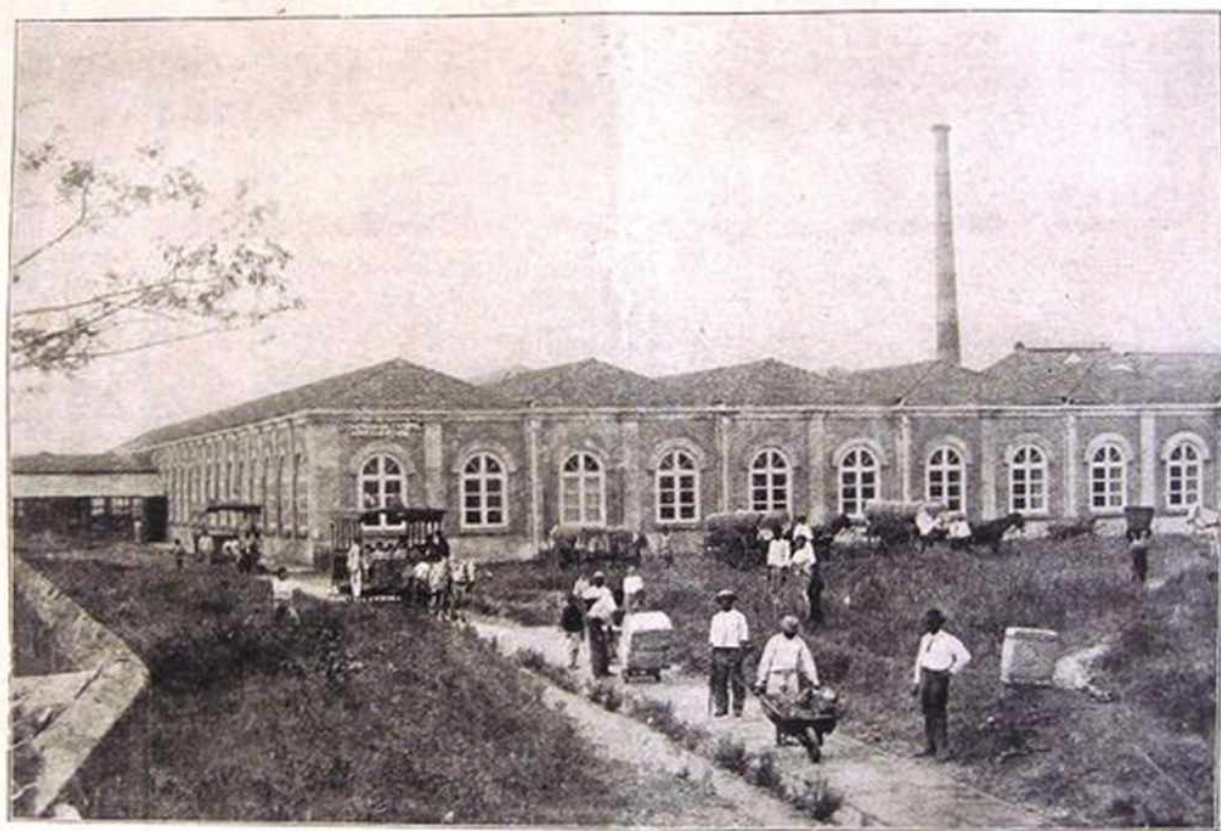


(Cópia de uma photographia da Alfaiataria Teixeira)

(Imp. na Typ. da Alfaiataria Teixeira)

Hospital da Santa Casa da Misericórdia.

Suplemento ao N. 77
DA
-REVISTA ELEGANTE-



Fabrica Santa Izabel

(Cópia de uma photographia de Gaudencio Cunha)

(Imp. na typ. à vapor da Alfaiataria Teixeira)

Supplemento ao n. 76
DA
REVISTA ELEGANTE



(Cópia de uma photographia de Alfaiataria Teixeira)

(Imp. na Typ. da Alfaiataria Teixeira)

Palacio do Governo



Edição Especial

DEDICADA á Real Sociedade Humanitaria 1.º de Dezembro e em geral á Colonia Portugueza n'este Estado, como homenagem á gloriosa data da Restauração de Portugal

REVISTA ELEGANTE

1640

A Real Sociedade Humanitaria 1.º de Dezembro, instituto fundado nesta cidade sob inspiração patriótica da colônia portuguesa, comemora hoje, pela elevação do Duque de Bragança ao throno em 1.º de Dezembro de 1640, a Restauração de Portugal, que por espaço de 60 annos esteve annullado debaixo da sujeição de príncipes estrangeiros.

Com a derrota de D. Sebastião, a batalha de Alcaer-Quibir em 4 de Agosto de 1578 pagou com a vida a tentativa de commetter em Africa com 12

um exercito de 150:000, ficou o reino de Portugal sem successor e nelle estabelecer-se a dynastia dos Filippes de Castella, que alem de oppressora tornou-se sumamente desastrosa.

No periodo desse nefasto dominio o abandono em que ficou o governo das possessões deu occasião a que os holandezes se apoderassem de varias feitorias no Brazil e Africa, perdendo-se nesta, por uma vez, importantissimas terras e posições. E em quanto os interesses da patria llo po, toda parte em assombrosa decadencia, os soldados portuguezes vivião, para satisfazer os caprichos da Hespanha, empregados nas guerras de Flandres e da Italia.

Compreende-se quanto este estado de cousas devia ser afflictivo para os bríos de um povo que tirava suas tradições no heroismo dos Virreyes e Sertorios, e nas

glorias de Affonso Henrique, o conquistador; e qual não é o entusiasmo dos corações verdadeiramente lusitanos recordando a data memoravel desse arado libertador que irrompendo no Terceiro do Paço só deu-se por satisfeito no batalho Montijo?

O pequeno espaço das nas não comporta em seu vimento a extensão desta já teve pennas como as de culano, Almeida Garret mo-nos por isso a homenagem ao admiravel portuguezes do Mar flcar a grande data solado patriotismo.

Consolidação que tem por em suas enfermi

os socorros necessários, mediante razoável contribuição para os ricos, e aos pobres gratuitamente. A sociedade mantém para isso um importante hospital, cujo edifício se vê da gravura e a descrição que se encontram em outro logar.

Catam-se que plantar a arvore da beneficência no altar da patria e a sua sombra reunir os compatriotas em terra longínqua, quando mesmo não se possa dizer esta terra, é mais que suficiente; e ter ideia bastante avançada dos deveres que a solidariedade humana exige dos sentimentos altruistas do verdadeiro cidadão. E não são somente os subditos portugueses que ali acham abrigo; quando a honrada administração reconhece a sinceridade das solicitações elle se estende a outras nacionalidades.

O hospital da Sociedade 4.ª de Dezembro é uma casa de luxo, onde os portugueses tem gasto muito dinheiro, como se por esse modo estivessem gostosamente contribuindo para honrar a memoria da patria. A exposição que ali se faz annualmente no dia de hoje concorre o Maranhão inteiro, não ficando logar nos pateos, salões e corredores onde se possa andar facilmente. É uma festa com que o publico maranhense muito sympathisa.

A «Revista Elegante» congratulando-se com a feroz colônia portugueza do Maranhão da ige nesta edição suas saudações ao velho Portugal; n'esse bardo das glórias brasileiras: a patria dos nossos paes, desses homens valerosos que, atraindo-se ao perigo, atrestando grandes perigos e succedendo uns aos outros nos sacrificios propria vida, legaram-nos esta terra abençoada onde gosamos os confortos da civilização.

Salve o glorioso Portugal!

1580—1640

Lentamente, n'uma luta que durara septecentos, realisa-se a nacionalidade hespanhola a sua integração. Paçotismo e fé religiosa, com a tenacidade paravetante a que nenhum obstáculo desanimava, haviam conseguido varrer do seio da península quando ali trouxera a invasão arabe em epopeia, começada nas montanhas das Astúrias pelas visgothas escapos do naufragio. A monarchia de Rodrik, tivera o seu fim, e o canto nas margens do Xenil ante Granada, vendido e Roaldil a fugir, acossado das tropas almorávidas. Fernando e Izabel tinham feito a Hespanha, dando corpo ao sonho de Pelayo, torna-se realidade.

Tornava-se que era a integração da Hespanha, não era da Iberia. Uma porção do territorio da península vivia a parte, realisara para si uma vida nacional separada, elaborara uma patria lingua e civilização, tomara differente caracteristica ethnica. Foiandada defensão de Gostella, sua limitrophe a população se lhe diferenciara e a hespanhola a quem só a unidade do sentimento regionalista, quasi tornado impuncta a que se fundisse a hespanhola, realisando o verdadeiro que as condições a comportam. A vida hespanhola se indispunha a evolução dos estadios, forçava a Hespanha a hespanhola, como que a hespanhola, historicamente

Entregue ás lutas com a Franca por causa das pancias da Italia septentrional, preocupado com a dissolução religiosa da Europa occidental que a Reforma produzira, Carlos V nunca cogitava de resolver o problema peninsular, nunca pensara em fazer entrar a familia portugueza na comunidade da vida nacional hespanhola. Problemas de maior monta lhe assobrevavam o espirito, a questão da ruína da fé catholica no Occidente era-lhe a obsessão constante, vindo n'ella o premonio do que, hoje, decorridos cerca de quatro seculos, se apresenta como a anarquia do pensamento moderno. Conhecido da sua impotencia a obstar ao movimento reformista, abandonara o throno e no claustro de S. Justo, entregou a prindos cogitares, assista ao drama humano da transformação social que se operava, drama ainda no prologo, mas onde já se desenhavam as futuras e tragicas scenas, drama da humanidade, da consciencia humana que repudiava então o passado, para se lançar nos braços d'um porvir aneagador dodesconhecido que encerrava no seio.

Ficara, porém, no throno da Hespanha um d'esses homens excepcionaes a quem a historia recusa os trophieus da gloria, mas concede o raro talento de silenciosamente realisarem grandes cousas, encarnações de uma vontade superior que tudo executa sem ruido, nem brilho: Philippe II dominava na Hespanha com o seu sceptro de ferro, a sua energia inquebrantavel de monarchia taciturno que nada podia deter, nem o respeito pelos laços do sangue. Pairava-lhe a vista por sobre a Europa inteira, via no Oriente o que armas christaestinhavam feito, essa India antiga onde europeus já caminhavam como conquistadores e tinha no Occidente a America a erguer-se como territorio onde se realisaria a expansão colonial da Europa. Entre a sua monarchia e o Atlantico uma fita estreita de terra se desenhava: era Portugal, Portugal que possuia a India que descobrira, Portugal que se erguia rival da Hespanha na America, Portugal que ensinara a Hespanha o caminho dos mares.

Findara a vida heroica da nação portugueza: Depois dos reinados brilhantes dos primeiros monarchas da dynastia de Aviz, cahira o sceptro portuguez nas mãos de João III, espirito acanhado, alma onde o fatalismo alia a luz da intelligencia, mais propria para dirigir uma comunidade religiosa, do que para tomar a suprema direcção dos povos. Atemorizado pe'os progressos do protestantismo, a questão da fé absorvia-lhe inteiramente o pensar, não tinha pensamento fora da orbita d'ella. Com elle começava a decadencia de Portugal, decadencia a que poria remate o tres oucadito fatalismo do neto, esse epileptico psychico que ia sepultar nos arecos de Alcazar-lizar os restos do passado esplendor da nacionalidade portugueza, carrasco da patria, que levava á agonia, pretendendo guerrear o Islam, o Islam que não mais era o perigo para a fé catholica, que outro perigo maior se avolumava lá no norte, n'essa exegese da Biblia que a Reforma mangurara.

Com Sebastião cahia na Africa o que fora a grandeza de Portugal. Philippe II viu a queda e silencioso propoz-se para receber o legado do vencido. Portugal ia entrar na escuridão da vida nacional hespanhola, nem um raio assaz forte se erguia para levantar a corba que rolara. A Hespanha que possuia as Provincias Unidas no norte ganhava Portugal no sul e o ganho compensava largamente a perda, que o ganho era o throno da America Meridional sob

a hegemonia hespanhola, e uma incipiente terceira a no Oriente, o que ficara dos territorios indios conquistados. Em 1.80 Philippe II de Hespanha orava a fronte com o diadema portuguez e Camões moribundo, na dor lancinante d'uma dupla morte, podia n'um soluço derradeiro, gemer que morria com a patria.

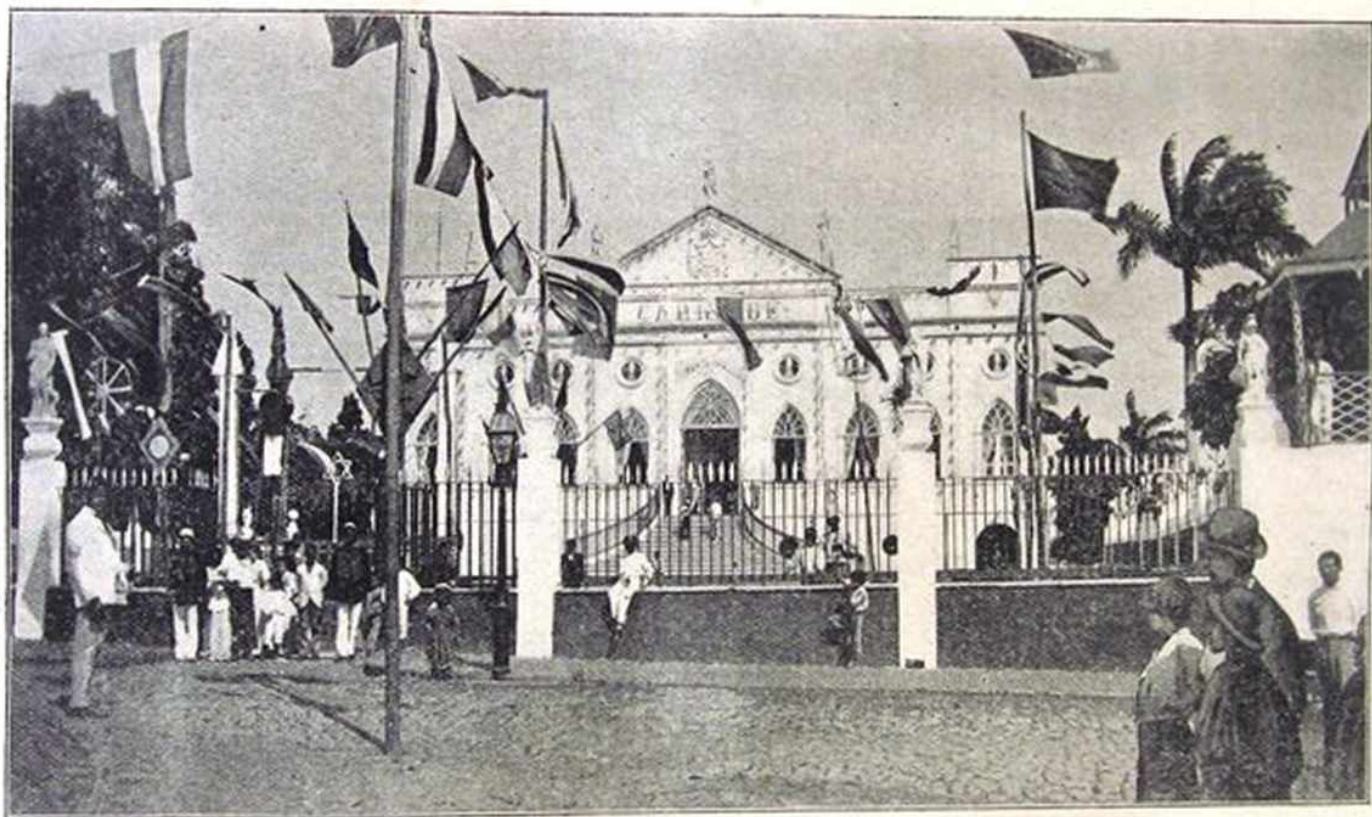
Integrara-se a Iberia, mas a integração que se realisara possuia apenas o caracter politico. A tradição separava portuguezes de hespanhoes, a vida em commun não possuia essa cohesão de sentimentos que torna possível a estabilidade de um aggregado social. Se as classes superiores da sociedade portugueza procuravam assimilar a vida hespanhola, as populares trabalhavam por se distanciar dos seus dominadores e eram ellas quem triumphava, quem conservava a tradição portugueza. A sua aspiração a reconquistar a perda de independencia traduzio-se-lhe logo na lenda, n'essa lenda poetica e patriótica de D. Sebastião na Ilha Encantada, lenda ainda hoje persistente n'algumas almas ingenuas para quem o Portugal que renasceu em 1580 não é o Portugal que sonhamos. Sessenta annos de vida politica commun não operaram a fusão das duas nacionalidades que conviveram, porém não se unificaram.

Não tivera Philippe II successores á altura do seu genio cesarista, monarches que, com uma sã politica, apogassam esse fermento de odios existentes nos portuguezes contra os hespanhoes. Isso que era grandeza dos Cesares Romanos, a sublime intuição assimiladora de um povo conquistador, era demais para a acanhada maneira de ver dos monarchas hespanhoes e Philippe II não legou esse talento aos seus herdeiros, verdadeiros reis *fauteuils* a encier com a sua nullidade o maior throno da primeira metade do seculo XVII. Não sabendo elles realizar a hegemonia da Hespanha, tornaram possível a restauração de Portugal e abriram as portas ao desenvolvimento colonial da Hollanda, seguido logo da larga expansão da Inglaterra, que beneficiou da inercia peninsular, arrancando á Hespanha e a Portugal o dominio dos mares.

O que foi a restauração de 1580, sabem-no todos os portuguezes: um movimento popular largamente apoiado pela politica europeia a que produzia serias apprehensões a grandeza da Hespanha. Portugal renasceu em 1580, mas não mais o Portugal de D. João II, é o Portugal dos analagos deste, dos Barcellos e Braganças. A sã vigora da sua vida antiga como que perdo os successos nutrentes da gloria do heroismo do passado. Um ou outro lampejo de energia lhe sulca ás vezes a noite da decadencia, mas o met-o-ro se apaga e a treva, sinistra e densa, volta a envolverlo. Renasceu politicamente, mas etnicamente não. A grandeza do seu passado como que o esmagava no presente e Camões é grande demais para a patria portugueza dos nossos dias. Para comprehendê-lo, precisei fora que resuscitassem os Albuquerque e a maldade, que os ecos da Asia esportada ainda repelisses as vozes de guerra dos seus conquistadores de outrora e que as vagas humilidades do mar das Indias beijassem as praias dos galeões e caravelas portuguezas, a desruídam nos ventos as glorias victoriosas.

Quando o povo portuguez religiosamente não memoria a data de 1580, celebra-a com festas, leva á sã sua drama patriótico e todavia, para esses festejos ha um resumo da Hespanha, é o que Mouzinho de

Suplemento ao n. 78
DA
--REVISTA ELEGANTE--



Hospital Portuguez

— S. JOÃO DE DEUS —

(Cópia de uma photographia da—Alfaiataria Teixeira)

(Imp. na Typ. a vapor da—Alfaiataria Teixeira)

Arquivos da "Revista Elegante" sobre a Póla

Revista Elegante

PUBLICAÇÃO MENSAL DE DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Propriedade da ALFALATARIA TEIXEIRA

Gerente--Alfredo Pinto Teixeira

Anno VIII

Maranhão, 1 de Janeiro de 1899

Nimero

Garantia da amazonia

sociedade de seguros mutuos sobre a vida

--SÉDE SOCIAL:--

Torreão, Campesinella, esquina da rua Quinto de Novembro, por cima do Tonaca and Brazilian Bath, Brazil.

BELEM DO PARÁ

Nenhuma outra campanha do tipo, na primeira metade da existência do São-Miguel-Quintal, de pre-
 dade de pre-
 nçoes, realmon-
 da que em

É bastante razoável, no mesmo espírito, concluir, no entanto, que se livrar mais de 50% de um custo na hora do que todas as companhias nacionais juntas.

NÃO TEM ACCIONISTAS

AGENTE RM MARANHÃO

ADOLFO NOGUEIRA

O SABONETE RIFGER

E. O. MILLER

PARA O BANHO, CUTIS E TOILETTE

Alformosea a Epiderme e dá Attractivo e Encantos

A' venda em todas as casas de modas e de perfumarias

AGENTE EM MARANHÃO:

Custodio Gonçalves Belchior.

OFFICINA METALLICA

DIE

José Thomaz dos Santos

Neste estabelecimento recebem-se encomendas referentes a arte, preços a módico, prestando-se o melhor serviço ao cliente.

New-York: 1850.

MARANHÃO

livaria



LEONCO J. DE MARELLI & COMP

R471 GR ND 1.1

Completo de instrumento de livro e branco
de instrumento, com
Papellaria, objetos para o
curso de aprendizagem, para

Performance

84- Pecos bar

F. L. B.

Despachante do Alvará
de r. l. encaminha-se para
negotio da mas f. p. (p. 100) e
f. s. m. como do p. 100
etc.

附錄 4 續表

REVISTA ELEGANTE

F. PASTOR

PUBLICAÇÃO MENSAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
Propriedade de
— ALFALATARIA TEIXEIRA —
Diretor — Alfredo Pinto Teixeira

TELEPH
ANNO VIII

ENDEREÇO TELEGRAPHICO — IMPERIAL —

CAIXA PO

Maranhão, 1.º

Janeiro de 1899

NU

do céu ti-
deroso, h
povo que
generoso
dá o amor
coração, e
vras eram
nhã el-

dos em parti
arte, gov
sentimen
na ventura que
a escolhida do seu
la e loira, cujas pala-
ta e o sorriso — uma ma-
ar no azul.

nos que não deixassem t

la
solu
sas e de
em que
feita a
e os seus beijos de mulher, fei-
to carne

a rainha, soara-lhe a hora
maternidade, hora de prome-
sas, de dor e de esperanças,
aria na terra o primeiro filho,
e os seus beijos de mulher, fei-
to carne

reccies, Rei, e m.

Com um aceno de au-
quem dispõe de um poder su-
dirigiu-se ás outras que, silencie-
vam o leito. — Fallai, irmãs disse,
nino o que fostes incumbidas de

Uma fada trajando rico manto
recamado de oiro, cingida a fre-
diadema de pedrarias, de collo
co que as perolas que o col-
então fallou:

— Eu sou a fada da R
as jazidas opulentas do
areias e rochas de Ge-
mantes se occultam
tecidos macios cor
sarinhos, o fi-
esconde o es-
nho finissim-
ponha doe
a Riquez
que me

Co
nin

REVISTA ELEGANTE

Um conto

Era n'esses tempos felizes da fé ingenna,
em que a terra se consorciava ao céu, e
que as fadas e genios entretinham doc-
relações com os homens, mensageiros
dos a povoar o espaço das suas branca-
gurias a deslizarem fugazes, agitand-
azas luminosas, no ar transparente e
d'uma atmosfera sem nuvens. Ria
com o seu sorriso d'oiro, atirando á
os trig- maduros, menos loiros do
loir m as virgens, e as roseiras de
lira s perfumadas, menos rubras que
os las das crianças, menos perfumadas
que o halito doce de uma bocca de noi-
va a segredar n'um beijo o seu primeiro
anhelo de amor.

N'uma terra longínqua, paiz afortunado
onde os estios tinham as suaves docuras
das primaveras, os invernos, a quietação
dormente dos primeiros dias a cabir do out-
ono, onde nem as geadas cobriam as
searas, nem os ventos ardentes requetima-
vam as flores, n'essa região encantada rei-
nava um principe a quem todos os dotes

Ancios
delicioso em que in ser pai, em que um ser
pequeno e tenro lhe fosse dado, para her-
deira do seu poderio de monarcha. Fadas
enchiam o palacio, iam e vinham nas salas,
cruzavam-se nos corredores, accodiam á
branca alcova, como que a fazer com as
as alvissimas de plumas rendilhadas, um
vel á princeza deitada no largo leito doi-
o, na crise dolorosa da carne que gera
urne, da vida que soffre de dar começo
tra vida.

creança nasceu. Era um menino cu-
idos soaram como um cantico n'aquel-
to erguido ao amor, entre caricias
Algu'brada na prostração que sa-
andes abalos, a princeza sorria
agil ser que uma fada sustinha
o principe olhava desv-

um continua
pois olhou a es-
se d'ella, tomo-
cioso, na muc-
grias. Mas o i-
til docente, d-
energias per-
to, como con-
tirarem da al-
pessoas que
filho.

— Aind
se do lo-

com uma coroa rutilante e enastada de pequenos soes, grave e serena, uma outra fada assim discorre:

—Eu sou a fada da Sciencia. Conheço os abysmos onde se oculta a verdade, as leis a que obedece o universo, as causas de tudo o que se desenrola no mundo, a que impulsos mysteriosos são devidas as acções humanas, o que occorren nos seculos que se foram, o que guardam no seio os seculos futuros. Sou eu quem acompanha nos ceos o movimento dos astros, quem desce ás entranhas da terra para desvendar o ignorado, quem prescreve ao pensamento dos homens, quem atria a terra as grandes descobertas. Tu serás sabio, creança.

Magestosamente estendeu o braço e com a mão tocou na fronte do menino.

Tendo nas mãos uma lyra, envolva a tua lãmyde branca, bordada a lyrios, labio reaberto a um sorriso delicioso, olhos pupilla lar, coisa, de um azul profundo o do mar, cabellos dourados como o das searas maduras, uma fada esla pã-proferio:

—Eu sou a fada da Arte. Conheço os vres onde se esculpem as estatuas za, as tintas que dão vida aos quadros, as proporções que tornam magestosas os edificios, a harmoniosa das palavras que faz o encanto dos cantos onde o som, ora melodia, exprime os sentimentos das almas dos homens. Sou eu a fada onde a forma suspira, a grandeza impera, a tela a poesia em que a emoção onde floresce o sentimento.

permanectam immoveis, como quem aguardava uma ultima dadiwa. Então, que primeiro fallara, a que as convidara as dadiwas, assim fallou:

—Eu sou a fada da Felicidade. Ceto as riquezas que dão a ventura, a ama que perfuma a vida, a sciencia que illumina a razão, a arte que encanta aos sentidos, a força que dá a saúde e a coragem, a virtude que nos guia na terra. Sem mim, a riqueza s'esvaia, o amor se extingue, a razão desvaira, o sentir se degera o mal, a virtude dá oprimimento. Tu serás feliz, creança.

E no quarto onde pai e mãe de vertido sorrir ao filho, entre de luz e asfadas, abrindo as as o seu voo para o céu.

Encetando um novo anno, a—Revista—comprimenta os leitores faz seus os desejos expelas fadas d'este conto ligeiro. A seja quanta somma de bens, de dades, pode a terra comportar, e seu comprimento na ultima phidás—a proferida pela Felicidade.

Na felicidade ha tudo: sciencia, arte, força e virtude. Sejam felizes os leitores no novo anno que raia.

A NOSSA GRA

largo do

Damos hoje em sua gravura do Largo do Ca. E uma das bellas praças onde existe o convento de Carmello e respectiva egreja. Medo ao N. 71.50, ao S. 32.0, 173.2, ao O. 480.00.

Offerece uma vista agradável e o seu vistoso arborisamento dentro de uma pequena extensão no local mais transido da cidade.

E ladeado por diferentes ruas, estando em frente a linha de bonds da Companhia Ferro Carril. Acha-se collocado no ceo o um chafariz cercado de gradimento de ferro onde se realisa diariamente a venda d'agua. Realçam de todos os lados excellentes predios e estabelecimentos commerciaes.

Este largo é bem notavel e seu nome se acha ligado aos annos de nossa historia porque foi nelle que, em 1643, se opellou o grande combate entre os holandezes em numero de 1400 homens e as tropas portuguezas que afinal venceram.

Depois disso, em 1815 foi levantado nse largo um pelourinho formando uma a e lãmyde de marmore torcido, encor uma lança.

A camara municipal de 1835, decio ao presidente da provincia Con-

lica- seus as pe- s de- sperio- do o las fa- amor, ista-

photo- Em 1-3 Em 2

O avizo a que se refere a essa resposta foi dirigido á camara municipal de Cabo Frio quando projectou igualmente demolir o seu pelourinho por ser a sua conservação contraria ao governo adoptado no Imperio e só proprio dos costumes barbaros. O citado avizo mandava conservar o enquanto por alguma deliberação do poder competente não fosse autorizado a destruição dos que existissem no Imperio, cumprindo que se abandonasse a idea de terror e de escandalo, a que, desde remotas épocas, não tinha outro destino mais do que indicar sera poybado em que está collocado, revestida de caracter de cidade ou villa, cabeça de um termo, sede principalitas autoridades policiaes, encarregadas de administrar nella a justiça.

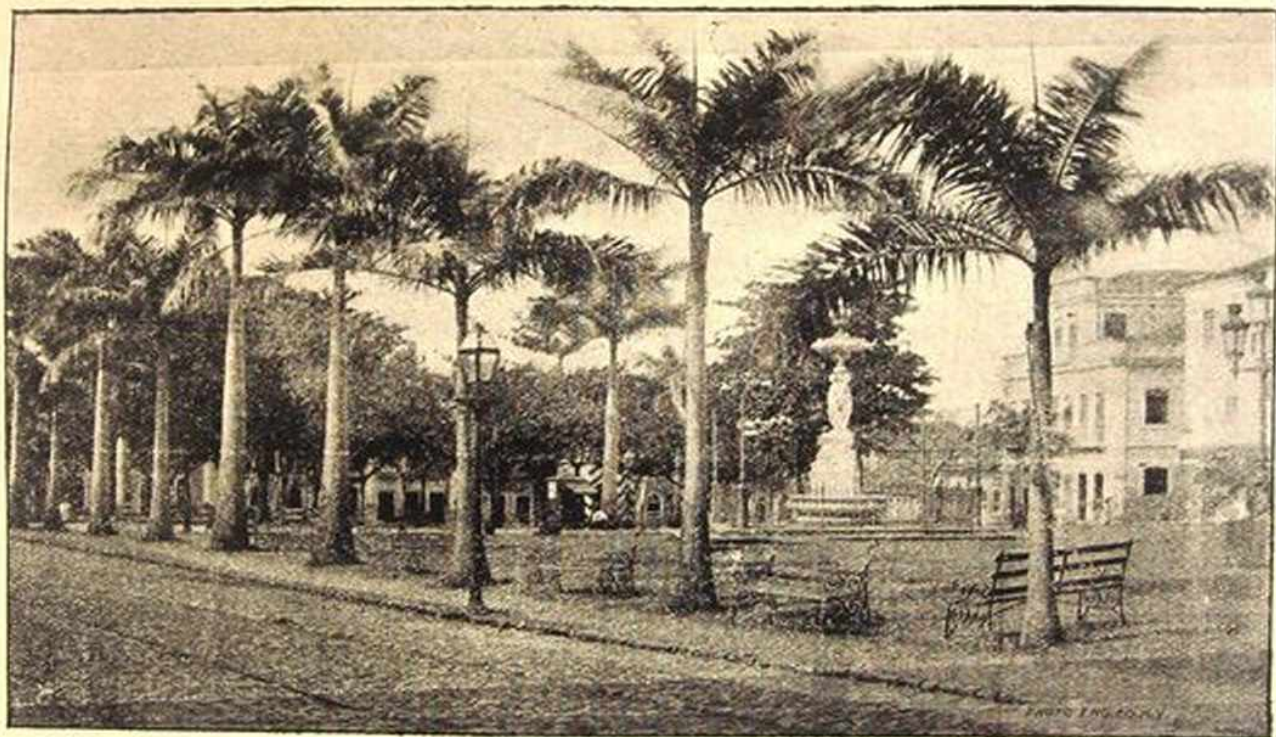
Por varias vezes ainda a camara insistio no dito projecto sendo sempre tolhida.

Em 1830, depois de mandada a Recpublica, sob administração do governo Provisorio foi no dia 22 de do o pelourinho preced pronunciado entre a pelo distincto advogado um dos men b os d brando que esse n bolo da tirania or decahido, surrav.

O Largo do pequeno mero negocios, hoje bente como

- Em 1-3
- Em 2
- Em 3
- Em 4
- Em 5
- Em 6
- Em 7
- Em 8
- Em 9
- Em 10
- Em 11
- Em 12
- Em 13
- Em 14
- Em 15
- Em 16
- Em 17
- Em 18
- Em 19
- Em 20
- Em 21
- Em 22
- Em 23
- Em 24
- Em 25
- Em 26
- Em 27
- Em 28
- Em 29
- Em 30
- Em 31
- Em 32
- Em 33
- Em 34
- Em 35
- Em 36
- Em 37
- Em 38
- Em 39
- Em 40
- Em 41
- Em 42
- Em 43
- Em 44
- Em 45
- Em 46
- Em 47
- Em 48
- Em 49
- Em 50
- Em 51
- Em 52
- Em 53
- Em 54
- Em 55
- Em 56
- Em 57
- Em 58
- Em 59
- Em 60
- Em 61
- Em 62
- Em 63
- Em 64
- Em 65
- Em 66
- Em 67
- Em 68
- Em 69
- Em 70
- Em 71
- Em 72
- Em 73
- Em 74
- Em 75
- Em 76
- Em 77
- Em 78
- Em 79
- Em 80
- Em 81
- Em 82
- Em 83
- Em 84
- Em 85
- Em 86
- Em 87
- Em 88
- Em 89
- Em 90
- Em 91
- Em 92
- Em 93
- Em 94
- Em 95
- Em 96
- Em 97
- Em 98
- Em 99
- Em 100

Supplemento ao n. 79
DA
-REVISTA ELEGANTE-



Largo do Carmo

(Cópia de uma photographia da Alfaiataria Teixeira)

(Imp. na Typ. a vapor da—Alfaiataria Teixeira)

REVISTA ELEGANTE

2.ª PART.

PUBLICAÇÃO
DISTRIBUIÇÃO

Propriedade

—ALFALATARIA—

Gerente—Alfredo P.

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO

ANNO VIII

Maranhão, 1.º de Fevereiro 1899

vil e commercial, e a cujo pessoal intelligente d'aqui emigrado ainda devem elles grande parte de sua actividade industrial.

Por essa forma seria a questão resolvida somente pela quantidade sem attenção alguma á qualidade. Satisfeitos porém que sejam todos os desejos, os votos da "Revista Elegante" são para que esta briosa cidade de S. Luiz se condusa de modo digno de suas conhecidas tradições proporcionando recepção sinão igual em apparatus dos portos percorridos pelo menos tão cheia de affectos e amenidades quanto os nossos recursos possam permitir.

Neste proposito devem lembrar-se de um só accordo portuguezes e nacionaes, estes por dever de cortesia correspondendo a especialissima prova de apreço e sympathia que acaba de dar-nos a nação amiga tomando parte nas festas da posse do presidente da republica, e aquelles pela justa satisfação de abraçarem os seus compatriotas na propria patria como figuradamente é considerado pelo direito nacional o recinto de um navio.

Quanto ao segundo facto...
...recolhido com o...
...riso como se fór...
...neste credito...
...portantiss...
...aveni...

basta recomendar-a o patri...
servará o governo não...
xamou-se de todo esse pen...
do da historia do Maranhão...
do Pará onde se acha a sede...
do militar é essencialmente com...
movimento de importação...
e que traz a população acoto...
velas ruas e praças e por tod...
partupa o animo dos habitantes...
tornou pativel com a imponencia...
de de accumulção de tropas, pois...
alarga federal que lá estaciona...
Estabelece uma policia armada q...
por é um pequeno exercito.

nella se passa bem podem...
am que se dá aqui com as noss...
duzas, onde apesar da energia do...
recommandos não poucas veze...
se conflitos entre as praças por...
validade de armas; havendo...
da agglomeração dos mante...
rdem do que das proprias de...
a elles incumbe fazer ces...

vez o pessoal que estacionar...
na nada perderá nem se acha...
linhado pela bellissima posi...
audavel, proximo desta capit...
pode communicar-se teleg...
desde que assim enter...
governo. O territorio ef...
para os commodos da vida...
proporções para o estabe...
colonias militares, visto se...
ada em terra firme e com...
os centros produtores de...

es ramalhando para...
quando formos mai...
propria fo...
es gr...
li...

REVISTA ELEGANTE

Boas novas (!)

A imprensa d'aria deu noticia de dois...
em perspectiva, que nesta pasma...
...berberica em que tem...
...não deixa de ser...

Revista Elegante

da apenas algumas das paredes principais já bastante arruinadas, tendo tudo mais, desabado nos poucos.

Os bonds da Companhia Ferro Carril estende suas linhas em duas direcções, uma que vai ter ao meio do largo alongando-se logo pelo centro da avenida até ao seu extremo que é a estação terminal, d'onde volta, ladeando a direita do largo, em linha parallella com a outra.

Entre os predios particulares, destacam-se entre outros, o Hotel Central, amplo e bem confortavel, os palacetes do capitalista Manoel Francisco Jorge, o dos banqueiros de João C. Lisboa, e os negociantes Almeida Junior & Comp., hoje pertencente aos herdeiros de Bernardino Lima, um dos socios d'aquella firma.

A photographura é copia de uma vista apanhada do lado do Poente, abrangendo quasi toda a extensão do largo.

LITTERATURA

Trillos

En xil a mto lola
Que reguina do cila
Tua e do cila cila
Do cila a mto lola

Veneno, veneno,
Como é bom a ver
Se já não é a brisa
Se já não é a

En xil a mto lola
Que reguina do cila
Tua e do cila cila
Do cila a mto lola

Natureza, natureza
Como é bom a ver
Se já não é a brisa
Se já não é a

Papillon Bleu.

Magoas d'amor

Do Jonas Silva

"Magoas d'amor" - dizes e quando um dia
Eu te contarei a minha magoa
"Mas tu não sabes, não, não a magoa"
"Quem não sabe a magoa, quem não sabe a"

E já não sei mais a magoa
Para esquecer a magoa, para esquecer a magoa
E não se esquece a magoa, para esquecer a magoa
Mas se não se esquece a magoa, para esquecer a magoa

"Magoas d'amor" - dizes e quando um dia
Eu te contarei a minha magoa
"Mas tu não sabes, não, não a magoa"
"Quem não sabe a magoa, quem não sabe a"

E já não sei mais a magoa
Para esquecer a magoa, para esquecer a magoa
E não se esquece a magoa, para esquecer a magoa
Mas se não se esquece a magoa, para esquecer a magoa

H. Matos.

Findo o avarento sobre de uma mto lola
Morre a boneca d'uma mto lola
Entrangula-se o mto, entre mto lola

Quem tem tanta dor de mto lola
Protege o mto a mto a mto lola
"Morre a boneca d'uma mto lola"

Paris-Salinas-1898.

Elegante Lisboa.

Encontro dos extremos!

Encontro dos extremos!
Encontro dos extremos!
Encontro dos extremos!
Encontro dos extremos!

Amas especias em formosa
Uma porção de mto lola
Quando uma mto lola
Sera pallida outra, mais brava.

Quem não tem a mto lola
Tudo, mas não a mto lola
Que, alegre, responde a mto lola

Ah, mto lola, mto lola, mto lola
Tudo, mas não a mto lola
Que, alegre, responde a mto lola

Leuridan.

Accrostico

Offerecido á Ilustre R
DA

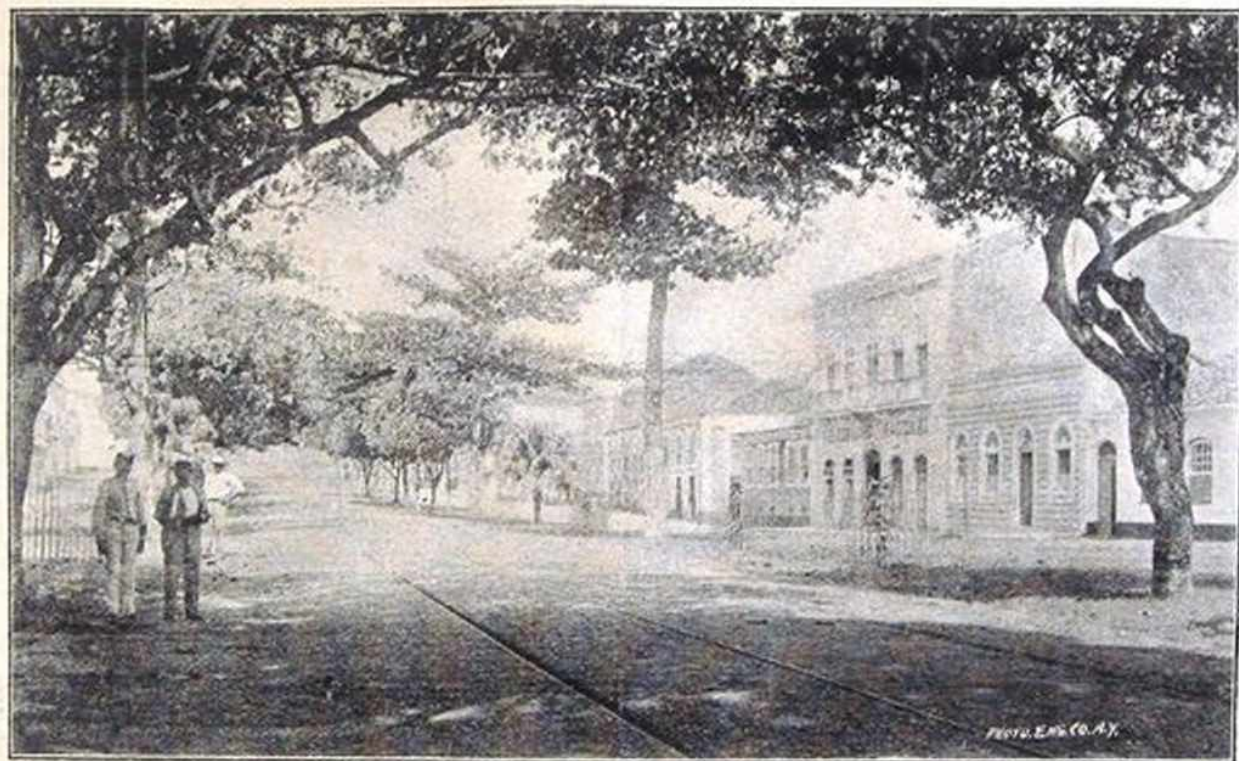
Revista Elegante

Hipocritas na lula
Um prel das lulas-marchando,
Salomão, resoluto,
Historica-trabalhando
Mestre so lado da razão,
Hiccupso sabe, impoluto,
Hiccupso em rotas.

Hiccupso jornalista
Hiccupso pelo lula,
Hiccupso no seu caminho
Hiccupso, mto lola que tem
Hiccupso a mto lola impoluto,
Hiccupso - Europa mto lola
Hiccupso com mto lola
Hiccupso, a mto lola mto lola.

Paris, Dezembro 1898.

Supplemento ao n. 80
-DA-
--REVISTA ELEGANTE--



Largo de Palacio

[Cópia de uma photographia da Alfaiataria Teixeira]

[Imp. na Typ. a vapor—Alfaiataria Teixeira]

[illegible]

Pequena correspondência

Jose Carlos Gurgel Nogueira.—Fortaleza.—Estamos certos de ter mudado a sua residência.—Notamos as suas instruções.

Benedicto José dos Santos.—Brejo—Recebemos a importância que nos remetteu e os Boletins de assignatura.—Agradecemos.

Antonio Thomaz d'Aquino e F. Martiano R. Vianna.—Bacabal—As assignaturas de vv. ss. só acabam em 30 de Abril proximo futuro, não havendo por consequencia necessidade de as reformar com tanta antecedencia. A importancia que nos remetteram fica em nosso poder e esperamos que nos mandem o excedente, pois as assignaturas vão passar a rs. 2400 por anno como do aviso no fim d'este jornal.

Estamos certos de que nos dizem sobre os exemplares que lhes mandamos. Somos gratos pelos cumprimentos que nos dirigem e que retribuimos.

Francisco Paula Baptista.—Cidade de Floriano.—Colônia—Recebemos com o seu muito agradável favor as 5 assignaturas para o nosso jornal, assim como as suas importancias.—Agradecemos.

João Paulo Alves Baptista.—Ponte Nova—Tomamos nota da mudança de residencia de Ponte Nova para a Capital do Ceará. Felicitamo-lo pela noticia que nos dá.

Salustiano Leal—Barra do Corda—Benedicto José Ferreira e Firmino da Silva Leitão—Amarante—Notados e agradecidos.

Oderico Launé da Silva Azevedo—Coroatá—Recebemos primeiramente os jornaes e passados muitos dias a carta, mas já demos execução ás suas ordens. Se houver novidade, escrevamos.

Jose Nogueira—Estado do Paraná—Morretes—Somos gratos por todos os seus dizeres e mais ainda pelo interesse que toma pela nossa Revista.

Antecipamos os nossos sinceros agradecimentos e aqui estamos ao seu inteiro dispor.

Raymundo Ewerton...—Não sabemos de onde V. S. é, porque não entendemos a residencia.

Raul Monte—Sobral—Recebemos as 6 assignaturas que nos remetteu e como estamos quasi no fim do primeiro anno da segunda serie (30 de Abril) tomamos a deliberação de só as inscrevermos no nosso livro de assignantes em 1º de Maio, quando principia o segundo anno. Temos a chamar a sua attenção para o aviso que inserimos no fim de nossa Revista, com relação ás assignaturas.

Lutz de Britta—Mello—Piracurica—Somos gratos pela recepção de sua carta, capeando 20 assignaturas para a nossa Revista. Como estamos quasi no fim do primeiro anno, tomamos a mesma deliberação constante da carta anterior, endereçada ao Sr. Raul Monte, de Sobral.

Em vista de termos augmentado os preços das assignaturas, como verá do aviso inserido no fim d'este jornal, esperamos que nos remetta o que falta para completar as mesmas assignaturas.

Gonçalves Leitor, Redactor da Vida Valenciana—Valença, Bahia—Pois não, com todo o gosto, n'esta data remettemos um outro numero e estimaremos que não tenha a mesma sorte.—Aqui estamos ás suas ordens.

Laura Rosa—Capital—Vamos providenciar para publicidade do seu delicado soneto.—Recolhimento.

L. N. Tavares—capital—Em chegando a vez, daremos publicidade ao seu soneto.—A Esperança.

«Negar a utilidade do Seguro de Vida, seria fechar os olhos e negar a luz».—MENOR. Um seguro de vida na "Garantia da Amazonia" sustenta e estimula a ambição do joven, firma e rebustece a actividade do homem chegado á flor da idade e assegura-lhe uma velhice sem cuidados, quando tudo mais poderia faltar-lhe.

IMMENSE SOMMA DE BENEFICIOS.—A accitação de que goza a Emulsão de Scott vai affirmado dia a dia a immensa somma de beneficios que a humanidade deriva de tão util medicamento, cujo resultado a profissão medica considera as vezes maravilhosos, tal sua efficacia já para as crianças de constituição debil em quem predomina o lymphatismo durante a epocha de seu desenvolvimento, já em adultos que padecem anemias, escrofula, debilidade geral, ncleas, rachitismo, tosse, catarrhos etc. O distincto facultativo de Mar de Hespanha, Minns Geraes, Dr. Alberto de Andrade Machado, diz na sua declaração o seguinte:

"Attesto que tenho empregado na minha clinica a Emulsão de Scott, principalmente no rachitismo, obtendo resultado maravilhoso. O referido é verdade, o que juro sob a fé do meu grão."

Aos nossos assignantes

Communicando aos nossos estimaveis assignantes que todas as assignaturas da Revista Elegante, terminam, sem excepção, no dia 30 de Abril, lembramos-lhes a conveniencia de reformal-as, afim de não dar-se impedimento na remessa da folha.

Outro-sim, avisamos-lhes que, em vista do estado actual das coisas, somos forçados a passar de 15000 para 25000 a importancia da assignatura da nossa REVISTA, por anno, a começar em 1º de maio.

Imp. na Typ. á vapor, da Alfaiataria Teixeira por—Joaquim B. Lomba

As revistas publicadas de Trago de Carvalho, não es-
do encarecidas, que são descobertas do novo publico. An-
contrario, são bastante apreciadas e rejeitadas com de val-
dezes, incluindo algumas partes de vida, pois, como tem
dado a ver, Antonio H. Leal, o autor, revolucionou a agitação
metodica, respectiva da forma, sem sacrificar o conceito
para satisfazer a ella, explorando na poesia brasileira uma
realidade ignorada, ou mal conhecida.

As primeiras deuses possivel—O Brasil, Calhambaz
e Goffard, e outros, fazem parte dos THEES LY-
RAS, preciosas volumes de produções do autor das ORCASS-
IAS, e das Ser. Antonio M. Rodriguez e Gentil Braga, nas ca-
tegorias de novas apreciações.

Em todo o caso, convém dizer que os Ser. Fabio Reis de
Campa, Revista defendida como as letras com a publicação das
SERIADAS, E. e que ora fazemos, agradecemos-lhes, pe-
nalidades, a oferta de corrigir que recebemos.

Passos abalizados com um exemplar da thes que re-
cebam o TRAZIT e Revista e publicam na capital do Para, pelo
Banco publicista, nos estamando amigo Confido Vieira Costa.

E' ella a Revista a gentil officialidade do uso de guerra
"Admiral", e a proposta d'uma affirmação lida na
reunião solenne convocada ultimamente na mesma capital
para comemoração do Estado, dos membros da commissão in-
cumbida de promover os despojos para a comemoração do 4-
centenario do descobrimento do Brasil, de que—nos principia-
das de 1500 Vinte e Placem lero a pechada de—pizar em
terras da America—proprio a demonstrar, não ter razão de
ser, tal affirmação, que tem que de direito e de facto o glorio-
so acontecimento que se tem de comemorar não somente
a Pedro Alves Cabral, que sobre esse nome é que deve in-
cumbido o Brasil de tal comemoração.

Deixamos, com este intuito, o autor da thes a que nos re-
fatamos, que todos os assignantes assegurem que o Brasil
foi descoberto por Pedro Cabral em 22 de Abril de 1500.
comemora a Carta de Caminha—e no estorcelando, que quanto
a Vicente Plures, todo encontravero, que quanto a quello,
tudo esta perfeitamente emlido pela realidade das aconte-
cimentos, que são possivel.

Mostramos bastante agraço o trabalho do illustre sr. Cam-
dio Costa, pois a elle todo conferencia a seguinte documenta-
ção que offerecem diferentes compoções da historia.
agradecemos-lhe a sua oferta.

Passos abalizados com o convite do "Club Calcestral"
para tomar parte na sua serie dasse relativo, ao mez de
a, a qual realizou-se na noite de 21, com bastante animação e
conscientamento de seus convites.

Passos igualmente convites para tomar parte na
serie a phantasia que o mesmo Club pretende realizar na
noite de 1 de setembro.

Agradecemos pela gentileza.

Gratos, Jose Fortado Belhiza e João Maria Bezerra, con-
tribuem a uma sociedade commercial, que passou a girar na
Thesauria, sob a firma social de Jose Fortado Belhiza
e a Comp.

Agradecemos-lhe a gentileza da communição que
nos fizeram, e desejamos-lhes collectas de felicidades.

A digna directoria de Club Literario Recreativo de S.
João d'El-Rey teve a deliberação de commoventes a sua instal-
lação, que se effectuou na noite 11 de Dezembro do anno findo.

Agradecemos encarecidamente, e, como deseja, lhe re-
comendamos as assignaturas da nossa Revista.

Recebemos e agradecemos um exemplar do ALMANAK
HOLLANDA, para o presente anno, contendo diversos e in-
dicadores de utilidade para os proficuos mestres da Flora Bra-
sileira, de invenção e prescriptio de pharmaceutico Eugenio
Marques de Hollanda, estabelecido no Rio de Janeiro.

Pelo nosso conterraneo, o tenor—com-
positor Antonio Rayol, fomos honrados
com um exemplar da walsa de sua lavra—
Elisa—, mimosa composição musical, offe-
recida ao sr. Aluisio de Carvalho. Foi im-
pressa na officina Zinco-typo-tachigraphico-
musical de E. Bevilacqua & C.,—Rio de Janeiro.

Agradecemos.

Os Viuvos

Sob este titulo o nosso operoso e intel-
ligente conterraneo, Americo Azevedo, ac-
aba de fazer publicar nesta cidade uma chis-
ta comedia de sua lavra, em um acto, em
verso.

E de entrego simples, mas bem dia-
lizada e de segura ordenação, fazendo, as-
si, apresentar os acontecimentos to-
dos da natureza.

Ao se deversos corre o humorismo em
parella com a metrificação e conceito da
linguagem.

Acreditamos o autor os nossos applausos
por esse seu novo trabalho, e os nossos
agradecimentos pelo exemplar que nos
offereceu.

REVISTA ELEGANTE

E. PASTOR

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Propriedade da

—ALFAIATARIA TEIXEIRA—

Gerente--Alfredo Pinto Teixeira

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—IMPERIAL—

CAIXA POSTAL 40

ANNO VIII

Maranhão, 23 de Março de 1899

NUMERO 81

REVISTA ELEGANTE

A crise financeira

Para se ter ideia do estado económico do nosso país não há necessidade de outros dados senão os que decorrem das dificuldades que se levantão cada vez mais opprimentes na vida privada, e muito embora não se possa precisar a epocha da mediação culpada, devemos forçosamente reconhecer que ella é um facto de caracter real, hereditario e permanent.

Os orçamentos maiores da república lavão os desperdícios das ... estarão ainda vigorando sob sua cara de papel se os deficits acc... não se tivessem juntado ás enormes despesas quasi de chofre inevitavel sustentação do novo r... constitucional por diferentes maneir...

O estado somos todos nós e qu... perturbações que affectem a person... moral da nação não podem deixar d... gir a individualidade do cidadão. As... económicas são males que, como a... a fome, penetra em todos os domicíli...

apesar das mais severas precauções da hygiene e da actividade empregadas em os debellar, e quando não assentão em factos naturaes são sempre o resultado de grandes attentados contra o direito.

Mas n'um encadeamento successivo de erros, como na marcha de um incendio difficilimo é acertar um modo de impedir que as chammas continuem sua obra de destruição. Pune-se com a maior calma de espirito ao ladrão que furta uma gallinha, ao desgraçado que mata seu semelhante no desespero de uma paixão estúpida; no entanto não ha justiça que seja bastante justa para punir a todos os malvados, que no desvario de uma revolução sacião os seus instinctos perversos no sangue de victimas innocentes.

Sanguinarias ou economicas as revoluções sociaes identificão-se nos effectos como se procedessem das mesmas causas; as guerras terminão sempre por difficil... des financeiras, e não raramente... culdades financeiras... encarnicadas guerras... porem os grandes... na estensão do man... tando aos sacrifici... o de procurar por... salvação.

Perguntae... ração depois... vida mil...

preço da moeda metalica, das tarifas... xatorias das repartições arrecadado... e... contudo a solução mais sensata é... que... aconselha a resignação. Aquelle que com... parar a situação actual com as mais em... baracoas porque já temos passado... de... reconhecer que nenhuma dellas s... sentou tão complicada e difficil con... ora atravessamos.

Em 1888 as urgencias da Paraguay, que já vinha de ar... obrigavão-nos a... or mensal... da Prata cerca de 5 milhões em... zil, cuja receita achava-se... sobrepujada pela despeza... cluida a extraordinaria... immensa, teve de recor... mas apesar disso o cam... entre 17 e 18 dinheiros pe... desceu a menos de 14.

Não melhoradas e... mais compromett... crise na... a consi... anos...

A NOSSA GRAVURA

Fabrica Industrial de Martins & Irmãos

Dentre os horti-estabelecimentos produtores que possuem o Maranhão acham-se em primeiro lugar no seu comércio a fabrica dos Srs. Martins & Irmãos, destinada a preparação do açúcar, salão, velas e arroz.

Damos a sua vista na estampa junta pelo muito que merece, devido ao grau de desenvolvimento e prosperidade em que se acha e que mais ainda promete attenta a transformação geral por que está passando para de augmentar a produção.

Este edificio de architectura apropriada está situado em um plano inclinado, numa area de 3500 metros quadrados, á beira do Largo de S. Thiago, confinando com a margem direita do rio Bacanga.

Pela condição accidentada do sólo a photographia representa apenas a fachada principal do estabelecimento parecendo um pouco baixa em consequencia da gradação que obedece na quebrada do terreno.

Tem duas entradas, uma para o tranzito dos operarios, que é a principal, e outra para a passagem dos carros, que fica á esquerda lateral.

A porta principal dá ingresso ao vasto armazem que serve para deposito das sementes oleaginosas; em seguida desce uma larga escadaria que conduz ao centro do estabelecimento onde abre-se um grande pateo, para os carros empregados no trafego. Ao lado direito nos angulos, estão as machinas extractoras do óleo. Esse serviço feito com o melhor aperfeiçoamento possível, occupa o 1.º e 2.º pavimento que bastante espacoso, dá logar tambem ao fabrico do salão.

Á esquerda num salão apropriado estão collocadas as caldeiras e machinas motoras, e ao lado, a fabrica de pilar arroz.

Ao fundo está em construção um vasto armazem para deposito e mais outros salões destinados á multiplicidade do trabalho.

Junto ao estabelecimento acha-se o escriptorio e em seguida a habitação do gerente a qual constitue uma vivenda bastante confortavel, circundada de arvores e canteiros bem cultivados, dando todo realce e belleza a esse logar que fica num dos pontos da cidade.

Recolhimento

Morava eu no sertão do Maranhão
Do estylo da minha vida
Saudade e saudade
Deixa Vozes fadas do passado.

A vida mediana do sertão
Do sertão expulsa do sertão
Do sertão expulsa do sertão
Saudade e saudade do passado.

Vai fugendo a minha precellida
O rebouço que corre em direção
Da legião maldade na direção.

A porta da cabana apegada
Reza colcho e colcho maldade
Que resda no sino do sertão.

Luiza Rosa.

Bosquejo

Enche o fundo da quadra o céu azul
E a água, pela água azul do rio,
Desliza as pontas velas o navio
Deslizando subtil na correnteza.

Do sol um delat rai, quasi frio,
Doira a vaga com lucida belloza;
Em demanda da praia, com prodios,
Um bando de barquinhas corre a fio.

Do chalet pittoresco que se avista,
Lá na sombra do parqueza salada,
Alguem abre suas golfes janellas;

E o culto magistral d'um artista,
Assombrado por d'atra do corincho,
Pintando o panorama a aquella.

Papillon Bles

Soneto

Parti... e ta fozto! Um só momento
Não podi me esquecer de ti, amada!
Do teu da saudade angustia
Fugies tão o meu contramundo.

E yezel... mas toda em ti o pensamento,
Nunca olvidado. Em meio da jornada,
Senti que esta saudade apressada
Tinha lançado em trevo esquecimento!

Volte então... talvez achasse a espora
Muito cantando a doce primavera
Do nosso amor, festiva, palpante...

Cheguei, enfim... O dor! É sentimento!
Como então achas e esquecimento...
E sorrisse nos braços d'outro amante!

Alto Mourão.

Marquês, Sobrinho.

Longe de ti!

Que foz solidão vida em que vivo,
Sem que possa fallar de um só momento,
—Alto Mourão me apressa o pensamento
Longe, longe de ti!

A vida mediana do sertão
Do sertão expulsa do sertão
Do sertão expulsa do sertão
Saudade e saudade do passado.

De novo, talvez, já não tenha
Pouco das minhas lembranças
Muita alma toda hoje chora, em saudade,
Os tempos que folgou!

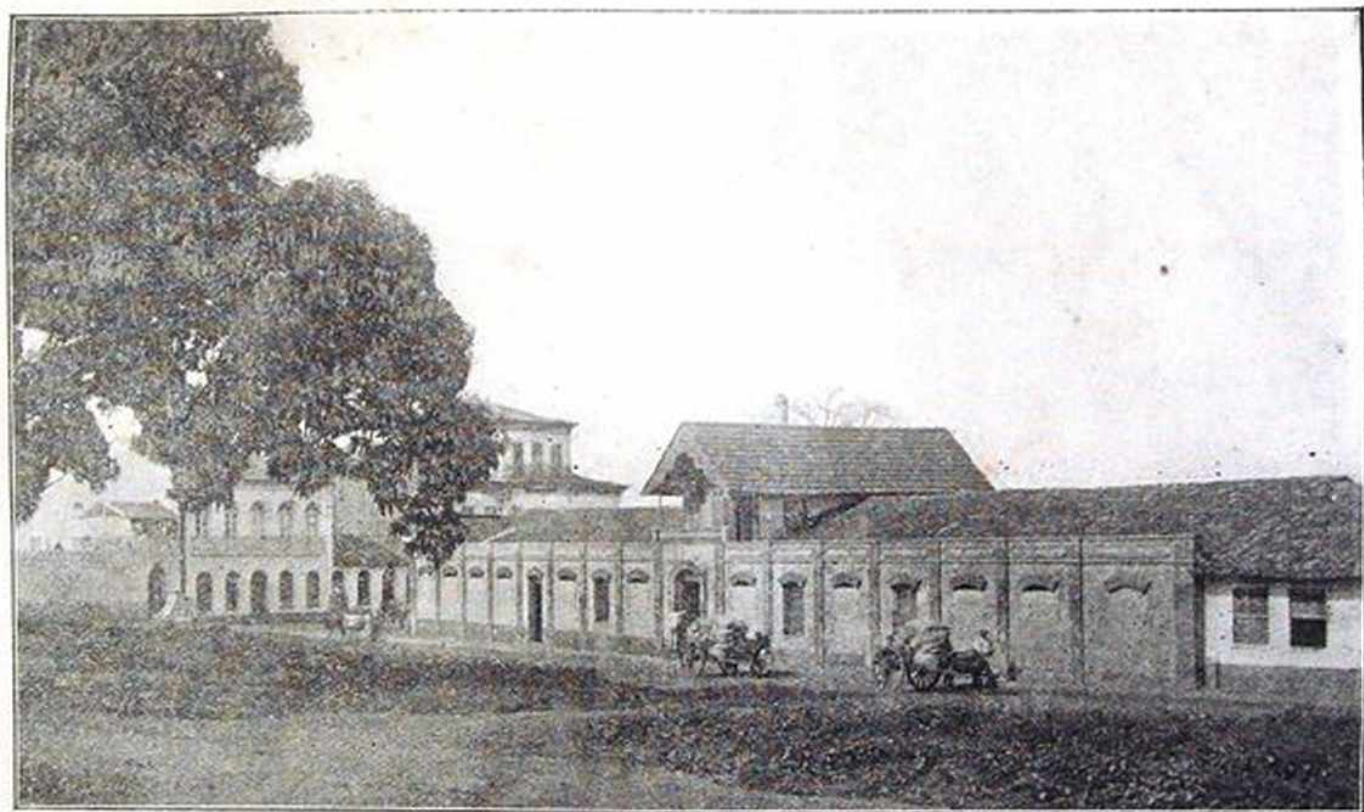
Que vida! Vida em que vivo,
—Alto Mourão me apressa o pensamento
Longe, longe de ti!

Que vida! Vida em que vivo,
Sem que possa fallar de um só momento,
—Alto Mourão me apressa o pensamento
Longe, longe de ti!

Que vida! Vida em que vivo,
Sem que possa fallar de um só momento,
—Alto Mourão me apressa o pensamento
Longe, longe de ti!

Enzo Garcia.

Supplemento n. 81
DA
REVISTA ELEGANTE



Fabrika Industrial de Martins & Irmãos

Cópia é uma photographia da Alfaiataria Teixeira)

(Imp. na Typ. a vapor da Alfaiataria Teixeira



TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—IMPERIAL—

CAIXA POSTAL 40

ANNO VIII

Maranhão, 21 de Maio de 1899

NUMERO 83

REVISTA ELEGANTE

Considerações philosophicas

As mutações da vida social e tudo quanto a ella interessa, será sempre objecto da justificavel preocupação d'aquelles que se desprazem a pensar detidamente sobre a sorte do homem e consequente do destino da sociedade humana. A este respeito cada um de nós tem na sua experiencia e na propria observação, um pouco do livro onde aprende a conhecer as causas do mal geral e até certo ponto o modo de combater os obstáculos que embaraçam o caminho da desejada felicidade.

São das paginas desse livro os conceitos que não sem hesitação offerecemos á benevolencia dos leitores. O que está mais em voga no regimen da publicidade

são as investidas e as polemicas apaixonadas, quando o que as leis civilisadas garantem, como tributo de homenagem prestado á excellencia do entendimento humano, é a liberdade de pensar.

Avesso a contendas e menos ainda disposto a esgrimir em duello desde já e sem mais circunloquios declaramos que em politica seguimos o glorioso estandarte da Paz e em religião a creença nos Deveres Sociais. Quaesquer que sejam as consequências de semelhante franqueza podemos assegurar que só a temos após aturada luta espiritual com os habitos da anterior persuação, luta que pelo menos nos ensinou o comportamento que devemos ter para com as convicções alheias.

As idéas são como as flores. A sua utilidade nem sempre está no perfume que exhalão; se destruímos aquellas cujo aroma não nos agrada, pode a isso privar-nos mais tarde de proveitosos frutos. E, assim é que muitos dos suppostos absurdos do passado fornecem hoje em prol dos direitos humanos tão abundante cabedal, que a anarchia moderna só tem explicação na má escolha das doutrinas e na demasiada extensão que os costumes arraigados se obstinão em dar aos sentimentos egoistas.

Ha muito que a humanidade tem nas mãos, sem que d'elle possa bem servir-se, o fio conductor no inextricavel labirinto em que envolveram-se os delirios dos tempos primitivos e esse fio é a luz da razão impedindo a absorção da especie pelo individuo e procurando por todos os modos a eterna reconciliação do homem com seus semelhantes. Neste sentido a sciencia foi e será sempre o melhor guia dirigindo a nossa conducta phisica, intellectual e social, dizendo-se social tem se dito rigorosamente moral.

Sob o influxo dos instinctos anarchicos o homem tendo a desorientar-se. Affigurando-se-lhe este mundo um immenso pelago cheio de perigos e naufragios, para não ser levado no turbilhão das desgraças que

o cercão, procura elle livrar-se, ou apertando-se afortunadamente de todos os meios que o conservem por mais tempo em segurança, ou aspirando a uma outra vida onde acredita ser tocada a sua natureza contingente pela ventura da gloria infinita.

Não dos casos temos o racio defendendo sua complicada personalidade e no outro o santo agarrado ás estranhas cousas do céu; mas, apesar de serem estes os meios mais conhecidos de salvação não são pela divergencia de vistas os melhores reguladores do equilibrio entre o egoismo e o altruismo como faz do desenvolvimento social; pois, em quanto um sequestra as cousas uteis e o outro leva o seu indifferntismo até a renuncia da propria existencia, ha uma grande classe intermedia, sempre disposta a reagir, porque nem pode viver como deseja nem espera se salvar.

Deste modo o genero humano marcha fatalmente para sua desorganização, revelada por um lado no inevitavel afrouxamento dos estímulos da vida, considerada apenas meio de transição para a vida sobrenatural, e por outro nas lutas fratricidas que a cubica por toda parte atea armando os poderosos de todas as categorias contra a onda sempre crescente de demolidores. Em ambos os casos é o homem absorvendo a humanidade.

Mas a razão e as verdades historicas mostram que a ligação do individuo com a collectividade é tão essencialmente intima, e tão solidaria nas suas manifestações naturaes, que não se pode conceber a existencia de uma coisa sem a outra e consequentemente na solução do problema social só por uma verdadeira anarchia pode ser permitido dar ao egoismo maior desenvolvimento do que o necessario para pôr o homem em continuidade com sua especie.

De procurar-se a fússia original e por meio da collectividade que o individuo se comunica com o universo e da melo a-

mente em presença do vó impenetrável com que se cobre o absoluto; se nos voltarmos para o lado do nosso destino a nossa personalidade torna-se variável pelas alternativas da vida e da morte, mas o conjunto dos seres humanos permanece imortal levando-nos pela reprodução ao infinito.

Finalmente quer na escala ascendente quer na descendente é a collectividade que nas transformações da vida identifica o indivíduo com os progressos do género humano e gera esse presentimento natural que nos obriga na fixação dos deveres a encetar as gerações futuras como renovações da nossa própria existência modificada pela acção do tempo e marcha evolutiva da natureza.

O homem é tanto mais feliz quanto mais aproximado se acha de seus semelhantes. A identificação dos pais com seus filhos deu a primeira forma da collectividade social, a família; a união das famílias a segunda forma a Patria, mas as sociedades humanas só terão chegado ao seu mais alto grau de desenvolvimento quando uma grande fé no futuro tiver realçado a sua maior aspiração que é a organização definitiva da Humanidade, como centro regulador da paz e da justiça universal.

Na instituição da família o sentimento egoísta dilatando-se do indivíduo para a collectividade concentra-se n'aquella de seus membros que for capaz de representar o interesse de todos; na da patria generalizando-se ainda mais, vai elle residir no governo da nação constituída por alguma das formas admitidas por seus electores ou defensores; na instituição da humanidade porém como a acção do egoísmo é quasi nula pela extensão do círculo em que tem de operar só uma grande fé na vida futura será capaz de reconhecer no inte-

resse de todos, o interesse de cada indivíduo.

Mas d'onde nos virá essa fé?

Do Naturalismo?

Do Christianismo?

Do Positivismo?

Estão tres questões a que só o tempo poderá bem responder.

A vida futura é uma creança de todos os povos, e para as raças primitivas ou para os selvagens o aniquilamento da personalidade é cousa inteiramente incompreensível. O morto apesar da decomposição cadaverica permanece na memoria dos sobreviventes tendo na imaginação destes uma segunda existência modelada pelos hábitos da vida anterior; mas como nesses primeiros agrupamentos ethnicos cada povo apresenta-se com diferentes costumes e modos originaes de proceder, a vida futura nunca chegou a consolidar uma forma e o naturalismo, jamais pôde constituir o fundamento da fé universal.

O Christianismo conciliando as formas grosseiras do naturalismo com a metaphysica das religiões asiaticas imaginou o céu, ou uma outra vida onde os electos da graça divina vão gozar da eterna gloria de se communicar com o ser supremo; mas a religião christã que aliás constituiu a maior fé conhecida e por isso mesmo maiores serviços tem prestado á civilisação não é ainda uma religião universal.

O céu ha muito que ameaça ruína, pelos seísmos e controversias levantadas no seio da igreja; pelos progressos do género humano; pelo privilegio e limitação do numero dos electos; pelo isolamento da vida celestial, cuja posse exclue anticipadamente todo o apego ás cousas deste mundo. Finalmente, objecto de grande dúvida, a vida do céu nunca foi bem explicada e muito menos comprehendida.

Augusto Comte instituindo a religião da

humanidade concebeu a vida subiectiva na o culto dos mortos, uma especie de eternidade na memoria dos posterios, mas o continuismo ou o positivismo religioso de Comte não tem ainda criado sympathias bastantes, porque não é tanto o passado, por mais venerado que seja, o objecto de nossas mais constantes affeições como o futuro e as consolidações que nos proporcionam as esperanças n'elle postas.

Pelas renovações das idéas e evoluções da nossa propria especie, os grandes homens só vivem accidental e temporariamente na memoria dos posterios, o que tira ao culto dos mortos parte do seu caracter de durabilidade que no entretanto reside perfeitamente na reprodução da nossa existencia collectiva, que é um facto real e susceptível de prova racional sufficiente para convencer-nos sem grande esforço que vivemos para outrem, ou trabalhando para o futuro, vivemos para nós mesmos.

A historia com a sua critica já presta o devido culto aos mortos sem o cheiro mystico que Augusto Comte deu á sua creança. Com os exemplos do passado regulase o presente e prepara-se o futuro; mas, attentas as alternativas da vida humana, é a este que se prende toda a nossa confiança. Não cultivamos a terra para fazer reviver os troncos que deixaram de vegetar e sem para que esta produza novos indivíduos da mesma especie novos frutos semelhantes aos que pereceram ou já foram consumidos.

Assim como o agricultor prepara o terreno para que suas plantações possam achar a seiva e a vida da que precisam no devido tempo, do mesmo modo as sociedades humanas convencendo-se de que os homens do futuro serão os mesmos que já viveram no passado, porque a nossa especie não pode produzir indivíduos de outra natureza, fazem todo o empenho, por uma

FOLHETIM

Benzendo-me

Queria ter a habilidade d'aquelles que sabem falar deixando sempre alguma coisa para se adivinhar, porque nisto é que consiste a verdadeira sciencia da palavra; no meio das calamidades moraes é tão impossivel dizer tudo quanto se vê, como grande tolice dizer o que se pensa. O silencio de uma reticencia tem em certos momentos tanto valor e expressão como os mais prolongados discursos, e desta verdade derão em outras eras, sufficiente prova, os sabios da Persia, quando externavam seus pensamentos sem despendar uma só syllaba.

Podeis ficar certos, caros leitores, que os males que nos affligem não são os dos nossos proprios erros e defeitos, mas aquelles que temos de supportar pelas loucuras do proximo. Os entes mais desprezaveis da especie humana estão todos, passadas as grandes crises, mais ou menos satisfeitos de sua sorte e se alguma vez pensão em ser bons, amados e considerados, o fazem por concessão excepcional do capricho e sob condicão reservada de não se desprenderem inteiramente dos vícios que constituem o goso principal de sua existencia.

Julgamos o ebrio digno de lastima, quando aliás elle se considera feliz na posse de um regalo que só a embriaguez pode dar; o ladrão que nos parece trazer o remorso da cousa alheia escaneada ao pescoço, já satisfaz as aspirações de sua ambição, e do mesmo modo o assassino perseguido pelo clamor publico gozou, embora um instante, o criminoso prazer da vingança. Mas qual será o goso d'aquelle que tem por obrigação viver com taes desgraçados?

Verdadeiramente infelizes são somente os que carregão com as culpas alheias, e taes são os attrativos do genio, do mal tem valido introduzir no seio das sociedades humanas que por muito afortunado deve ser quem já mais cabio, ou cabindo ponde escapar são e salvo de alguma dessas esparroilhas que o demonio traz armadas por todos os cantos do mundo. E preciso estar sempre prevenido contra os artificios do astucioso inimigo que a sabedoria popular designa pelo frio mas verdadeiro, nome de *malin*.

O *Suje* apparece á-se a de muitas maneiras. Com se se invia a um pobre muralha sobre as montanhas, e com se se auxilio de esquadra, vai de um só folego ás maiores profundidades do mar, penetra nas casas e em todas as calhas e gavetas, tem pórtas fiavel e pesos enormes, mette-se a furtar de dinheiro e com elle desaparece quando quer, deixando a chave na algibeira dos tolos para por sua simples recreação mostrar que o dinheiro é uma cousa que sempre pertence ao diabo.

Das suas maravilhosas e inexplicaveis

transformações a mais perigosa é aquella em que elle toma a forma humana vestindo-se de gentes. E' assim disfarçado que percorre os cafés, botequins, tavernas, jogatinas, theatros, reuniões decentes e até mesmo os templos donde é expellido pelo aspersorio d'agua benta, o melhor remedio conhecido para os incautos que sem saber possam trazê-lo na pelle.

Pretensos chimicos examinando as materias contidas n'um deposito d'esta milagrosa agua encontraram nella fermentos da febre amarella, do cholera, da mortiphia e tantas outras molestias que são outros tantos casos de morte certa, mas a sciencia moderna, que deu para ver em tudo microbios e infusorios, não quer reconhecer nessas cousas o *suje* que o hysope tira do corpo humano quando tenta invadir o recinto sagrado.

Conseis desta verdade a Alfama Teixeira tem sentinelas que o doctorem não só mata para os seus alunos em nome das modas e regras da medicina, mas o mata e faz quez. Os meneguinhos e meninas da escola estão sempre vigiando para que o maldo não possa ali penetrar sob qualquer pretexto.

No dia em que elle conseguisse apasarse dos primordios objectos que se acham com profusão expostos nas vitrinas, prateleiras e sobre todos os balcões, a sua ostentação, tornando-se elegante, seria de tal ordem para as nossas queridas leitoras que ninguém duvidaria ver nesse facto um signal evidente da aproximação do pavoroso cometa e esse dia... seria o dia do fim do mundo!

Tú e Eu

I. Jilina, a Exceção Jilina, a Exma Jilina.

D. Maria Christina A. de O. Arzede-Mello

Ail de to him
Who will think.

Tu és o amigo querido e alegre,
Em sua vida grande e triste;
Tu és a vida que me dá a vida,
Em sua vida que sem mim existe.

Tu és a vida que me dá a vida,
Em sua vida que sem mim existe;
Tu és a vida que me dá a vida,
Em sua vida que sem mim existe.

Tu és a vida que me dá a vida,
Em sua vida que sem mim existe;
Tu és a vida que me dá a vida,
Em sua vida que sem mim existe.

Tu és a vida que me dá a vida,
Em sua vida que sem mim existe;
Tu és a vida que me dá a vida,
Em sua vida que sem mim existe.

Tu és a vida que me dá a vida,
Em sua vida que sem mim existe;
Tu és a vida que me dá a vida,
Em sua vida que sem mim existe.

São Paulo, 1 de Outubro de 1928.

Leslie Nelson Teixeira.

Não mais

Para a mulher, n'um pélo profundo
De dor e de desconfiança que me invade,
Para a mulher, que o mundo diz que é amado,
Vem-me-lhe a aspeção e a crueldade.

Eu chorei, ao som da liberdade,
As vozes do ventar já moribundo,
Para ouvir a voz de maldade
Que canta, desoladora, neste mundo.

A agonia do cor, a sua brancura,
A guerra, a guerra, guerra, na crueza,
Tudo que lança a terra catatônica.

Eu sou a vida e perdoei essa brancura
Que nos silêncios da mulher falga,
Atendendo apenas sobre o abismo.

II

Nos versos do poeta solidão,
Nas lúrias de ternas melodias
Vio todo o cel. res ao agonia
Sofrida por amante desgraçado.

Analisando o objecto rubricado—
Por quem elle diz-se a vida de dias,
Pela vida que trilha a alegria,
Nem longe poder, tem torturado.

Mentira lacer e lacer, quasi exangue,
Elle exangue, exangue, toda em sangue,
Ao amor da solidão—a salvação.

As forças da vida lentamente,
E sob o peso da vida, o corpo,
Sofrendo no silêncio a agonia.

III

As plangências do pen
Que a vida goza
Tivemos vida de
Nos lúrias de

—o—
A vida de
A vida de
A vida de

—o—
A vida de
A vida de
A vida de

—o—
A vida de
A vida de
A vida de

É aliada a vida se leu de cantal-ay,
Quem de amor se consome a própria vida,
Almas que se viciam para as salas
Em que a pompa se ostenta encarecida;

Quem a vista de flor, viola-se de gala,
Em louca adoração ao mal cabida,
Quem fingida escute amigas faldas,
Vem-se que em seus lábios tem guardada.

Poetas, protestai!... a vossa lyra
Não mais cantareis a mulher desliza,
Um suspiro, um queixume, um ai... sequer...

E cruel o sofrer que nos tem dada
E remoto... mas visto o passado!
Poetas, não cantais mais a mulher!

Maranhão—1928.

Regina Augusta.

Perfis

As duas mãos bonitas
Que procuram retratar,
São duas estrophas meigas,
Que cantam nas veigas
A philomela ao luar.

São duas pernas esbeltas,
Que de dentro ao arrol
A estrofa ridante,
Ao despirar, esplendente
Da luz, da dia, do sol!

São duas filhas da Aurora,
Os risos das madrugada,
São duas flores pequenas,
Que se destacam morenas
Das myosotis rosadas.

São duas rosas gemeladas
Em covilha de crystal
São duas notas vibradas
Nas cordas finas, d'oradas
Da minha lyra ideal!

Theozina—Piauí.

José Luis Baptista.

O mal

No crânio do maldito espessa treva
Inscula o odio vil contra a virtude,
Um impulso fatal, insano e rude
A' pratica do crime o veta e leva...

Esta lei— diz a fábula—é coveia
Dos princípios luminosos na attitude,
Da sua pura innocencia, a que se allude
Na lenda oriental de Adão e Eva.

Vede como procede a serpe astuta,
Arrastando ao peccado o par ditoso
Que as venturas edênicas destructa!

Vede como, no sangue generoso,
Se reva a inveja fratricida e bruta,
Como succumbe o justo ao golpe bruto!

Theozina—Piauí.

Hyginus Cunha.

Em 10-a senhora Filomena Zella Frayre de Mello,
Em 10-a senhora Maria Clara Teixeira da Silva e sr.
Antonio Ribeiro de Oliveira e Mariana Francisco da
Costa;

Em 11-a senhora Condi Leocadia Rodrigues, a esposa,
sr. d. Benedicta Ribeiro da Costa Vargas, esposa de
sr. José Vargas e sr. M. Raimundo Costa da Faria;

Em 12-a senhora Domicila Rodrigues e Genesio Rodolpho
os meninos Rita e Maria filhos de sr. Vitor C. Reis;

Em 13-a sr. capitã Adolpho Salles;
Em 14-a senhora Ester filha de sr. Alfredo da Silva
Furtado e sr. Maria Augusta filha de sr. Alfredo G.
da S. Silva;

Em 15-a sr. Agripino Anacleto e sr. José Carlos da
Costa;

Em 16-a sr. d. Josephina Adelaide Salles filha de sr.
Eduardo Salles;

Em 17-a senhora Amélia Nogueira os sr. José Tito da
Costa Nunes e José de Faria Lisboa;

Em 18-a sr. d. Eugénio Bódi Hyer, os sr. d. José
e Jansen Ferreira, Teodoro e sr. José Pedro Ri-
beiro e capitão Harcio Bento Bello;

Em 19-a sr. d. Euzélio C. de Souza;
Em 20-a sr. d. Palmyra A. de Almeida e Zaida
Zaida Góes;

Em 21-a sr. d. Emilia M. Ribeiro da Costa esposa
de sr. Domingos Ribeiro da Costa e Maria José de A.
Rodrigues, esposa de sr. Augusto Rodrigues e sen-
hora Dina de Almeida Brillo e sr. Antonio
R. Costa Cavalcanti;

Em 22-a sr. d. Maria Benedita Valente de Aguiar
e sr. d. Maria Benedita Valente de Aguiar;

Em 23-a senhora Alice G. Serra Martins, os sr. d. José
e sr. d. Cecilia da Costa Santos, esposa de sr.
Francisco Fátima, Alina Rosa, sr. d. Ana Victo-
ria Pereira e sr. Luiz Marques Pinheiro;

Em 24-a sr. d. Luísa Helena, Roberto Gomes e
Jovino Netto Rodrigues esposa de sr. Benício Rodri-
gues e sr. d. Raimundo Alexandre Vianna;

Em 25-a sr. Antonio J. G. de Medeiros;
Em 26-a senhora Guilhermina Rosa da Arago Castro;
Em 27-a sr. d. Joana Pereira Guimarães;

Accitem os nomes emprimados.

EXPEDIENTE

Recebemos a «Defeza» um livrinho bem
impresso, de 81 paginas em que o Commu-
nicador José Lopes Carneiro se defende de
uma correspondência contra elle verbera-
da na «Pacotilha» sob pseudonimo *Scuti-
nella*, e encimado com a epigraphia «Glo-
maries».

Lida daremos-lhe o verdadeiro valor.
Agradecemos.

Recebemos do «Club Carlos Gomes» fun-
dado em Baturité, Ceará, uma carta em
que a sua directoria communica aos que
a Camara municipal d'aquella cidade con-
fiam ao mesmo club a direcção da «Bibli-
otheca 16 de Novembro», solicitando por
isso a remessa do nosso jornal.

Penhorados pelo pedido que muito nos
desvanee não deixaremos de correspon-
der-lhe.

Os srs. Alves Nogueira & C. proprie-
tarios da fabrica—Companhia da Phospho-
rasto Norte—offerecem-nos um pacote
com 24 caixinhas de phosphoros manufactu-
rados n'esse importante estabelecimento.

As caixinhas são igualmente eguaes
as que nos vem da Alemanha e os phos-
phoros são tão bons e melhores que os
daquelle procedencia.—Agradecemos.

—o—
dos distinctos directores
trah um livro convito
—o—
—o—
—o—

Revista Elegante

Pequena correspondência

O sr. Aristides Mendes, de Porto-Novo de Minas, offereceu-nos um exemplar de seu pamphletto intitulado "Helminthiasis" ou Medicação Experimental, que tem por assumpto as febres e os vermes intestinaes, os vermes e os soffrimentos, o bem e o mal, a natureza dos vermes, a liberdade de pensamento, persistencia dos seres animados, experiencia e factos.

O sr. Aristides Mendes professa a theoria de que as febres espontaneas, sejam ellas de que tipo forem, desde que não haja inoculação e a leção no corpo, são as consequencias unicas, da influencia evolutiva dos vermes intestinaes, quer na infancia, quer na adolescencia e mesmo na decrepitude.

E as febres que tem por motivo a absorção de gazes desprendidos das exhalacoes putridas? Fica provado que, ao contrario do que pensava a sciencia antiga, a febre paludosa e sezões, não são originarias de miasmas deletorios, condição má do terreno, exposição ao calor do sol, pelo simples facto de que as cidades populosas villas e povoados como diz o illustre autor do pamphletto, são todas atacadas igualmente d'aquelle mal?

Respondam os que entendem da materia.

A nós cumpre agradecer o livro.

Vizitou-nos o "Jornal do Brazil," do Rio de Janeiro, trazendo na sua primeira pagina o busto do nosso indito conterraneo Aluizio Porto, tão cedo roubado ás lettras, onde ainda tão moço, começara a ensaiar os primeiros voos de sua intelligencia fecunda.

"O Jornal do Brazil" descreve em ligeiros traços a vida desse jovem rendendo uma homenagem ás gloriosas tradições intellectuaes do Maranhão.

Duplamente agradecidos.

Dos Srs. Pinto, Monteiro & Comp. do Rio de Janeiro, recebemos uma circular em que nos communicam ter feito acquisição da antiga e acreditada "Fabrica de Gravataes" pertencente aos Srs. Luiz Leite & C. Agradecemos.

Recebemos a visita do sr. Horacio de Azevedo, gerente financeiro da Empresa Lio Branco, do Amazonas. Souz-se gratos pela delicadeza.

Da distincta directoria do Club Caixa-ral recebemos um convite para assistirmos á soirée dançante dada pelo mesmo Club em a noite de 11 de Março corrente.

Como das demais vezes, esteve esplendida.

Os srs. Raymundo N. Mattos Pereira e José Barbosa de Andrade, da Parnahyba, communicam-nos por circular ter dissolvido a sociedade commercial que n'aquella praça girava sob a firma—Andrade, Pereira & Comp.—sendo-se o primeiro pago do seu capital, lucros e livre de toda a responsabilidade.

Do mesmo sr. José Barbosa de Andrade e do sr. Filippe Gomes Neves, recebemos outra circular em que nos dá a noticia de ter contrahido uma nova sociedade a razão de—Barbosa de Andrade e Filippe. A nova firma desgozamos prosperidades.

Antonio Alves Feitosa—Santo Antonio de Itabas—Certos de seus dizeres que agradecemos, temos notado seu nome no nosso livro de assignantes, mas de 1.º de Maio d'este a 30 de Abril de 1900, segundo anno da segunda serie de nossa Revista. Esperamos que leia o annuncio no fim d'esta Revista e nos mande o que falta para completara mesma assignatura.

Filomeno Pereira Collares—Codô—Raymundo N. de Souza e exma. sra. d. Regina Rodrigues—Amarrão—José Leão dos Santos Marinho, —Carolina—José Honorato, Josias Marcos de Carvalho—Camorim—Gritos pelas cartas que nos dirigiram. Chamamos a attenção de Vc. Ss. para o que dizemos na carta anterior a esta e dirigida ao sr. Antonio Alves Feitosa.

Aguardamos resposta.

João Chrysostomo da Silva Campos—Pará—Vamos responder as 2 perguntas de seu favor de 21 de Fevereiro passado.

1.º—21000 por anno, de accordo com o aviso no fim d'este jornal.

2.º—Temos muito poucos; estão esgotadas quasi todas as edições.

O original que nos mandou será publicado na presente edição.

Aqui estamos ás suas ordens.

Jayme Medina—Pernambquinho—Não podemos mandar o que nos pede, só vim. mandando buscar em Paris.

Sr. Honorio Portella Parentes.—Theozina.—Está enganado. Não ha razão para notar a pouco referencia que fizemos do vosso Estado dominio da litteratura contemporanea.

E phantazia vossa afirmar tão queixoso que nos esquecemos que existem em vossa terra bons poetas e prozadores.

Em que se fazera o sr. Parentes?

Acaso costumamos a recusar publicações de trabalhos que d'ahi nos venhão?

Julga que sem uma razão plausivel, sem uma oportunidade, deveriamos tratar do vosso Estado somente por que conta como diz e nós o sabemos, poetas, jornalistas, polemistas, conteurs etc. etc.?

A nossa "Revista," não faz, como diz, a rezenha do movimento litterario do norte e particularmente do Maranhão, ella publica escriptos de litteratura, sciencia ou arte que lhe são remettidos de qualquer ponto ou elaborados por seus redactores.

Entre uma coisa e outra, permitta este parenthesis, sr. Parentes, ha muita differença.

Quanto ás poesias que nos enviou serão publicadas, creia.

Devido a falta de serviço

Aos nossos assignantes

Communicando aos nossos estimaveis assignantes que todas as assignaturas da Revista Elegante, terminam, sem excepção, no dia 30 de Abril, lembramos-lhes a conveniencia de reformal-as, afim de não dar-se impedimento na remessa da folha.

Outro-sim, avisamos-lhes que, em vista do estado actual das coisas, somos forçados a passar de 15000 para 25000 a importancia da assignatura da nossa REVISTA, por anno, a começar em 1.º de maio.

«Negar a utilidade do Seguro de Vida, seria fechar os olhos e negar a LUZ!»—MEGLEN. Um seguro de vida na "Garantia da Amazonia" sustenta e estimula a ambição do joven, firma e robustece a actividade do homem chegado á flor da idade e assegura-lhe uma velhice sem cuidados, quando tudo mais poderia faltar-lhe.

DE SUBIDO VALOR.—Merece attenção dos leitores a declaração que fez o distincto facultativo do Rio Claro, S. Paulo, Dr. Ulysses Paiva, formado em Sciencias Medicas e Cirurgicas pela Academia do Rio de Janeiro, sobre a efficacia da Emulsão de Scott:

«Attesto, in fide gratius, que a Emulsão de oleo de fígado de bacalhau, preparada pelos afamados chimicos de New York, Scott & Bowne, conhecida no mundo medico pela denominação de Emulsão de Scott, é um preparado de subido valor, constituto um dos mais poderosos recursos terapeuticos de que dispõe a arte de curar, o que lhe tem valido a reputação universal de que goza.

«Tenho empregado a Emulsão de Scott em todas as affecções do aparelho respiratorio, sempre com o mais extraordinario resultado; e na coqueluche (tosse convulsa) esta Emulsão tem sido por mim tambem empregada com exito assombroso, devido do Bromo, que faz parte da composição do oleo de fígado de bacalhau.

«Divulgo mais esta applicação da preciosa Emulsão de Scott, em beneficio dos que padecem de tão terrivel molestia.»

TÃO ESPLENDIDOS RESULTADOS.—O illustrado facultativo de S. Carlos do Pinaral, São Paulo, Dr. Anastacio Vianna, Medico, Operador e Parteiro escreve sobre a Emulsão de Scott o seguinte:

«Todo medico depois de alguns annos de pratica, tem no seu formulario uns tantos remédios de inteira confiança, tanto os resultados com el-

los annos da pratica e o colhido tão es-

com a Emulsão de

onticas do pulmão,

de adultos como

plente preparado

logares na mi-

remédios.

aca e louvavel opini-

dr. Vianna—São João

de

lio de Moraes Rego, acumulando o lugar de engenheiro hydraulico para as obras do porto; e para chefe de secção agricola que se devia reunir aos mesmos trabalhos o Dr. José Viveiros, além de outros auxiliares técnicos e administrativos.

A Companhia contractou com o governo da União o serviço da conservação do actual ancoradouro e realização do caes mediante a subvencção trimestral de..... 100.000.000 elevado depois a..... 150.000.000, ficando com o gozo pelo prazo de 40 annos, dos terrenos accrescidos que poderá armar, edificar ou arrendar. As obras do porto estão orçadas em..... 4.743.633.000, prometendo ficar o melhor do Brazil depois do Rio de Janeiro.

Acha-se outra vez attesta do serviço, o incansavel, activo e illustrado engenheiro Dr. Palmério Cantanhede que prosegue o serviço.

Na area aterrada que é consideravel será situada uma avenida de 30 metros de largura cujo delineamento e locação acabam de ser executados, as calçadas terão 8 metros de largura e a central destinada a carros e vehiculos de toda especie, 14 metros.

Vê-se, portanto que está em via de construcção um magnifico passeio publico no Gás da Sagração que como dissemos muito se presta para ser um dos melhores.

LITTERATURA

Sobre ruínas

Ninguém verá um effeito novo, Senhora,
Algo de prouto e antigo de saudade.
Nem ao mais certo a angustia inextinguível
Da dor que fui que a coração deplora.

Que importa a minha ántica moedade
De que a não creio no amor, de quem agora
Ilusão, a treva as ilusões do futuro
Deixando, reio, a minha escarilha ?

Pode passar a fúria da glória,
Endoide? E d'ora então de victoria
Vitor em todas partes, crystallinas.

Apresente Anda das ondas de Nirvana,
Pois vale a pena a existência humana
Que a ciza surge e a vida desce a ruína...

Rio de Janeiro.

Castro Alvim.

Saudades

A Victor Gumpel.

Noite de inverno triste e fria.
A chuva cãe fina e impertinente; a brisa
marinha, fria, cortante, acolta lá fora as
vidraças, esfuziando pelas arestas das ja-
nellas. O coqueiral estorce-se agitado pelo
vendaval.

O céu, tétrico e tenebroso, estende
seu manto medonhamente negro sobre a
face da terra.

O céu, tétrico e tenebroso, estende
seu manto medonhamente negro sobre a
face da terra.

O noites de inverno, quantas recorda-
ções trazem-nos á memoria!
Enquanto lá fora a chuva cãe monoto-
na e o vento vergasta o coqueiral, nos sen-
tidos oppressos por uma melancolia
indivisivel, um não sei que de enfadonho,
e então sentimo-nos a saudade invadir-nos até
o intimo d'alma, vem-nos á mente todo o

passado, a patria ausente; os que em vida
nos foram caros, e que tombaram vencidos
pela morte os nossos passados amores,
enfim, tudo que nos tem sido caro no pe-
noso decurso da vida.

Assim como na Esperança antecipa-
mos os louros, glórias e felicidades do fu-
turo, a Saudade transporta-nos ao passado,
esse tempo para nós tão cheio de gratas
recordações.

A beira-mar.

Era de 1830.

Lauro Pithano.

A vant!

Do joven e distincto poeta, Leslie Nelson
Tavares.

Não me orgulho, poeta, a vossa lra
No tetrico, oculto da desventura?
Sou moço, e a privação do espirito
Da gloria e da lra, do Amor a crença.

Nesta quada gentil que as lindas flores
Seus perfumes das canções com effusão,
Cantam a primavera tem fulgores
Enlevo que arrebatou o coração?

O crato juvenil não encerra
Quando a luz do futuro a fortaleza,
Lucilina que o coração entrega?

Como a planta que a seiva enrubescce,
Vosso bello talento já floresce,
Se descrevem a vida não passa.

22 de Abril, 99

Maria C. Alves d'Almeida Atala Mattos.

Coelho Netto

(PLETO DE ADMIRACÃO)

Do verso alado exalta inspirado,
Borlidade exultante da prosa,
Frasca d'ouro com luz, diamante e rosa,
Fulgente qual brilhante alampulso.

Sol, que o mundo mudo litorâneo
Diximo com luz e de ilusão,
Gosto, que faz da fronte porcelana
De lindos lindos rico santuário.

Iluminado de sol e de luar,
Das versos e de contos e romances,
A exultância a massa não define...

De Chopin, effluvia a melodia,
De Caetano e eternal magia
E a decora ideal do Paganini!

Povo, Salinas.

Ezequiel Libral.

HIGH-LIFE

Forma antes do mar de Abril correto.

Em 1-a e 2-a, 3-a, 4-a, 5-a, 6-a, 7-a, 8-a, 9-a, 10-a, 11-a, 12-a, 13-a, 14-a, 15-a, 16-a, 17-a, 18-a, 19-a, 20-a, 21-a, 22-a, 23-a, 24-a, 25-a, 26-a, 27-a, 28-a, 29-a, 30-a, 31-a, 32-a, 33-a, 34-a, 35-a, 36-a, 37-a, 38-a, 39-a, 40-a, 41-a, 42-a, 43-a, 44-a, 45-a, 46-a, 47-a, 48-a, 49-a, 50-a, 51-a, 52-a, 53-a, 54-a, 55-a, 56-a, 57-a, 58-a, 59-a, 60-a, 61-a, 62-a, 63-a, 64-a, 65-a, 66-a, 67-a, 68-a, 69-a, 70-a, 71-a, 72-a, 73-a, 74-a, 75-a, 76-a, 77-a, 78-a, 79-a, 80-a, 81-a, 82-a, 83-a, 84-a, 85-a, 86-a, 87-a, 88-a, 89-a, 90-a, 91-a, 92-a, 93-a, 94-a, 95-a, 96-a, 97-a, 98-a, 99-a, 100-a, 101-a, 102-a, 103-a, 104-a, 105-a, 106-a, 107-a, 108-a, 109-a, 110-a, 111-a, 112-a, 113-a, 114-a, 115-a, 116-a, 117-a, 118-a, 119-a, 120-a, 121-a, 122-a, 123-a, 124-a, 125-a, 126-a, 127-a, 128-a, 129-a, 130-a, 131-a, 132-a, 133-a, 134-a, 135-a, 136-a, 137-a, 138-a, 139-a, 140-a, 141-a, 142-a, 143-a, 144-a, 145-a, 146-a, 147-a, 148-a, 149-a, 150-a, 151-a, 152-a, 153-a, 154-a, 155-a, 156-a, 157-a, 158-a, 159-a, 160-a, 161-a, 162-a, 163-a, 164-a, 165-a, 166-a, 167-a, 168-a, 169-a, 170-a, 171-a, 172-a, 173-a, 174-a, 175-a, 176-a, 177-a, 178-a, 179-a, 180-a, 181-a, 182-a, 183-a, 184-a, 185-a, 186-a, 187-a, 188-a, 189-a, 190-a, 191-a, 192-a, 193-a, 194-a, 195-a, 196-a, 197-a, 198-a, 199-a, 200-a, 201-a, 202-a, 203-a, 204-a, 205-a, 206-a, 207-a, 208-a, 209-a, 210-a, 211-a, 212-a, 213-a, 214-a, 215-a, 216-a, 217-a, 218-a, 219-a, 220-a, 221-a, 222-a, 223-a, 224-a, 225-a, 226-a, 227-a, 228-a, 229-a, 230-a, 231-a, 232-a, 233-a, 234-a, 235-a, 236-a, 237-a, 238-a, 239-a, 240-a, 241-a, 242-a, 243-a, 244-a, 245-a, 246-a, 247-a, 248-a, 249-a, 250-a, 251-a, 252-a, 253-a, 254-a, 255-a, 256-a, 257-a, 258-a, 259-a, 260-a, 261-a, 262-a, 263-a, 264-a, 265-a, 266-a, 267-a, 268-a, 269-a, 270-a, 271-a, 272-a, 273-a, 274-a, 275-a, 276-a, 277-a, 278-a, 279-a, 280-a, 281-a, 282-a, 283-a, 284-a, 285-a, 286-a, 287-a, 288-a, 289-a, 290-a, 291-a, 292-a, 293-a, 294-a, 295-a, 296-a, 297-a, 298-a, 299-a, 300-a, 301-a, 302-a, 303-a, 304-a, 305-a, 306-a, 307-a, 308-a, 309-a, 310-a, 311-a, 312-a, 313-a, 314-a, 315-a, 316-a, 317-a, 318-a, 319-a, 320-a, 321-a, 322-a, 323-a, 324-a, 325-a, 326-a, 327-a, 328-a, 329-a, 330-a, 331-a, 332-a, 333-a, 334-a, 335-a, 336-a, 337-a, 338-a, 339-a, 340-a, 341-a, 342-a, 343-a, 344-a, 345-a, 346-a, 347-a, 348-a, 349-a, 350-a, 351-a, 352-a, 353-a, 354-a, 355-a, 356-a, 357-a, 358-a, 359-a, 360-a, 361-a, 362-a, 363-a, 364-a, 365-a, 366-a, 367-a, 368-a, 369-a, 370-a, 371-a, 372-a, 373-a, 374-a, 375-a, 376-a, 377-a, 378-a, 379-a, 380-a, 381-a, 382-a, 383-a, 384-a, 385-a, 386-a, 387-a, 388-a, 389-a, 390-a, 391-a, 392-a, 393-a, 394-a, 395-a, 396-a, 397-a, 398-a, 399-a, 400-a, 401-a, 402-a, 403-a, 404-a, 405-a, 406-a, 407-a, 408-a, 409-a, 410-a, 411-a, 412-a, 413-a, 414-a, 415-a, 416-a, 417-a, 418-a, 419-a, 420-a, 421-a, 422-a, 423-a, 424-a, 425-a, 426-a, 427-a, 428-a, 429-a, 430-a, 431-a, 432-a, 433-a, 434-a, 435-a, 436-a, 437-a, 438-a, 439-a, 440-a, 441-a, 442-a, 443-a, 444-a, 445-a, 446-a, 447-a, 448-a, 449-a, 450-a, 451-a, 452-a, 453-a, 454-a, 455-a, 456-a, 457-a, 458-a, 459-a, 460-a, 461-a, 462-a, 463-a, 464-a, 465-a, 466-a, 467-a, 468-a, 469-a, 470-a, 471-a, 472-a, 473-a, 474-a, 475-a, 476-a, 477-a, 478-a, 479-a, 480-a, 481-a, 482-a, 483-a, 484-a, 485-a, 486-a, 487-a, 488-a, 489-a, 490-a, 491-a, 492-a, 493-a, 494-a, 495-a, 496-a, 497-a, 498-a, 499-a, 500-a, 501-a, 502-a, 503-a, 504-a, 505-a, 506-a, 507-a, 508-a, 509-a, 510-a, 511-a, 512-a, 513-a, 514-a, 515-a, 516-a, 517-a, 518-a, 519-a, 520-a, 521-a, 522-a, 523-a, 524-a, 525-a, 526-a, 527-a, 528-a, 529-a, 530-a, 531-a, 532-a, 533-a, 534-a, 535-a, 536-a, 537-a, 538-a, 539-a, 540-a, 541-a, 542-a, 543-a, 544-a, 545-a, 546-a, 547-a, 548-a, 549-a, 550-a, 551-a, 552-a, 553-a, 554-a, 555-a, 556-a, 557-a, 558-a, 559-a, 560-a, 561-a, 562-a, 563-a, 564-a, 565-a, 566-a, 567-a, 568-a, 569-a, 570-a, 571-a, 572-a, 573-a, 574-a, 575-a, 576-a, 577-a, 578-a, 579-a, 580-a, 581-a, 582-a, 583-a, 584-a, 585-a, 586-a, 587-a, 588-a, 589-a, 590-a, 591-a, 592-a, 593-a, 594-a, 595-a, 596-a, 597-a, 598-a, 599-a, 600-a, 601-a, 602-a, 603-a, 604-a, 605-a, 606-a, 607-a, 608-a, 609-a, 610-a, 611-a, 612-a, 613-a, 614-a, 615-a, 616-a, 617-a, 618-a, 619-a, 620-a, 621-a, 622-a, 623-a, 624-a, 625-a, 626-a, 627-a, 628-a, 629-a, 630-a, 631-a, 632-a, 633-a, 634-a, 635-a, 636-a, 637-a, 638-a, 639-a, 640-a, 641-a, 642-a, 643-a, 644-a, 645-a, 646-a, 647-a, 648-a, 649-a, 650-a, 651-a, 652-a, 653-a, 654-a, 655-a, 656-a, 657-a, 658-a, 659-a, 660-a, 661-a, 662-a, 663-a, 664-a, 665-a, 666-a, 667-a, 668-a, 669-a, 670-a, 671-a, 672-a, 673-a, 674-a, 675-a, 676-a, 677-a, 678-a, 679-a, 680-a, 681-a, 682-a, 683-a, 684-a, 685-a, 686-a, 687-a, 688-a, 689-a, 690-a, 691-a, 692-a, 693-a, 694-a, 695-a, 696-a, 697-a, 698-a, 699-a, 700-a, 701-a, 702-a, 703-a, 704-a, 705-a, 706-a, 707-a, 708-a, 709-a, 710-a, 711-a, 712-a, 713-a, 714-a, 715-a, 716-a, 717-a, 718-a, 719-a, 720-a, 721-a, 722-a, 723-a, 724-a, 725-a, 726-a, 727-a, 728-a, 729-a, 730-a, 731-a, 732-a, 733-a, 734-a, 735-a, 736-a, 737-a, 738-a, 739-a, 740-a, 741-a, 742-a, 743-a, 744-a, 745-a, 746-a, 747-a, 748-a, 749-a, 750-a, 751-a, 752-a, 753-a, 754-a, 755-a, 756-a, 757-a, 758-a, 759-a, 760-a, 761-a, 762-a, 763-a, 764-a, 765-a, 766-a, 767-a, 768-a, 769-a, 770-a, 771-a, 772-a, 773-a, 774-a, 775-a, 776-a, 777-a, 778-a, 779-a, 780-a, 781-a, 782-a, 783-a, 784-a, 785-a, 786-a, 787-a, 788-a, 789-a, 790-a, 791-a, 792-a, 793-a, 794-a, 795-a, 796-a, 797-a, 798-a, 799-a, 800-a, 801-a, 802-a, 803-a, 804-a, 805-a, 806-a, 807-a, 808-a, 809-a, 810-a, 811-a, 812-a, 813-a, 814-a, 815-a, 816-a, 817-a, 818-a, 819-a, 820-a, 821-a, 822-a, 823-a, 824-a, 825-a, 826-a, 827-a, 828-a, 829-a, 830-a, 831-a, 832-a, 833-a, 834-a, 835-a, 836-a, 837-a, 838-a, 839-a, 840-a, 841-a, 842-a, 843-a, 844-a, 845-a, 846-a, 847-a, 848-a, 849-a, 850-a, 851-a, 852-a, 853-a, 854-a, 855-a, 856-a, 857-a, 858-a, 859-a, 860-a, 861-a, 862-a, 863-a, 864-a, 865-a, 866-a, 867-a, 868-a, 869-a, 870-a, 871-a, 872-a, 873-a, 874-a, 875-a, 876-a, 877-a, 878-a, 879-a, 880-a, 881-a, 882-a, 883-a, 884-a, 885-a, 886-a, 887-a, 888-a, 889-a, 890-a, 891-a, 892-a, 893-a, 894-a, 895-a, 896-a, 897-a, 898-a, 899-a, 900-a, 901-a, 902-a, 903-a, 904-a, 905-a, 906-a, 907-a, 908-a, 909-a, 910-a, 911-a, 912-a, 913-a, 914-a, 915-a, 916-a, 917-a, 918-a, 919-a, 920-a, 921-a, 922-a, 923-a, 924-a, 925-a, 926-a, 927-a, 928-a, 929-a, 930-a, 931-a, 932-a, 933-a, 934-a, 935-a, 936-a, 937-a, 938-a, 939-a, 940-a, 941-a, 942-a, 943-a, 944-a, 945-a, 946-a, 947-a, 948-a, 949-a, 950-a, 951-a, 952-a, 953-a, 954-a, 955-a, 956-a, 957-a, 958-a, 959-a, 960-a, 961-a, 962-a, 963-a, 964-a, 965-a, 966-a, 967-a, 968-a, 969-a, 970-a, 971-a, 972-a, 973-a, 974-a, 975-a, 976-a, 977-a, 978-a, 979-a, 980-a, 981-a, 982-a, 983-a, 984-a, 985-a, 986-a, 987-a, 988-a, 989-a, 990-a, 991-a, 992-a, 993-a, 994-a, 995-a, 996-a, 997-a, 998-a, 999-a, 1000-a, 1001-a, 1002-a, 1003-a, 1004-a, 1005-a, 1006-a, 1007-a, 1008-a, 1009-a, 1010-a, 1011-a, 1012-a, 1013-a, 1014-a, 1015-a, 1016-a, 1017-a, 1018-a, 1019-a, 1020-a, 1021-a, 1022-a, 1023-a, 1024-a, 1025-a, 1026-a, 1027-a, 1028-a, 1029-a, 1030-a, 1031-a, 1032-a, 1033-a, 1034-a, 1035-a, 1036-a, 1037-a, 1038-a, 1039-a, 1040-a, 1041-a, 1042-a, 1043-a, 1044-a, 1045-a, 1046-a, 1047-a, 1048-a, 1049-a, 1050-a, 1051-a, 1052-a, 1053-a, 1054-a, 1055-a, 1056-a, 1057-a, 1058-a, 1059-a, 1060-a, 1061-a, 1062-a, 1063-a, 1064-a, 1065-a, 1066-a, 1067-a, 1068-a, 1069-a, 1070-a, 1071-a, 1072-a, 1073-a, 1074-a, 1075-a, 1076-a, 1077-a, 1078-a, 1079-a, 1080-a, 1081-a, 1082-a, 1083-a, 1084-a, 1085-a, 1086-a, 1087-a, 1088-a, 1089-a, 1090-a, 1091-a, 1092-a, 1093-a, 1094-a, 1095-a, 1096-a, 1097-a, 1098-a, 1099-a, 1100-a, 1101-a, 1102-a, 1103-a, 1104-a, 1105-a, 1106-a, 1107-a, 1108-a, 1109-a, 1110-a, 1111-a, 1112-a, 1113-a, 1114-a, 1115-a, 1116-a, 1117-a, 1118-a, 1119-a, 1120-a, 1121-a, 1122-a, 1123-a, 1124-a, 1125-a, 1126-a, 1127-a, 1128-a, 1129-a, 1130-a, 1131-a, 1132-a, 1133-a, 1134-a, 1135-a, 1136-a, 1137-a, 1138-a, 1139-a, 1140-a, 1141-a, 1142-a, 1143-a, 1144-a, 1145-a, 1146-a, 1147-a, 1148-a, 1149-a, 1150-a, 1151-a, 1152-a, 1153-a, 1154-a, 1155-a, 1156-a, 1157-a, 1158-a, 1159-a, 1160-a, 1161-a, 1162-a, 1163-a, 1164-a, 1165-a, 1166-a, 1167-a, 1168-a, 1169-a, 1170-a, 1171-a, 1172-a, 1173-a, 1174-a, 1175-a, 1176-a, 1177-a, 1178-a, 1179-a, 1180-a, 1181-a, 1182-a, 1183-a, 1184-a, 1185-a, 1186-a, 1187-a, 1188-a, 1189-a, 1190-a, 1191-a, 1192-a, 1193-a, 1194-a, 1195-a, 1196-a, 1197-a, 1198-a, 1199-a, 1200-a, 1201-a, 1202-a, 1203-a, 1204-a, 1205-a, 1206-a, 1207-a, 1208-a, 1209-a, 1210-a, 1211-a, 1212-a, 1213-a, 1214-a, 1215-a, 1216-a, 1217-a, 1218-a, 1219-a, 1220-a, 1221-a, 1222-a, 1223-a, 1224-a, 1225-a, 1226-a, 1227-a, 1228-a, 1229-a, 1230-a, 1231-a, 1232-a, 1233-a, 1234-a, 1235-a, 1236-a, 1237-a, 1238-a, 1239-a, 1240-a, 1241-a, 1242-a, 1243-a, 1244-a, 1245-a, 1246-a, 1247-a, 1248-a, 1249-a, 1250-a, 1251-a, 1252-a, 1253-a, 1254-a, 1255-a, 1256-a, 1257-a, 1258-a, 1259-a, 1260-a, 1261-a, 1262-a, 1263-a, 1264-a, 1265-a, 1266-a, 1267-a, 1268-a, 1269-a, 1270-a, 1271-a, 1272-a, 1273-a, 1274-a, 1275-a, 1276-a, 1277-a, 1278-a, 1279-a, 1280-a, 1281-a, 1282-a, 1283-a, 1284-a, 1285-a, 1286-a, 1287-a, 1288-a, 1289-a, 1290-a, 1291-a, 1292-a, 1293-a, 1294-a, 1295-a, 1296-a, 1297-a, 1298-a, 1299-a, 1300-a, 1301-a, 1302-a, 1303-a, 1304-a, 1305-a, 1306-a, 1307-a, 1308-a, 1309-a, 1310-a, 1311-a, 1312-a, 1313-a, 1314-a, 1315-a, 1316-a, 1317-a, 1318-a, 1319-a, 1320-a, 1321-a, 1322-a, 1323-a, 1324-a, 1325-a, 1326-a, 1327-a, 1328-a, 1329-a, 1330-a, 1331-a, 1332-a, 1333-a, 1334-a, 1335-a, 1336-a, 1337-a, 1338-a, 1339-a, 1340-a, 1341-a, 1342-a, 1343-a, 1344-a, 1345-a, 1346-a, 1347-a, 1348-a, 1349-a, 1350-a, 1351-a, 1352-a, 1353-a, 1354-a, 1355-a, 1356-a, 1357-a, 1358-a, 1359-a, 1360-a, 1361-a, 1362-a, 1363-a, 1364-a, 1365-a, 1366-a, 1367-a, 1368-a, 1369-a, 1370-a, 1371-a, 1372-a, 1373-a, 1374-a, 1375-a, 1376-a, 1377-a, 1378-a, 1379-a, 1380-a, 1381-a, 1382-a, 1383-a, 1384-a, 1385-a, 1386-a, 1387-a, 1388-a, 1389-a, 1390-a, 1391-a, 1392-a, 1393-a, 1394-a, 1395-a, 1396-a, 1397-a, 1398-a, 1399-a, 1400-a, 1401-a, 1402-a, 1403-a, 1404-a, 1405-a, 1406-a, 1407-a, 1408-a, 1409-a, 1410-a, 1411-a, 1412-a, 1413-a, 1414-a, 1415-a, 1416-a, 1417-a, 1418-a, 1419-a, 1420-a, 1421-a, 1422-a, 1423-a, 1424-a, 1425-a, 1426-a, 1427-a, 1428-a, 1429-a, 1430-a, 1431-a, 1432-a, 1433-a, 1434-a, 1435-a, 1436-a, 1437-a, 1438-a, 1439-a, 1440-a, 1441-a, 1442-a, 1443-a, 1444-a, 1445-a, 1446-a, 1447-a, 1448-a, 1449-a, 1450-a, 1451-a, 1452-a, 1453-a, 1454-a, 1455-a, 1456-a, 1457-a, 1458-a, 1459-a, 1460-a, 1461-a, 1462-a, 1463-a, 1464-a, 1465-a, 1466-a, 1467-a, 1468-a, 1469-a, 1470-a, 1471-a, 1472-a, 1473-a, 1474-a, 1475-a, 1476-a, 1477-a, 1478-a, 1479-a, 1480-a, 1481-a, 1482-a, 1483-a, 1484-a, 1485-a, 1486-a, 1487-a, 1488-a, 1489-a, 1490-a, 1491-a, 1492-a, 1493-a, 1494-a, 1495-a, 1496-a, 1497-a, 1498-a, 1499-a, 1500-a, 1501-a, 1502-a, 1503-a, 1504-a, 1505-a, 1506-a, 1507-a, 1508-a, 1509-a, 1510-a, 1511-a, 1512-a, 1513-a, 1

Revista Elegante

ligereza de estilo, que mais de perto se aponta a sociedade por meio da critica moralizada todos os seus tipos, todos os seus costumes, todos os acontecimentos enfim ridiculos que se desenvolvem no seu seio.

E' nada mais, nada menos que um espelho.

Americo Azevedo apresenta realmente em diversas scenas do sua comedia quadros muito bem apanhados a par de um estilo simples mas frizante.

A scena V feita por Ambrosio, Chica e Mariquinhas, e toda de choro pela noticia que lhes da a comadre Josephina do acabamento do mundo, enquanto que da scena XI em diante e quasi toda de gargalhada pelo desincoito que faz Ambrosio. Atravez desses episodios bem interessantes de senrola-se um outro assumpto: O namoro de Mariquinhas, *velha da malta*, com o Manduca, pharmaceutico e medico á falta de gente.

Conclue o "Fim do Mundo" dizendo Jeronymo a *Chica*—Enquanto houver um casamento, ou melhor, a uniao dos dois sexos, acredita que o mundo não acaba.

Aqui fica nossa rapida apreciação sobre o novo livrinho de Americo Azevedo.

Agradecemos pelo offerecimento que nos fez de um exemplar.

Recebemos um exemplar do relatório apresentado pelo sr. Antonio Lobo, habilit Director da Bibliotheca Publica ao exm. sr. dr. Governador do Estado, em 10 de Janeiro do corrente anno.

E' um trabalho minucioso que revela gosto e conhecimento de bibliotheca.

Somos-lhe grato.

Temos sobre a nossa mesa a "Revista Hydrotherapica do Systema Kneipp", um livrinho brochado de 67 paginas todas tardadas e bem impressas, trazendo na primeira della o retrato do fallecido Visconde de Tannay de quem fazem uma bem tracada necrologia, a par de outros artigos bem elaborados.

Agradecemos.

A Directoria da "Garantia da Amazonia", sociedade de seguros Mutuos sobre a vida, representada nesta cidade pelo seu respectivo agente, offereceu-nos o relatório mensal apresentado em Assembléa Geral de 18 de Maio findo.

Ficamos obrigados.

Recebemos tambem o "Manifesto do Contra Operario" edição especial dirigida ás classes operarias, á imprensa e ao publico.

A Directoria do Club Gaúcho, composta dos srs. José de Almeida Santos, Manoel Vieira de Azevedo e Milton Jansen Ferreira, distinguiram-nos com um delicado convite para assistirmos a corree d'ansante do mesmo club que se realisará no pabellão do sr. Hermenegildo J. Ferreira.

Agradecemos a fineza.

Deixaram-nos seus cartões de despedida os srs. Benedicto J. Serra, Luna Ferreira e Caetano Brandão de Souza Junior, este com destino a Vizeu, e aquelle a Belém.

Felicidades.

Foi-nos do Rio de Janeiro offerecido um Manual do Dr. E. Humphreys, que ensina a administração dos seus especificos.

Do nosso amigo Leslie Nelson Tavares, recebemos de bordo do "São Salvador" sahido a 4 de Março ultimo, uma carta em que nos enviava as suas despedidas, remetendo ao mesmo tempo uma de suas produções poeticas para darmos á estampa nesta Revista.

Será satisfeito; bons ventos o conduzam.

A Directoria da Sociedade de Instrução e Recreio Viannense, communicando a inauguração dessa sociedade que tem por fim crear athena de Bellas Artes, bibliotheca e um theatro, pede-nos tambem a remessa da nossa Revista e outros donativos.

E', com effeito, muito util semelhante idea. Podem contar com o que nos for possível.

De volta para o Estado de Minas, deixamos, ao sr. Carlos de Magalhães e Dr. Luiz R. de Brito, Diretores da Officina Publica d'aquelle Estado, Folio virgem.

Recebemos uma carta bastante amigavel do sr. Leopoldo Lobo remetendo-nos para publicarmos dois artigos de sua lavra.

E' toleravel e exagoso do sr. Lobo quando diz no final da alludida carta que os senhores não podem ser considerados tales avers e bons quando estão acima de optimos.

O objecto é, na verdade, uma das mais difficil produções poeticas; deve ter sempre a sua chave de ouro.

Accusamos o recebimento da Circular que nos enviaram os srs. Luis Leite & C. participando o novo ramo de negocio que encetaram qual o de fabrica de furos, sendo o titulo de sua casa commercial—Ao Rei da Fura.

Prospecções.

Vicente envia o Bulletin de assignatura para a "Revista Brasileira" de S. Paulo, dirigida pelo sr. Carlos Mendonça, e da qual é agente no Rio de Janeiro o sr. Affonso Duarte Ribeiro.

Assignatura, por anno 21.000 réis, por semestre 11.000. Fica em todos oscriptoria á disposicao de quem quizer assignar-se.

Tambem trata em nossa scriptoria remetido pelo sr. Affonso Duarte Ribeiro, a prospecta da *Arquivo Illustrado*, encyclopedia historica, scientifica e litteraria, de que o editor-publisher é o sr. Oscar Montefiore.

Este interessante periodico terá a sua publicação no Rio de Janeiro.

De portada para a Europa trouxemos as suas despedidas o nosso amigo sr. Manoel Coelho Proença Junior, socio da acreditada firma commercial Proença, Santos & C.

Vae a passeio com sua esposa, familia.

Mil venturas.

Pequena correspondencia

Tenente Almeida—Minas Geraes—Tomei nota da assignatura de sua publicação—Falta ainda 1.000—conta 2.100—esta em treços—Todas as publicações 2.000 réis.

Fredro da Costa e Silva—Rio de Janeiro—Fizemos com o seu favor de 16 de Fevereiro assignatura de 1.000 e em 11 assignaturas como voce pedira—se for a conta Faltam as assignaturas para pagar de 1.000 para 2.000 por anno. Esperamos portanto, que se mande o que falta para completar-se.

Manoel Freitas & C.—Theresina—Recebemos a nota que nos remetteram com 17 assignaturas.

Agradecemos.

Affonso Duarte Ribeiro—Rio de Janeiro—Recebemos a nota de 9 de Março p. p. o Bulletin de 73 assignaturas.

Somos-lhe gratissimos pelo que fez e pelo que fizer.

Agradecemos o que nos diz—remetter em qualquer d'estas dias.

Vamos-lhe mandar um talão, visto que assim quer.

Poisão, accitemos com talão a cada 2 annos e assim em talão.

No fim do termo d'esta Revista, remetterei a que desejo de muitos annos—que não se publica mais por cá.

De 2 a 4.000 confesso e tambem. Se, porém, é para mandar dizer.

Tancredo C. Diniz—Rio de Janeiro—Rio de Janeiro, pelo

Assignatura em nossa assignatura e a talão—estamos a sua ordem.

Jose Nogueira—Para o Sr. Senador, in allem e a 2 assignaturas, uma para o 2.º anno, a principiar em 1.º de Maio, independentemente disso, vae a mais de assignaturas e assim, que não custam. Se, porém, vae a mais de assignaturas, que não pode custar de mais e assim.

E' bom, e de proceder a cobrança das assignaturas para o 2.º anno, a principiar em 1.º de Maio proximo, além d'isso a talão.

Na assignatura que nos remetter, falta outro talão em vista do aviso notado do texto da nossa Revista.

Não sou mais como agora viver o interesse, que vae a mais pelo nosso jornal, isto é, tudo, nos tempos que carecem.

Então, agradeço-lhes.

Augusto Maxellino Rodrigues Vail—Porto Alegre—Sen

senhor, as assignaturas que lha vae a mais, do texto d'esta Revista.

Aqui estamos a sua ordem.

Devido a grande affluencia de serviço na secção Typographica deixou de subir a "Revista" no principio do mez pelo que pedimos desculpa aos seus dignos leitores.

Revista Elegante

Acceitam-se annuncios para este jornal, por contractos mensaes, semestraes ou annuaes a duzentos réis por linha.

Aos nossos assignantes

Communicando aos nossos estimaveis assignantes que todas as assignaturas da *Revista Elegante*, terminam, sem excepção, no dia 30 de Abril, lembramos-lhes a conveniencia de reformal-as, afim de não dar-se impedimento na remessa da folha.

Outro-sim, avisamos-lhes que, em vista do estado actual das coisas, somos forçados a passar de 13000 para 25000 a importancia da assignatura da nossa REVISTA, por anno, a começar em 1.º de maio.

SEMPRE COM BOM EXITO.—O nosso distincto facultativo do Paris, o Dr. Eduardo J. Vieira de Mello, medico e phisico, contem pela faculdade da Bahia, diz com toda verdade, baseada na experiencia, dos resultados obtidos no emprego da Eucalypto de Scott, o segredo, que temos muito prazer em repassar nestas columnas.

"Atento que todos empregam e sempre com bom exito Eucalypto de Scott, esp. especialmente no lymphatismo, bronchitis chronicas e tuberculose pulmonar."

Imp. na Typ. e Imp. da *Alhambra*, Teixeira-per. pelo R. A. Lisboa.

Suplemento n. 82
DA
REVISTA ELEGANTE



Caes da Sagração

(Copia de uma photographia da Alfaiataria Teixeira)

(Impr. na typ. da Alfaiataria Teixeira)

A large, ornate initial letter 'R' in a dark, textured font, decorated with a ribbon and floral motifs. The word 'REV' is visible in the background.

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUICAO GRATUITA

Propriedade de

ALFAITARIA TENUE

Gerente--Alfredo Pinto Teixeira

TELEPHONE 56

ENDERECO TELEGRAPHICO — IMPERIAL

CAIXA POSTAL 40

ANNO VIII

Morenhão, 10 de Julho de 1899

NUMERO 84

cava é um dos extremos do latetório maranhense a sua recondita devesa, o seu formoso sertão. Quem o há de receber? Quem há de mostrar-lhe esses lugares donde se apartou tão amplamente? Nem os seus pais ou algum de seus parentes aqui estão; mas o filho amantíssimo desta terra — vê nela por toda parte a imagem de sua mãe — e logo o seio da terra se abriu para oferecer-lhe o amor e a adoração de seus irmãos.

Ah! alma de poeta! Quanto és sulfúrea e como fascinados pelo deslumbramento de tuas expansões não se dão de arrepender os que alguma vez deixaram de amar. Vem o devido fervor o grandioso sentimento da poesia, suppondo vens verdadeiros genios imaginarios doentes, quando por essa fatal aberração do espirito devião elles desde logo duvidar da sua propria saúde. A poesia é a natureza retratando-se no homem como a sombra pela reflexão da luz na luneta de Daguerre ou como na retina as imagens dos objectos que nos cercão.

Ser poeta é ter no coração o aparelho receptor onde o cérebro possa ver claramente segundo o grau de sua inteligência de os caracteres gravados pela impressão do bello. O escritor, o omdor e todos os que vibram pela intelligencia as cordas do sentimento fôrmas alcançaram as cumeadas da gloria se não possuírem uma alma aparelhada para receber em suas multiphas manifestações, o maravilhoso espectáculo do universo.

A reputação literária de Gaccho Netto de ha muito tempo levanta para as crônicas da celebridade por toda parte, onde se insufficientemente é conhecida a lingua luso-brasileira. Jornalista de primor tem empregado o tempo que lhe sobra da collaboração diaria em trabalhos que são verdadeiros milagros de concepção e de forma. Não está em nosso plano fazer a critica de seus escriptos, o que seria inqualificavel offensa; e nem se quer para dar idéa da grande

de seu inveigável talento podemos afirmar que todos os que se acham editados.

Muito ainda, na idade de 34 anos, já se somou o laureado por obras de subido valor e se por estas e pelas suas prolixas e dispersas, que são inúmeras, Goethe Netto é justamente admirado como um portento da palavra escrita, um dos divinos, assegura que outra frase não menos gloriosa se vai esboçar, nelle revelando-o um verdadeiro feito da natureza falada.

Foi o reflexo do sol do Norte que actuando sobre os prismas variegados do sol fez o escriptor, sol que elle levou a alma, deixando as nuves de Gervásio que haviam inspirado o maximo Gouvea. Dias, mais resplendendo bo... uma palavra o baptismo d'fogo do amor da terra natal e das recordações actividades desses uyllos, que fizeram a ventura de seus progenitores e emularam a sua redenção. da criança, ella começa dar-nos tambem o orador eloquentissimo arrebolador.

Não é como escritor que o nosso homem está sendo apreciado na Maranhão. Nesse caráter o seu nome vem feito da capital federal e de outros grandes centros das letras. O ilustre pelo seu talento brota espontaneamente da magia de seus discursos o *Hadjah*, o *De Profundis*, o *La Cruz en Fleo*, o *Paraiso*, as *Palmitilhas* e tantas outras preciosidades questionadas, contadas por dezenas, não são ainda suficientes para uma parte dos que o têm ouvido.

[illegible]

sumptos e importantissimos e nestes discorremos sobre os interesses da nossa patria e da nossa admiração.

Nas dificuldades desses improváveis, por que nunca fallou de outra maneira, nessas difficuldades muito naturaes, que só quem as sabe occultar conhece, nunca elle em torno de si um olhar de feroz agredida e o então bello de ver e como pela transformação subita de sua alma surriam imagens sobre imagens, como se dessem uma corrente interminavel de idéas felizes e rebarbadas, que por a conta a sua immobillidade tansa, especie de justificação arradavel, um encanto finalmente que só se quebra depois de estropeadas melancolicas de palmas.

Após uma estúpida accão destas não ha nas reuniões populares, expando que não seja authorizada pelo entusiasmo desde as exclamações mueruo das palavras que a terminologia galega das massas inventa para exprimir sua admiração até o desejo irresistivel de condemnar em triumpho disputando os entusiasmados logar na trela como se activamente chegou a acontecer.

Excepção o seu prodigioso talento, todo mais em Coelho Netto é contumaz a esta terra, o porte, modo de andar e de trapacear, uma scultura pode muito conscienciosamente dizer elle, e mais adiante do que formoso. Vinha-o sempre acompanhado de uma commissão fidelis dando ao seu comportamento um tom de solemnidade principessa dessa sua natureza que nem todos os principes possuem.

A Revista Elegante sente que por sua contação periodica, ou de publico o momento admissivo a tão distincta e nobre notabilidade oportunamente todas as periclitidades, era nullo dizes, mas nem por isso estranhou nem pelo Maranhão que nella tem o orgulho de oferecer a patria brasileira uma nova e bella florilureia a consagração da Norte onde fulguram os astros de primeira grandura.

5 de Julho de 1890.

A NOSSA GRAVURA

Casa da Praça

Veja-se situada na Pina Grando, no bairro mais commercial da cidade, a Casa da Praça representada na photographia junta.

Ha longos annos existia nesse logar diversas barracas com o nome de *Terceto Publico* ou *Casa dos Embalsamados* construídas pelo governo com o fim de serem expostos a venda os corpos de prompta necessidade. So era permitido vender-se nas ruas o que fosse logo em torno e as hortaliças até as 8 horas da manhã.

Os moradores desses bairros que constituem o celeiro publico eram obrigados a conservar naquelle uma lida rna durante a noite e os que tinham semelhante postura incorriam em multa de prisão e multa de 200 réis.

Incorporada nesta cidade uma companhia denominada Companhia Maranhense, limit de edificar a Casa da Praça que em vez de no logar das referidas barracas, tendo em vista o mesmo fim, occupou uma grande area proporcionando muitos logares para o commercio.

A companhia a edifica com o capital de oitenta contos de reis divididos em 4.000 acções, pagas de 20 réis, em 1887, a pertencera a Companhia Municipal nos termos do

contracto celebrado em 18 de Setembro de 1880.

A sua construcção é solida e de forma rectangular, em cada uma das faces abrem-se um portão que dá entrada para um pateo, e no do lado principal que olha a Praça do Commercio, le-se no frontão o distincto—28 de Julho de 1885, recordando a data em que se lançou a primeira pedra.

No angulo a esquerda da fachada com quatro portas de frente e quatro lateraes, achase situada a Casa da Praça onde funciona a Junta commercial. De bastante tempo a esta parte todas as faces do edificio passaram a ser occupadas por armazens e lojas de primeira ordem, constituindo o centro do commercio.

Na frente do lado esquerdo está o becco da Alfandega e mais abaixo caminhando na mesma direcção, o ponto de descarga e armazem da mesma repartição. Do lado opposto corre a rua do Trapiche que vai terminar na rampa do Palacio.

Esta rua é cortada pela da Estrella que vemos na photographia, a qual é bastante extensa e muito commercial, e atravessa a Praça em todas as direções S. Carlos.

O pateo interno do edificio está sendo ajardinado com muito esmero pela Intendencia do Municipio e em breve será um dos logares bem interessantes da cidade.

LITTERATURA

Epochas

Aracaju, de Brazil, 1890.
Desempenha a parte de 1.º e 2.º volumes.
A obra pertencente a 3.º e 4.º volumes.
Presente que o autor mandou a sua

Em 1.º volume, 2.º volume, 3.º volume.
A primeira parte da obra.
Desempenha a parte de 1.º e 2.º volumes.
Em 1.º e 2.º volumes.

II

Em 1.º volume, 2.º volume, 3.º volume.
Desempenha a parte de 1.º e 2.º volumes.
Presente que o autor mandou a sua

Em 1.º volume, 2.º volume, 3.º volume.
Desempenha a parte de 1.º e 2.º volumes.
Presente que o autor mandou a sua

III

Em 1.º volume, 2.º volume, 3.º volume.
Desempenha a parte de 1.º e 2.º volumes.
Presente que o autor mandou a sua

Em 1.º volume, 2.º volume, 3.º volume.
Desempenha a parte de 1.º e 2.º volumes.
Presente que o autor mandou a sua

COELHO NETTO

Salve! Maranhão!

Volta o filho querido a patria amada!
Bello e largo de tantos heros, recebe
na tua casa com todo affecto o filho dilecto.

Ainda, bem impune rosnar, deixou elle
o mudo materno, e, por entre muros e
colles, ao rigor das intemperies, vagou,
sempre, aquecido, por bem, dos raios do

sol vivificante da patria. Eis que volta gar-
rulo ao herco caro, todo implumado, e so-
noro deitro, causando admiração e
seus variados gorgoros.

Indiscrepavel a alegria que reina ao lar
dani-sico! Tudo é contentamento, tudo
festa! Espontaneo bota do coração o sen-
timento exultante d'amicade sincera e do
aprovo devoto.

O que pode trazer de mais grandioso e
saudavel!

Oh! meu idolatrado torrao, vesteste de
galas com os teus melhores atavios. Si não
disposes hoje de grandes riquezas anti-
cas, faze congregar neste ponto, embora
singelamente, tudo o que possues de mais
selecto para, com toda alma, saudar jubilo-
so esta fulgente estrella, tua oriunda, e
que com os seus lampejos esplendores de
longe mesmo actua a tua soa alienca-
do!

E esta a festa do congaio! Concorram
todos orgulhosos para ella.

Eu, humilde e ignorante filha desta gloria
culpa, de que tanto me glorio, sentindo bor-
bulhar nas veias o desejo do saber, venho,
embora com as minhas toscas phrases ex-
pandir a nativa alegria que me invade a
alma.

Al! Podes que est podera!

Tive, enfim, a felicidade inaudita de ver
a tua obra, bem que de longe, esse luzero
da intelligencia no mesmo dia em que apor-
ta a nossa bella capital, que anciosa o ex-
pectava, pelo justo desejo que o assaltava.

Até transpor, pois, as caudosas plagas na-
raes, dirigiu-se pressuroso ao aprasivel
lago dos Remedios, e, em chegando diante
do grandioso monumento, que attenda as pre-
ces os graos luminares da intelligencia,
descobriu-se, em signal de profundo acatamento, quedou-se reverente.

De uma das janelas em que me achava
no predio, onde residio, toda alvorotada de
natural contentamento, alagrou-se ver,
então, Gonçalves Dias, o mavioso cantor
dos Timbrar, apparecer do seu alto pedes-
tal, movendo-se tambem os grandes vultos,
seus pares, que o rodeiam, João Lisboa,
Sotero dos Reis, Odori e Mendes e Gomes
de Souza, e, adiantando-se o poeta, para so-
lemne e magnanima apresentação, tomou
Coelho Netto pela mão, dando o affectuoso
complexo fraternal, dirigiu-se com voz ma-
gestosa aos seus dignos emulos, nos seguin-
tes termos:

«Conspicuos propugnadores do cultivo
das letras patrias, vós que comiguo em
denodado esforço alevantastes a maior atura
o nome maranhense transformando esta
pauze terra da Athenas Brasileira, eu,
com abundancia de coração, vos apresento
este joven portentoso, meu dilecto conter-
raneo, talento fecundo, estylista primoroso
do nosso rico idioma, laureado escriptor a
de 33 livros, em profuso derramado e
bem accetito por todo o vasto campo bra-
sileiro, desde o Amazonas ao Prata.»

Vós, veneros dos vultos de laranja a
cabeça, que sentiam natural orgulho em
admirar e de tanto modo, dotado de tão
perfeito talento, em quem depositavam
limitada confiança, para ser, como tão
competente se mostra, um dos mais es-
colados continuadores das glorias maranhenses!
Foi geral a approvação.

E, cantando deliriosos hymnos, mavioso
sabá em uma das palmeiras desferia to-
nos gorgoros.

«Saudado, então, de grande jubao, sob
tei de myo este ingente fructo»

Salve! Maranhão!

Luiz de Barros

16 Junho—1890

bem continuada norma do deveres, para que os germes vindouros encontrem sempre um estado de civilização compatível com as modificações progressivas das novas aptidões.

A perda da memória dos acontecimentos da vida anterior nas diferentes transformações, e que tão superficialmente se lamenta, é um facto todo providencial e de cuja necessidade só podíamos fazer ideia considerando nas torturas do espirito humano se acaso nos fosse permitido reconhecer em nós os mesmos martyres do despotismo dos tempos barbaros ou ainda peor, que isso os miseráveis seres dos tempos que precederam a epocha definitiva de nossa vida racional.

Quando a fé na continuidade da nossa especie, for uma fé unanime tendo em cada individuo um verdadeiro centro de que os esforços empregados para o bem da sociedade são o meio mais seguro de melhorar a nossa futura sorte, como já se pensa, embora estreitamente no circulo da familia, procurando os pais, pe'a educação e transmissão dos bens da fortuna, felicitarem-se nas pessoas de seus descendentes, quando todos estiverem convencidos de que estabelecendo leis e costumes legítimos para nós mesmos, então a lei moral não será mais uma palavra vaga e abstracta como a consideramos hoje, mas um verdadeiro código de deveres para o gozo do supremo bem que outro não pode ser, não a paz e a justiça em todas as harmonias universais.

A NOSSA GRAVURA

Rampa de Palacio

A vista que agora offerecemos aos nossos leitores mostra a Rampa de Palacio que é um dos principaes pontos de desembarque, apresentando tambem um dos terraços do baluarte vulgarmente conhecido por *meio laranga*.

Esta vista foi muito propositalmente apanhada em dia trivial, sem agitação, alguma fôrça de commum, quando o movimento do porto está calmo para assim exprimir a idea exacta do natural. O ancoradouro sem a quantidade de navios que ás vezes costuma ter, motiva no logar a falta de animação que em contrario se nota nas chegadas e sahidas de vapores.

O ajuntamento de pessoas que se vê, são em geral estrangeiros que ali permanecem diariamente.

Em frente ao arco destaca-se o predio onde funciona a Guarda-Moria, tendo ali o seu quartel e porto fiscal. Discortina-se desse ponto, toda a barra abrangendo a Ponta d'Areia em que está situado o Forte de S. Antonio malat merid. de 2° 20'24" e na long. occ. de 42° 31'.

Acha-se ancorada no porto uma barca de procedencia estrangeira e uzais ao longe um vapor nacional, além de pequenas lanchas, esculeres que fazem o serviço de transporte.

A rampa que desce quasi á baixa-mar é solidamente construida, ficando mergulhada nas marés grandes, cujo embate das ondas não deixa de ser ás vezes algum tanto impetuoso.

A muralha semi-circular que apparece, pertence como dissemos ao baluarte, edificad em 1612 pelo Sr. de Revardien, com o nome de S. Luiz em honra ao príncipe

reinoante Luiz XIII, nome que depois se estendeu a toda provincia de então.

Além dessa muralha ha uma outra tambem emi-circular, medindo ambas 157 palmos de diametro e 6 braças de comprimento, unidas por uma cortina de 700 palmos de extensão sobre 19 de altura, onde pode laborar grande artilheria.

LITTERATURA

As perolas

de Estella Araújo

Uma noite, quando já recamava-se de estrellas o firmamento e preparava-se a lua para etherea romaria, passava de mansinho a brisa arrebatando duas pequeninas gotas limpidas e arrojan-to-as ao mar.

Vioo juntar-se ás duas desterradas uma perola que balaneava-se nas ondas e perguntou-lhes—quem sois? donde vindes?

Eo, disse uma, venho do puro seio das nuvens densas, que incertas, vagueiam no espaço, sou filha da poderosa natura que faz brotarem da terra e desabrocharem loucas as delicadas flores, sou a confidente dos insondáveis mysterios do infinito, reconditos segredos que só eu e minhas irmãs, que voamos no espaço podemos saber; ninguém como eu pode revelar os arcanos da lua, a branca densa da noite, a companheira dos sonhadores dos namorados, dos tristes, dos poetas, dos romancistas, a protectora dos maritimos, dos naufragos; enfim tambem sou perola crystallina, desprendi-me do firmamento, e quando procurava refugiar-me no odorifero calice de uma flor, arrebatou-me a ligeira brisa sou pois a perola das nuvens.—Dize-me agora quem és, e d'onde vens?

Ea, disse a perola que balava, venho de um rico collar de uma formosa princeza e poderosa quando, num passeio maritimo, debruçando-se á borda da gondola dourada contemplava absorpta as esmeraldinas ondas afrouxaram-se as garças d'oiro que prendiam-me e desengastei-me rolando ás agoas, sou filha do mar, a confidente dos seus melancolicos segredos, dos queixumes das mansas ondas que vão oscillar as praias nas serenas noites prateadas, só eu sei onde reina o coral, o ambar, as serenas, os multiplos e variegados peixes, enhi o meu esconderijo, sou filha do insondavel oceano, a perola do fundo do mar.

Timidamente, disse então a terceira, sou a mais pobre de vós, mas tambem sou perola; quando silenciosa começava a desfolhar-se a noite, os olhos claros de uma meiga virgem marejaram-se ao contemplarem o vasto pelago azulado, pulsou-lhe o coração dorido, profundamente magoado pelas tristes saudades do amado noivo, que já Deus têm e eu desprendi-me tremula, erguendo-me nas azas da doce brisa, venho do limbo de uma alma pudibunda, de um peito soffredor, não sou fresca como v'rocio, mas tepida, limpida, palpitante, encerro os ternos mysterios do amor, não sou filha das nuvens, nem do mar, formosa perola, delicada e rica, mas sou a perola do coração, e, calou-se.

A noite caminhava calma; embalsamava o fresco ar o grato perfume das flores,

a lua escondia-se então, e as estrellas do cruzeiro perguntaram docemente—qual é a perola mais pura?

A nossa, responderam as nuvens brancas.

A minha, exclamou o mar profundo. E a perola do coração, disse a terra,—encerra os castos perfumes de uma alma candida.

Ganheu feroz o mar, arremessando então ás arenosas praias as duas peregrinas, e, em quanto a perola das nuvens voava aos patrios lares e a outra balaneava-se nas ondas, guardava a terra, sorvendo-a, a perola purissima do coração.

Laura Ross.

Fugitiva

Borboleta pequenina
De vós, Ariel e dourada
Porque não vens, co'olhada,
Reincarnar na verde campina?

Porque da minha janela
Nos festins do torpedeiro
Tu não vens mais lunfaleira,
Beijar a florinha bella?

Oh! quando me deslizes,
Borboleta... borboleta...
O sol, o luar poeja,
Sorri-se ao vê-me chorar.

O ventinho já não vells
Canções sobre o meu sechido...
Meu estio é prolongado...
Borboleta, vells, vells...

Pepilim BLU.

HIGH-LIFE

Fazem annos no ute de Maio concerta:

Em 1—na casa, sr. de, Maria Augusta Barbosa, Israel Sautier, esposa de sr. Dr. Affonso Sautier, Alice Augusta de Araújo Brito e Amílcar Carvalho, os jovens Heitor G. de Almeida Brito e Francisco G. Godinho.

Em 2—na casa, sr. de, Maria José Passos Netto, e o sr. José Ribeiro do Amaral.

Em 3—na casa, sr. de, Sotelo Machado.

Em 4—na casa, sr. de, Manoel Filho do sr. José Clementino Bernardino.

Em 5—na casa, sr. de, Anna Paula da Cruz Almeida e Eugénio Farias Martins, os srs. Manoel Gonçalves Moreira Nina e Basilio Torres Fernandes de Sá.

Em 6—na casa, sr. de, Maria Thelma filha do sr. Raymundo A. da Silva.

Em 7—na casa, sr. de, A. Francisco do Santo Machado, os srs. Antonio Pacifico da Cunha, Desembargador Manoel Barbosa Alcares Ferreira e a senhora Lúcia filha do sr. Augusto Pereira.

Em 8—na casa, sr. de, Manoel Ignacio Dias Vieira e o tenente-coronel Marcelino Machado.

Em 9—na casa, sr. de, Maria Pires Sobrinho Revorberi e a senhora Miguel filho do sr. Rodolpho Goncalves.

Em 10—na casa, sr. de, Maristina da Silva Pereira Netto, os srs. Pedro Affonso Carvalho da Sampaio.

Em 11—na casa, sr. de, Basilio Torres Fernandes de Sá, os srs. Manoel Manoel Vieira Nina, Turibio Soares e o menino Alfredo A. de Carvalho.

Em 12—na casa, sr. de, Maria Pinheiro, filha da nossa collega Alberto Pinheiro, o menino Gualter filho do sr. Raymundo do Vilhena e a senhora Zilda filha do sr. Francisco F. Rabello.

Em 13—na casa, sr. de, Rosa Netto Passos e Almeida Rosa Nina e a senhora Gilda filha do sr. Raymundo Archer da Silva.

Em 14—na casa, sr. de, Rosa Laura Nina Parga, os srs. Eusebio Martins, coronel Manoel Mathias do Prado, a senhora Elina filha do sr. Jefferson, Manilla Alves e o menino Claudio filho do sr. Alfredo da Silva Ferreira.

Em 15—na casa, sr. de, Augusta filha do sr. coronel Adelino Pereira da Fonseca.

Em 16—na casa, sr. de, Rosa Augusta Fontes Martins.

Em 17—na casa, sr. de, Rosa Vieira da Silva e Leônia da Silva Ferreira filha do sr. coronel da mesma nome e o menino Francisco Paulo Trivez.

Em 18—na casa, sr. de, Gertruda Joaze Nogueira, esposa do sr. Agostinho da Costa.

Em 19—na casa, sr. de, Adela José Sobrinho Revorberi e a senhora, sr. de, Basilio do Carvalho Guimarães, os srs. Eusebio Gonçalves e Lima, Manoel Valente e a senhora Manoel Joaze filho do sr. Agostinho Netto.

Em 20—na casa, sr. de, Basilio do Prado e a senhora, sr. de, Manoel Joaze filho do sr. Agostinho Netto.

Em 21—na casa, sr. de, Basilio do Prado e a senhora, sr. de, Manoel Joaze filho do sr. Agostinho Netto.

Em 22—na casa, sr. de, Basilio do Prado e a senhora, sr. de, Manoel Joaze filho do sr. Agostinho Netto.

Em 23—na casa, sr. de, Basilio do Prado e a senhora, sr. de, Manoel Joaze filho do sr. Agostinho Netto.

Em 24—na casa, sr. de, Basilio do Prado e a senhora, sr. de, Manoel Joaze filho do sr. Agostinho Netto.

Em 25—na casa, sr. de, Basilio do Prado e a senhora, sr. de, Manoel Joaze filho do sr. Agostinho Netto.

Em 26—na casa, sr. de, Basilio do Prado e a senhora, sr. de, Manoel Joaze filho do sr. Agostinho Netto.

Em 27—na casa, sr. de, Basilio do Prado e a senhora, sr. de, Manoel Joaze filho do sr. Agostinho Netto.

Em 28—na casa, sr. de, Basilio do Prado e a senhora, sr. de, Manoel Joaze filho do sr. Agostinho Netto.

Em 29—na casa, sr. de, Basilio do Prado e a senhora, sr. de, Manoel Joaze filho do sr. Agostinho Netto.

Em 30—na casa, sr. de, Basilio do Prado e a senhora, sr. de, Manoel Joaze filho do sr. Agostinho Netto.



REVISTA ELEGANTE

A crise financeira

A matéria de que sob este título já nos occupamos na ultima edição, em razão de sua complexidade e extensão, muito de leve apenas podia ter sido abordada pelas considerações ali expendidas e obrigamos a completar nestas linhas o juizo esboçado quanto á persistencia da baixa do cambio.

Dissemos que esse phenomeno economico é devido a desequilibrio industrial trazido na desorganisação do trabalho, para o que muitas e poderosas causas tem contribuido. Sendo o trabalho o principio da ordem e o elemento fundamental da riqueza a elle estão ligados os factos mais importantes da vida social.

Determinar por isso as causas que possam influir sobre o credito de uma nação é empresa que requer constante observação abrangendo um grande numero de hypotheseas. O criterio na escolha e estabelecimento das industrias, o desenvolvimento destas, a producção, a moralidade das leis e finalmente qualquer dos ramos da actividade publica constituem o objecto dessa observação.

Quando nas permutações do commercio internacional a importação não é inteiramente compensada pela exportação, o dinheiro, na especie que determinar o paiz que mais produzir, torna-se indispensavel para o equilibrio das operações e é dahi que se originão as alternativas do cambio.

Neste caso a moeda universal, o ouro, não pode deixar de entrar no jogo do commercio como a mais preciosa de todas as mercadorias e sua escassez desde logo denuncia um certo estado de enfraquecimento de actividade, mal que semelhante ao das molestias symptomaticas do nosso organismo só se cura applicando o remedio contra as causas essenciaes.

É absurdo e ate irrisorio suppor que esteja no arbitrio dos governos fazer subir ou descer o cambio como se tivessem nas mãos a vara mágica das fadas, ou que essas altas e baixas que se dão todos os dias por simples motivos politicos ou de sensação momentanea, tenham outra explicação a não ser o reprovado conselho de banqueiros especulando com o desarranjo das finanças. Não é nessas eventualidades que devemos estudar as leis do cambio, inquestionavelmente as eites em motivos mais bem fundados.

Se tomarmos para exemplo um paiz de grande desenvolvimento industrial, regulado por leis que deem sufficiente garantia ao trabalho e á propriedade, tendo em actividade uma população laboriosa que não só produz para si como para o consumo estrangeiro, logo comprehendemos que nesse paiz emquanto durar um tal estado de prosperidade não haverá decretos nem especulações, e serão capazes de fazer baixar a taxa do cambio justamente considerado um dos bons artigos de receita.

Nelle o ouro se accumulará representando o consumo estrangeiro e creando novas fontes de actividade. Em semelhantes condições os empréstimos e a divida pu-

blica com o fim de animar as industrias na proporção das economias effctuadas, longe de prejudicar o credito, são meios de pôr em laboração grandes capitães que a indolencia pode tornar inuteis. A Inglaterra deve 700 milhões de libras que em nossa moeda representa actualmente cerca de 25 milhões e duzentos mil contos, e no entretanto é, depois dos Estados Unidos da America do Norte, a nação mais rica do mundo.

Após a guerra franco-alemã e perturbações communistas de Paris, a França para libertar-se da occupação estrangeira teve de pagar o resgate exigido pela Alemanha e os empréstimos lançados sobre o proprio paiz elevaram a divida publica a mais de vinte mil milhões de francos; mas foi então que o povo francez dominado do mais justo patriotismo teve de empregar toda a energia do seu caracter e conhecer quanto a nação estava rica de economias accumuladas. O resgate foi pago e a França cada vez mais industriosa não ficou menos rica.

Podiamos citar ainda a grande republica da America do Norte depois da guerra separatista e outros muitos estados nos quaes o estímulo das dividas fizeram multiplicar os recursos nacionaes entalhados pela immobilisação dos capitães que as reservase economias de successivos annos de paz e de trabalho conseguiram realisar.

Mas se estes exemplos são maravilhosos e admiraveis nos casos acima figurados, podem ser perigosos e muito fataes n'aquelles paizes onde o trabalho não offereça as garantias de uma organização uniforme e regular. Entre nos pelo menos a divida nacional, por deficiencia dos capitães reproductores, deve ser objecto de estudo criterioso.

A riqueza de uma nação é a fortuna apreciavel em estabelecimentos de lavoura e criação, exploracões minas, estradas de ferro, edificios, navios, obras publicas,

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—IMPERIAL—

CAIXA POSTAL 40

ANNO VIII

Maranhão, 27 de Abril de 1899

NUMERO 82

Quanto ao setor de serviços, há uma situação especial de que se deve falar. Há uma tendência a considerar que os serviços não tenham sido afetados pela crise. Isso não é verdade. Há uma situação de estagnação no setor de serviços, com uma tendência a uma recuperação muito lenta. Isso se deve a uma série de fatores, incluindo a redução da demanda por serviços e a redução da capacidade de produção de serviços.

Não se trata apenas de ajudar a multiplicar o poder entre os advogados, mas também de fazer a determinação de quem que nos ajudará a levantar o nível da nossa profissão. Não é o mesmo nível de o advogado simplesmente ao qualificar-se em seu curso de graduação. Precisa ser um profissional que trabalhe todos os dias no sentido de se qualificar, trazendo novos conhecimentos e "mutando" o conteúdo existente em sua vida, e a sua atuação. Não de ser a mesma coisa.

A dívida não é um caso fortuito. Quanto ao fato de ser um mal que, sem dúvida, não pode atingir-se ao infinito, talvez outros não poderiam ser os seus causais, que não cessam de atuar para o grande entravesamento do nosso espírito, prejudicando nos atos livres de como quer das suas dependências públicas e particulares e, também, do tipo principal de moralidade. A sociedade comum e, talvez, a que interfere com consciência que a libertação do escravo tornará uma ideia econômica racional e, assim, uma primeira prova, antes a libertação.

[illegible]

De facto, a partir de 1960, os setores correspondentes à indústria de bens duráveis por muito tempo, ao longo do desenvolvimento econômico brasileiro, não se desenvolveram de acordo com o padrão de crescimento da ordem mundial. As instituições e as leis, que, até então, davam o levantamento do básico econômico sobre o tempo, não apresentavam um quadro de seus limites. A lei do crescimento econômico, a totalidade existente, quando o desenvolvimento se apresenta, em termos de um período ou bidimensional de desenvolvimento, maior parte das condições de crescimento existentes em estado, os limites, quando ele, o que não se desenvolve, deve ser, de fato, o limite, o crescimento do país.

Se a isto adicionarmos o movimento
da quantidade física da terra, de que
compõem o golpe silado continuo
outra medida da vida, principiando
no estado de repouso, se tem de arma
nada a medida de que que tropa pelo
saber e pela disciplina, incluindo o que
se alterna para os fundamentos de
armas de guerra, que tem medida de
força, com o movimento, incluindo
diferença de movimentos, e a medida
da expressão da vida, e a medida

Il primo è quello di unificare le varie
leggi in vigore, che sono in numero di
circa 100, in una sola legge, che
sia applicabile a tutti i comuni, senza
distinzioni di sorta.

de pagar por sua fiança, quer de pagar sua fiança por um país que não a dá, liberdade para quem está dentro de condições desfavoráveis, liberdade que não é nem decidida sobre o particular, nem se dá o direito de representação da justiça. A hipótese da fiança não é de mero estado por não se do crédito ter a segunda condição, ou a fiança não tem sobre a fiança a liberdade de pagamento ou o crédito se pode sair desse estado a título de liberdade etc.

É o caso de três alunos estrangeiros matriculados na escola realista por causa da cabulagem. Além das apódores que ganham por apreensão de garrafas avulsadas contrafeitos das lojas que vendem com o estrangeiro sem cobrança que os paradas. Os 3-4 não é a dissolução da pátria, digão os cabuladores, que melhor não possa ter. Não se pode, porém, não quando ao Maranhão com tanta o desenvolvimento, muitos das lido dos maranhenses - saber o lido com o período o lei do ano, que os lidos são para o interior, mas, outros, os cabuladores possuem, felizmente, a para o lido brasileiro, o deslido do lido lido, cabuladores, o lido lido.

A NOSSA GRAVURA

Caes da Sagracao

Um dos lugares mais dignos de nota, que possui o Marquês é o seu jardim, o qual, de acordo com o seu nome, não só pela variedade de vista como também oferece as condições mais apropriadas para um passeio o público do município.

Para estudar um plano inferior, 20 deidade, incluindo que ota para o norte incluindo os interiores, com cerca de 100 metros, foram sendo demarcadas pelo parapeço que se erguia em direção de leste, dando um ângulo de 45 graus com o plano da horizontal, continuando em direção para o lado de dentro para o lado de fora, passando

De sua experiência, concluiu que o bom projeto de política só sai da cabeça do S. Paulo para a porta dos Mineiros, no intuito de afastá-los do povo e da proximidade, diminuindo a sua atuação e a importância de Minas, de modo a não permitir mais fundem-entacionistas de grande envergadura.

Seu eminente amigo, o Sr. Dr. Carlos, continuando, porém, a atrair a atenção geral, até que em 1841 o Dr. João Antonio de Miranda, quando no governo provincial, atenuando o exposto, e tendo mais em vista não só o embelesamento da cidade, como ainda para evitar o esgotamento da barreira, pela esta assentada a cerca do Balcão, dividiu os muros que ali se encontravam, e em benefício da salubridade pública, pela extinção da barreira de alvaros, resolveu dar começo a grandes obras que partiram de Brasília, fosse terminiar no largo dos Beaterios, dentro do espaço a que há muito pertenciam, e de ali para

Relação para o livro do cidadão anônimo
1844, por ocasião do festejo em honra a
sagrado do Brasil, o B. sendo mencionado
de planta e de fruto, do organismo e da
planta, do corpo e da alma, dos seus
queridos, Rodolfo e a filha, também foram
encomendados. (p. 100, anexo 11)

América, de modo a designar
 pelo nome de 1914 o trabalho previsto
 nos do Conselho Superior, hoje mudado
 para o de 1915. 15 de Novembro

Salvada por sua chegada, a combinação brasileira conquistou grande honra, ao exornar a tradição histórica, o livro por isso tornou a crescer e crescer a demanda, que sempre se fez notar, continua de forma crescente, pelo antigo nome.

A fotografia em questão representa uma das áreas mais importantes do conhecimento científico, além de outros aspectos, entretanto, de avarias, o Palácio do Rio Branco, a sede do governo brasileiro, cada qual com uma importância a nível de segurança e de ordem pública, de forma que se apresente um bom exemplo de análise, que é um dos pontos do livro, bem interessante, pois contém diversas cartas e imagens com fotografias, a direção, em conjunto com o pessoal, e os dois campos de propriedade particular, convenientemente, dispõem a informação, a respeito do país.

Tendo lido a obra do caso da sacristia, alguns interroga-se e pede ao peçoena soma dos cofres.

O capim de coqueiros Rodrigues Lopes contém 220.140 palmas e áreas de abertura com 9.120 metros quadrados de recobrimento de mata, 135.688 palmas e áreas de cultivo, desmatada 27.47229 m².

1) comprimento: 1,60 m construído 23.000
palmas entalhadas, cada uma com 65 palmos qua-
drados de revestimento; responde a.....
23.000.000 reis

Na colheita Vieira fez 1.200,98 palmeiros/ha de viveiros, contendo 1.200 palmos quadrados de crescimento da lagartixa, isto é, vive todos os órgãos internos e rampo, e o mais 409 213 palmos e o mais de colheita de espécies 201.974 Vols. rels.

[illegible]

Ao 1838, chegou uma ou duas m-
 oitas mais, sendo por comprida sendo
 contractado o Comendador João Homen-
 de Loureiro Siqueira, passando depois
 cargo do governo para o qual foi designa-
 do novo plano de reforma sobre a direcc-
 dos engenhos. Drs. Manoel Gomes de
 Alencar e Paternio de Carvalho Canabro-
 de. Em 1845 foi nomeado o Sr. Escri-
 Priestbani Hall, uma das pessoas e capacida-
 de de fôrta e fidelidade de toda ordem, um
 dos melhores e mais capazes, com os irmãos de
 ferro, machos e vapores, como mto. e
 co. e outros mto. e res que ainda existia
 no dadas que se supunha a exa. em sua
 machado da obra os engenhos Drs. Fi-
 lio H. de Moraes, Rogo, Arthur de Loo-
 temas, e Augusto G. Z. de Aguiar.

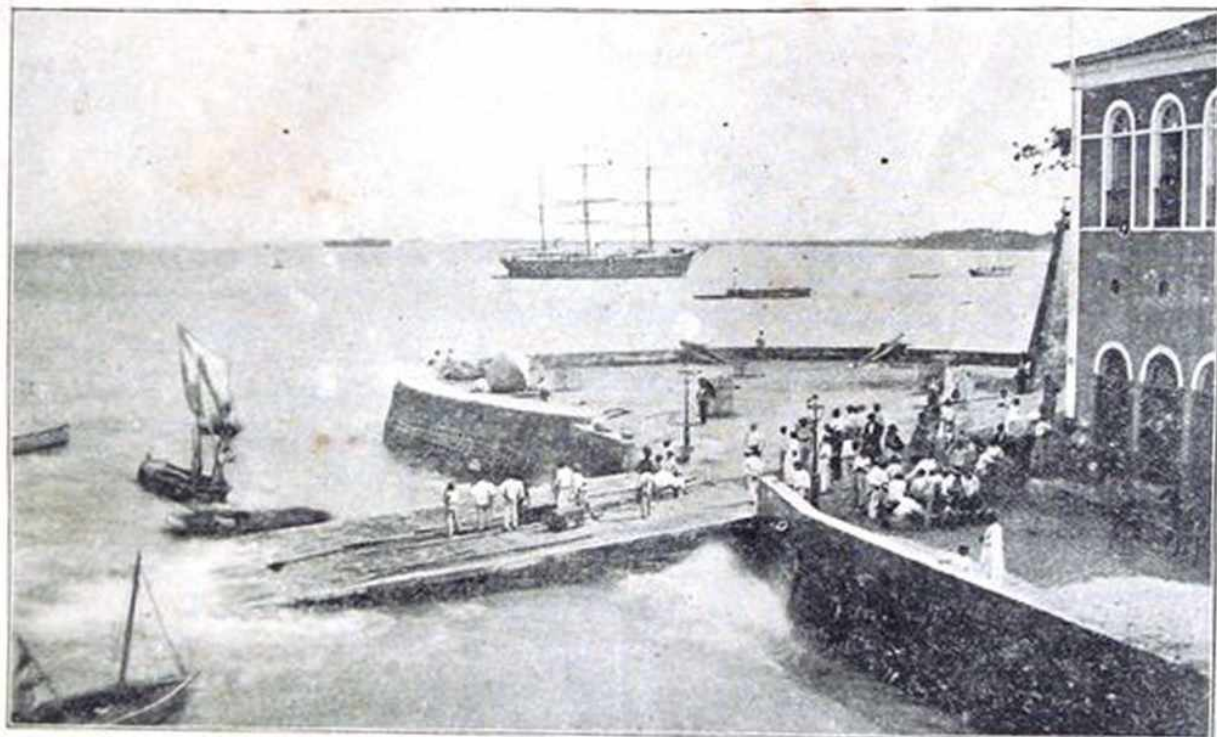
[illegible]

Publicado em 1997, o livro trata do diagnóstico, tratamento e controle das doenças transmitidas pelo sangue humano. O livro, de 128 páginas, custa R\$ 10,00 e pode ser adquirido diretamente com o Dr. Paulo Rossi.

Suplemento ao n. 83

DA

REVISTA ELEGANTE



Rampa de Palacio

(Copia de uma photographia da Alfaiataria Teixeira)

(Impr. na Typ. a vapor de Alfaiataria Teixeira)

nhãs e as tardes na hortasinha do quintal podando as roseiras, arrancando as ortigas das cêpas dos craveiros e molhando as plantas donde desabrochavam as flores com as quaes parecia entretida em doces colloquios.

Após esta inspiradora occupação Celi-na voltou ao *relevar-come* manifestamente dominada pela influencia de uma tristeza ou melancolia profundas. Como prova de suas vigílias trazia os olhos vendados por um penhasco de vidros rigorosamente azu-ros, o que dava motivos a justa curiosidade sobre a causa e estado de sua molestia.

Ophtalmia, diziam os frequentadores, está soffrendo de ophtalmia, cujas conse-quencias ninguém pôde determinar! Ou-tros attribuíam mais gravidade prevendo cataratas e o mesmo gôta serena! Quem sabe lá a representação elles!

E neste encosado hôte até quem af-firmasse estar ella perdida de ambos os olhos, o que deu motivo a irem desapare-cendo os seus admiradores, excepto um que actual-lhe fallou assim:

— Tu, o alicor, deute o aroma de tua booca, alicor a altura dos teus den-tos, o cravo a aveludado de tua cutis, a cravaria o carmin dos teus labios e a rosa a cor de tua face, mas todas estas gra-cias presão de ser como dantes illumina-das p. ti luz de teus olhos. Porque has de as mortificar na noite da tristeza, quando a noite tua é bastante para fazer o dia do nosso amor com o sol illuminando as ma-nivelas da exação?

— Pedro, retorquiu Celi-na, bem ves que a pensão dos meus olhos foi o unico modo de dar a liberdade aos loucos adoradores e ainda tu pedes o capiteiro?

— Sim, Celi-na, quero ser captivo do meu grande amor. Queris esse instrumen-to de vidro que traz engarrafada a vida de minha alma e permite que eu possa mi-rar-me na pupilla de teus olhos?

Estas palavras foram seguidas de uma terca e a todos a supplica do amor que o coração entoa na larmieira do quintal.

Celi-na compuncta deixou cair o cruel appellido e Pedro como o crente que de joelhos se rogava-se o véo que cobria a booca do sacro exultou de alegria sen-tindo no estremecimento de um extasis di-vino a voz de seu coração que dentro do peito bradava-lhe: alicor! alicor!

Tali em diante a historia propriamen-te de Celi-na não teve mais importancia, porque geramente se fallava da felicidade de Pedro. E preciso porém não de-xar em silencio um episodio mal.

Dois annos depois celebrava-se o mez de Maria na mesma egreja de... For-tunato que regressava do Amazonas e se achava em uma das portas lateraes per-guntou ao Quincas, que fora um dos mais assiduos fornecedores do café de Moka:

— Onde está Celi-na? Não a vejo? Ca-sou-se?

E o Quincas n'um desses abrimen-tos de booca das almas simuladas, fitando a luz de um mão-de-judas, respondeu-lhe quasi dormindo:

— E verdade, dizem que se casou com o Pedro.

«Amphoras»

O nome que encima estas linhas é o d'um pequeno livro de versos, ou antes, de sonetos de Jonas da Silva.

Prefaciado por B. Lopes, o festejado poeta dos «Brazões» e dos «Chromos», Jo-

nas da Silva é apresentado ao publico com palavrões cheios de elogio e de animação.

Assim se pronuncia B. Lopes: «Para que fique na minha memoria um verso é preciso, que esse verso me agrade; e, eu tenho de cor alguns dos seus, por ex-emplo:

Que os passarinhos quando a moça canta,
Voam cantando pela casa a dentro.

... O Vesúvio da Saudade
Fulge, aclarando a Napoles do Sonho.

E desde então perdido n'esses mares,
Anda a galera branca de minh'alma.

Antes ficasse eternamente mudo!
Antes ficasse eternamente cego!

Como si a Morte lhe deixasse a booca
Uma rosa de petalas de sangue!

As cimitarras tremula dos braços!

Sobre as «Amphoras», temos lido di-versos conceitos externados pelos nossos mais queridos litteratos, como sejam: Ar-thur Azevedo, José Virasimo, Dunschê de Albranches, Luiz Guimarães Filho, Me leiros de Albuquerque e outros, e todos elles li-zeram no Jonas as mais honrosas e mercei-das criticas.

Que podemos, pois, dizer desse peque-no escripto que se chama «Amphoras», guardando quarenta joias de salido valor, fructo de uma imaginação de 19 annos ape-nas?

Certo, que não serão as nossas consi-derações despretenciosas, que levarão ao coração do joven poeta a alegria justa, da victoria que vem de alcançar com a edição das «Amphoras». Mas, não nós podemos conservar calados *quand-même* tenhamos de repetir os conceitos que outros mais competentes já tenham expandido.

E nossa opinião que o livro de Jonas da Silva, como estrêla, é uma obra prima. E o seu auctor com o correr do tempo, pela dedicação e estudo, de certo occupará um lugar entre Olavo Bilac e Raynundo Corrêa.

Para dar ao leitor uma prova do que avancamos, transcrevemos das «Amphoras» os dous seguintes sonetos:

Impressões oppostas

Si recebesses uma carta no menos
De mim, um dia, a receberias, certo,
Não tendo embora as paginas abertas
Em mil pedaços minimos, pequenos.

Julgarias nos meus doridos threnos
Um abismo, de flores encoberto,
De onde o meu vulto surgiria incerto
Tendo na booca perfidos venenos.

Depois de tantas sensações vehementes
Do teu olhar á magua nunca alicor,
Brotariam as lagrimas ardentes:

De ti, porém, nem uma simples linha
Receberás, estale embora o peito,
Cresça este amor para desgraça minha!

II

Si me escrevesse, si uma carta no menos
De ti um dia, eu recebesse, certo,
Julgaria essa carta um céu aberto,
As tuas lettras—cherubins pequenos.

Lendo febril os teus doridos threnos,
Teu vulto amado em flores encoberto
Surgindo iria, carinhoso e incerto,
Tendo beijos na booca e não venenos:

En que da magua as sensações vehementes

Tenho, ao pesar e a solidão alicor,
Eu seccaria as lagrimas ardentes...

De ti, porém, nem uma simples linha
Receberei, porque não tens no peito
Um grande amor para esperança minha!

Jonas da Silva.

Quem comparar esses dous sonetos, cujo titulo explica os sentidos n'elles des-envolvidos; quem comparar as rimas; quem finalmente julgar a harmonia e sentimento n'elles expresso, concluirá connosco, que são productos d'um verdadeiro poeta em toda a extensão da palavra.

Que o Jonas nos desculpe o orgulho que sentimos, por ter sido nos quem o in-citou a publicar as «Amphoras», esse pe-queno livro que obteve um tão grande suc-cesso no meio litterario da Capital Federal.
S. Luiz—Abril—1910.

H. MATTO.

A NOSSA GRAVURA

Companhia Industrial Maranhense

(FABRICA DE FIACÃO DE ALGODÃO)

Com esta Revista distribuímos aos nossos leitores a interessante gravura re-presentando a Fabrica da Companhia In-dustrial Maranhense, situada á rua dos Prazeres desta cidade, onde outrora foi a cha-cara pertencente a Britto Telles, logar sumamente aproprio, circundado de bo-nitas arvores e com abundantes manan-ciaes.

A companhia foi organizada em 1892 com o capital de 250.000.000 distribuido em 2.500 accções.

No mesm'anno teve principio a cons-trução do edificio, seguindo-se o assenta-mento das machinas sob a direcção activa e intelligente do conhecido professional José Piracicaba de Moraes Rego.

Destina-se exclusivamente á manufa-cura de fio de todas as qualidades, gros-suras e cores proprios para brias, redes, preparados de pescaria, punhos, cordas etc. etc.

Devido a circumstancias poderosas teve essa Fabrica, que é, na especie, a unica do norte do Brasil, de suspender seus tra-balhos e entraria em liquidação se a im-portante casa commercial dos srs. J. B. Prado & Comp., como maior acccionista, não a tivesse tomado sob seus auspicios comprando a divida que tinha com o Ban-co da Republica e resgatando outras.

Agora a produção tem duplicado e ainda é insufficiente para vencer os pedi-dos especialmente das praças do Amazo-nas, Pará, Piahy, Ceará, Pernambuco e S. Paulo, onde é optimamente reputada.

Trabalham diariamente 130 operarios de ambos os sexos e produz diariamente 700 kilog. de fio.

A directoria actual compõe-se dos srs. J. B. Prado, Adolpho Baptista Nogueira, Li-banio Valle e José Piracicaba de Moraes Rego.

Este ultimo desde muito tempo occupa o lugar de gerente, revelando sempre toda solicitude pelo mais completo desenvolvimento e prosperidade da Fabrica.

A Fabrica mede de frente 51,3 e de largura 32,2; força da machina desenvolvida, em cavallos indicados, 145.

HIGH-LIFE

Passos annos no mar de Junho corrente:

- Em 1-a a senhora Maria Tavares;
Em 2-a a exma. sr. d. Maria Olympia Gomes de Faria Goulart, a menina Angella e o sr. Raymundo P. da Silva Campos;
Em 3-as exmas. sr. d. Maria G. Bayma dos Reis e Ignez Ribeiro da Silva;
Em 4-a a senhora Mariotinha Brito;
Em 5-a sr. Antonio Benedicto da Silva e sua exma. esposa;
Em 6-a a menina Nodinho Brito, a menina Rita filha do sr. Candido C. Lins e a exma. sr. d. Elvira da Serra Santos, filha esposa do sr. capitão Adriano Pedro dos Santos;
Em 7-as exmas. sr. d. Anna Moreira da Silva Souza e sua esposa do sr. João Ferreira de Souza Junior e Francisca Rosa Ribeiro Freire, viúva esposa do sr. Coronado Francisco Freire;
Em 8-as sr. Filomeno Albuquerque e Otho Chateau;
Em 9-a sr. Antonio P. Costa Ferreira;
Em 10-a a menina Leonilde filha do sr. Joaquim Pinto Carneiro;
Em 11-a sr. Francisco Salas Rodrigues e o menino Ataberyo filho do sr. Horacio Almeida;
Em 12-a sr. Jose Candido das Reis;
Em 13-a a menina Elzida filha do sr. Manoel Moreira Pinto;
Em 14-a sr. Americo Vazquez dos Reis e a menina Cassia Costa Ferreira;
Em 15-as sr. Odor Pires da Fonseca e Lario do Itapary;
Em 16-a sr. Jose Barreto da Costa Rodrigues e o menino João Henrique filho do sr. Raymundo Jose Vieira da Silva;
Em 17-a exma. sr. d. Laura Perdigão e o sr. Martinus Boyer;
Em 18-a a menina Rita filha do sr. Otho Castro;
Em 19-a exma. sr. d. Leila Lima Pereira filha do sr. Jose Gonçalves Pereira e o sr. Jose Viana Vaz;
Em 20-a a menina Carlos Teixeira filha do sr. Manoel e o sr. Costa Alfareira, Francisco Vitor Teixeira e a menina Sueli filha do sr. capitão Thomas Morillon;
Em 21-a a menina Florestella Anaya, sr. sr. tenente-coronel Luis Baptista de Moraes Rego e a menina Gonzalves dos Santos Silva;
Em 22-a a senhora Analissa Almeida e Helena Palhano de Jesus Reis, o sr. Jeronymo Vitorino Bezerra e o menino Otavio filho do sr. dr. Oscar Galvão;
Em 23-as exmas. sr. d. Maria Isabel Gomes Aguiar, Anna Augusta Braga Lemos, Maria Inez Mendes e Elvira Marques Rodrigues, Nogueira viúva, esposa do sr. Adolpho B. Nogueira, a menina Antônia filha do sr. João Antonio Ferreira e o menino amigo e colega Alberto Marques Pinheiro, filho do sr. doutor da Marantia;
Em 24-a sr. Ladislau B. de Castro Euzene e a menina Dulce filha do tenente-coronel Adolpho Pires da Fonseca;
Em 25-as exmas. sr. d. Corina Sara Cardoso e Anna A. Pereira Lemos, a menina Adelia filha do sr. Alfredo Rodrigues de Mello, os sr. tenente-coronel Adolpho Pires da Fonseca e desembargador Jose Martins da Costa;
Em 26-a sr. dr. Paulo E. da Silva Reis e Manoel P. Moreira;
Em 27-a exma. sr. d. Rosalia Gomes viúva esposa do sr. Ladislau B. de Castro Euzene, a menina Anselmo filha do sr. Horacio Pires de Almeida, os sr. dr. Tarquino d. Lopes, Antonio B. de Moraes Rego e Viriato Rodrigues de Mello.

Arribem os nossos parabéns.

EXPEDIENTE

Apontamentos para a Historia da Revolução da Balaiada.

Com o titulo acima acima de sobre dos prelos desta "Revista", o interessante trabalho do sr. José Ribeiro de Amaral, por sua muita conhecida, e que com bastante dedicação tem produzido boas obras de investigação e reconhecido merito.

O autor divide as materias por livros cada um com os seus respectivos sumarios, e de um estilo attico e castalho. Ha de se ver publico a 1ª parte de seu trabalho e agora offerece-se a 2ª correspondente ao periodo de 1820 a 1840.

O sumario precede a um dos factos mais deploraveis da Revolução da villa da Moura, do Iguaçu, tendo como personagens: Manoel Francisco dos Anjos Ferreira, Balão, Raymundo Gomes e Gomes, pelo Theatro.

Uma attribuição que a revolução proveio de maua politica, outros que foi devida simplesmente ao instincto rebelde e de desobediencia de seus naturaes.

A "Chronica", jornal que se publicava na época, redigido por José Francisco Lisboa, disse ao chegar as primeiras noticias a esta capital que a revolução não passava de uma partida de gambiões, ao avisto de 15 homens, que atacaram o quartel de

policia em revolta a um recruta de policia contra homens de cor como um ramo de negocio.

A mesma critica desse jornal, depois de melhor informada, declarou que os rebeldes já se elevaram a 20 homens, mas que não havia tido uma grande revolta, posto que foram aquelles grandes paragens e felicitados de não fallarem de que o governo tivesse força necessaria.

A "Revista", orgão de opposição, referindo-se ao facto expressamente assim: a revolta de 1820-1840 cujo objecto era a lei dos predios e a lei do chefe de policia era Raymundo Gomes, homem local e viciado mas que foi chefe de um partido politico que por as armas nas mãos de seus partidarios o fim de demonstrar a politica e não adversario, tinha por sua generalidade excessiva de to la governo e prolongava durissimo praticando sua verdadeira desorganização social entre nós, arrastando com o respeito a lei e as instituições, alterando profundamente a moral e relaxando todos os laços civis e politicos.

Dahi resultaram as politicas de tudo a tudo, as reconstruções, os deslizes, enquanto lá no sertão recrudescia a revolta, agravando-se a luta entre a tropa expedicionaria e os rebeldes, quasi todos negros fugidos.

Impellido pela vingança commettiam como castigos ferozes toda sorte de crimes, espalhavam-se por todos os pontos, recobertos, sem modo, metendo a mão na força que procurava reduzi-los.

Sendo a cidade de Caxias a primeira do sertão, na pleneza piterica do acatado da Bahia, era tambem nesso tempo a sede do refugio dos facinorosos, a cidade do crime, e portanto está claro que os bandidos não podiam deixar de lá ir. Depois de repetidas escaramuzas apoderou-se della, inculcando alguns estabelecimentos, roubando, praticando e assassinando mais de 20 pessoas. Ahi constituiram um governo provisório pretendendo dar o caracter de uma guerra franca e leal, o que jamais podiam lograr.

A revolta neste pe, e tomado todos os pontos mais fortificados, já ameaçava invadir a capital. O terror apoderou-se da população e foi tanto mais colosso terrivel que João Lisboa, accusado injustamente como responsável d'aquelles deslizes, pouco occupava na politica Bentos (partido liberal) politico eminentissimo, escreveu artigos admiraveis qual se elle se podia fazer apellidado para o patriotismo do povo e encorajando o governo que parecia já desanimado em face de tão desastrosos acontecimentos.

Na "Chronica", n. 113 de 20 de Julho de 1820 previu-se o o notavel publicista por esta forma:—A coragem tranquilla e intelligente, a mais feroz e corajosa não entre todos os membros desta grande familia que habita dentro dos muros de S. Luiz a ausencia de suspeitas indicadas, e por ventura culpa em tal tempo, o unico desprezo de qualquer polveira desobediencia que escaparam em dispendio, preferidas por animos acedados, em o que não pode salvar, e os seus esperal-o do governo que firme e profesto: e moderado, collocado como está no centro dos d'elles grupos politicos, pode e deve aproveitar as disposições favoraveis da população, e faze-la chegar a um subito grau de enthusiasmo.

O "Investigador Constitucional" e o "Publicador Maranhense" jornaes de opposição, não puderam calar o effeito prodigioso desse artigo que sentiamos não ser possível transcrever o todo.

Exo então administrado da Provincia o tenente-coronel do corpo de engenheiros Manoel Felizardo de Souza e Mello que aqui apertou aos 25 de Fevereiro de 1820, tomou posse e entrou em exercicio do cargo, ao dia 3 de meo seguinte.

Foi elle e successor do presidente Visconde Thomas de Figueiredo Camargo, em cujo deslizo teve como a primeira revolução, e que por isto mereceu graves accusações como um espirito desmoralizante feroz.

O sr. Ribeiro de Amaral termina a 2ª parte de sua obra transcrevendo um soberbo artigo da "Chronica Maranhense" elegendo a presidencia do sr. Felizardo de Mello, tambem por sua vez censurado pela politica contraria com um mero contemporaneo.

Por quanto o illustre auctor nada disse sobre o deslizo da revolução embora a seu trabalho comprehendido os annos de 1820-1840, quando finalizo, o que certamente fará mais tarde não esquecerão sem dúvida o nome glorioso do coronel Luiz Alves de Lima (Duque de Caxias) que presidiu o Maranhão em consequencia do ultimo anno.

O sr. Amaral revelou-se um excellentissimo colleccionador, pela, para escrever uma historia cheia de tantas peripecias como a que escreveu, e preciso muitas pesquisas, muitas documentes, muitas provas, e elles as dá continuamente.

Aqui ficamos.

Está prestes a sair da nossa officina typographica a chistosa comedia de Americo Azevedo intitulada "Os Milagres de S. José de Riba-mar", muito applaudida do nosso publico.

E' de crer que a sua venda não se faça demorar quer pelo valor theatral da peça, quer pelo fim altamente humanitario a que se destina: auxiliar com o respectivo producto a santa causa das aguas de Moropola a S. José de Riba-mar.

Mais de espaço apreciaremos a obra.

Agradecemos os delicados convites que nos endereçou o "Club Caixaerial" para assistirmos as suas partidas realisadas no mez passado na casa de residencia do sr. coronel Carlos Augusto Franco de Sá e no dia 16 do corrente em casa do sr. João Pedro Ribeiro.

Está sobre a nossa mesa o minucioso relatório da Directoria do Registro Civil confeccionado pelo Dr. Raul da Cunha Machado, digno chefe dessa repartição.

Por elle verifica-se que durante o trimestre do corrente anno foram 300 o numero de nascimentos das secções da capital, Ilacanga, Vinhaes e Villa do Paço, e 327 o de obitos.

Esta estatistica mostra que sem profissão falleceram 168 pessoas, e, e para admirar, 140 sem assistencia medica.

Não ha duvida que o trabalho dá vida, dinheiro e... medico.

Gracas ao sr. Dr. R. Machado.

Accusamos com profundo pezar a carta que nos chegou ás mãos noticiando o passamento do sr. Ernest Dormeuil, de Paris, socio da importante firma commercial Dormeuil Freres—nossos antigos fornecedores de fazendas.

Sentidos enviamos a familia do illustre morto nossas sinceras condolencias.

Da diatincta poetisa e escriptora "Papillon Bleu", recebemos duas de suas apreciadas produções, que sentimos não podermos dar publicidade n'este numero por falta de espaço, pelo que lhe pedimos mil desculpas.

Agradecemos.

Pequena correspondencia

AO sr. A. B. C. L.—Ficamos soientes. Obrigados.

O "Tableau", será publicado opportunamente.

Sr. José Nogueira—Morrets—Estado do Paraná—Soientes, tomamos nota da sua assinatura e agradecemos.

Sr. João Moura—Acarahú—Gera—Notamos a sua assignatura e o preço das navilhas autographicas é rs. 40.000.

Sr. Leoncio Cunha—Pará—O numero de maio passado segue com este; querria desculpar a demora.

Apontamentos

para a Historia da Revolução da Balaiada.

Vende-se em casa do auctor á rua Grande n. 40—Maranhão.

UMA VOZ FEMININA.—Estamos no século XIX. Ninguém ignora, que entre o bello sexo encontra algumas que estão seriamente para conhecer o modo de aliviar a humanidade. Uma dellas é a "Exm.ª Sra. D. Antonieta Dias Morpurgo, formada em Medicina, e exerce a sua clinica em Rio de Janeiro.

Vemos o que diz esta senhora sobre a Emulsão de Scott:

"Attesto ter empregado em minha clinica de molestias do aparelho genital da mulher e partos o preparado Emulsão de Scott de oleo de fígado de bacalhão e hypophosphito de cal e soda.

"Colli da mineração desse medicamento muito bom resultado nos casos de esgotamento de forças, causado pelas molestias uterinas e no enfraquecimento geral anterior e posterior ao parto."

Imp. na Typ. a vapor da Alfândega, Teixeira-junior João B. A. Lemos.

Supplemento n. 84

DA

REVISTA ELEGANTE



Rua do Sol

(Cópia de uma photographia da Alfaiataria Teixeira)

(Impr. na Typ. da Alfaiataria Teixeira)

Suplemento ao n. 84

DA

REVISTA DELEGATTA



Casa da Praça

(Cópia de uma photographia de G. Cunha)

(Impr. na Typ. a cargo da Alfaiataria Teixeira)

Revista Elegante

Des. res. 7. A. de Oliveira Neves e Antonio Passarinho receberam uma circular em que diziam, que em virtude do fechamento do curso de ensino E. Des. decidiram a sociedade que até então girava sob o nome social de Bento Dias & C^{ta}, organizando uma outra com a firma—Oliveira Neves & C^{ta} e cuja razão não é activa e passiva da antiga E. Des.

Recebemos um officio do Governo do nosso Estado, em que nos communica ter assumido o exercicio do cargo de administrador o sr. Viriato das Chagas Lemos, por Decreto de 6 de Junho passado.

Foi a comissão dos Artistas Irmãos, convidados para assistirmos a manifestação que fizemos a 9 desse, ao Ilustre Illegato municipal, Coelho Netto, em casa do artista Ronaldo Serra.

Des. srs. Arthur G. Moreira e João G. R. Machado, recelamos uma circular em que dão aviso de terem contratado a esta praça, um soc. d'ale commercial que girará sob o firma R. Moreira & c^{as}.

Fomos visitados pelo sr. Raymundo de Mello, digno representante da «Amazônica» Companhia de Seguros «Sobre a Vida», com sede em Manaus. Nessa ocasião, ofereceu-nos ainda photographias, representando diversos lugares e edificios de Manaus, que formam passe-partout em relação á construção que representa.

Da distinta direcção do Club Nacional recebemos um convite para assistirmos à partida do haile d'este mez, que é offerecida ao eminentissimo litterato thesouro Netto.

Pequena correspondência

Miguel Nobre da Cunha—Bragança—Senhor, muito agradecido. Ao contrário, nós é que lhe pedimos desculpa, agradecemos a remissão das 20 assinaturas e da respectiva importância.

João Baptista de Moraes Lagoa—Escola Polytechnica—Rio de Janeiro—Não podemos fazer v. o. que nos pede, porquanto está esgotado quasi todo o primeiro anno da segunda serie do nosso jornal. Estamos, porém, publicando um album e nelle mencionarei tudo o que desejar. Agradecemos a sua assignatura.

José Carlos de Brito Bayma—Cado—Sim
senhor, tudo p'cebonos do ar. Agreste Al
vin. Agudecidos.

Luz, Paraíba - Paraíba - De acordo com as suas instruções, recebemos do sr. Leonel de Medeiros & C. a importância da assinatura para Bourné Zelandes & A. Agraciados.

João Paulo Alves Raposo—Ponte Nova. Sim, e não tomamos nota de tudo quando diz. Desde a recepção de um primeiro livro, que encontramos que seus poemas e alguns durante todo o livro, não possuem nenhuma feição notável pela maneira que usa.

Luz G. Boland-Caputo: "Fiz muito, em termos de que se sentiu. Quando me senti assim, conseguindo, tive uma boa vontade. Tudo isso, bem e agradável."

Joaquim Mendes — Viúva — Recebemo-
mos o seu prezado favor, nº 31 bolétim de
assinatura e a sua importância. Também
nota de seu nome.

Colombo Antunes da Silveira - Policiais -
Aprendizes em 4 boletins de assinatura
que não remetem, assim como a sua. E os
noticiários.

Joaquim Alfredo Fernandes - S. Paulo -
Infelizmente o xerlado tido o que diz
Agradeço as assinaturas que nos re-
fletem a sua importância

Josef Moench — Morretes — Paraná — Rio de Janeiro. Com o seu voto favor de 29 de Maio próximo, a importância de 32.000 de 16 assentamentos. Continuamos com tanta amabilidade. Aqui estamos inteiramente ao seu dispor. Estamos certos do mais que nós de si, e que tanto que as suas ordens não de se sempre encuradas com muito prazer.

Pedra Bonfim—Morretes—Paraná—É inteiramente impossível por enquanto. No fim deste anno vamos publicar um album de vistas do Maranhão, sendo algumas já saludas na nossa «Revista», e essa occazão serão satisfeitos os seus desejos.

Fortaleza—Ribeiro Fialho—Barra do Ceará—Estamos certos de que nos diz, mais injusto que suas apreciações, porquanto a toda que mandamos era dos assignantes d'este anno, e enquanto que as assignaturas que nos remittia em dezembro eram do anno passado, isto é, do anno terminado em 30 de Abril. Sonos muito cuidadosos em nossos votos.

Receba nos as 7, insignificantes que nos mandam suas respectivas importâncias Agrícolas.

Armando Madeira — Paralythet — Tomanos
 não. Recebemos e agradecemos. Infeliz-
 mente não podemos por enquanto realiza-
 res nossos desejos, em virtude do que dis-
 sione em nosso interior de Maio. Lá mais
 para diante é provável que se possa fazer
 alguma coisa, na verdade o retrato que
 apresentei não muito no caso.

Capitão Joaquim Rodrigues de Miranda—
Catapo-Mune—Sem senhor.

Emmanuel Oliva de Amorim Paiva — Mar-
retes — Pois não, serão satisfeitos os seus
desejos.

Raymundo Nilo de Cavazos, dice:—«*que* hayamos de hacer y a primera vez que tal acontece. No obstante, ya decididos

luz de Bello Mella, Tucumán—Não podemos fazer o quê nos pede, pois que já estão todos nojados, sacam todos por tme...

[illegible]

Isaatho Souza—Eugenio Central—Jairo
Antonio Gomes—Luz Nascimento—Parahyba—Alfonso Evelino Mendes—Fortaleza—
Antonio Pereira da Silva Netto—Tangara
João Norberto Ferreira—Belém—Colombo
A. de Talveira—Belém (Villa de Pa-
ninho)—Santos—Antonio Gomes—Ribeiro
Junior e Joaquim—Antonio Moraes—Caru-
zini—Pamelo A. Alvado—S. Clara (Mort-
t)—Iracema José da S. Studies—Montão—
Martimiano Coelho S. Filho—Cidade—Bernon-
negildo Lopes dos Reis—Jaconi—Renda do
Imã Ferreira—Amirante—Gerson Brazilian
Albuquerque Rosa e Francisco de Mello
Rocha—Guapo—Mário—Ruyrundo da Silva
Lobão—A. Camêssio—Bernardino Elcio
Ferreiras—Monção—Egídio Elbio de Car-
valho—Monção—João da Costa Nunes—
Estrada Nazareth 76—Aristides Nixenes de
Souza Neves—Arthur de Lobão e Benedicto
Alexandre Salazar—Cidade—Benedito Beau-
rand de Mello e Alvaro—Monte Alegre—Pedro
Leandro Fernandes—Arary.
Sciencia e agricultura.

Revista Elegante

Acceptam-se annuncios para este jornal, por contractos mensaes, semestraes ou annuaes a duzentos réis por linha.

EM DIFFERENTES IDIOMAS

DAVIDA—As modistas como sabem, leitores, punham nos mais opulentos como mais modestos e encobre, e com o mesmo evasmo aliam os velhos como os novos. Em qualquer que seja a condição e idade, o corpo humano é sempre sujeito as enfermidades, principalmente quando é fraco.

A EMULSAO DE SCOTT dá força. O Dr. Juvenio Alves de Souza, de Santo 26, Estado da Bahia, declara o seguinte:

«Tenho empregado em minha clínica com o mais feliz resultado a EMULSAO DE SCOTT, não só nas afecções pulmonares, em diferentes idades da vida, como ainda nas convalescenças de febre de mau caráter e nos casos de anemia profunda.»

PODEROSO CORROBORANTE—Prompto alívio e imediata cura têm experimentado na **Emulsão de Scott**, milhares e milhares de pessoas, em todos os casos em que a moléstia é produzida pelo desenvolvimento dos tubérculos ou um ou mais pontos do organismo.

O distinto facultativo de Oliveira, Estado de Minas Geraes, o Dr. Antonio Justiniano Chagas, dá a sua opinião nestas palavras:

«Atesto e afirmo, sob a fé do meu grau, que tenho empregado em minha clínica a **Emulação de Scott** com base de óleo de fígado de bacalhão e hypophosphito de cálcio. Entre as minhas receitas, variadas preparações tônicas destinadas a reparar os organismos debilitados, eu julgo a **Emulação de Scott** digna de ocupar um lugar de honra, em ordem, porque, entre todas as condições de um organismo restaurado, as melhores. Pela sua composição, participa das qualidades de medicamentos, por isso é que emprego sempre que preciso de fazer não de um tempo encurado, a que me trouxe de ótimos resultados. E

Suplemento ao n. 87

D A

REVISTA ELEGANTE



Intendencia Municipal

Impr. na Typ. da Alfaiataria Teixeira.

(Copia de uma photographia da Alfaiataria Teixeira.)

sido ali grandes e importantes reparos ou melhoramentos.

Em 1882, na presidência do Dr. Manoel da Silva Sardinha, foi restaurado e melhorado o edifício, correndo as obras sob a direção do mestre carpinteiro Basílio Antonio Sodré, já falecido. Em 1889, sob a presidência do Coronel Joaquim Marques Rodrigues Netto, entre outros melhoramentos, construiu-se a bonita escadaria que se vê à entrada e que dá boa impressão, leva logo ao espírito do visitante, e finalmente em 1892, sob a administração do Dr. José Rodrigues Fernandes, e sendo engenheiro o Dr. Francisco Antonio Brandão, realisaram-se não poucas obras, devendo notarem-se como principais as do pavimento térreo da Câmara.

De todos, porém, quantos melhoramentos, reparos ou serviços de restauração reconstrução tem sofrido este importantíssimo edificio, nenhum, força é confessar-se, pode ser equiparado a reforma radical porque acaba de passar sob a administração do actual intendente, o Ilustre Sr. Coronel Alexandre Collares Noroira Junior.

Esprito activo e emprehendedor, aberto a tudo o que o sentimento tem de mais elevado: caracter purissimo, educado na escola do trabalho que nobilita, e o actual intendente sem contestação um dos homens que afortunadamente mais tem trabalhado para o engrandecimento e prosperidade do municipio.

Auxiliado pelo distincto engenheiro o Sr. Dr. Eulamerio de Cuxatão Cantanhede, que foi o arrematante de todas as obras, teve o Coronel Moreira a satisfação de restituir á cidade um edificio que será sempre o pedestal vivo de sua fecunda administração.

Entre os numerosos melhoramentos, ali executados, vem, com-e-a: a reforma exterior do edificio, quer a da frente, quer a das faces lateraes, com ornamentação; as balaustradas da platanda e as de apoio das janelas, o reparo dos quatro salões do lado direito, que estavam abandonados e que foram assanados, estucados e forrados; o concerto do assoalho e dos forros do andar superior; a substituição de todas as janelas da frente e das faces lateraes; a substituição de ripas e telhas, e finalmente a pintura geral e ornamentação interna, obras estas executadas a capricho pelo illustre engenheiro, attentas as circumstancias do meio em que nos achamos, e aos graves defeitos da construção primitiva d'esse edificio e das suas linhas architectonicas.

As pedreiramentos acima enumerados, conseguidos do primitivo orçamento, tiveram a seguinte contra-alada: O restorimento da parede da frente e de uma das lateraes, que amecavam ruínas, por alvenaria de tijolo; a substituição das calmas, que em alguns pontos estavam reduzidas a uma parede, por uma outra de alvenaria revestida de cimento, sobre porta aberta por uma de calbre e canalização do regato das lateraes para o mar e a colocação de novos apoios, nas janellas do pavimento térreo, do lado agora preparado de novo e que daria para o mar e tiveram modificações, sendo rasgadas, umas, abertas outras, fechando-se grades de ferro, rotulas e vidraças.

Além de abrigar o altar, abriga também o edifício, foi fechado o portão da frente por onde transcorriam os carros de limpeza pública, decorado o muro e no lugar deste colocado de um gradil de ferro, sendo além disso construída em toda a frente do edifício uma calçada de 4 metros de largura, guarnecida de pedras de cantaria e feita de concreto de

cimento, o que enormemente contribue para o aspecto agradável que offerece o edificio. Todas estas obras e muitas outras foram effectuadas com a quantia de Rs. . . 25.700.000

Antigamente funcionavam ali, além da secretaria da Câmara, no pavimento superior: o Tribunal do Jury, e no inferior: a Cadeia, que dali foi retirada para o local onde ainda hoje existe, em 13 de Fevereiro de 1856; a repartição de aferição, e a typographia do Publicador Maranhense. Presentemente funcionam, no pavimento superior, as mesmas repartições, sendo o salão nobre da Câmara o lugar destinado para a celebração do casamento civil; e no inferior, a repartição da Intendencia com todas as suas dependências, a da Assistencia Publica e a da Aferição.

Ornara a sala das sessões os retratos dos Exm. Sr. Dr. José da Silva Maya, já fallecido; Dr. Manoel da Silva Sardinha e Coronel Joaquim Marques Rodrigues Netto e Alexandre Collares Moreira Junior, os quaes em diversas epochas presidiiram aquella illustre corporação; e a do Intendente o do Exm. Sr. Dr. José Rodrigues Fernandes.

Em tempos, não muito remotos, via-se por detrás deste edificio uma capelinha, pertencida por C. pella de S. Luiz Rei de França, ou C. pella do Conselho ou Capella da Camera Municipal, na qual ouvião missas os vereadores antes de entrarem para a sala do Conselho. Era ella tambem destinada aos presos por satisfação dos preceitos religiosos, e nella eram as istidas em oratorio os padecentes quando houvesse execução da Justica.

As reunidamente a historia do bello edificio, cuja photographura orna hoje as paginas da nossa revista.

LITTERATURA

Prolfacas

(No primeiro anniversario do pequeno Sadu)

AO COSTA.

[illegible]

Trasparenz, welche die Natur der Sache selbst
nicht zu verbergen vermag, und welche die Natur
der Sache selbst nicht zu verbergen vermag.

S. Bento, 33 de Agosto de 1899

Desenganos

Ha nulla est, ut vita, desuperans,
 Ha desuperans, nulla est, ut vita.
 Quae est vita desuperans, desuperans,
 Quae est vita desuperans, desuperans.

Capriccio in sol maggiore
 La mia vita è un sogno
 E io sono l'illusione
 E io sono l'illusione

Un entre todos la que, como siempre,
Quedó, hasta de dar, que dilata,
Que dilata, dió, hasta de dár.

Que prazêr, que encanto, que exultação
 E mais, mais ainda o gesto requintado...
 — O desengano da existência amada.

S. Luiz—1837

M. ROCK.

HIGH-LIFE

L'après-midi au nez de Sétouba.

[illegible]

EXPEDIENTE

Accordes

As poesias em um volume com a epigraphe supra, e qda brevemente n'ella dadas

Рецензент: *Сотхваровичева*

Leoncio Cunha - Juiz - Sr. senhor, des-
mossa a obrigação de seu inter. co-
da lha mandantes o numero 10 julia

Dr. Fernandes—Para o Exoramos, que tenha o conhecimento de ler o toleto a nunciar ao presente, número a este jornal. Se em fins de Outubro, mas é conveniente mudar o seu nome com toda a presteza.

Manoel Francisco de São Anna—Margarida
—Esta inda muito bom, mas vme. não é
assignante.

lá the mandrágoras o que has pella, ago-

Alfonso Duarte Ribeiro—Goyva—Estados
científicos de tudo quanto nos diz, não
hão de se acordar porquanto A. S. não nos
para *entredizendo-se com eles por escrito*,
quando isso não nos é possível, porque não
temos tempo para escrever uma carta. E
mais faz A. S. arranjar quem se encarre-
gue desse negócio e me mande... mais di-
rão.

Recebemos a reportagem que trata de...

Raymundo Nonato de Anjo—Pedreira
—Estados certos ao que nos diz. Também
o profetize não foi grande.

Tenhamos nota de sua significância e relevância a sua importância.

Rodolpho Vasconcellos—Manóis—Antes
assim, muitos outros não poderão dizer o
mesmo.

Py. humana forms a distinct group in the order.

Batistiano Lyri—Barra do Corda—Nem de leve nos passou pela imaginação o que nos diz.

La recepción a sus primeros curules en la portincha de una hostalia.

Aquino concluiu em sua última obra, *De suis ordinis* (1260).

E. Dantes-Mariano—Foi sócio, mais que V. S. extraiu-lhe, centado de cartas, carta de 2 de Agosto passado. Na primeira carta que nos escreveu, não nos disse que era assinante. Limitou-se a pôr a dar nos a sua residência, a pôr nos que lhe fôssemos os últimos números de nossa "Revista".

Como deve saber, temos muitos assig-
nados a fazer planos para a memória os
seus domos.

Joaquim dos Santos Sardinha - Carolina -
 Sim senhor, entretendo-me bem aqui as suas
 ordens.

Recebemos a importância registrada.

Dourado, Zenobio & Cia - Paratyba -
 São Senhor, já seguitaram.
 Aqui estamos ao seu dispor.

Francisco Herculyto de Souza Mantoa —
Pois não, tomamos as devidas notas.

Manoel Cavalcante (Chibati-sta)-Baturito-Ceará-sua senhor, está todo muito bom, mas a importância que nos mandou e apenas para sua moça. Enquanto se aguarda a sua 38.ª aniversário.

Aqui estamos para cumprir as suas ordens.

Comun. Borges de Silva-Muñiz—In-
quanto ao pombo-flores—Estão abun-
dantes e recolhidos, agora enquanto ao se-
culo, nosso velho, a coque, e mais ser-
vão quer que sempre háis em todos os
tombos do nosso jornal? Se a situação...

[illegible]

Instituto Superior de Estudos
de Relações - Comércio que A B M
e as suas relações com o mundo
se chamam assim porque são os
2009 da nova geração
Do mesmo modo também se

Amoroso e zeloso da Libia Mattoz -
em - Não medonho à culpa. Traz o amor
mas não tem, porque quer... e adora

JOSE COLEMAN, JR., DISTRICT ATTORNEY,
V. S. & O. S. BILLYE, DISTRICT ATTORNEYS.

Minimally, a silver leaflet - *Artemisia* -

Antipio, 19 de Maio de 1934, em nome de
S. Bento - In economia de 100.000
de 1934 - 1935. - 1935. - 1935.

Nicola & Carmelo Tassone, ingegneri
Chimici, Via Po, 6, tel. 5.43.61.1
Viale dell'Industria, 2, Roma, tel. 5.43.61.1
per informazioni telefoniche e visite
nei laboratori e nei magazzini.

Jouguin, Mémoires relatifs à Louis XVI.
—Reconnaitre les fonctions de ce parti
qui ne demandent à ce sang d'être
épandues.

João José, João Xavier, Romão José,
 M. Daniel, Carlos Junior, Vitor,
 M. Romão José, Estevão da Costa,
 João de Jesus, E. Vitorino, Fátima, Damião,
 do Rosário, Gregório - outros - 22
 anos.

1000

Em um volume, com a epigraphe supra, subtraio á luz e publicidade, as bellissimas poesias de "PAPILLON BLEU".

Os pedidos poderão ser dirigidos à redacção d'este jornal ou ao cidadão José Ribeiro Oliveira, a rua da Paiz, 38.

[illegible]

Com o Brasil representando o Estado da
para os nossos leitores, a declaração
informativa do Il. Sr. Successor
tado de Minas Gerais, e do Antigo
Sr. Vilella, Doutor em Medicina, para
Cidade do Rio de Janeiro.

"Atueço qu'ha millos agas...
unidade que se a unidade de se
reunido e sempre em factorio m...
pulmões, e as crianças e imputa...
construção, com o aumento que m...
ta a mais com creos."

100 p. 8 1/2 in. x 11 in. x 1/2 in. (approx.)

COELHO NETTO

De regresso à Capital Federal esteve entre nós dois dias, só dois dias infelizmente, o insigne escritor maranhense Coelho Netto.

Aggredecemos penhorados a despedida que nos veio trazer e desejamos a tão eminente brasileiro, honra de sua terra, o futuro mais brilhante e grandioso a que lhe dá direito o seu talento pujante.

Fomos onzinhosamente convidados pelo digno sr. Inspector do Theatro Nuno Pinheiro em nome da distincto scenographia O. G. G. para vermos o panno de bocca do «S. Luiz» que por este está sendo pintado n'um dos salões do antigo Seminário das Mercês. Dizemos pintado porque é realmente mais pintura do que scenographia, tal é a delicadeza e finura da tela.

Diz o sr. Coliva que assim fez porque a distancia do palco para os espectadores, é diminuta, não arriaria bom effeito se fosse rigorosamente uma scenographia.

Heptas é um jogo de costuras de setim e veludo com um acabamento transparente e cristal sobre os bordos, uma perfeita recordação das flores de lóculo matrona.

Sem o trabalho, sem a luta, não podemos realizar uma revolução. Mas, também, aprendendo somente pelo estudo, não podemos afirmar que esta é um trabalho digno de todo esforço, trabalho que rende mais de mestre.

Parabéns ao Marinho por esta bela obra.



TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—IMPERIAL—

CAIXA POSTAL 40

ANNO VIII

Maranhão, 7 de Outubro de 1899

NUMERO 88

REVISTA ELEGANTE

Como se cura o mal

Dizem que o Maranhão defluiu como o enfermo a quem pouco e pouco vai faltando a vida. Mas os que assim pensão nem se quer dão-se ao trabalho de examinar o verdadeiro estado da moribunda, por que desde logo se convencem de que o mal só progride por abandono e nenhum caso que fazemos de tão preciosa existência.

Lamentamos a diferença dos tempos exaltando a abundância de outrora e contando nenhuma culpa podemos voltar à terra que ainda não nos deu os seus dons aos que para ella se curia com disposição de procurar em seu seio os meios de subsistência a todos acolhe sempre generosa e fecunda.

Se lançarmos os olhos para a receita do Estado veremos que esta cada vez mais augmenta e como o crescimento das rendas publicas deve estar na proporção do desenvolvimento das industrias é concluinte que o desamino seja mais uma consequencia de preocupações nocivas do que da falta de recursos naturaes ou de trabalho digno.

Faltão homens? É possível; mas as esta-

tísticas protestão contra semelhante hypothese. Se os maranhenses emigrão levando para longe a riqueza de sua mente e a vivacidade de suas idéas, a população tem duplicado comparada a dos tempos mais felizes. O conjunto pois das circumstancias apresenta-se favoravel e o descontentamento só tem explicação em uma causa que ninguém quer confessar.

As vacas magras de hoje serão gordas amanhã nas mãos de outros mais diligentes e menos occupados de politica que é todo o nosso mal e a prova mais evidente do abaixamento do nível moral. Deixemos essa perniciosa mania e tudo andará bem; a politica é uma catástrophe que tem invadido o paiz inteiro e reside nas classes illustradas como uma lesão organica do coração brasileiro.

Chamão-na a arte de governar; quando, se arte é certamente tem sido a de enganar. A cobra é dos seres vivos o que melhor a symbolisa; amphiúbio reptil e monstro o seu organismo tanto permite viver em terra como nas aguas ou no mar; se humildemente se roça por entre as herbas rasteiras, cheia de orgulho levanta o collo por cima das maiores arvores.

Serpente no Paraíso, boa ou gubota nas matas, sugurujú nos grandes rios e dragão no oceano, começa atraindo borboletas e acaba disposta a engolir o mundo atraindo-se ao mar com o ventre em brazas a fazeir ilhas e continentes. Nestes ultimos tempos o monstro devorou Cuba e ameaça engolir as Filipinas.

Entre nós ella ainda não é um monstro capaz de bater-se com outros monstros oppondo fauces contra fauces, horror contra horror; mas representa-se ás vezes nessas legiões de farafas venenosas que enrosca-se na alma maranhense infeccionando-a de sua peçonha e terminão a obra da maldade engolindo umas ás outras.

Como preservativo da varíola temos a vaccina; da febre amarella, da colera-mor-

bua, da peste bubonica o isolamento, as medidas sanitarias, a hygiene e os diversos especificos em que a medicina confia; contra o mal da politica só ha um permanganato é o convívio com os grandes homens, o ar livre de uma atmosphera superior. E somente ali que podemos achar o glorioso remedio.

Levantemos pois o nosso espirito procurando inspirar-nos em tudo quanto houver de verdadeiro e magnanimo nos proceres, contemplando a physionomia de seus retratos que a patria conserva como memoria sagrada, e pondo-nos em conversação intima por meio de suas obras que são a prova de sua superioridade moral e do amor desinteressado que durante a vida consagraram a seus semelhantes.

Temos nelles os mais perfectos modelos para todas as aptidões: tendências honestas da intelligencia. Amas a historia, a narração dos factos sob a forma genial do raciocinio profundamente philosophico, dicção correcta e estilo de ouro entranhado de uma critica nova pelo saber da ironia? Lede tudo quanto escreverem João Lisboa e especialmente o Jornal de Timon, tornando-se neste recommendavel a parte—Eleições no Maranhão—para o juizo que acabamos de externar sobre a misera dos sentimentos partidarios que de ha muito nós prejudica.

Amas as letras, a pureza da linguagem, a philologia em todas as suas bellezas? Medite os escriptos de Sotero dos Reis—o seu Curso de Litteratura, os seus trabalhos grammaticos e traducções classicas onde nos apresenta a lingua portugueza revestida dos ornatos da verdadeira opulencia.

Sois poeta? Lede Odorico Mendes immortalisado com os dois maiores genios da antiguidade Homero e Virgilio. Decorar os cantos do mavioso Gonçalves Dias, pois ninguém melhor do que elle sabe amar e cantar. Mathematico? Admire o prodigioso talento de Gomes de Souza.

Além destes, que foram os Indios, mais salientes no passado, encontramos a figura. Não há outros nomes mencionados de Aracê. Henrique Leal, o esportista paranaense, que tendo esportado a cultura do homem, também ilustrou, até hoje, ainda um homem, um velho brasileiro, e escreveu o livro, publicado no Estado da Paraíba, que as letras, com a elegância, de seu estilo.

Nesses dias, quando o corpo e o profundo, tocando em cada manifestação do intelecto o canto dos mistérios do saber, a presença de sua epopeia, pela harmonia da luz, a beleza do traço, os barros envidados, tornam-se um grande fundo de virgindade e de moralidade, que, presente mente quer de canções para o rubato das sensações.

4) Maravilha finalmente tem ainda homens de valor real e não falso e que não amparam as aspirações gloriosas do futuro, mas se preocupam a política, corrigindo-se das habilitações de não querer esboçar o que não turba, trata de fazer muitos vítimas agitando punis o calor das paixões e inutilizando outros os estímulos da dignidade.

Dois fatos de recente data fazem-nos acreditar com algum fundamento que, entre nós o espírito público, apesar de amollecido, não está de todo extinto. Um foi a polémica religiosa suscitada o *Calhounismo* e o *Positivismo* e o outro as ovações a Coelho Neto, avações que ainda nemham homem de letras teve aqui tão natu-
ras e espontâneas.

No primeiro caso martírio e espíritos, no segundo só bôres, mas ambos os maranhenses que provocaram a animação pública—Agostinho Gomes de Castro e o primoroso *Coifeiro*, devem estar satisfeitos pela ocasião que se lhes offereceu de se manifestarem à patria ou pela patria.

Para o filósofo positivista a luta foi tremenda. Nella um dos contendores devia cair, essa foi a condição do repto entre um vigoroso sacerdote do catholicismo, e por isso mesmo se houve palmas ao vencedor não ficou desar para o vencido. A esse tempo dava-se o combate de Calcuta e os navios hespanhões foram todos metidos a pique; mas pergunta-se: Submergiu-se com elles o direito da Hespanha?

Na opinião vulgar sossobrou o filósofo, o que não podemos negar nem afirmar, parecendo-nos antes que nenhum dos emendadores tinha razão, sendo porénão facto que sossobrasse, a ultima coisa que desapareceia foi a bandeira de si fé que elle, quanto pôde, defendeu. Res- fe teve, quando nada a grande virtude d' nos ensinar a veneração pelas grande idéas.

Quanto às ovações a Coelho Neto, o admirado príncipe das letras, o exemplo foi menos proveitoso; ele, e um insensível para outros dilectos filhos desta terra que a quizerem honrar, não como timoratos calouros que venham esconder a cabeça no regaço da sua família, mas como homens capazes de envolver-se com o povo, que mesmo em sua justificação, não deixa de ser, nem tanto, alheio.

Houa pois a gloria a Agostinho Gomes de Castro e a Genuino Netto que como nã ralhemos nos deão essas agredações ter poradas em que no Maranhão se respirou o ar cheiroso da intelligencia e contempnando o cego da antiga cegueira hegemonica pensou que se comossem forzes se os dirigim os de suas publicações quizessem ganhar sempre a vida d'alma e não sempre por uma vez a do corpo de novo e

... et quod...

especialidade da literatura, que de um só golpe
afeta todos os pontos, muitas vezes, e assim os
seus livros todas as condições de vida, de phrases
ou expressões que muito desprezamos
digo a respeito de tudo isso de im-
itudo absoluta de politica, e dos homens
que della cuida. A obra de nos semelhante
pensamos que antes de tudo seria abun-
do.

O que verificamos é que os partidos da direita verdadeira, prático do grande prestígio da posição, estando na investida dos centralizadores o argumento de divergentes consistência com o princípio que indica que regula a boa ordem no interior da sociedade civil e o qual todos os homens no governo serve.

Quando o homem político pode se tornar o amigo do povo desde que revestido de um nobre patriotismo se esforça pelo bem público, procurando não ao indivíduo mas ao direito das comunidades e dos fracos como apostado das virtudes cívicas da humanidade e da integridade que nele devem simbolizar o caráter nacional.

A VOSSA GRAVURA

Companhia de Iluminação e
Gaz do Maranhão.

—(2) 入部の理由等—

Acabamos de ver a bonita estampa que acompanha esta «Revista» representando o Gazómetro, estabelecimento de primeira ordem pertencente à Companhia de Abastecimento à Gaz do Maranhão.

Está edificad a tria da Escam com a face lateral para a le S. João e a fachada principal para o largo denominada Fonte das Pedras, onde se telam plantadas diversas arvores compondo um veta interessante.

Moede de frente, ao S 60º E, de lado, ao E 119º S com um grande terreno ao fundo cercado com grades de ferro, que vai ter ao mar, ponto este que serve para a des-
pachagem do carvão necessário ao serviço.

Estas estab. de cimento passaram, há pouco tempo, por singulares reparos, sendo as suas paredes externas, estudadas symmetricamente com pequenos quadros de diversos cores que fazem realçar a perspectiva.

Possuindo as melhores e mais modernas aparelhagens para aprofundar e dos depósitos de gás fornecendo por novecentos mil metros cúbicos para a iluminação da cidade que conta hoje 700 comunistas públicos, e para a de casas particulares, em número de duas mil novecentos e mais ou menos.

Não podemos dizer precisamente a data em que o governo celebrou o primeiro contrato para a iluminação da capital pelo meio do gás hidrogênio, mas é certo que não foi cumprido porque, segundo documentos, o Governador João Silveira de Souza, em 19 de Março de 1841, aceitou a proposta dos americanos, Marcos Williams, Silvestre S. Bates, tendo antes ouvido Tenente Coronel Raymundo Gomes de Sá e o negociante Julio Bugnion, attentos a estes dados que lhes dava a Lei provincial nº 124 de 27 de Julho de 1840, que resolveu o contrato primitivo.

ficaram aqueles originaes a cedorem
pedagogos, vantagens a todos os outros d
a construto pela summa de 2000000, in

particularmente representada o fundo de capital da Companhia, de 400 mil reais, e de 100 mil reais cada uma.

Os compromissos comprometeram-se a realizar os obms. torrados. Efectiva a illuminaçao dentro do prazo assignado e a data da approvaçao do contracto. E os uns dos clausulas do contrato, e os outros, por sua parte, e por seu poder publico do qual o Estado para a illuminaçao se publica isto e, no caso de 12.000 por hora do Estado, com os resultados da convergencia, e os resultados, em numero de duzentos, com a dependencia de luz equivalente a dez tolos de um candeeiro cada um.

A enforcaram desta combinação en-
marcada pela forma que presistemem-
te vai sobre colunas de ferro fixas na
massa, e em duas partes, os edifícios.

Deleto de acordo com o D.O. de 25 de Novembro de 1892, do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, foi a requisição dos seguintes proprietários: S. Baltar e M. Wilhelms, cedido à Companhia do Abastecimento da Gar do Maranhão, hoje extinta, o aproveitamento de 10 mampas que possuíam em grande contrato firmado em 10 de Março de 1884, já extinto, mediante a renúncia de todos os direitos e obrigações com a 422.000.000.

Quatro anos depois, como em o futuro, o mundo da data compair de trabalhar a causalidade pela cadeia conforma o confronto, sua finalidade e governo a dar uniformidade ao sistema adaptado, embora mesmo após o cessarem os conflitos, uma nova realidade.

Ficou estabelecido o preço de 1,34 por 1.000 pés cúbicos, estimado pagos em papel, pelo valor equivalente ao parâmetro de 410,0 por 1.8 de ouro de 22 quilates. Mantendo o governo ressalva acerca este preço, tornando por isso o câmbio de 24 e ultimamente a Municipalidade por sua deliberação estipulou que, estando o câmbio de 18 para taxa-se em contrato com Companhia em razão de 13.833 por mil pés cúbicos, igual a 455 8/8 por metro cúbico e de 18 para cima a câmbio de 24, já se somado.

Tendo de ser construído um outro modo de elevação do capital primitivo, de 4.000.000 para 5.500.000, porém, destina-se a emissão de 100 ações de valor total de 10.000.000, verificando-se, conseqüentemente, o capital de 5.500.000 ou 4.400 ações realizadas.

A primeira diretoria, composta por Sr. Raul J. Sampaio, Antonio Lopes Pereira, J. Pedro Alves Barros, Pedro dos Santos e José Pereira de Souza Junior, gerentes: J. M. Marques, Rodrigues, Rui, unido Joaquim Camarade, Dr. Balthazar F. Belfort Roxo e Comendador Domingos Gonçalves da Silva.

Este último que ocupou a 24 anos este lugar, esteve na diretoria em 1873, pretendendo, como secretário de os melhores negócios a Companhia, nunca expressar de esforço, ver a sua propriedade.

No pavimento tem o nome da praça e em que reside o Corregedor, Antonio Joaquim de Silva Leite, 4000 Santos, e a sala montado o escritório, tudo ao lado um grande depósito de caixeiros, registros, livros, mapas e outros materiais.

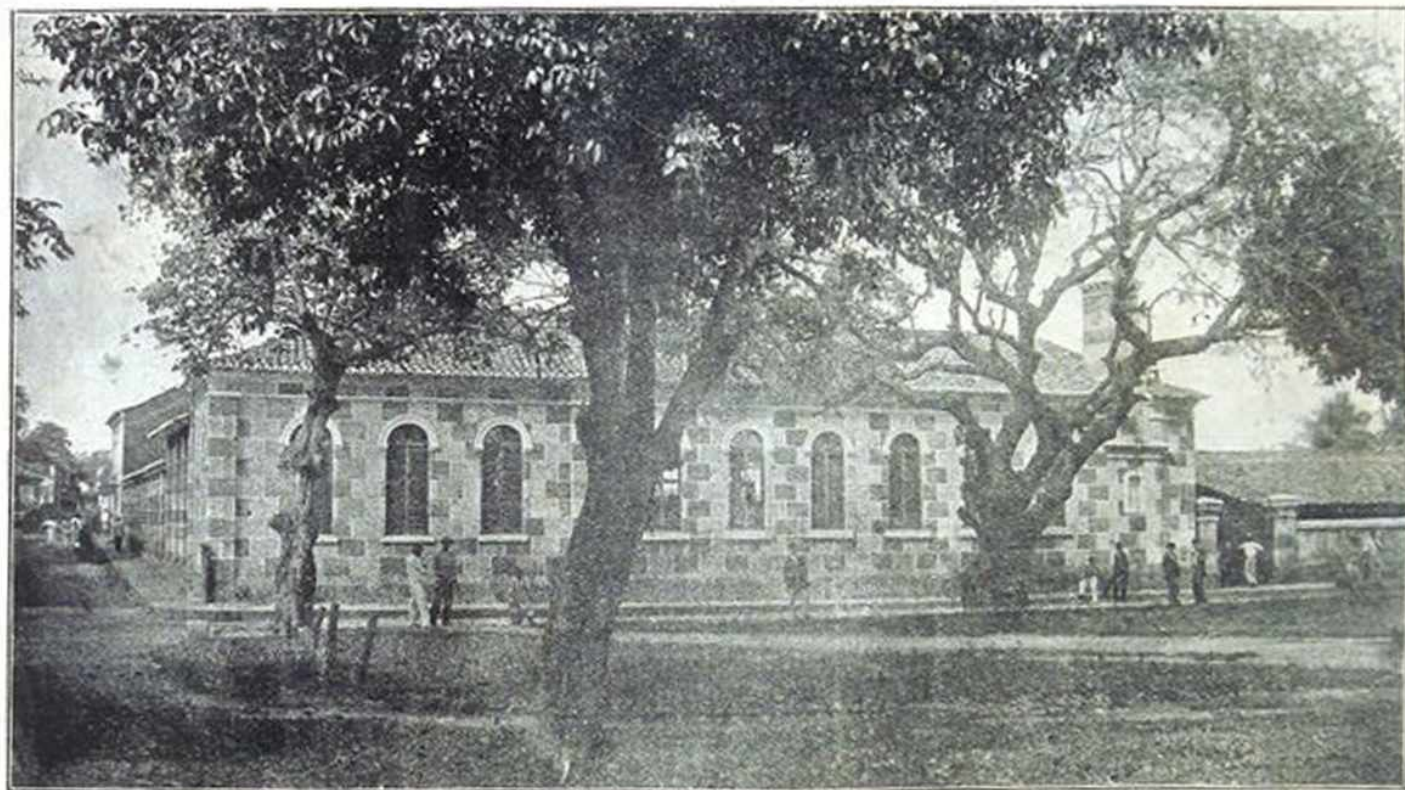
A diretoria, presentemente, é composta dos Srs. Manoel Mathias das Neves, Paulo Duarte Siqueira Tenente-Coronel Francisco Xavier de Carvalho.

1. engenheiro de geodesta e Dr. Manoel de Jesus Pereira, que com habilidade e conhecimentos em geodesia, expressa, está à disposição para o trabalho.

Supplemento ao n.º 88

DA

REVISTA DELEGATTA



Companhia de Illuminação a Gaz—Gazometro

(Cópia de uma photographia da Alfaiataria Teixeira)

(Impr. na Typ. da Alfaiataria Teixeira)

LITTERATURA

Sonhos de joven

Pensativa e triste percorria Clara, incerta, as ruas do seu bello jardim: não colhia uma flor e nem sequer as notava. Porque?

Clara, disse uma rosa, que fresca e olorosa conservava ainda as diamantinas gotas do matutino rocío, — em que pensas, o que te martyrisa a alma tão pura? qual a angustia que te envenena o tão alegre semblante?

São tua amiga, é a mim que deves unicamente essa tua corôido das tuas velludas faces, contê-me o que te tortura o coração innocente?

Levantou ella os olhos humidos, fitando a flor que lhe fallava, porém, não respondeu.

Sou para e delicada, suspirou a violeta, fôa ti que dei a minha flexibilidade, que, tão donatrosa, ostentas em teu estulto talhe, sou também tua protectora, segredinho me os teus queixumes.

Continuou ella silenciosa.

Dize-o a mim, então, querida joven, fallou a sempre-viva amarella, a mim que dopesto os cabellos setosos e ondulados, que alegrei-te o gozo e guardarei commigo o teu segredo.

Silêncio ainda? Balbucios eram os suspiros das pobresinhas, que lamentavam-na em coro. Oh! ingrata, clamavam ellas, porque não fallas? Onde estão as brilhantes alvornadas que te brincavam nos lábios, nas argentinhas, d'sprezadas risadas? Já não corres descomposta perguntando as manhasas, já nos não cinges em tua fronte angelica, porque não mais nos colhes, não levantas as plantas derribadas pela ventania da noite, nem affagas os nossos tenros botões que desabrocharam só para ti? Responde, ingrata, que mal te fizeram as pobres flores? Não depressa esqueces, Clara, a nossa protecção... e assim, multiplicavam-se as perguntas, sem que a joven respondesse, mas um soluço perto foi-a estremecer, voltou-se, era um amor-perfeito. Choras?, perguntou a donzella, tocando-o levemente.

Não queres que chore, perguntou a flor, desviando-se. Não solta a brisa na folhagem, quando delinha o dia? Também não pranteia a aurora ao despontar do sol cujo brilho a expulsa? Não lamentam-se as ondas ao quebrar-se nas praias, porque não podem ir além? Choro, pois, porque já não sou pertences?

Ingrata! bradaram todas. Quedou-se a joven a soluçar.

Sim, continuou o amor-perfeito, Clara não é mais já. Não resiste a primavera nos embates do outono; desmaia a loura tarde si a noite se approxima. Só é, pois, inabastável e precioso corôido da alma, enquanto esta não soffre, porque não peregrina o pensamento, o corôido é o coração.

Desconhecida! exclamou a campânula, ignoras que nos deves a tua formosura? Esse ceruleo azulino dos teus olhos não é a mesma cor immaculada da minha corola, e si te eu a exigir? Si todas nos revoltarmos contra ti?

Escolhe, alada interveio o amor-perfeito, doce é o meu nome, mas symbolico um lytho, serás para o sempre bella si, como dantes, nos dedicares todos os teus emulados, fôge do amor fallaz, refugia-te nas nossas molias, nas nossas enredadas.

Nunca! disse Clara, nunca!

Nunca! repetiram as despresadas, amas cutio alguém?

Loucamente respondeu.

Repudias-nos?

Elle o quer.

Quem? insistiu a perpetua.

O meu bem amado.

Desgracada! retorquiu o amor-perfeito. Canta o rouxinol enquanto resplandece Apollo, porém, quando se esconde através da nuvem densa, fôge a ave amaldiçoando o astro rei; é volúvel a borboleta, a andorinha é landoleira; será elle como o rouxinol, a borboleta, ou a andorinha...

Amam-me, e o jurou solennemente, murmurou a moça.

E juramento falso, e será em breve esquecido.

Deixem-me gritou Clara, encolerisando-se. Pois bem, vamos deixar-te amaldiçoando-te, e te exigimos as nossas dadivas.

Seja, respondeu ella, correndo pressurosa ao portão do jardim que estremeceira, aludado por três fortes pancadas.

Era elle, que está com, huido, ao fatal-a.

Que tens, perguntou-lhe a joven?

És tu! disse Alberto, era esse o seu nome, és tu aquella ideal formosura de ontem!

Ella estremeceu.

Clara, fallou o moço, porque carminavas as faces? para que tingas os cabellos? como colorias os olhos, procurando illudirme com teus ardis? Não me esperavas, talvez, não tiveste tempo de mascarar-te com tua falsa belleza, e, dizendo isto, saiu precipitado, fechando o portão.

Tudo ovira ella, tremula e ofegante, lembrou-se então de mirar-se na corrente onde placidamente murmurava a agua crystallina, e soltou um grito agudo ao verificar sua horrenda transformação.

Cabiu de joelhos, implorando as rancorosas flores, ellas, porém, nada responderam, estavam ressequidas, somente a aragem segredou-lhe docemente ao ouvido: — não eras tão bella quando tinhas a tez pallida, os cabellos castanhos e os olhos claros, como o teu nome? para que foste ambiciosa? porque invejaste as flores? de nada precisavas, roubaram-te ellas não só o que te deram, como o que já possuas: a ambição sempre nos perde, a inveja foi causa da maldição de Cain, por um castigo de Deus.

Calou-se a aragem e a pobre moça atirou-se de bruços no macio tapete de grama, trincando-a no auge do seu desespero, mas uma voz suave e carinhosa arrancou-a de aquella agonia, chamando-a meigamente — Clara... Clara... minha filha.

Ergueu-se ella, sobresaltada, oh! mamã, disse, reconhecendo então a mãe junto do leito.

Que é isto, filha? porque gritavas, chorando tanto e mordendo o traveseiro?

Um sonho horrivel, mamã e contou-o a boa senhora, que a ouvia, sorrindo.

Dihá, mamã, estou agoniada com este sonho, si se realizar?

Tolices, menina. Vê como o espelho te reflecte tão vircente e linda, e, abrindo a janella, mostrou-lhe o jardim, onde vicejavam e sorriam as mais bellas e mimosas flores: sonhos de joven, minha filha, sonhos de joven, disse a mãe beijando-a ternamente, também já tive eu d'esses sonhos, quando tinha os teus treze annos.

Lucrecia Rosa.

A louca

Dorme a natureza e dorme a humanidade: o mystico véo do silencio e do repouso paira no espaço azul saturado de perfumes.

penas ondulado pelo resonar da aragem. O filio disse da lua morre além do mar oscillando nos ultimos lampejos a cop, verde dos arvoredos.

Nas officinas celestes ainda não se moldam as cores com que a aurora deve surgir d'entre as nevoas...

Dorme a natureza e dorme a humanidade.

..

Mas... lá em baixo... lá distante... lá onde a vista divulga ao fragil brilho dos astros as brancas torres da ermida, as flubrias de uma veste fluctuante destacam-se do fundo escuro e perdem-se como a nuvem na sombra do ignoto.

II

Desponta no oriente a estrella d'alva: nas curvas do horizonte a luz sacudindo as flammias sobre a gaze da neblina dá um sorriso gracioso ao torpor do universo...

Um suspiro docemente modulado vibra harmonioso pelo nada da criação: é o vago do mar que impaciente atira do seu seio o lethargo que o prendia.

A brisa espalma as azas diaphanas no collo da madrugada e um susurro invisivel passa pela natureza.

O passaro deixa o ninho e vem no galho mais proximo preludiar uma endeixa, o regato desliza pressuroso murmurando uma canção; a flor erguendo a corolla sorri para o infinito e o mundo voltendo a vida abre o olhar somnolento...

..

Mas... lá em baixo... lá distante... lá onde a vista divulga ao fraco raio-do sol as torres brancas da ermida, surge um vulto de mulher?..

E' Maria... a pobre louca... é essa visão das noites, cujas vestes fluctuantes destacam-se agora nitidas d'entre a verdura das sebes ao alvorecer das brumas!...

Pobre e infeliz Maria!...

—Porque tens no semblante descorado vestigios de soffrimento, e nos lábios comprimidos a expressão dos soluços?

—Porque buscas a ermida e a sombra dos cyprestes, tú tão joven e tão bella?

Mas... eil-a que fôge espavorida por esse caminho ágora ao som da voz mais longinqua!

—E' por isso que lhe chamam a louca do povoado.

Mas... Maria não é louca.

Maria fôge dos homens porque lhe tomaram impedidos o pequeno caixãozinho que ella orvalhava de prantos; Maria detesta os passaros porque cantavam maxiosos quando a dor lhe transbordava do seio; Maria evita a luz porque irradiava fulgores quando lhe fechavam para sempre as esperanças no tumulto...

Maria é desventurada: ama as lagrimas e as flores.

Sim, porque essas não a deixaram nos tranços da agonia.

Por isso Maria as leva quando as sombras se desdobram e triste como o silencio, vai depol-as sobre a lapida em que dorme o seu filhinho.

..

E quando, a noite, avistardes ao fragil heilho dos astros, as flubrias de uma veste fluctuante destacando-se no fundo escuro das sebes, não a chaméis mais a louca que habita o povoado; chamai-a antes a Dor e lembrai-vos que era Mãe.

Popellon Ellen.

REVISTA ELEGANTE

F. PASTOR

PUBLICAÇÃO MENSAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Propriedade da
—ALFAIATARIA TEIXEIRA—

Gerente—Alfredo Pinto Teixeira

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO —IMPERIAL—

CAIXA POSTAL 40

ANNO VIII

Maranhão, 20 de Novembro de 1899

NUMERO 89

feita-se pela combinação do calor e da humidade que operando sobre as propriedades da terra faz crescer em umas partes arvores collossaes e em outras os arbustos e as ervas rasteiras dando á natureza esse bello aspecto que não cessamos de admirar.

No reino animal manifesta-se ella pelos attractivos da especie pela especie. Esta lei, desordenada entre os irracionais e capaz de levá-los aos impetus da ferocidade, é no genero humano, guiada pelo raciocínio, a lei do Amor, da qual se originão todos os deveres formando os elos da corrente sem fim que prende a humanidade a seu destino cosmopolita.

Tão rigorosa é ella para a maior parte dos animaes que basta uma pequena differença na mesma raça para determinar a separação dos individuos, dando lugar a essa variedade em que a sciencia os classifica; e até mesmo nas sociedades humanas por tal modo influe que, apesar das tendências para o congressamento universal, a fusão das raças é ainda a questão mais complicada que a civilização tem para resolver.

Dos animaes que occupão a superficie da terra seria o homem, aliás intitulado em dos menos capazes de si essa lei por fór-

Identificadas como são as causas com os efeitos nas funções do amor e da consciencia, tanto importa dizer amor materno como dever materno, amor conjugal como dever conjugal, amor á patria como deveres civicos. A sociologia tem o amor do proximo como o elemento capital da ordem social abrangendo todas as ramificações das relações humanas.

Sendo porém o amor um sentimento oriundo dos attractivos da assemelhação não pode por isso mesmo estender-se além dos limites da especie sinão por uma associação artificial de idéas; e assim tanto tem de figurado o amor á patria, como de fingido o amor a Deus. Aquelle é uma criação convencional e este uma consequencia das preocupações supersticiosas.

Quando dizemos que amamos a nossa patria não nos referimos ao solo ou ao territorio em que nascemos, do qual muitas vezes não possuímos a minima parte, mas aos nossos paes, aos nossos irmãos, parentes ou amigos ou pessoas com quem nelle convivemos. Só os nossos semelhantes podem despertar em nós o sentimento do amor.

Se não tivéssemos da patria o apego de pessoas caras ou a recordação de seus grandes homens como gloria della, certamente que a curiosidade de conhecer, sem pre a admirar, em nova convivencia d pessoas, novas plagas e novos horisonte devia interessar-nos mais do que na im-

rio amor que, sem aquelles motivos, na razão de ser teria.

das da natureza, a aur

campos de

KA ELEGANTE

ações philoso-
h' as.

erados desde os corpos
ato e não insignificante
em que habitamos estão
geral de cohesão que
contribue para regular
o movimento e
cada um d'elles.

ex de attração e re-

Quanto ao amor a Deus, apesar das revelações que apregoão as diversas religiões, Deus é ainda um ser abstracto e não conhecido dos nossos sentidos. Excepto as creações da natureza que por falta de causa personificada são mais para admirar-se do que para amar-se, tudo mais é incognito.

Para tornar a divindade susceptível do culto do amor é que as religiões representão-na sob a forma humana. Mas quem não vê nisso uma concepção poetica? Os antigos livros sagrados, origem das nossas crenças, tiveram todos um só ponto de uniformidade provando por suas contradicções que quanto mais fallado em Deus menos o conheciam; assim como o julgavam capaz do bem era do mesmo modo a causa de grandes desgraças humanas, qualidades mais proprias para produzir o tenor do que o amor.

Em verdade, desde que imaginamos um ente superior a todas as cousas e a elle ligamos o nosso destino que, apesar de todos os esforços, termina invariavelmente por um acanhamento triste e apavorador; este ente a quem pela sua mysteriosa superioridade não conhecemos, só pode despertar em nossa alma sentimentos de temor, mas nunca de amor.

Nos ensinam de egreja já houve quem muito judiciosamente dissesse que o principio da sabedoria é o temor de Deus. E certamente, se não sállos, muito mais sinceros são os que o temem por não conhecê-lo, do que aquellos que artificialmente o amão. Este fantastico amor tem contudo sua utilidade social como modificador do delirio moral no dominio da ignorancia; é um quebramar na agitação das ondas revoltas desse immenso oceano de duvidas.

A innocencia e a consciencia são dois estados naturaes de pureza de nossa alma que gerando-se no seio da familia constituem o fundo essencial da solidariedade que regula a boa ordem e a harmonia das sociedades humanas. Da innocencia nascem os deveres activos ou instinctivos, isto é, as funcções providenciaes, origem dos nossos direitos; da consciencia os deveres passivos ou de subordinação, causa moral de nossas obrigações.

Quereis o symbolo da innocencia? Contemplai a criança antes das transformações do discernimento trajando na simplicidade de sua nudez as galas do futuro. Nella vereis a immortalidade do nosso ser representada por modo tão interessantemente encantador. Este attractivo tem tal magia que nos arreouba da imaginação a esthetica e os grandes genios da poesia encarnando os espiritos superiores povoão as regiões celestes de aladas creanças para exprimir toda a grandza da que se cerca a magestade divina.

Quereis a formula da consciencia? Considerai nas funcções dos pais zelando pela sorte dos filhos, na dedicação de todos aquelles que por seus conselhos e exemplos concorrem para a realisação das esperanças que a innocencia inspira; na experiencia dos velhos a quem, como orgãos animados da tradição, compete ditar as leis justificadas pela luz dos factos.

Dentro dos limites da

garantias da ordem; o dominio do direito, da razão, da justiça e do progresso? Amemo-nos.

A NOSSA GRAVURA

Largo do Carmo

N'um dos numeros anteriores d'esta Revista achá-se a photo-gravura do Largo do Carmo e em seguida a sua descripção; agora de novo representamos o detalhadamente em tres estampas, mostrando, cada uma pontos diversos para melhormente ser apreciado.

Ao lado direito notam-se algumas casas particulares e de negocios, situadas n'uma das ruas lateraes, destacando-se o kiosque da Companhia Fabril Maranhense destinada á venda de gelo.

Ao centro, vê-se o palacete do Dr. Palmério de Carvalho Cantanhede, construido com muito esmero. Parte do pavimento terreo é occupado pelo deposito de machinas de costura e bicycletas da Alfaiataria Teixeira.

No lado esquerdo realça essa Alfaiataria e outros estabelecimentos de gosto.

LITTERATURA

Bem-casados

A Almerinda Pereira.

Quem quizer casar e bem, tenha, em seu jardim ou na janella do seu quarto, um pé de *bem-casados*.

Assim dizia-me sempre o tio André, quando estava para contar historias.

Mas porque? perguntei-lhe em uma occasião; o que vem a ser *bem-casados*?

Ora! o que vem a ser *bem-casados*? é o que eu digo... esta mocidade d'agora! respondeu o velho... pois não conhece a menina umas florestas vermelhas, pequeninas, delicadas, que só desahrocham aos pares?

E que tem muitos *espinhos* nos galhos, não é assim? perguntei de novo.

Justamente... justamente, a menina acertou, repetiu o velho, e tem mais outra, nunca deve colher-se uma só, sim duas mesmo como já são formadas.

E, principalmente, moças! no meu tempo de rapaz não havia casa de moça soffrindo que não tivesse essa flor no jardim e não a tractassem as mãosinhas nimosas com esmero, mas, agora... tudo é superstição, é conto de velho, etc.

Ora, tio André, que conto de velho, que nada, disse eu; conte-me essa historia... o que tem essa flor com os casamentos?

E já nem me lembrei, mas enfim lá vou.

mas, como ia dizendo, as crianças cresceram sempre juntas e pastorando todos os dias; mas, em um certo tempo, deixaram de vir aos lagos os pequeninos e por seis ou oito annos não se lhes soube noticia e nem dos seus rebanhos, assim passou-se... pas ou-se... até que uma noite celebrou-se no bonito templo d'aldeia um estrondoso casamento. Quem são os noivos? perguntavam alguns curiosos. São monteziños, affirmavam outros. Quem haviam de ser? os pequenos, minha menina, que já estavam grandes, que amaram-se desde a infancia e com o mais entranhado affecto se quizeram até a velhice.

Diziam então meus avós, que os viram, que foram muito felizes, que choraram na mesma hora e enterraram-se na mesma tarde, e sobre a sepultura, que foi a mesma para os dous, nasceu esse espinheiro, onde as florinhas só desahrocham nos pares. Foi dada a essa planta o nome de monteziños.

Fica a menina sabendo o que tem semelhante flor com os casamentos.

E desde esse dia minha cara Almerinda, estou para te contar esta historia, e me tomo esquecido. O certo é que os *bem-casados* mereceram sempre um grande aprego das representantes do nosso sexo.

Laura Nogueira

HIGH-LIFE

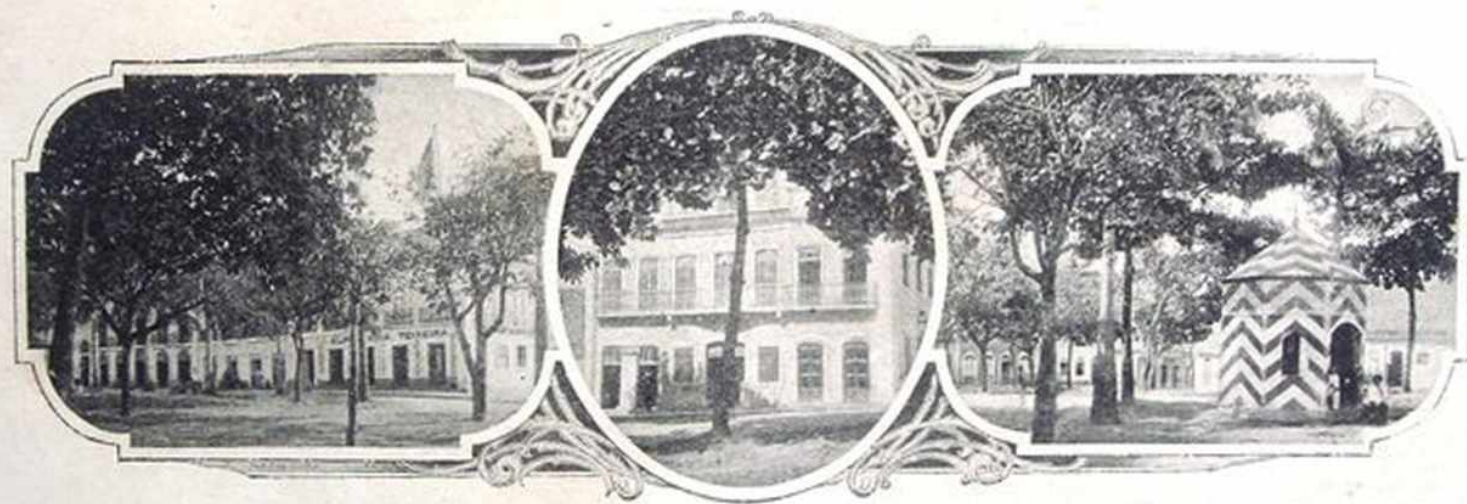
Estreia em 10 de Novembro de 1911

Em 1-a	señalita Ro a Augusta Macedo Brito	uma, de
2-a	Zenaida C. Collares Moreira, esposa de Alexandre Collares Moreira Junior e a Joa. Mano.	curvas, em ordem
Em 3-a	señalita Uldes, filha de sr. José de Brito	de Uldes
Em 4-a	señalita, sr. J. Joaquim de Sá	espos. de
Em 5-a	señalita Francisco de Sá M.	espos. de
Em 6-a	señalita, sr. d. Antonio Rabel	espos. de
Em 7-a	señalita Amélia de Sá	espos. de
Em 8-a	señalita, sr. d. Antonio Rabel	espos. de
Em 9-a	señalita, sr. d. Antonio Rabel	espos. de
Em 10-a	señalita, sr. d. Antonio Rabel	espos. de
Em 11-a	señalita, sr. d. Antonio Rabel	espos. de
Em 12-a	señalita, sr. d. Antonio Rabel	espos. de
Em 13-a	señalita, sr. d. Antonio Rabel	espos. de
Em 14-a	señalita, sr. d. Antonio Rabel	espos. de
Em 15-a	señalita, sr. d. Antonio Rabel	espos. de
Em 16-a	señalita, sr. d. Antonio Rabel	espos. de
Em 17-a	señalita, sr. d. Antonio Rabel	espos. de
Em 18-a	señalita, sr. d. Antonio Rabel	espos. de
Em 19-a	señalita, sr. d. Antonio Rabel	espos. de
Em 20-a	señalita, sr. d. Antonio Rabel	espos. de

Supplemento ao n. 89

DA

REVISTA ELEGANTE



Largo do Carmo

Impr. na Typ. da Alfaiataria Teixeira.

[Copia de uma photographia da Alfaiataria Teixeira.]

Impresso Tip. e Lit. de Almeida Torres - no 115
R. 4.º andar

Considerações philosophicas.

O exacto conhecimento dos deveres está pois dependente da dissipação das nuvens que se levantam umas após outras, quer confundindo a moral sob a multiplicidade de formas religiosas, quer subordinando a liberdade de pensar a sorte variada dos erros philosophicos, quer finalmente confundindo os princípios antagonisticos da philosophia e da moral theologica como meio de evitar o tumulto revolucionario, que aliás nada mais é do que um estado de divorcio muito natural entre o consorcio hybrido da razão e das paixões imaginarias.

O espírito moderno, porém, tendo resolu-
tamente para um novo ideal libertando-se

A imortalidade da alma, por exemplo, é uma crença universal, mas a sua demonstração não está compreendida nos limites conhecidos da ciência humana e a Sociologia nada tem com o destino da alma depois de morto o homem, porque ela só por meio da vida se manifesta a nossa espécie. O céu pode ser um lugar de delícias onde os bem-aventurados vão gozar do prêmio das suas virtudes, mas a ciência não o tem provado e a Sociologia não deve admitir pretensão dos direitos sociais sob a esperança de compensações ou castigos em outra vida.

Incontestavelmente a luz que vai presidir o novo século, encerrando o passado para os vindouros, muito tem que iluminar na solução de tão complicados problemas. E porque ainda não vimos o esplendor dessa luz filio-mos-nos, vivendo sob a influência da moral cristã, a uma philosophia que não nos obriga a renunciar de todo o passado nem nos negue as esperanças do futuro.

Trabalhamos cheios da mais viva fé na restauração do Paraíso, procurando na terra o que a terra tivermos perdido. Nella estão os melhores mais sagrados do nosso amor; por ella temos também de pender um dia restituindo-lhe tudo quanto houvermos tirado da existência dos outros seres; nellí correm as águas frescas das fontes e dos rios fertilizando os campos onde se ostentão as ondas louras das searas, e é também nella que crescem os bosques que dão o fructo e a sombra consoladoras do trabalho.

Quando todos os elementos e os próprios átomos girando em torno do astro fecundo procurão pelo contributo da criação ter nella vida e animação, quando até os corpos celestes nos extasião de sua admiração estatística sobre elle se precipitão deixando no firmamento em traços de fogo a prova da grande atração, somente a alma humana renunciando a sua origem e conspirando-se contra toda a obra de sua existência foge para o desconhecido!

Ha certamente neste rago de imaginação mais orgulho do que se supõe querendo o homem elevar-se além dos limites da sua propria natureza. Os outros animaes, ainda os mais aproximados de nós, vivem satisfeitos e morrem resignados com sua sorte, ao passo que o homem só concebe a idéa do infinito para se julgar um sinu-deus.

E a vaidade que o leva para o sobrenatural tornando-o tão infeliz nesse isolamento como inútil para seu destino.

Vemos, entre os christãos, no mysterio da Redempção um ensinamento que por ser de difficil comprehensão nada perde de sua profundidade e sabedoria. Nella substancia divina dá o corpo á terra como prova de

seu infinito amor pela humanidade para nesta viver em espirito eternamente. E a vida material que se acaba na forma individual para continuar só a forma humanitária.

Mas a forma humanitária não é a immortalidade da alma dos metaphysicos. Esta é uma criação mal definida e concebida por modo egotistico, aquella é um preparo para a eternidade terrenal, pela reprodução da forma individual, tanto mais cheia de resurreições quanto mais identificadas se acharem as idéas e os costumes pelos progressos da intelligencia e da civilização.

Em outros termos é a Moral social, para a qual cada individuo trabalha irresistivelmente contribuindo com o seu contingente como obreiro do futuro. Traçamos pois de fazer virar nesse terreno a santa fructificação da Consciencia e do Amor, aquella como o principio de toda a Justiça e este como o fim de toda a Actividade.

A semente dessa maravilhosa arvore ha cerca de 19 séculos que foi plantada no florido das Oliveiras. E preciso regala-lhe.

A NOSSA GRAVURA

Intendencia Municipal

Agora que por grandes e radicaes reformas acaba de passar este importante edificio, o primeiro dos nossos proprios municipios, e actualmente, sem contestação, o mais elegante de quantos povoam a nossa capital, não virá, de certo, lóra de propozição, dizemos alguma coisa sobre a sua primitiva construção, restituição, melhoramentos, ou reparos, porque tem passado em diversos tempos, até chegar ao estado em que o vemos hoje.

Pelo que diz respeito a sua primitiva construção, pouco, muito pouco pouco, podemos adiantar; que não era, porém, o edificio tal qual se conhecia ainda no começo deste século; e o que não resta a menor duvida, como melhor verão os nossos leitores dos documentos que se seguem:

a tivesse visto, não ficaria só sob aquella paixão de que nos fala a historia, teria de escrever mais outro poema de amor; e, ainda outro mais....

Victor Hugo diz «A belleza basta ser bella para fazer bem. Ha creaturas que tem a magia de fascinar tudo quanto as rodeia; as vezes nem ellas mesmo o sabem, e é quando o prestigio é mais poderoso; a sua presença illumina, o seu contacto aquece; si ella passa, ficas contente; si pára, és feliz; contempla-a é viver, é a aurora em figura humana; não faz nada, que não seja estar presente, de todos os povos sae-lhe um paraíso; é um extasiar que elle distribue aos outros sem mais trabalho que o de respirar aos pés delles.»

Curvamo-nos respeitosamente ante essa Ode santa, em que o immortal escriptor esboçou a Belleza n'uma pareça angelical, nitida, tão nitida como o crystal argenteo do matutino rocío.

Ah! si, como elle, desrevessemos o nome da gentil criança, teríamos então as nuances e os perfumes para rendilhar estas tocas propozições que não são bastantes para exprimir o que vai dentro em nossa alma.

Continuavamos, no baile, em uma contemplação divina, ora sob a impressão da

Sabendo o governador Arthur de Sá e Meneses, então no Pará, do lastimoso estado, a que havia chegado a casa da Camara, reprehendeu os vereadores, respondendo-lhe estes em 25 de Janeiro, «que lhe beijavam as mãos pela mercê que lhes fazia, da advertencia sobre a feitura da casa da Camara, a qual deixariam sem antecessores em aficere e elles tinham vontade de a acabar, se a falta de dinheiro não lhes impossibilitasse as suas vontades».

Ainda nesse mesmo anno d' 1653, aos 8 de Março, officando ao sargento-mór Antonio de Barros Pereira, dizia o Senado da Camara: «A nossa obra da casa da Camara temos tencion de que seja de pedra até o sobrado, e por isso se trata de tirar alguma pedra que falta, e do sobrado para cima será de taipa. ...»

A uma representação da Camara, de data de 17 de Junho d' 1773, dirigida a el-rei, na qual pedia algumas cadeiras e um cortinado de damasco para composição e assio das suas portas e janelas, representação esta que foi a informar a louçum de Mello e Póvoas, dizia em 1774 este illustre governador: «Que quanto aos cortinados e cadeiras, parecia-lhe que esta despesa só se poderia fazer quando a Camara tivesse dinheiro de sobejo, depois de se attendrem ás muitas obras publicas de que se precisavam, algumas das quaes de grande necessidade, traçamos como as da cadeia e casa da Camara, achando-se esta com toda a banda do mar arruinada.

Do que fica dito se deprehende logo que, pobre, muito mesquinho mesmo, devia ter sido o edificio de nossa Municipalidade, até aos ultimos annos do século passado.

Entre os annos de 1830 a 1840 (pois que não nos foi possível precisar exactamente a data) devido talvez a reparos importantes soffridos por este edificio, esteve a Camara Municipal funcionando no antigo Convento de Santo Antonio, sendo a entrada dos vereadores e demais empregados por uma porta, cujo vestigio a nós hoje se vê, então existente na parte do mesmo Convento que delta para o beco do Seminario.

Nos ultimos tempos, tem-se ainda reali-

sublime orchestra que enchea de melodias os salões em festa, ora admirando uma pleiade de distinctas e donairosas maranhenses, um bando de borboletas azues, um ver lalelo poema de amor.

Mas, aquelle olhar de fada! aquelle olhar de princeza! a candidez suavisima do olhar, fez-nos lembrar as bellas filhas da madrigal Hespanha, as formosas e encantadoras sevilhanas, a gravia que assim também soem ter.

Persiste em nossos corações aquelle original de Santa, de que nós fala o poeta:

«Copia de Santa mais bella
Se a Santa não é copia della.»

A sua voz sublime, era um concerto magico n'uma linguagem de anjos, a falar nas varzeas, nas campinas, nas borboletas azues do verão, na madressiva «nuvens, bosques, céos d'Italia.»

Oh flores! oh! candida açucena, lirio das campinas a despertar amor, investiga a rosa do vallado, perguntae á bella flor das Antilhas, se ha outra flor que se compare áquella gentil criança, agora que lhe começa sorrir a vida ao primeiro albor da madrugada.

ADELINO AUGUSTO.

FOLHETIM

No baile

De A. REGO.

Si o correção fallasse e pudesse dizer, o quanto de admiração tivemos na ultima partida do Club Caxceiral, em vendo uma gentil moça inda criança, em repetido valzar, diríamos com toda a offusão da nossa alma:—sois o chrysanthemo do baile.

Nem mesmo uma flor a rescender cheirosa, desbrochando em tarde primavera, saudada pelos adjantes rufos do constante *quacumbé* teria tanta magia, tanta candura, tanta graça mesmo, como aquelle poetico signalito azueiro que lhe ornava a face nivelescente.

«Se aninhava gentil como o rubim
Engastado n'um manto de seta.»

Oh flores! oh! candida açucena, lirio das campinas a despertar amor, investiga a rosa do vallado, perguntae á bella flor das Antilhas, se ha outra flor que se compare áquella gentil criança, agora que lhe começa sorrir a vida ao primeiro albor da madrugada.

Si o memoria da de *La Vieille Comedie*,



REVISTA ELEGANTE

Considerações philosophicas.

Os deveres activos, a que se pode também chamar instinctivos ou providenciaes, são terminados na familia e ao contrario prolongam-se regulando a vida social em todas as suas phases e transformações. Com o apparecimento das sociedades politicas a necessidade da ordem consagrou a autoridade publica modelada pelos mesmos sentimentos de amor e protecção que mantem o prestigio da autoridade paternal.

O homem, como muitos outros animais, tem o vicio de viver em bandos. O isolamento o incommoda, porque sua intelligencia infatigavel em busca da felicidade cada vez augmenta o circulo das operações materiaes e com estas a necessidade de ter junto de si alguns de seus semelhantes.

E' tambem certo que onde estiverem duas ou mais pessoas juntas, uma hade necessariamente exercer influencia sobre as outras, ou pela superioridade da intelligencia ou da força physica; e tal é essa in-

fluencia que muitas vezes um só individuo traz sobre sua dependencia milhares de pessoas.

Resulta disto, que para mais bem regulado que seja o modo de viver da familia, desde que esta augmenta em numero é inevitavel a separação dos interesses, para que os instinctos de preponderancia não se choquem e possam ser exercidos por cada uma das influencias autoritarias que se levantão entre seus membros.

Do mesmo modo, para que as boas relações de umas para com outras familias não se perturbem, é preciso que alguém vele por todos vindo dahi a necessidade de constituirem-se em cidades e estas em estados com direitos proclamados e respeitadoss; para garantia e defesa dos fracos contra os fortes e para que haja uma regular distribuição da justiça.

Este instincto de organização social sempre crescente é tão imperioso que não encontra mais na possibilidade de calculo algum determinar todo o sangue humano que as paixões politicas tem derramado, nem precisar os modos que a perversidade dos homens tem empregado, uns em defesa da ordem e outros de suas ambições.

A moral social condemna as revoluções sanguinarias e nem a paz universal é uma illusão que só deya existir na mente dos philosophos, mas apesar disso a docilidade instinctiva da confraternisação por muito tempo ainda continuará embaraçada pelas irrupções anarchicas do pñhal, da ditadura e de outras invenções do genio do mal.

Os barbaros só conhecão o governo absoluto até que o poder dos principes foi sendo limitado pelas constituições que elles se viram forçados a jurar e se obrigaram a cumprir, e posteriormente nos tempos modernos pelas representações nacionaes ou camaras electivas que fazem residir no povo a soberania da nação.

Mas não será essa decantada soberania uma chimera? Pode por ventura ser ella

uma facta realisavel antes que a sociologia tenha esculptado a obra da grande organização social e determinado internacionalmente os limites dos poderes sob o regimem de uma unica soberania, que sem contestação alguma deve ser a da Humanidade?

Apesar das constantes reformas, modificando a influencia da realty, os principes e todos os que, com outros nomes, governão grandes massas de população não são hoje a certos respeito menos despotas do que os tyrannos de outrora. Elles bem sabem que a não ser pelo emprego desorientado e pouco permanente da força bruta o povo só é soberano pela confregação de um poder superior ao seu.

E quem será, pergunta-se ainda, o depositario desse poder, não o proprio governo enquanto as diferentes nações do mundo civilizado não tiverem de common accordo erigido um tribunal reconhecidamente independente e autorizado para julgar os abusos da força, resida esta nas mãos do povo ou nas mãos do principe?

Como os antigos faziam vir de deus todo o poder dos reis, *quid potestas deus?* era em sua creença o proprio Deus que modificava os excessos da autoridade temporal; assim, por exemplo, a perseguição que os pharaes do Egypto exerciam contra o povo hebreu teve o seu correctivo nos pragas e flagellos que esse povo suppunha ser um instrumento da vengença divina.

Mais tarde, pelo afrouxamento das convicções theocraticas surgiu a soberania do povo como uma especie de contrapeso do equilibrio autoritario, mas é que oppondo-se ella aos desmandos dos governos tem como consequencia a revolução ou uma nova e mais prejudicial especie de tyrannia.

E' uma verdade constantemente observada na historia das nações que quando um povo está em paz todo o impulso vem do imperante ou chefe do governo e a politica só pode fazer falsos representantes; e se ao contrario convulsão-se em de-

TELEPHONE 56

ENDERÇO TELEGRAPHICO—IMPERIAL—

CAIXA POSTAL 40

ANNO VIII

Maranhão, 2 de Dezembro de 1899

NUMERO 90

de seus direitos o culto da autoridade levanta-se da própria desordem com poderes inteiramente disciplinatórios.

Desde que a anarquia ou as perturbações públicas anulam as garantias da cidadania, confundindo os seus mais sagrados direitos, todos reconhecem a necessidade de se impozer pelos acontecimentos com mais probabilidades de fazer justiça aos seus semelhantes e logo começa a viver a planta exótica do despotismo.

O mundo marcha e a ordem social é um facto tão positivo como tantos outros regidos pelas leis naturais. Do mesmo modo que o homem, as nações tem sua idade de duvidas e hesitações. Em tempo cuja data não se pode precisar a maior parte dellas terá um só modo de encerrar o direito e a justiça e o mesmo empenho em remover os obstáculos que embaraçam o caminho do progresso.

São muitos os estorvos que a moral encontra para a conciliação universal e pode-se dizer que com relação a esta o systema providencial opera de um modo tão lento e mysterioso quanto mysteriosa e lenta é a marcha da própria natureza.

Nessa parte os progressos da sociologia são imperceptíveis e só depois de incalculável numero de annos é que as gerações futuras se hão de horrorizar do passado contemplando com verdadeiro pasmo os erros da actualidade do mesmo modo que hoje nos parece inacreditavel a existencia da escravidão e de outras monstruosidades moraes proprias dos tempos idos.

A unificação das idéas é um facto de creença constante dos povos civilizados, que pelo impulso da imprensa, do vapor e da electricidade se encaminham para um mesmo ponto de convergencia onde as grandes consciencias se hão de reunir para a confecção do Código da Justiça Universal, desse almejado producto da sabedoria humana que tem de dar uma só norma a todas as Constituições e a Humanidade um só destino.

Para chegar a este ponto é preciso combater o fanatismo, propagar o ensino da moral universal livre das preocupações imaginarias e submeter o poder dos que governam á obediencia dos deveres que lhes prescrever não a falsa soberania do povo mas a das nações congregadas pelo laço indissolavel do amor fraternal representado na maxima aproximação da igualdade dos direitos.

A NOSSA GRAVURA

Lyceu Maranhense

O Lyceu Maranhense funciona em uma casa de sobrado, sem realce algum de architectura, com a face principal para a rua Formosa, e a lateral para a rua Direita.

É um edificio menos proprio para este estabelecimento, mas tendo sido bem aproveitadas as suas accommodações, que não são pequenas, vão servindo regularmente. Se de principio fosse construido para funcionar o Lyceu teria o Maranhão outro edificio mais ad-quanto tanto interior como exteriormente. Era, porém, uma casa particular como adiante se vê.

A instrução publica que deveria sempre merecer especial attenção dos poderes competentes por ser a columna avan-

ça do progresso, foi nos primeiros tempos descuidada no Maranhão, o ensino era ministrado em casa do professor, sem methodo algum, ou então em casas pagas pelo governo sem proporeção para as aulas.

Em 1823, o padre Domingos Cidavilla Velloso, professor de primeiras letras, provido por Bernardo da Silveira Pinto, dava aula no corredor da igreja do Rosario, e em 1828, funcionava a de latim na Santa Casa da Misericórdia.

Depois foi melhorando com a fundação de outras escolas tanto publicas como particulares até que em 1833, no governo do Commandador Vicente Pires de Figueiredo Camargo, ficou resolvido pela lei provincial n.º 77 de 24 de Julho do referido anno, a criação de um Lyceu. Começou a funcionar no anno seguinte no pavimento terreo do Convento de N. S. do Carmo, em frente ao largo do mesmo nome, matriculando-se desde logo muitos alumnos.

Contava 10 cadeiras:—latim, francez, inglez, geographia, grammatica philosophica, philosophia racional e moral, rhetorica, mathematica elementar, commercio e historia.

Foi seu primeiro director o notavel philologo maranhense Francisco Sotero dos Reis que procurava imprimir todo cunho de moralidade.

Com quanto não fosse tambem um edificio apropriado contido havia espaço e condicão sufficiente para serem exercidas todas as aulas, formando um nucleo de instrução que até então não existia.

Ahi esteve por muitos annos apresentando os melhores resultados; seu corpo docente era o mais digno e selecto possivel.

Em 1830, quando governador do Estado o Dr. Thomaz de Porecinella, firmou-se com o cidadão O. Lino Thompson Rosa, procurador do Dr. Ricardo Salazar e sua mulher D. Maria Theresza Salazar o contracto, sem prazo estipulado, do predio da propriedade destes, á rua Formosa, sob n.º 21, pelo aluguel de 30000 annuaes, com o fim de ser transferido o Lyceu d'onde se achava.

As aulas começaram a funcionar em 1.º de Julho do referido anno.

Por escriptura publica de 23 de Agosto de 1833 realisou-se a compra do alludido predio por quantia de 22.000.000.

Em 1834 o Congresso Estadual pela lei n.º 69 de 15 de Julho autorizou o governo a mandar fazer os contractos da que se tratava, sendo em virtude da mesma lei aberta para tal fim a verba de 100.000.000.

Além desta importancia o Governo Federal deu como auxilio ás obras pela lei n.º 128 de 10 de Dezembro de 1833, a quantia de 15.000.000, que foi recebida em duas prestações.

Incumbio-se do orçamento e do preparo do edificio o Sr. Luiz Ory, professor de desenho que com muito gosto o soube adequar quanto possivel ao fim a que era destinado.

Tanto o primeiro como o segundo pavimento se acham occupados por diferentes aulas.

Occupa actualmente o logar de inspector geral da instrução publica o Dr. João Francisco Correia Leal.

Funcionam as seguintes cadeiras: Historia Universal e do Brazil, Inglez, Grego, Chínica, Physica, Historia da Philosophia, Historia natural, Geographia, Alemão, Latim, Mathematicas, Francez, Grammatica, Litteratura e Gymnastica.

Por De. n.º 21 de 15 de Abril de 1890 foi

criada a Escola Normal que começou a funcionar em 1.º de Junho do Lyceu.

Se o curso durava em 3 annos, de regimen misto, e de cada um proprio de professores para as escolas primarias do Estado e constituído das seguintes materias: Lingua portugueza, lingua franceza, Arithmetica, Chorographia do Brazil, Geographia, Historia do Brazil, Historia Universal, Pedagogia, Historia natural, Instrução moral e civica, Litteratura Portugueza e Brasileira, Physica, Chínica, Desenho, Musica, Gymnastica, Trabalhos de agulha (para o sexo feminino).

Pela reforma de 11 de Abril do corrente anno foi separada do Lyceu e creada a Escola Modelo que ficou annexa a esta.

O ensino que então era ministrado pelos professores do Lyceu passou a ser exercido por outros e o curso augmentado para 4 annos, sujeitos ás mesmas disciplinas.

Exerce agora o cargo de Director o Dr. Almir Nina.

A Escola Modelo de que fallamos tem por fim o ensinamento proprio das escolas primarias, e o seu curso se desdobra em sete annos que, segundo os respectivos estatutos, abrangem a primeira infancia, isto é, o periodo dos 7 aos 14 annos.

Pela lei n.º 225 de 15 de Abril deste anno se acha presentemente annexado ao Lyceu um curso de commercio, dividido em dois annos, que comprehende as aulas de inglez e allemão pratico, escripturação mercantil e noções de direito commercial. Este ensino é ministrado á noite, uma hora cada aula.

Possue o estabelecimento de que tratamos melhores e mais variados apparatus para o estudo pratico de diversos ramos de sciencia.

Os exames prestados perante as mesas geraes de preparatorio de accordo com o programma do ensino official tem, como sempre tiveram, validade nas academias para admissao do curso superior.

O pessoal da Secretaria da instrução publica consta de 4 empregadas, além dos prefeitos, e o seu serviço é desempenhado com zelo e promptidão.

O pateo interno da Casa da Praça.

O pateo interno da Casa da Praça é o que, em nossa estampa acabamos de ver, se encontra no Lyceu.

Arquitetonicamente é florido symetricamente e cheio de cantos e ornamentos singulares de architectura. No centro realça um chafariz, ponto d'onde partem pequenas calçadas de cimento cruzando o pateo.

LITTERATURA

Phantasia

(PARODIA)

Offerecida ao meu amigo José A. Coelho.

Olha, esenta.

Vês aquelle que ali vai qual foragido? Aquelle maltrapilho, faminto, de fronte abatida, olhar macido, a todos estendendo as mãos mirradas pedindo uma migalha para sustentar-se em pé, suas pernas camba-

Supplemento ao N. 90
DA
REVISTA ELEGANTE



Rua Formosa—LYCEU

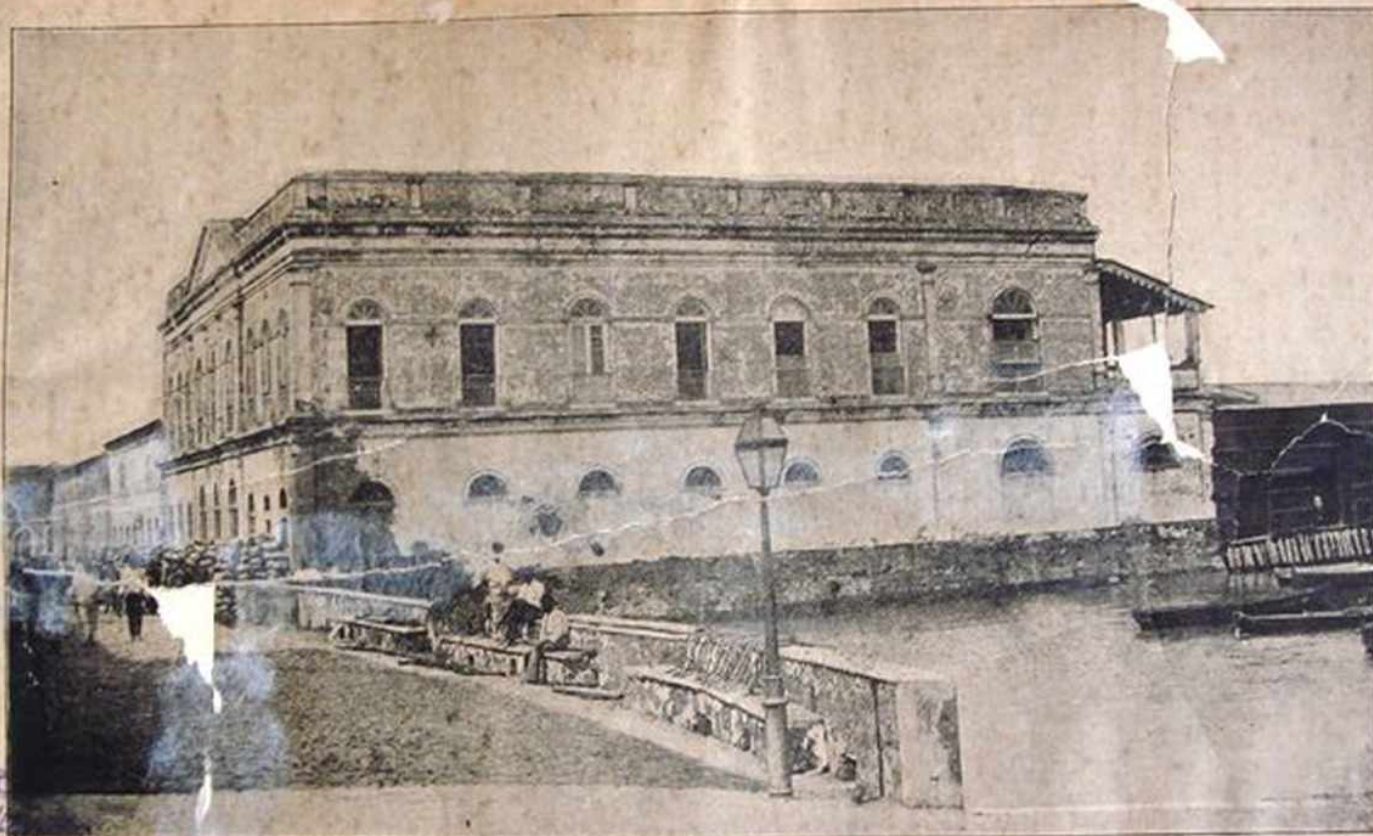


JARDIM INTERIOR DA PRAÇA DO COMMERCIO

SUPPLEMENTO AO N. 91

DA

REVISTA ELEGANTE



Thesouro Publico do Estado





E. PASTOR

EDIÇÃO MENSAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Préiado da

—ALFAIA TEIXEIRA—

Gerente--Alfredo Pinto Teixeira

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—IMPERIAL—

CAIXA POSTAL 40

ANNO IX

Maranhão, 15 de Janeiro de 1900

NUMERO 91

ferecer aos freguezes da Alfaiataria Teixeira e a todos os seus leitores interessantes novidades em todos os generos, comprimenta-os neste artigo desejando a cada um de per si feliz entrada de anno no meio de alegres festas.

Dizer o que foi o anno de 1899 é repetir sem necessidade o que se acha na consciencia publica. Para o Maranhão foi um anno de expectação suavisado apenas pela aue-nidade das estações. As mesmas lutas pela existencia sem os horrores da peste e da guerra, pois se guerra é o que anda lá pelo Grajaú, ainda não sentimos por cá o mais leve cheiro de pólvora. Enquanto for assim, viva a guerra...

Guerra de extermínio foi como a que os yankees fizeram aos hespanhões em Cuba, como os tagalos tem feito aos americanos nas Philippinas, como no Transvaal os boers fazem aos inglezes, e finalmente como na Capital Federal, em S. Paulo e em Santos está se fazendo aos ratos; e esta tão justa que apesar do grande morticínio ainda não se levantou um só protesto felineo. Já é tempo de se ir pensando na sorte dos gatos...

Mas se é verdade que não nos affligiram os males da guerra e da peste, estamos cada vez mais opprimidos pelas erasitantes vexações de uma calamidade maior, qual é a da teimosia da baixa do cambio, elevando as necessidades a ponto de desespero para os pobres, se é que os ricos as podem ainda supportar.

Para não nos enveredarmos neste assumpto contrastador e capaz de despertar saudades arrefecidas, tratemos somente de mostrar como a nossa Revista se tem desempenhado do compromisso tomado para com o publico de recrear unindo o util ao agradável, o mais acertado meio de minorar o peso dos trabalhos continuos desta vida transitoria.

Nas paginas coloridas, secção de annunci-os offerecemos tudo quanto houve de especial em productos de arte, manufacturas e objectos de moda, pe-

rior qualidade proprios para satisfazer as mais escripturulosas exigencias do mundo elegante, justificando por essa forma o credito e nome deste pequeno jornal, cuja tiragem é de quatro mil exemplares.

Na parte illustrada demos a estampa em photographuras os edificios publicos e estabelecimentos importantes desta cidade, acompanhados de descrições organizadas por nos e o intelligente amigo o sr. Euc-Marinho Aranha. E trabalho com o titulo de "O Maranhão Illustrado" e que hoje uma obra muito apreciada pelos maranhenses, residentes dentro e fora do torrão natal.

A terceira parte dedicamos á litteratura, procurando sempre manter-nos na altura conveniêcia e banindo do nosso programma os artigos da hypocrisia e da intriga como inimigos mais prejudiciaes aos intuitos moralizadores da imprensa, essa grande e poderosissima alavanca da civilisação.

Com os nos aqui agredir a preciosa colligação das nossas intelligentes patricias Pillon Bleu e Laura Rosa, bem como a outros habéis auxiliares as produções em versos, contos e impressões poeticas com que enriqueceram as paginas da Revista e esperamos que continuem a obsequiar-nos do mesmo modo.

Como o nosso jornal tem se tornado um passatempo para todas as aptidões, não estamos dando com a epigraphe de "Cor de raposa philosophica" publicidade a este de um modo collaborador, os quaes quer que seja o valor, recommer principiaes pela tendencia do moderno e modo de encarar as coisas e o espirito que de ha r de as offerecer e prepara as ci-

Entre as op-hia da Revir Apontament do sr. Jo-

ANTE

de 1900

te ha em tudo
ossos caros lei-
testamos vivos!
ste no horroroso
em plena luz do
ecada que a sci-
ou, o menos que
dearmos sem este
o do Senhor e que
passou a ser o da
enidade Universal;

em do mundo,
raça, não
termos
o findo
cheio
tre-
ara
e

to de que já fallamos, e a commo-
Fim do Mundo—do sr. Americo de
do Acha-se no prelo os Accordes
apilhon Bleu e a popularissima come-
Americo de Azevedo—Os milagres de
José de Ribamar.
Nestas disposições de trabalho e servi-
as que temos prestado e desejamos ainda
prestar ao respeitavel publico, e especial-
mente aos bons freguezes, começamos o
anno de 1900 saudando a Encyclica de Leão
XIII que na America latina providencia
contra os effeitos do celibato clerical, desse
erro social que durou por tantos seculos
obrigando muitos dos apostolos da verdade
a jurar pela eterna mentira. Leão XIII é
um certeza um homem do futuro.

Considerações philosophicas.

Dois são os modos de considerar a so-
ciedade. Ou pela sua forma material, ou
como um corpo de funcções moraes. No
primeiro caso ella é um aggregado de in-
dividuos compondo-se do menor para o
maior numero; no segundo um conjunto
de deveres subdividindo-se ou desdobran-
do-se dos mais importantes aos menos im-
portantes, ou do maior para o menor.

O augmento em numero é um facto evi-
dentemente natural, mas para que elle te-
nha consequências sociaes é preciso que
por meio da união os individuos se con-
greguem, o que é um estado todo differen-
te da simples aggregação. As ostras e to-
dos os acidos vivem em aggregação assim
como os gafanhotos e as andorinhas, mas,
como muito bem disse Letourneau, nos
agrupamentos tem tanto de social como
das folhas das arvores.

Só ha sociedade onde seres dotados de
mais ou menos sensibilidade, vontade e
intelligencia trabalham para um mes-
mo fim. Examinando-se as suas institui-
ções a familia, a patria e a propria huma-
nidade logo se reconhece que nenhuma
dellas representa simples agrupamento,

mas corporações que se prendem e
combinão impelidas por um centro de a-
vidade commun.

A humanidade conforme pensam
alhores externalis não poderia existir
a colligação dos estados de diferente
cionalidades, assim como estes sem
união das familias em cidades ou in-
regulares de p... Cada uma
partes compon... m a sua aut
propria e lim... onhecidos
ração emb... ndo toda
mesmo func...

Uma pedr...
cha monta...
tar ou ar...
trar a re...
pela co...
grand...
em si...
formas e propriedades.

As...
n tambem na organização do corpo
hum...
os braços não são as pernas, nem
est...
m semelhança alguma com os in-
te...
nem estes são a cabeça. Cada uma
d...
partes integrantes tem sua forma
e as utilidades que prestão não
smas e nem sempre se manifes-
tão tempo sinão umas depois das

Mas por essa mesma razão de serem dif-
ferentes entre si é que ellas tem necessi-
dade de submeter-se a um regimen regu-
lar de subordinação e dependencia capaz
de manter a uniformidade das funcções.
Na ordem social a submissão é uma con-
dição semelhante a desse regimen, que
instituido a autoridade nesta personifica
os attributos da moral.

Do mesmo modo porque a boa ordem da
familia depende da influencia benéfica que
os paes e os que a dirigem exercem sobre
seus filhos ou sobre as pessoas a elles su-
bordinadas, assim a harmonia social resul-
ta do fino administrativo e da rectidão d'a-
quelles que em maior escala são encarre-
gados do destino de seus semelhantes.

A luta pela vida, conveniencia de garan-
tir-se a si e aos seus contra as vicissitudes
da sorte leva o homem a preoccupar-se re-
solutamente de seus interesses pessoais e

ra,
della
las si
é cap
pelo
dividu
tanto
moral
vernão
os direi

Não
ha auto
liberdade
res de su
sição de
pessa co
pendente,
seja o arbi

A antiga
autoridades
e a do rei,
como o rem
sociedade ei
pontos termi

FOLHETIN

CLUB CAIXEIR'L

Empenhadas como ficamos para um a
distinta directoria do Club Caixeir'l, em
fazendo a descripção da noite de dezois
do mez de Natat, vimos cumprir a honra
missão muito embora faltando-nos a com-
petencia para debuxarmos a impressão
que perdura ainda em nossos corações.

Si não fosse a rude ironia do preconcei-
social que não nos permite expandir o
que vai no imo da nossa alma—o quanto
tre o coração da mulher que ama—Ah!
mostraríamos então a copia fiel das
las magoas atravez d'um rosto que ri-
mo assim, rompendo os laços que
rendem á alma, diremos tudo quanto
ão ditar, muito embora...
do Sul se ausentem...
cul da nossa esper...
no bade quando...
r entre mil flores e a candidez
nossois ouvis...
a melodiosa
magistral ca-

llas que tra-
to vate, fal-
aprehosa-

mente salientavão-se alguns jovens, cuja
elegancia já era por nós muito apreciada.

Vimos-os tão satisfeitos que parecião em-
balados n'um céu doirado, qual andorinhas
ligeiras, recorrendo a amplidão em vertigi-
noso voar, harmonisava com as encantado-
ras borboletas azues da bella estação das
flores.

O mais joven dentro elles, o que nos of-
fereceu uma flor, fez acordar em nossos
corações um sentimento de amor que já
mais podemos esquecer-o. Ah! se elle ou-
visse as nossas orações, as nossas pre-
ces?... se ellas podessem chegar em sua
alma, então faríamos nossa a sentida queixa
t'ontro começo da mulher que ama:

«Olha pois, nós as mulheres
Com pouco nós contentamos
Basta que os homens que amamos
Não se aborreçam de nós.»

Mas, já que não podemos dizer-lhes essas
commoventes palavras onde fica acrysolado
o nosso doce sentimento, usamos deste
meio para que ellas sejam gravadas muito
embora nas frageis azas das borboletas que
voitão nas folhas doiradas da esperanza e
vão morrer no antro do esquecimento.

Vimos então, engastada em um soio da-

bastrino uma
mea da que ne
a candidez alv
nós, talvez, nas
d'um amor ledo
orvalho da meig

E' o que chamam
o que vimos de d
rasse um alluvio
luzes e de flores,
despercebidas, pe
sentidos estavam
mento.

De t'anto, uma va
baile, quando rep
pedida e, com a
sopra-se de
da.

Ah! se
ne nos
echabr
a ser
lher

os abusos logo contribuíram para a modificação de seu illudido prestigio.

Os costumes civilizados contiveram o arbitrio do pai de familia dentro dos preceitos da moderação, e ainda assim, apesar dos sentimentos que devem inspirar-se nos instintos da natureza, quantas vezes não ha necessidade de applicar o rigor da lei contra os excessos de paes que abusando de sua superioridade torturão os seus proprios filhos e a quantos se achão sob seu despotico dominio?

Na politica das nações, a despeito das modernas theorias do direito das gentes, as mais fortes submettem as mais fracas fazendo-se temer pelo numero e qualidade de seus canhões, de seus vasos de guerra e exercitos ameadores; e a subordinação deixa de ser um dever para converter-se numa triste consequencia da coacção.

A paz universal já tem em seu favor o exemplo dos repetidos arbitramentos nas questões internacionais; as convenções consulares; tratados de alliança offensiva e defensiva, e mais que tudo isto o grande exemplo da pregação da fé catholica que deu o mais perfeito modelo de organização humanitaria.

As convenções consulares impedindo as desintelligencias entre os subditos de nacionalidades diferentes e os tratados de alliança resistindo ás ameaças das nações poderosas são incontestavelmente modos de estabelecer a paz procurando desviar em parte a influencia perniciosa do despotismo.

O arbitramento porém inspirando-se em principio verda, amente humanitario importa na negação absoluta do direito da força pela consagração da força do direito, e virá pelos seus resultados a constituir entre os povos civilizados um systema regular de dependencias, precursor de uma desejada organização que será ao que parece o termo das grandes discordias.

Como não é edificante ver as maiores potencias apagar os morroes de suas armadas invencíveis curvando-se á decisão do juizo arbitral nos litigios com as pequenas nações? O arbitramento é sem duvida alguma um grande passo no caminho do progresso, mas para que elle se torne verdadeiramente humanitario é preciso que se estenda a todos os povos civilizados de um modo permanente e organizado para todos os casos de abusos dos poderes soberanos.

Se a grande conversão que pelo mundo operou a igreja romana tem sido attribuida a sua moral, muito differente da moral paga, não se pode tambem negar que o seu maior exito foi devido á organização catholica, muito sabiamente imaginada para divulgar os preceitos do evangelho. Esse admiravel plano de unificação social teria obtido completo resultado se ao objectivo do amor do proximo não se associassem as fleccões que fizeram variar a fé e tornaram-se a causa de inevitaveis perturbacoes.

Veja-se como nesse plano se prendem os elos da gerarchia autoritaria desde o simples presbiterio até o summo pontifice, dentro dos limites da fé e da infalibilidade estende-se o systema mais perfeito de regimen governamental envolvendo em suas ramificações o mundo inteiro e levando a cada associação e a cada individuo a parte que lhe toca de pacibilidade no funcionamento commum.

Como não serão sah proveitosas as deliberações de um comitê universal, que livre das paixões egoisticas tendo somente por fim o congressamento do genero humano se constituísse pelo molde catholico? Quanto não tem lucrado a civilização em

cada um desses concilios, onde se reúnem os bispos de todo o orbe consultando as melhores opiniões e trazendo na diversidade de tantas pessoas distinctas a confrontação da experiencia de todos os paizes e de todos os costumes?

Considere-se como decidem os prelados em materia canonica nas suas dioceses, qual a força de sua autoridade e compare-se depois o grão de sua subordinação podendo de um momento para outro ser essa autoridade annullada pela autoridade superior da Curia Romana revestida da força moral e prestigio que lhe dá o papado.

Finalmente para pôr termo aos esforços e submeter os que governam á diencia dos deveres estabelecidos pelo verdadeiro dominio da paz entre os homs, é preciso que toda a autoridade seja revista e sujeita a uma lei geral de dependencias e só admittir como absoluta a da humanidade sabiamente congregada.

A NOSSA GRAVURA

Thesouro Publico do Estado.

A estampa que damos representa o Thesouro Publico do Estado, edificio adequado a esta repartição pelo logar em que se acha, suas accommodações para o expediente, distribuição de armazens e trapiches.

A fachada principal se ergue para a rua do Trapiche proximo á rampa de desembarque e o lado opposto fica para o mar, — todas as faces guardadas de platibanda.

Logo á entrada depara-se uma escadaria de lage que dá accesso ao salão de trabalho, muito grande, cortado por grades de ferro que dividem as secções.

Ao fundo, depois de alguns compartimentos, segue-se um pequeno avarandado muito batido pelo vento, com uma cobertura de telha suspensa por pilastras de alvenaria. Em baixo fica o trapiche dos armazens internos com boas commodidades.

Pela lei provincial n. 62 de 9 de Julho de 1838 foi criado o thesouro publico do Maranhão, sendo inspector Leonel Joaquim Serra que prestou juramento e entrou em exercicio em 22 de Setembro do referido anno quando teve logar a installação.

Começou a funcionar em casa alugada pelo governo, á rua da Estrella.

Daquella data a 1839 rendeu 190.492\$ e a receita era sempre favoravel ou outro anno em que decaia por circunstancias extraordinarias.

Em 1871, na presidencia do Dr. Augusto Olympio Gomes de Castro, foi contractado com o negociante Francisco Gonçalves dos Reis a construção de um predio para o Thesouro, devendo pertencer á provincia no fim de 25 annos usufruindo o contractante os rendimentos das armazenagens, taxas de embarque e desembarque durante aquelle periodo.

Por Dec. de 8 de Fevereiro de 1839 passaram a pertencer ao Estado não só o predio como tambem a ponte, guindastes, e mais accessorios, e para a indemnisação dos herdeiros do antigo proprietario, no valor de 65.000\$000, contrahio-se um emprestimo com o «Banco Hypothecario e Commercial» na importancia de 70.000\$000, no maximo, em conta corrente com juros reciprocos de 6% ao anno, e para nella

lhe ser creditado remettia o Thesouro o producto das armazenagens.

Este emprestimo, porém, ficou sem effeito por ter o governador Porciuncula contrahido com o «Banco Nacional do Brazil», na Capital Federal, um outro, para o Estado, de 300.000\$000, a juros de 6% ao anno, offerecendo como garantia, especialmente as rendas das armazenagens do Thesouro.

Com quanto seja certo o decrescimento da entrada do assucar e do algodão ou por ser esta industria descurada ou por sua impossibilidade devido á falta de braços, mas compensado pela de cereaes e outros generos, todos gravados com maiores taxas, e ainda pela arrecadação de outros impostos, a renda tem augmentado de forma a satisfazer o governo do Estado os seus compromissos com a maior pontualidade.

Em 24 de Dezembro de 1898 foi recolhido á Delegacia Fiscal com destino ao «Banco da Republica» 61.800\$400 para resgate do emprestimo que contrahido em 1890, com o prazo de 24 annos, deveria se extinguir em 1914. Vê-se, portanto, que dentro de oito annos ficou a divida paga integralmente.

Foram tambem ha pouco incinerados 3943 titulos de divida ao portador, emitidos de accordo com a lei n. 68 de 25 de Julho de 1834 representando a somma Rs. 281.005\$000. Nos ultimos exercicios a arrecadação tem sempre excedido aos pagamentos, o que consequentemente denota grande prosperidade. No anno findo, 1898 importou a receita em Rs. 2.203.709\$718.

Além dos motivos que proporcionam o crescimento das rendas, é fora de d que para o equilibrio dellas ou set pectivos saldos, muito tem influido a administração financeira e economica do.

O Thesouro é dividido em 3 constituidas por um 1º escripturário e dois praticantes; cada um com seus chefes.

Além destes empregados ha conferentes incumbidos da guarda do embarque e desembarque de generos sujeitos ao pagamento sua verificação e entrega.

Exerce actualmente com encia o logar de inspecção varas de Pinho, desvelar para sempre melhor os resultados da repartição.

Três.
Ene
Seu
Que ris
Tua
Com a
Mai em
Na
Mil supro
Algo est
Prém
Tua tel

Revista Elegante

Que grandeza da natureza
Deu a para
Nem quadra tão florida.

Ricas galas traja a terra
Tudo a cores
Infinidade de alegrias
Bastam as noites mais amenas
Mais serenas.
Mas brilhantes nascem os dias.

Laura Ross.

HIGH-LIFE

Fazem anos do mar de Janeiro corrente:

- Em 1—na exma. sra. d. Zaira Nina Rosa e Maria José de Carvalho Brito;
Em 2—na exma. sra. d. Natália Ribeiro, a menina Elvise Brito e o sr. Domingos C. de Carvalho;
Em 3—na exma. sra. d. Leonina Gabriella da Cunha Mello, esposa do sr. Edmundo Mello e Teóphila Rodrigues Machado, esposa do sr. Frederico Machado;
Em 4—na senhora Alina Fregoso;
Em 5—na exma. sra. d. Olympia de Santa Roca;
Em 6—na senhora Leonina Soares Pereira, filha de sr. Adolfo Trindade e o sr. Nuno Pires;
Em 7—na exma. sra. d. Góthia Costa e a menina Clotilde Pires da Fonseca, filha do sr. capitão Adolpho Pires da Fonseca;
Em 8—o sr. dr. Manoel da Silva Saldanha;
Em 9—na senhora Verônica Viana e Clotilde Soares Ferreira e o sr. João Pereira;
Em 10—na senhora Alina Steery;
Em 11—na exma. sra. d. Maria Alves de Moraes Rego;
Em 12—na exma. sra. d. Joana Herbert, filha do sr. dr. Manoel J. Ferreira;
Em 13—na exma. sra. d. Carolina Gadel de Souza, esposa do sr. coronel Feliciano Moreira de Souza;
Em 14—na senhora Rosália Pereira, Adelaide Rosa e Rosa C. dos Santos Guimarães e o sr. Armando Nogueira;
Em 15—na exma. sra. d. Prisca Elita, filha do sr. capitão Adolpho Pires da Fonseca e Telmo, filho do sr. capitão Joaquim Carneiro;
Em 16—na exma. sra. d. Luiza Adelia de Oliveira e Souza e a menina Domingos, filha do sr. Alfredo Gonçalves da Silva;
Em 17—na exma. sra. d. Sebastiana Jesuina, filha do sr. José Estêvão Dias, as meninas Mariana, filha de Alfredo G. dos Santos Silva e Maria Elina, filha do Francisco Jurequeira, os sr. Antonio Alves da Silva e Arthur J. de Moraes Rego;
Em 18—na exma. sra. d. Guilhermina Guimarães Lisboa, a do sr. Emilio José Lisboa e Felício da Cunha, a do sr. Gaudêncio Cunha;
Em 19—na exma. sra. d. Maria da Conceição e a filha desta Maria Francisco Pinto Teixeira;
Em 20—na exma. sra. d. Carlos, filho do sr. dr. Joaquim F. de Almeida e Walter, filho do sr. José Gonçalves;
Em 21—na exma. sra. d. Maria da Silva e a filha desta Maria da Silva;
Em 22—na exma. sra. d. Maria da Silva e a filha desta Maria da Silva;
Em 23—na exma. sra. d. Maria da Silva e a filha desta Maria da Silva;
Em 24—na exma. sra. d. Maria da Silva e a filha desta Maria da Silva;
Em 25—na exma. sra. d. Maria da Silva e a filha desta Maria da Silva;

dos por—conego Ulysses de Pennafort, conego Pinheiro, Justo Chermont, Pedro Chermont, Candido Moura, Candidiano Guimarães, R. Santos, Dias da Silva, Joaquim José da Silva Maia, Arthur Rego, Honorato José de Carvalho, Jeronymo A. do Nascimento e outros.

O trabalho typographico é da Lavraria Maranhense de A. Faciola.

Do digno director da Bibliotheca Publica d'este Estado, recebemos um officio, agradecendo a doação que fizemos de nosso album Maranhão Illustrado para esse estabelecimento.

ourado, Zenobio & C., da Parnahyba, fizeram-nos um cartão de festas, que emos e retribuimos.

O mesmo fez o sr. Benedicto Marcellino Serra, proprietario da mercenaria S. José, d'esta cidade e o sr. Joaquim de A. Mendes e exma. sra. d. Marianna da Silva Mendes, de Vianna. Reconhecidos, agradecemos e retribuimos.

Dos srs. Newton C. Valenté e Joaquim Pereira Santos Netto, recebemos uma circular em que nos communicam ter aberto um estabelecimento commercial de miudezas, generos de estivas e outros, importados directamente, sob a firma de N. Valenté & C.

Agradecemos, desejamos a nova firma prosperidades e venturas.

Fomos convidados pelo sr. João Luiz da Silva, secretario da commissão da beneemerita empreza—Aguas da Riba-mar—a assistir á exposição do «Photopanorama», que a mesma empreza mandou vir da Alemanha, que teve lugar em a noite de 4 d'este mez, no edificio onde funciona o Theatro Chirites. As vistas do Photopanorama, de uma completa perfeição, auxiliadas pelas magnificas lentes do aparelho, são de um effeito deslumbrante.

Agradecemos pelo convite.

Pequena correspondencia

Manoel Francisco de Sant'Anna—Maceió Estamos scientificados de todos os seus dizeres. Recebemos a importancia de Rs. 32400 de diversas assignaturas que nos mandou. Enquanto ao resto... achamos exigencia de sua parte, porquanto—Roma não se fez n'um dia. Já seguiram.

E. Daniel—Mauão—Já seguiu o exemplar pedido do album «Maranhão Illustrado». Recebemos a sua importancia.

Moyses—Pernambuco—Anagoz—Pará—Foi um lapso de nossa parte, mas só na nossa «pequena correspondencia», porquanto endereçamos os albums pedidos por vme. para o Pará. Aqui estamos ás suas ordens e quando quizer disponha de nós.

Norberto Alves Pedroso—Ponte-Nova—Estamos certos de ter recebido o nosso album «Maranhão Illustrado». Enquanto ao resto não lhe podemos responder, porque a correspondencia do nosso jornal é enorme e não podemos reter na memoria o nome das pessoas que nos escrevem, mas vme. percorrendo os numeros anteriores de nossa Revista, verá se, em alguns d'elles encontra a resposta desejada. No caso de que nada ache a respeito, provado está que não recebemos a sua carta. Se vme. em sua carta que ora respondemos, dissesse os nomes dos assignantes, seria facil dar-

mos uma resposta, porquanto examinamos se elles estavam registrados no nosso cahinho de assignantes, mas assim, *pas possible*.

Leoncio J. da Cunha—Pará—Sim senhor, assim está direito. Já lhe remettemos o album e o numero pedido da Revista.

Sempre ás ordens.

J. Rustachio d'Azevedo—Pará—Notado e agradecido.

João Baptista da Silva—Cidade de Anaja—Pará—Sim senhor, recebemos a importancia para um exemplar de nosso album «Maranhão Illustrado» e uma assignatura de nossa Revista.

Alberto F. Rodrigues—Pelotas—Só mandamos a nossa Revista para os nossos assignantes.

Gabriel Mattar—Guimarães—Já lhe remettemos o exemplar pedido de nosso album «Maranhão Illustrado».

Tito Alves—Pará—Pode ficar certo que lhe temos mandado com toda a regularidade a nossa Revista. Deve agradecer esta peça ao Correio d'aqui... ou d'aqui. Nesta data lhe remettemos uma duplicata dos numeros extraviados.

José Nogueira—Morretes—Pois não, as suas ordens não de ser sempre cumpridas com todo o prazer. De nossa parte a promessa é feita com toda a regularidade e se alguma falta ha, é unicamente do Correio. Aqui continuamos inteiramente ás suas ordens e seremos felizes em executal-as.

José Noronha Ferreira—Pará—Vamos remetter os dois exemplares do nosso album «Maranhão Illustrado».

Egydio Elísio de Carvalho—Monção—É facil vme. ver na nossa «pequena correspondencia» o que deseja, procurando desde o mez que escreveu até esta data. Se lá não achar nada a respeito, está claro que não recebemos, pois que cuidadosamente respondemos a todas as cartas. Em vista do resultado que obtiver, providenciarei.

Oscar Vieira—Parnahyba—Oh, caro amigo, é o nosso dever. Aqui estamos ás ordens.

Antonio Gonçalves e Francisco Hernelyto de Souza—Mauão—Vamos fazer o que nos pede.

Joaquim Euclides de Freitas (capitão)—Theresina—Recebemos e notamos o que nos diz. Já lhe mandamos o exemplar pedido de nosso album «Maranhão Illustrado».

Joaquim Mendes—Vianna—Recebemos o que nos mandou. Já lhe remettemos o exemplar pedido de nosso album «Maranhão Illustrado» e a assignatura de nossa Revista.

Severiano Augusto Furtado—Vianna—Idem idem de assignatura.

OUTRA MAIOR VANTAGEM.—Diz com muita verdade o Dr. João Drummond, doutor em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro sobre o emprego que elle fez da Emulsão de Scott:

«Certifico que...» empregado com a maior vantagem... minha clinica o preparado Emulsão de Scott na convalescência de enfermidades graves medico-cirurgicas».

Dr. João Drummond.

Imp. na Typ. a vapor da Alfarfaria Teixeira—por João A. Lisboa.

Rayol, prece nos fez.

do Pará, Dezembro.

Senador Antonio...



REVISTA ELEGANTE Club Caixeiral

O Club Caixeiral realizou no dia 20 do mez passado uma de suas esplendidas partidas para comemorar o 2.º anniversario de sua fundação. Somos gratos a esse Club pelos convites com que nos tem honrado, e agora que se offerece oportunidade, não podemos subtrahir-nos ao desejo de louvar a sua digna directora pela maneira feliz com que sempre se conduz tirando pela gentileza e amabilidade tantas que deixa a gente captiva.

Nos tempos que correm o Club Caixeiral, feito por mocas alegres e folgizes, abre os seus salões ao bello sexo, deixa que avivem os perfumes e que a musica inunda, fazendo por assim dizer resuscitar a alma maranhense dos que lá vão, crucificada nos labores da vida. Transforma por alguns momentos esse calvário n'um verdadeiro géo de delicias onde tudo se esquece.

Como é bello ver-se o congregarmento de todos os cavalheiros de nossa mais fina sociedade sem que domine a menor sombra de contrariedade. Não é muito dizer-se que todos pensam por uma só cabeça: não ha partidarios nem partidos que não sejam os da festa.

O baile a que nos referimos teve lugar no palacete do sr. Hermenegildo Jansen Ferreira, distinto negociante de nossa praça. Esteve presente o exm. sr. dr. Governador do Estado.

As 9 1/2 fez a sua entrada no salão nobre do Club o primeiro tenor brasileiro Antonio Rayol, que já era esperado, sendo recebido 5ª parte por uma comissão especial. O tenor, depois de reger a symphonia que compoz para o mesmo Club, foi acompanhado a piano pela joven professora d. Almerinda Nogueira na romanza de G. San-Florenzo—Lina. Em seguida, após uma salva de palmas, cantou mais—Mia sposa sarà la mia—Lera, musica de assento verdadeiramente dramático em que a sua voz possante e volumosa soubo dar uma interpretação magistral, em todas as phrazes. Os applausos foram prolongados. As 11 horas pouco mais ou menos, retirou-se Rayol acompanhado da mesma comissão, tendo já começado o baile que estendeu-se até ás 3 da madrugada, sempre animado.

Assim foi o esplendido sarão do Club Caixeiral para comemorar o 2.º anniversario de sua fundação.

A "Revista Elegante" deseja toda prosperidade a essa bella sociedade maranhense que por instantes quebra a monotonia dos tempos que correm, e faz esquecer tudo.

AS NOSSAS GRAVURAS

Casa commercial de Maia
Sobrinhos & Comp.

Não é falta de propiedade que damos a estampa a e commercial das Srs. Maia, Sobrinhos & C., porque, li testavando a nós dos principios do Maranhão não só p longe data de sua fundação como devido ao grande giro negocio.

Tudo começou em 1832, sendo seu proprietario Antonio J. Maia, cavalleiro simples e de extensas relações. Em 1835 o elle associou-se com seus empregados Jerônimo José Maia

que em era irmão e Manoel Antonio de Oliveira, constituição assim a firma de Antonio José Maia, irmão & C., que durou até 1875, quando passou a favor parte da casa a seu empregado Carlos Ferreira Coelho.

Em 1.º de Janeiro de 1876 tendo fallecido Antonio José Maia e retirando-se da sociedade Ignacio José de Silva Gomes que, juntamente com os empregados José de Anacleto Maia e Livramento José Maia, sobrinhos do socio fundador, fôrta parte da firma desde 1873, foi por este constituida a firma—Maia, Sobrinhos & C., para a qual entraram, em 1881, o empregado, já mencionado, Pacifico Duarte Soares.

Por fallecimento do socio chefe da casa, Jerônimo José Maia, em 7 de Junho de 1889 os socios sobreviventes formam a nova firma de—Maia Sobrinhos & C., logo extinta, e substituída para a sociedade os empregados Gerardo Pereira, F. Oliveira, João N. Pinheiro Barreto e José d'Anacleto Guimarães e Vasconcellos.

Em 1891 fallou a socia José de Anacleto Maia e designou-se João Barreto, substituído a o empregado Antonio da Costa Neves.

Em 21 de Junho de 1892 desappareceu da fôrta parte da firma Pacifico Duarte Soares e Gerardo Pereira d'Oliveira, quatro annos depois designando-se também os socios José d'Anacleto Guimarães e Vasconcellos e Antonio C. Neves.

Em o momento de agora que tem sido desde 1832 a casa de que actualmte se trata tempestade de sr. Bernardino José Maia e C. de Ferreira Coelho e substituído a socia Rodrigues da Silva Lemos, Alvaro Francisco e Luis P. Monteiro.

Quilhos, por elles, verdadeiramente ligados a negócios e companhias que se prosperam.

Maia, não deixa de cooperar sempre a favor do estado.

Em sua nova photographia, vendida em quantidade, sua loja de fôrta, a para isso se ar a. Devido ao alto sabão parte da casa estabelecimento, p. consiguencia, e construído de for.

O estabelecimento, depois illuminado a luz electrica, tem a honraria de se

Distrito
trindo e
lucramto
Al

LITTERATURA

Considerações philosophicas.

Assim como os deveres de subordinação abrandando os impetuos autoritários e adagando a sorte dos governados regulão a boa ordem do mecanismo providencial, assim também os deveres de igualdade eliminando as diferenças características dos indivíduos de que se compõem as diversas corporações humanas os reúnem sob a mesma intenção para o fim de fazer sobre-sahir a justiça e as leis garantidoras da harmonia social.

O direito de igualdade é em grande parte uma criação artificial resultante do estado mais ou menos adiantado de civilização dos povos; porque, em verdade, nas produções da natureza não ha nada perfeitamente igual. A fertilidade que tem ella de produzir cousas diversas é tal que dos centenares, ou milhar de milhões de habitantes do orbe terrestre não ha dois, por mais parecidos que sejam, que não tenham na forma physica uma differença qualquer por onde possam ser distinguidos.

E não se dará o mesmo com as qualidades moraes?

Incontestavelmente as qualidades moraes estão sujeitas ás mesmas variedades da natureza, e, se todas as suas distincções podessem ser patentemente observadas, a distribuição da justiça não offereceria tantas difficuldades, porque cada individuo para encher a sua medida equalitaria só se apresentaria reclamando pela porção de direito, cuja necessidade o proprio caracter indicasse.

Mas assim não acontece. De ordinario a justiça opera em trevas divulgando mal aquelles contra quem ou a favor de quem procura, ministrar remedio e dahi se originão as queixas e todos esses desgostos que frequentemente se manifestão abalando a ordem estabelecida por meio de ataques ás bases mais seguras da sociedade,

que são o principio de autoridade e o direito de propriedade.

Entendem os socialistas revolucionarios (palavras alhás incompatíveis) consistir a equaldade social n'uma distribuição de direitos em que todos venhão a ter o mesmo quinhão na partilha da felicidade quer publica quer particular, e por isso a miseria e privações das classes inferiores são na opinião delles resultado, não dos erros e fraquezas espirituais dos que soffrem, mas do despotismo dos governos e dos abusos do capital.

Este modo de pensar, se bem que tenha algum fundamento, não é totalmente verdadeiro, porque o ser feliz ou infeliz, quando causas excepcionaes não actuam poderosamente, depende também das condições do funcionamento intellectual da propria existencia, pois de outro modo teria de desaparecer de todo o sentimento da responsabilidade moral de nossas acções.

Além d'isso é certo que a miseria e privações das populações são em grande parte, por erro do systema na occupação do territorio, devidas á razão muito natural de não estar o numero de individuos de que ellas se compõem em relação com os recursos do paiz onde se dá o phenomeno, estado de cousas que é frequente no dominio de todos os governos.

Ninguém de boa fé negará o pendor natural dos paes em proteger seus filhos, mas nem porque a lei manda distribuir com equaldade entre estes o seu patrimonio e nem porque elles se esforcem por si em fazê-los felizes não é facil verem realizarem os seus desejos.

A solicitude do paiz de familia e as providencias da lei, ambas reguladas pelos mesmos principios de justiça, nada mais são, com relação á sorte do filho familia ou do cidadão, do que meios preventivos para que estes não encontrem estorvos no caminho da felicidade que por si mesmo devem procurar.

Mas a felicidade é o termo das aspirações e por isso mesmo é quasi impossivel determinar desde o indifferentismo do misero idiota até ás concepções razoaveis do mais apurado bom senso ou até ao mais alto grau de excitação das imaginações

indomáveis o numero das aspirações, ou, o que importa a mesma coisa, a quantidade de desgracias e felicidades, que dentro de tal comprehensão se possa dar.

Partindo do principio de que cada um traz na propria natureza boa parte do seu grado de seu destino, os esforços da lei e da moral limitão-se apenas a contribuir para que ninguém seja prejudicado no seu bem estar, e n'isto consiste o principal fundamento dos deveres reciprocos.

Fazer chegar o genero humano a um estado de civilização tão adiantado em que pelo menos a maior parte dos homens se achem satisfeitos não é obra de alguns seculos somente. Esse é o empenho de todos os socialistas, mas o elle tão incommensuravelmente que bem podem ser comparados a parelhas que devendo levar o carro pelo mesmo caminho forcem cada uma para seu lado e só adiantão o passo quando todas por acaso dão juntas o impulso para o ponto do destino commum.

Querem uns as regalias da ordem e destroem a autoridade, querem outros os gozos da propriedade e pregão o communismo. De tudo isto o que resulta não é a paz desejada para a posse da imaginada felicidade, mas a revolução e quando se approximão os horrores desta, mal ou bem persuadidos, dizem que vão se nivelar as condições da sociedade derribando para edificar de novo.

A edificação porem sobre ruinas é bem penosa. Torna-se necessario remover primeiro os destroços da architectura demolida e firmar os novos alicerces em terreno solido; no entretanto esta segunda obra não se terminará sem as desigualdades das torres, das cumieadas, das columnatas e seus capiteis formando a equaldade symetrica das perspectivas da estetica.

Os que a pretexto de libertar a humanidade da tyrannia começam pelo assassinato dos soberanos o seu plano de destruição, achão-se dominados do mesmo delirio de todo anarchista. Elles não tem em mente a idea de nenhum governo reparador, não são monarchistas nem republicanos. São simplesmente assassinos e tanto nublão o sultão na Turquia como pre-

FOLHETIM

A canzuada

No trajeto de uma de
cipios, com que fosse
to, contanto, por
de cinquenta rafei
idades — tamanha
que dentro das
desto numero
para não di
desta hec
nhão.

in dan

metade teremos
lissão nem com
atirar-se á gente
bellos dentes,
culo de vér-se
soas sérias
alguma cir
das para

tidas como logradouros publicos para nós
outros miseros bipedes, elles considerão
como propriedade exclusivamente sua e
nellas vivem tão senhores de si como um
povo livre em vespas de proclamar o seu
governo.

Dos que vimos uns repousavam tranquilamente, outros ladravão, outros guardavão as portas alheias com entaduras de pouca conversão, outros sem o devido respeito examinavão pelo olfato as disposições affectivas dos transeuntes, outros (e erão os menos offe sivos) caminhavão de cabeça baixa como quem ia a toda pressa aviar um despacho de mercadorias, e outros finalmente (os mais perigosos) achavão-se em plena luz de mel e de vez em quando mettidos n'um sarilho de dentes e bordoadas e lha de fazer pena e uedo ao mesmo tempo.

Porque razão a cabra, o carneiro, o cabrito e o porquillo não hão de gozar de identicas regalias? A divagação destes animales devia trazer as calçadas limpas das ascas escorregadias de frutas que são não poucas vezes a causa de desastres que se e consequentes praguementos contra os encarregados da limpeza publica, mas os sinos e os cornigeros tem a infelicidade e poderem ser transformados em exco-

lentes petiscos depois da utilidade que em vida nos prestão. Aquelle que deita o focinho fóra de casa tem como certeza multa para seu dono e panella gorda para quem o apanha.

O cachorro, esse conhece perfeitamente a sua vantajosa posição, companheiro do homem so a terra o hade comer. Desde que saiba agradar seu dono pode fazer o que muito bem lhe parecer. Quando depois de alguma maroteira, entra da rua vai logo retorcendo os quadris e abanando a cauda com ares de festa para o patrão que com elle estabelece pelos olhares uma troca de pensamentos, cuja tradução pode ser mais ou menos esta:

—Onde estiveste até agora, meu negro?!

—Eu, senhor? Eu já fiz hoje o diabo... e só entro por me terem querido amaciar de mais o pelo... Tomei a carne de um pequeno que vinha do açougue, resgati as calças de um janota que ia para o derrick, caçis na ponta da Alameda Teixeira dei quatro aramboladas n'um dogue de uma doge que passou por muito muito sacudida e entrei n'um sarilho doido!

—En policia, onde estava?

—Nos... teste não quer dizer cidadãos

Suplemento ao n. 92
DA
-REVISTA ELEGANTE-



Casa Maia, Sobrinhos & C.



Jordôa

sidente da república na França ou nos Estados Unidos da América do Norte.

Quando julgão-se fortes pelo numero dos despoitados, estimulando as massas e descontentes de todas as classes, sem meios de estabelecer a ordem, atacam directamente a forma de governo destruindo-o com o fim de alorjar o seu pessoal amotinado.

Imagine-se os tempos que são precisos para que os negocios publicos tomem de novo o seu caracter de estabilidade legal, e quantas arbitrariedades, violencias e crimes não se commettem no dominio deste abusivo poder? No entretanto chama-se a isto meio de equalar para que somente uns não gozem enquanto os outros sofrem!

Por esta forma seria melhor dizer que ninguém deve gozar porque todos são obrigados a soffrer! A patria tem a mesma vida das grandes arvores que só com o tempo e depois de prolongado trabalho da natureza dão seus fructos. Porque nem todos possão attingi-los é grande vandalismo derrubarem-na uns para de uma vez saciarem-se com aquillo que na estação propria está sobre a terra á disposição de todos.

Ha differença entre deveres e direitos. Os nossos deveres nos obrigão para com os outros mui diversamente dos nossos direitos que obrigão os outros para conosco; mas o reconhecimento de um dever importa sempre o de um direito.

Como porem nas obras da natureza ha mais semelhança do que equaldade agindo por toda a parte os elementos mais poderosos ou mais fortes sobre os mais fracos, a equaldade no mundo physico não passa de um equilibrio de forças e no mundo moral de uma justa proporção, tornando-se tão convencionaes os direitos como hypotheticos os deveres que della resultão.

A diversidade de seres é uma consequencia da luta material dos elementos em suas continuas operações e a equaldade somente podia ser o resultado de sua inercia, pelo que, no regimen social, só deve haver reciprocidade na equaldade de direitos, pois a de facto é inadmissivel, ou, por outra, rigorosamente inexistente.

Se o rico só fosse equal ao rico, o branco ao branco e o preto ao preto, o con-

gracamento da humanidade se tornaria impraticavel, porque todas essas differenças de sorte e qualidades de uma classe para outra constituirião outros tantos elementos de divergencia e separação.

A equaldade que resulta da pratica dos deveres reciprocos exclue as condições, os privilegios e as classes. Naquelles paises em que se admite privilegios os direitos não podem ser eguaes para todos, porque enquanto uns tirão todo o proveito de communhão os outros a mantem com seu sacrificio.

A distincção de classes na maior parte dos povos da Asia tem impedido os progressos da civilisação nessa região, não obstante haver sido ella o berço da humanidade segundo as tradições historicas. Assim tambem durante o periodo da escravidão no Brazil, apesar das garantias constitucionaes, nem todos os brasileiros gozavão dos direitos de equaldade social devidos como se achavão em condições de senhores e escravos.

A equaldade social é uma consequencia da liberdade politica. Sem liberdade nenhum povo pode proclamar a porque ella depende de deliberação consensual que não se considera perfeita durante qualquer estado de constrangimento.

A liberdade politica no Brazil foi dada pelos actos constitucionaes que se succederam ao acontecimento patriótico do dia 7 de setembro de 1822. Se bem que esses actos aboliram os privilegios só no dia 13 de maio de 1888 foi proclamada a equaldade de direitos com a extincção do elemento servil, que era uma excepção odiosa.

Na pagina d'um Album

Como um nome qualquer de triste sepultura
através do passante o olhar indifferente,
assim tambem o cego na pagina presente
através teu olhar, divina creatura!

Como aquelle, talvez, que não fica esquecido
pouco tambem o meu aqui, hoje, deixado,
ao passar d'esta folha—sempre recordado
atr. por ti, minha flor, embora teu ser fido!

(Trad. do logico).

1899.

M. George Gromell.

tarde entrou a rua triste e morreu no quintal. Quem sabe se não foi bola?... Ah, meu Deus, morrer de bola como se não tivesse o que comer em casa!... Vai ver como é isso, papae, são capazes de matar também Jolie que está com os seus quatro filhos (ão bonitinhos... Isto é mesmo um a desgraça!

N'outra casa:
—Zico, olha que o Fiel entrou da rua balando.

—E' preciso ver, mulher, se não está damnado?

—Qual damnado... damnados estão aqueles vadios da Intendencia que deitão bola aos chirimbalhos dos outros!

—Mas neste caso o que havemos de fazer desde que é uma medida de conveniencia publica?

—Pois, Zico, tu ainda me sahes com essa! Davias saber que Fiel é o teu unico amigo e é preciso desde já reagir contra esses amaldiçoados; é com isto que elles pagão o teu voto!

O Zico que tem a mania de muitos amigos fica algum tanto pensativo, mas afinal resolve-se a satisfazer as exigencias da dona da casa reconhecendo-a mais apta para julgar do estado das cousas domesticas.

A verdade é que antes de fundar o dia das ordens da Intendencia, de toda parte estão

A Phantasia

Inda era tão menina, quando a encontrei nos prados...

Com a intimidade propria das creanças, beijei-lhe as faces rosadas; fiz-lhe e desfiz-lhe as tranças loiras; enchi-lhe de flores o regaço e recostei-me desculhada no seu seio.

—Que epocha tão feliz!...

A noite vi-a nos sonhos e acordei satisfeita.

Mais tarde, tornei a vê-la n'um baile:—sem aquella franca intimidade das creanças, ainda acariciava.

Peguei-lhe nas mãos mimosas, disse-lhe que achava-a linda e prendi-lhe um anel de cabelo, fino e loiro, que as aragens oscillavam.

—Mas, fugia-me o somno essa noite e só quando a aurora nascia, Morpheu bateu-me a fronte.

Ai!... a ultima vez que a vi deslumbra de belleza!...

—Tinha os cabelos seguros por um regio diadema e fulgiam-lhe, na purpura das vestes, ricas joias de brilhantes!

Confusa, approximei-me para tocar-lhe na tunica, mas... tive medo... Jesus!... aquelles dedos de neve, impiedosos, desfolhavam uma rosa que, pallida e triste, suspirava, sem soltar uma só queixa do calice dolorido.

—Reconheci a pobre flor: era a rosa das esperanças.

Horível aquella noite:—velei-a toda sem repouso. As petalas arrancadas á flor que não gemia, deixaram-me, como se ao meu coração fossem tiradas, ulceras incuraveis e sangrentas.

DAS FRAGRANCIAS.

Papillon Bleu.

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de Fevereiro corrente:

Em 2-as exmas. ann. d. Maria Amalia Teixeira Santos, Maria Nava Rodriguez, esposa do sr. Antonio Nava Ro-

atintilantar os telephones para a Inspectoria de Hygiene e era uma vez strychnina...

Se tenta fazer não baixa nomeando para isso sargentos resolutos, então o caso torna-se mais serio; o negocio é com o Senhor S. Lazaro, nada mais nada menos que um ataque directo ao povo envolvendo caso da consciencia.

Considerando pois que a demasiada liberdade de que goza a raça canina vai se tornando pelo crescido numero delles e atrevimento da maior parte uma ameaça á ordem publica, a Intendencia deve, sem perda de tempo, decretar as seguintes medidas:

1.—Ninguém poderá ter cão sem estar matriculado pagando 54000 por semestre.

2.—Nenhum cão poderá andar na rua sem ser acompanhado de seu dono, preso a uma corrente.

3.—Por cada infração destas disposições pagarão os donos 101000 de multa e o dobro na reincidencia.

4.—As multas serão repartilhadas pela metade com os de...

5.—...

6.—...

7.—...

8.—...

9.—...

no gozo de seus direitos) nós nada temos com a policia, temos sim com os cavallos em que ella anda montada...

O dono então afastando com as mãos as patas felicitantes e as lambeduras (comp de lingue!) que o animal tenta passar-lhe pela cara, diz-lhe com simulado desdém:

—Sabe-te d'aqui...

Mas é muito meu amigo este cão!... Só tenho medo que elle possa um dia ficar damnado dentro de casa.

Ora á vista disto todo cachorro sabe muito bem como deve viver: Em casa é festa para seu dono e na rua dente para quem passa. Quando a Intendencia tenta a extincção da traça o clamor e empenhos que se levantão são de ordem tal que só parece tratar-se de uma sublevação ou cousa de grande perigo que a bem das instituições publicas é necessario sem demora soffocar. Se manda applicar a strychnina temos que ver nas familias as seguintes scenas:

—Papae, você ainda não sabe que o Petit morreu?

—Ah! minha filha, eu sinto muito que tenha perdido o teu mimoso, mas é uma coisa esta tão natural que não ha remedio tendo nos conformarmos.

—Não, papae, elle amanhoeu bom, mais

Agencia de A. M. Gonçalves & Comp., do Rio de Janeiro, com agência central de assignaturas a todos e quinquaginta por cento do Brasil e estrangeiro, recebemos um catalogo de preços correntes de assignaturas de jornais seccão de Figuras.

Do sr. dr. Raul G. Machado, director do Registro Civil, recebemos um extracto do registro civil da comarca da capital deste Estado, relativo ao quarto trimestre do anno passado.

Do sr. Maximino José da Motta, de Manaus, recebemos uma circular em que dá parte de ter a luitido para socio da sua casa commercial o sr. Abel Valente de Figueiredo e como interessados os srs. Manoel Maximino da Motta, Orlando Belleza e Anaxagoras Valente de Figueiredo, seus antigos empregados, ficando alterada a firma para Maximino Motta & Comp.

Desejamos prosperidades.

O Sr. Albano Mendes da Silva, em circular que nos dirigio, communicou ter aberto nesta praça uma loja de ferragens, tintas e artefactos navaes, sob a razão social de Albano M. da Silva & Comp.

Desejamos prosperidades.

Os srs. Barros Taveira & Comp., do Rio de Janeiro, communicam-nos ter organizado uma sociedade, em commandita sob a razão social acima, da qual fazem parte como solidarios José de Barros Taveira e Eugenio Margal e como commanditario o capitalista Manoel B. Cavaniellas.

Accidem os nossos empreitamentos.

EXPEDIENTE

Os srs. A. Pereira Ramos de Almeida & Comp. Succs. mimosearam-nos com um lindo pesa-papeis de vidro tendo no centro um calendario.

Agradecemos pela gentileza.

Do sr. coronel Malvino Reis, do Rio, recebemos um pamphletto intitulado "A agonia do povo e os funeres da Republica", collecção de artigos publicados no *Jornal da Commercio*.

Agradecemos.

Recebemos uma circular dos srs. Pedro Augusto dos Reis e Manoel Ignacio Gonçalves, desta praça, communicando terem organizado uma firma social sob a razão de Reis, Gonçalves & Comp.

Desejamos felicidades.

Do sr. Director da Bibliotheca Publica deste Estado, recebemos um officio rappeando o seu "Relatorio" apresentado ao sr. Governador em 40 de Janeiro do anno passado.

Fomos gentilmente distinguidos com a visita das graciosas senhoras Elvira Guedes e Julia Martins as principaes figuras da Companhia infantil—Empezza Dias—que presentemente trabalha na cidade.

Já tivemos occasião assistir a algumas recitas e com os seus infantes.

Recebemos de Comp. do Rio de Janeiro, com agência central de assignaturas a todos e quinquaginta por cento do Brasil e estrangeiro, recebemos um catalogo de preços correntes de assignaturas de jornais seccão de Figuras.

Do sr. dr. Raul G. Machado, director do Registro Civil, recebemos um extracto do registro civil da comarca da capital deste Estado, relativo ao quarto trimestre do anno passado.

Do sr. Maximino José da Motta, de Manaus, recebemos uma circular em que dá parte de ter a luitido para socio da sua casa commercial o sr. Abel Valente de Figueiredo e como interessados os srs. Manoel Maximino da Motta, Orlando Belleza e Anaxagoras Valente de Figueiredo, seus antigos empregados, ficando alterada a firma para Maximino Motta & Comp.

Desejamos prosperidades.

O Sr. Albano Mendes da Silva, em circular que nos dirigio, communicou ter aberto nesta praça uma loja de ferragens, tintas e artefactos navaes, sob a razão social de Albano M. da Silva & Comp.

Desejamos prosperidades.

Os srs. Barros Taveira & Comp., do Rio de Janeiro, communicam-nos ter organizado uma sociedade, em commandita sob a razão social acima, da qual fazem parte como solidarios José de Barros Taveira e Eugenio Margal e como commanditario o capitalista Manoel B. Cavaniellas.

Accordes

Acaba de sair da nossa officina typographica um livro de versos com o titulo acima elaborado por *Popillon Bleu*.

Este nome que já é bastante conhecido do nosso publico occupa o de uma distincta maranhense que consagra algum tempo no cultivo das letras, tornando-se com efeito digna de todo o louvor.

O livro, prefaciado por Manoel de Bethencourt, penna brilhante do nosso jornalismo, vale uma recommendação. Em todas as suas folhas trespasçam perfumes de um sentimento delicado, que se pode chamar petalas do coração feminino.

Pequena correspondencia

Benedicto José Ferreira—Amarante—Já lhe mandamos o album "Maranhão Ilustrado", de sua encomenda.

João Bento Moreira Ferraz—Barra do Corda—Sim senhor, recebemos o boletim para o "Maranhão Ilustrado" e a sua importância.

Sempre ás ordens.

Egídio E. de Carvalho—Monção—Já lhe mandamos um exemplar do "Maranhão Ilustrado".

João Augusto de Castro Moura—Acaraiú—Estamos certos da reclamação feita pelos srs. Aristides Frederico Rodrigues de Andrade e Bato de Moura Ferreira e a pressupomos em remetter aos mesmos srs. os numeros de nossa Revista de Maio para cá. Não sabemos como explicar este facto, pois

a expedienção de nossa Revista é feita com toda a exactidão.

Dr. Raymundo Gonçalves Nogueira—Anaxagoras Paroiss—Para isso é necessario remetter 2200 assignatura de um anno. Quando quizer remetta o que diz, quando por nossa vez remettermos-lhe-hemos o que pede.

Manoel Teixeira Callado—Camocim—Sim senhor, estamos de accordo.

Fabio Martiniano de H. Vianna e Antonio Thomaz de Aguiar—Bacabal—Admiramos o que nos dizem, porquanto já lhes remettemos ha muito tempo a obra pedida. Procurem no correio.

Epaminondas H. Isaac—Sodré—Coroalá—Estamos scientes do que nos diz, mas o que lhe podemos garantir é que temos mandado todos os numeros, com toda a regularidade. Novamente lhe vamos mandar outra collecção.

Jonquim Castro—Mandú—Já lhe remettemos os seis albums de seu pedido e tomamos nota de sua assignatura.

Marcellino da Exaltação Fernandes—Belém—Já lhe mandamos o exemplar do album "Maranhão Ilustrado". Agradecemos.

Joquim Mendes—Vianna—Recebemos a importancia que nos mandou para 4 exemplares dos "Milagres de S. José". Entregamos esta importancia ao seu thesoureiro. Todos os numeros de nossa Revista são expedidos com toda a regularidade e se alguma demora ha ou extravio, é do correio. No entanto, esperamos que nos communique todas as faltas que houver afin de mandarmos outros numeros em substituição. Pode, porem, que lhe ficaremos muito agradecidos. Ainda não saíram os novos boletins. No proximo mez. A sua poesia ha de sair brevemente.

Sempre ás ordens.

Manoel Nogueira da Silva—Coroalá da Santa Cruz—Capital Federal—Não temos feito mais do que o nosso dever. V. S., amavel como é, ve tudo isto por um prisma muito favoravel a nosso respeito, pelo que lhe agradecemos. Recebemos a importancia que nos mandou e já lhe remettemos os albums de seu pedido. Tomamos nota de seu nome como assignante da Revista.

Aqui estamos sempre ao seu dispor.

SEMPRE BOM RESULTADO.—De Macabé, Estado do Rio de Janeiro, escreve o Dr. João Cupertino da Silva, medico clinico d'aquella localidade aos srs. Scott & Bowne, chimicos de Nova York: sobre a grande vantagem que elle tem tirado com uso da Emulsão de Scott.

"Atteste que tenho empregado, com vantagem, em minha clinica a Emulsão de Scott nos casos de fraqueza geral, anemia, escrofulas e lymphatismo, e tenho sempre tirado bom resultado".

Dep. do Typ. a cargo de Affonso Teófilo, para João B. A. Lima.

Do mesmo modo ficará prejudicada essa igualdade desde que as coisas úteis forem uma propriedade de todos, porque não havendo meios de regular os esforços no trabalho e nos gastos individuais as inevitáveis diferenças das posições sociais bem depressa dividirão a sociedade em classes privilegiadas: o que redundará

mais uma ostentação do poder do que uma manifestação do direito e da justiça.

Imagine-se das possibilidades de cada estado pelas despesas inúteis que elles fazem com a força armada, por exemplo, para sustentação dos governos impostos pelo despotismo, e que outro prestigio terião mantendo-se uns pela rectidão de seus actos do que por esses dispendiosos e ridiculos apparatos.

A Europa tem, em tempo de paz, milhões de homens em armas e milhares de navios de guerra que são, por si sós, verdadeiros sorvedouros de dinheiro e que se estragam e desaparecem sem nunca entrar em combate, graças a humanitária política da diplomacia modernamente iniciada.

Estas despesas superfluas são em tempo de guerra elevadas ao quintuplo ou mais e reunidas a outros muitos desperdícios atacam por meio de tributos excessivos a economia particular por uma forma tal que as populações devendo ter no governo o amigo defensor de seu bem estar, voltam ao contrario toda a antipathia que resulta dos males e penurias porque passam.

Independente dos gastos abusivos do poder e leis vexatorias deve-se tambem considerar na circunstancia de haver fortunas particulares tao excessivas que, mesmo limita-as a um razoavel meio termo, bastaria para enriquecer a todos os herdeiros da familia do proprietario e sobrarão ainda para acudir ás despesas dos soccorros publicos.

Essas fortunas são muitas vezes tão colossaes, contra todos os preceitos da economia politica, que os seus possuidores tem por mais penoso e fatigante o cuidado de pol-as a render em segurança do que se tivessem de trabalhar menos artificialmente para gosar dos confortos proprios de uma vida feliz.

A religião cristã apregoando a igualdade comunista pela supressão das riquezas particulares aconselha a esmola, mas o voto de pobreza e o uso da esmola caem na contradição de querer eliminar as riquezas e fazer do rico a providência do necessitado. A instituição da esmola supõe necessária para os pobres a existência dos ricos.

Tambem quer que ella seja feita de modo que a mão esquerda ignore o que dá a direita. Labora-se porem em duvida quanto ao sentido deste preceito, e ao mesmo tempo que elle pode importar abnegação e desprezimento das recompensas mundanas, parece ser um meio de velar a vergonha do pobre; e assim, respeitando as susceptibilidades do infeliz, a escola nunca será um remedio publico da desgraça.

E há a repugnância contra a caridade por essa forma concebida, que quando um indivíduo recorre a ella é porque já tem colado o ultimo degrau da miseria e a misericordia do rico torna-se apenas o meio de modificar os efeitos da triste impressão que lhe causam a desigualdade sociaes provenientes da má organização publica.

Os constantes exemplos que a sociedade de consumo adquiriu do grande número de produtos que podem ser encontrados e vendidos em qualquer loja ou departamento de departamentos, cada vez mais fortalecem a idéia de que os diversos segmentos da sociedade não existem ou produzem bens e serviços diferentes, mas que são todos capazes de comprar e consumir os mesmos produtos.

Mantido na família esse direito pelo auxílio mútuo que entre si prestão seus membros, está na sociedade pública entregue por um lado a leis definitivas e por outro a compaixão individual, pois a excepção de algumas mal regidas casas de caridade protegidas pelo gozo no tudo mais calhe no domínio da consciência religiosa.

No entanto por um princípio de justiça universal nenhum cidadão cabido em miséria cujo remédio estiver fora de suas possibilidades ou de sua família, deve deixar de encontrar na legislação do país em que se achar o socorro de que necessitar, porque a lei que garante o bem-estar de todos não admite a existência de infelizes sem meios e protecção.

Os estabelecimentos, para esse fim criados, barando toda a idéa de caridade ou compaixão própria das organizações atrasadas ou da ignorância do direito, deverão ser considerados: como uma providência civil a que o cidadão tem direito qualquer que seja a sua qualificação social.

É preciso fazer distincção entre os direitos dos indivíduos e os das famílias para avaliar bem o gráo das obrigações que a sociedade tem para com cada uma das duas classes. O amparo publico só comprehende o individuo isoladamente, e por isso mesmo a instituição da família deve ser cercada das garantias necessarias á vida collectiva.

A união na família é a força, o trabalho e a riqueza, e o indivíduo que não estiver ligado pelo laço da família, sendo encontrado sem ocupação útil, ou é um vagabundo sujeito aos trabalhos públicos como todos os incursores desta espécie ou um infeliz sem culpa com direito à protecção do estado.

Os estabelecimentos de amparo público levantados com os excessos ou sobras das fortunas particulares e desperdícios das ostentações muletes dos governos só por si darião ocupação a um grande pessoal onde seriam aproveitadas diferentes espécies de aptidões e os seus recursos seriam tão extraordinários que a queda da instituição somente podia dar-se por abusos em proporcionalidades.

Avale-se desses recursos pelas riquezas das antigas ordens religiosas obtidas, quasi exclusivamente, das disposições testamentarias dos fieis, feitas sem reclamação ou protesto dos interesses das familias dos testadores por serem todas com o fim então reputado utilissimo da salvacao das almas.

Tais disposições criam uma consequência dos remorsos que obrigavam a reparações por injustiças praticadas contra os direitos alheios e que apesar dos supostos descargos de consciência tinham produzido os seus irremediáveis efeitos.

Faça pois a humanidade eguaes ou maiores sacrificiões não para acalmar remorsos mas para dar a todos a satisfação íntima de ver exaltadas quanto for possível as sortes e condições dos nossos semelhantes. Por esta forma se fará a paz entre os homens e todos herdando as leis garantidoras de tão edificante harmonia.

Seja as desigualdades das posses-
sões suportadas unicamente como meio
de manter a ordem e a boa execução da
justiça pública e as das fortunas como um
elemento da actividade da família ou
como meio lutando pela existência no ter-
ritório (Lamor).

AS NOSSAS GRAVURAS

Henrique Coelho Netto

Quem não deseja possuir o retrato de
Coelho Netto?

A "Revista Elegante" apresenta-o hoje como se oferecesse de mimico aos seus leitores um *couquet* porque, na verdade, o talento tem perfumes que inebriam.

Conteríamos nosso queríamos linear algumas linhas referentes a seu nome,mas que poderíamos acrescentar a tantas outra que fulguram profusamente pelos livros e pelos jornais ?

Dizer que é orador e romancista, — canta o pensamento e desenha a palavra, — era nada dizer, portanto, leitores, acceiteis apenas o seu retrato como a mais significativa homenagem que a "Revista Elegante" rende às letras.

A photographia foi-nos obsequiosamente cedida pelo sr. João Luiz secretario da comissao da benemerita empresa—aguas a Ribeirao.

Chacara Barreto

Depois das fides acrobáticas das do dia no desenvolvimento da luta pela vida, e sempre, agredindo quanto utilidade que o espírito encontra livremente, na servidão com moderação da natureza rebelando por algum tempo ao ser mais puro que abre e recupera as forças. Nessuma lugar melhor, do que longe das fides, do abismo fratricida das armadas, e de com pilhões da terra tofeyan o indolente n'uma carícia, branda de amor.

Entregues. Jéssie, n'um desses lugares retirados da cidade, distante dos outros, a hora da tarde quando todo é vago, toda ociosidade.

descendentes são postos a somar de uma mangueira: aqui o sistema melancólico do *body crystalline* pode o sol a deslizar-se no *peuthe* incerto e reflete seus raios de novo, ali, a *monde*, o *breve*, a *filia* barbaresco no leito do *monde*, sandália de *ve* *ses* *filio* *lupine*, *manco* e *fraga* que *mal* se ergue e já quer *que* *en* *cielo* o *do* *and*, *estival* que se *arriba* *belio* o *seculo* *sober* *novos* *edificios* *simbolos* se em *ruas* *ate* que a *quite* *venha* *força* *crucial* *inje* a *fronte* *dos* *arvores*.

Max que figure à côté ?

Quanto, em tempos que se comemora, 1991, este lugar, labor, era um jardim para os seus dias, era um sítio de descanso em que reuniam-se gentes da cidade, aldeias, feitorias, para passarem belos dias em doce repouso. Se não fosse, fôsse-se repetirem nomes, revelaria o segredo. Hoje forma ainda o que descrevi daquellas postas, está ainda marcado de corações que lhe imprimiu a natureza e arte humana. E, entre outros, como vides, lentísculas e pithecos, e onde se achou e manuseou fôrtil, omelete, da Companhia das Agãos S. Luiz, com todas as suas inclinações e azeiteiras.

Não sei quem mais pura admirar, se a natureza ou se a arte: que aqui se contemplam, se abraçam e até parece que falam.

A máquina roça, olha, é no suor grande, maior do que o mundo; as arvores, as águas, o povoado, cantam, fofalham, sorriem como a escarificadora do solo.

[illegible]

E basta; como dois bons amigos, retiremo-nos que já é tempo.

LITTERATURA

Ave-Marias

These variations are among the following:
 1. The same plant may produce two different
 2. It is the same plant, but the leaves are different
 3. The leaves are the same, but the flowers are different

A natura, heresia, tra i suoi gesti,
 Un ritorno a quella a dispietate,
 E un ritorno a quella a dispietate,
 Un ritorno a quella a dispietate.

Suplemento ao N. 93
--DA--
--REVISTA ELEGANTE--



Coelho Netto



Chacara Barreto



REVISTA ELEGANTE

Considerações philosophicas.

A origem do homem social perde-se na noite dos tempos, e como um decurso dos séculos foi sem duvida o estabelecimento da família a primeira pedra lançada para a grande obra do aperfeiçoamento humano, justo é que lhe dediquemos algumas linhas no correr de nossas idéas.

Dois são os modos de considerar o homem primitivo—segundo a tradição e segundo a sciencia—; mas tão escassas são as luzes de uma e outra que as suas afirmações e descobertas nada mais fazem do que amontoar hypothèses.

A bíblia, tendo a pretensão de reportar-se a mais remota antiguidade e querendo dar noticia do modo porque foram todas as coisas creadas, imaginou um mundo instantâneo e deu-nos o primeiro homem já em estado completo.

Por sua parte a sciencia attribue-lhe uma origem tão afastada, que, pela deficiência de idéas em representar o desconhecido, a imaginação perturba por tal forma o raciocínio que este afinal nada resolve ou conclui.

O átomo é o principio de tudo. Delle formão-se o ar, a atmosphera e as águas. Estas solidificando-se produziram os vegetaes e os animaes, dos quaes o homem é a especie mais perfeita de todas as transformações da monada.

Imagine-se os tempos que foram necessários para o desenvolvimento dos elementos em suas diferentes classes e a duração de cada epocha para as variações da especie em cada classe, e se dir-se é possível affirmar-se cousa alguma de positivo a respeito do que tenha sido o homem em sua origem.

Qualquer que fosse a especie primitiva e admitidas as diversas transformações que se lhe attribue, quem poderá determinar o periodo em que começou a vida racional e quando nesta principiou o estado social?

Para maior obscuridade não parece uniforme a idéa do tempo em todas as idades do mundo; ella precisa de subordinar-se a uma medida variavel em periodos indeterminados que estejam de conformidade com a razão do volume sempre crescente e movimento do astro em que habitamos.

E pois tão inútil o dizer-se que o mundo foi feito em seis dias como que elle ainda não esteja acabado. Na impossibilidade de chegar-se ao conhecimento de uma verdade fundamental será mesmo conveniente desviar a attenção dos dois extremos—o principio e o fim—.

Devemos convencionalmente considerar o orbe terrestre como o desmembramento de outro planeta, em cuja operação perdeu-se com a parte principal, que tem outro destino, a evidencia dos factos para nós incompreensíveis ou das verdades superiores humanamente ignoradas.

Este systema tranquilizador do cerebro conforma-se com a existencia dos cometas e outras excepções das leis astronómicas. Está de accordo com as descobertas da geologia, cujo estudo tem revelado alterações geographicas só produzidas por grande cataclismo.

Não está também em contradicção com as demonstrações da sciencia até ao ponto em que a physica e a chimica tem levado as suas descobertas e a mathematica a certeza de se is calculos; nem tão pouco com a tradição universal da queda da humanidade ou da inversão de um modo de viver anterior.

O philosopho, portanto, que esconder os tempos prehistoricos no manto impenetravel desta hypothese, que afinal de contas é tão incerta como qualquer das mais provaveis, pode muito naturalmente começar o estudo da vida social pelo typo do homem selvagem que é o mesmo da bíblia e o unico que pode fornecer a historia universal.

As evoluções que se tem dado nas raças humanas transportando-as do estado de selvageria à civilização nada mais são do que o resultado de modificações no caracter da familia, e as tendencias desta para o progresso moral resultão quasi que exclusivamente da natureza da casamento ou laço de união conjugal.

A este respeito todos os povos tem estreado pela mesma forma. A promiscuidade apresenta-se por modo tão bestial que nenhuma differença se nota confrontando a vida dos irracionaes com a das hordas primitivas. Quer uns, quer outros só tem a observar uma lei que é a do mais forte.

A primeira necessidade é a da alimentação, que se procura satisfazer errando em busca de sitios abundantes de frutos, de caça e pesca. Tudo mais é secundario e os gosos genésicos são obra do acaso que a ninguém preocupa nem traz offensas pela falta de pudor ou de fidelidade, virtudes inteiramente ignoradas.

A forma primitiva do casamento foi a raptiva e o rapto. Nada mais simples à primeira vista e ao mesmo tempo mais cheia de consequências. Consistia ella em apoderar-se o homem de uma mulher que longe dos seus ou entre os seus, todo o abuso

TELEPHONE 36

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—IMPERIAL—

CAIXA POSTAL 40

ANNO IX

Maranhão, 1.º de Abril de 1900

NUMERO 94

contra o atreito considera-se acção louvável e a que por este modo adquire uma mulher, que, pela condição de hospede ou estranha, nenhuma ligação tinha com os mais da grey, principalmente se fosse tirada de tribo inimiga, tinha sobre ella direitos especiais.

Podia tratá-la como quizesse, maltratando-a ou defendendo-a dos maus tratos dos outros. Podia della utilisar-se por si ou cedendo por empréstimo e aluguel. Era emfim uma escrava que o terror submettia e fazia fiel a seu dono ou senhor sob pena de castigo brutal.

As relações de convivência que se seguiu não merecem propriamente o nome de casamento, porque em regra geral só tinham por fim a utilização de serviços grosseiros; todavia deste modo de viver nascio muitas vezes sentimentos amorosos determinando o accordo na protecção dos filhos isto é, a vida, embora imperfeita, da família.

Em suas narrações ethnographicas dão alguns viajantes noticia deste costume observado entre os selvagens mais intratáveis. E' elle tão primitivo e tradicional que ainda hoje os naturaes da Oceania mais aproximados da vida civilizada simulão na celebração dos seus casamentos o rapto ou captura da mulher como formalidade essencial da legitimidade do acto.

E' preciso notar-se que mesmo nos grandes centros da moderna civilização o rapto não está de todo banido e é frequentemente empregado como necessario para a consumação de votos reciprocos dando ao episodio do casamento certo colorido romantico com o fim de velar o sacrificio do pudor que de outro modo realisar-se-hia entre as zombarias das matronas e admirações inconscientes das donzellas.

Conforme devia acontecer os frequentes raptos, commettidos pelas tribos pouco abastecidas de população feminina, suscitaram reclamações e represalias das tribos vizinhas, e o casamento por rapto (especie de recrutamento) pela necessidade de regular-se as relações amigáveis, tornou-se uma instituição dependente do accordo e consentimento dos chefes das tribos interessados na paz, mediante indemnisações equivalentes à venda da rapta a seu captor, que por este facto a conservava legitimamente escravizada.

A posse adquirida por esta forma deu o primeiro golpe na promiscuidade sexual transformando-a em uniões polygamias, e dahi então começou a desmascarar-se o parentesco paterno pela adopção do pue; visto que a qualidade de servo ou escrava só dava a prole os direitos pouco garantidos do matriacado, pelos quos se considerava os filhos accessorios da condição passiva da mãe.

A monogamia, regimen que a civilização tem consagrado como o mais compativel com as necessidades da ordem social, implantou-se mais tarde nas sociedades medievais pelos conflictos irreconciliáveis das consortes do mesmo marido; pelo luxo dos ricos e poderosos que arrogavam a si o privilegio de possuir muitas mulheres tornando-as mais raras para as classes numerosas e menos favorecidas da fortuna; finalmente pela necessidade de regular-se a filiação paterna.

Com quanto a promiscuidade, a polygamia e polyandria ainda existissem destacadamente como elemento corruptor no seio das sociedades civilizadas, é felizmente uma verdade reconhecida que a monogamia nella predomina sobre tudo entre os povos catholicos, e por beneficio de

cia a mulher tem na vida da familia transformado gradualmente a sua condição de escrava na de senhora ou condonada.

A união conjugal tomou o caracter de uma associação.

Eis como a define Portalis:

"A sociedade do homem e da mulher que se unem para perpetuar sua especie, para se ajudarem mutuamente a sustentar o peso da vida e partilhar o destino commum."

As indemnisações, que erão feitas aos chefes das tribos ou aos paes e parentes das núbentes, pressaram directamente a estas pela instituição do dote, e as proprias leis tomaram a mulher casada sob sua protecção contra os abusos do poder marital.

Acresce ainda que para melhor effeito do movimento civilizador proclamou-se a indissolubilidade do casamento, assegurando os direitos da familia e pondo termo ao desregramento das paixões e pendor immoral de um e outro sexo, pela punição do adultério, a hem da harmonia que deve reinar no lar domestico como o penhor mais seguro da educação e felicidade da prole.

Acerea das vantagens sociologicas da monogamia e da indissolubilidade do laço conjugal ninguém discorrerá com mais precisão e sabedoria do que o fez o eminente Dr. Teixeira Mendes no seu — Exame da Questão do Divorcio —, folheto publicado no Rio de Janeiro refutando um projecto de divorcio apresentado ao Congresso brasileiro.

Só lendo-o attentamente e com espirito preparado para receber a admiravel lição se poderá apreciar tão importante trabalho.

Do exposto comprehende-se bem que os instinctos sexuaes serão por si incapazes da criação da familia como inicio das relações proprias para formar o estado ou a nação; pois neste sentido aquella só começou a existir depois da instituição do casamento que em suas diferentes phases gradual influencia tem exercido na marcha evolutiva das sociedades humanas.

Se o casamento não viesse estabelecer regras para os instinctos naturaes e dar-lhes formulas compatíveis com a moral, a humanidade muito pouco teria caminhado para a civilização; o que não é para admirar desde que ainda neste seculo se encontra povos de costumes tão atrasados como os mais originaes de que a historia dá noticia.

AS NOSSAS GRAVURAS COSTUMES

Difficil seria a nossa pretensão se tentassemos descrever os costumes de nossa gente do sertão com todos os detalhes de sua vida. E' certo, porém, que vivem felizes na simplicidade de seus habitos, recordando ás vezes a lenda geneziaca de uma época venturosa em "que não havia noite, era sempre dia, a sombra dormia no fundo das aguas e todas as cousas fallavam."

Que importa a elles as maravilhas da sciencia ou os problemas da politica?

A flecha, a arma de fogo, a canoa, a enchada são os unicos ideaes que affligo a sua existencia voltada apenas para o presente.

Antes de fallarmos dos costumes d'estas gentes aproximemo-nos dellas mais um pouco, para estudarmos de leve a sua índole e o seu caracter.

No seculo XVI, que foi o primeiro periodo colonial, começou o trabalho que ainda hoje perdura menos intenso, do cruzamento das tres raças — o branco, o preto e o indigena.

Estes tres elementos ethnicos constituiram os factores do tipo brasileiro, quanto ainda não perfeito e devidamente accentuado.

Dolados de sentimentos e costumes oppostos cada um contribuiu com o seu contingente na elaboração da especie para o cunho da nacionalidade. Deu menos o indigena americano devido á resistencia da assimilação e á concurrencia do preto africano dissoluto e mais docil.

O branco europeu que veio habitar no novo continente congraçou-se logo com o negro e d'esta fusão resultou a raça hybrida que é o mulato, raça forte, energica e audaz.

Mas o indigena tambem por sua vez, apesar das luctas que sustentou, defendendo o solo ou antes a vida, muito contribuiu afinal para a composição da raça.

Desta amalgama surgiu o caboclo, não o habitante das selvas, porém o que povoa os sertões e até mesmo as cidades.

O caboclo descendendo dos tres factores conforme o entrelacamento, possui, do branco a intelligencia, do preto a humildade, do indigena a indolencia, e neste caso está o verdadeiro mistico cujos habitos pretendemos estudar conforme as estampas que formos apresentando para o futuro.

O preto, por via de regra, facilmente se identifica com os costumes do caboclo, prende-se á sua vida e como elle emprega-se na lavoura e na industria pecuaria.

Estão muito proximos um do outro, ambos são geralmente ciolos e fanaticos, acreditam em quantia feticaria ha pelo mundo; se hoje ganham um pequeno salario, amanhã estiram-se na rede, tocam viola e saboreiam a pinga.

Principiamos a dar n'este numero a estampa do preto, ou para melhor dizermos — do cafuz, sujeito ao influxo da mestiçagem, isto é, do preto cruzado com o caboclo, e por isto, como dissemos, participando dos costumes d'este como raça mais forte.

Elle volta da feira onde naturalmente realisou sua venda que costuma ser hortaliças e fructas.

Os que vão montados, são pequenos ainda, e desde esta idade habitam-se a fazer negocios, e é certo que desenvolvem muita habilidade.

Embora simples como pareça á primeira vista, o matuto é ardiloso e desconfiado em seus tratos.

A verdadeira esmola

A JUDITH RIEDEL

Si algum dia passares por um mendigo e tiveres por acaso esquecido a bolsa, minha cara amiga, não leves contigo o remorso de lhe não ter mettido nas descarnadas mãos uma pequena moeda, dá-lhe em troca a verdadeira esmola.

Perguntar-me-has agora qual é a esmola mais verdadeira e mais appropriada do que uma moeda?

Lé, pois, com attenção o que te vou contar, e verás:

Foi a primeira vez que transpuz o portal de um cemiterio e ia em companhia de ou-

Suplemento ao N. 94

—DA—

--REVISTA ELEGANTE--



Costumes

Rugando as espinhas da nuca,
A grande careca está cheia
Ansiada volte do ingresso;

E lá nos ventos do oriente,
A lua mostra a face perolada
Emergindo da cresta do pescoço.

Papillon Bleu.

O que é a vida ?

(No album de D. Annicota Santos).

*Terna poetisa.—Immensamente
grata confessa-se a minha humilde
imaginação de pobre sonhadora
echando a Senhora digna tão mex-
quinha plantaria de mimosa poe-
da nos paginas da sua querido al-
bum; entre tão bellos pensamentos
que aqui vejo escriptos, será este o
mais insignificante—uma pequeni-
na estrella pallida entre milhares
grandiosas que brilham).*

A vida—é um dia breve, resplande-
cente, alegre, primaveril para o feliz, e
para o desgraçado, triste, nublado, tem-
pestuoso; passa em tres tempos:

Infancia—, aurora que sorri através
das nuvens roseas, que o sol doira, burri-
fando a relva e as flores com gotas de la-
grimas frescas e tremulas, semelhante a
criança que sorri chorando através das
rendas do berço perfumado; é o começo
do dia, e o da vida.

Juventude—, o dia em pino que res-
plandece poderoso e absoluto, que predomina
e entorpece ao tenivel olhar de Apolo,
mas tendo a desluz, o tempo urge,
e, como a juventude, causa e foge, é o
meio dia, e o meio da vida.

Velhice—, tarde loira e serena, é o
descambar do sol, o declínio da vida, é o
adeus da luz á terra, o véo do crepusculo
que desce annunciando a noite, e a noite
é a morte.

LAURA ROSA

Scena domestica

Oh, mamãe você já sabe da novidade
que li no «Diário do Maranhão»?...

—O que é Maricota? Não vi coisa al-
guma. Sempre anda cheia de novidades...

Maricota.—Deparei na lista dos passa-
geiros hontem chegados do sul, no vi po-

«Brazil», com o nome de seu Fortunato.
A mãe.—Minha filha, tu estás enganada,
seu Fortunato não chegou; porque, sendo d.

Chiquinha ter-nos-ia mandado dizer.
Maricota.—Não senhora, não estou en-
ganada. Fortunato Gregorio da Silva che-
gou; é elle mesmo, não posso confundir-
o com outro.

A mãe.—Maricota, vá buscar esse «Di-
ário», quero certificar-me, porque o des-
engano da vista é ver. Quero ler o nome de
seu Gregorio, digo, de seu Fortunato.

Maricota em dois minutos entregava o
jornal á sua mãe, que depois de assentar
os olhos lá effectivamente na lista dos
passageiros o nome de Fortunato Gregorio
da Silva.

Maricota.—Então, mamãe, já está con-
vençada?

A mãe.—Eston, minha filha.

Maricota.—Acho conveniente mandarmos
saber d'elle, como chegou de viagem, e,
qu' depois d'amanhã iremos visitá-lo.

A mãe.—Mas... Maricota, conta-me bem
a promessa que elle te fez, antes de partir
para o Rio de Janeiro.

Maricota.—Mamãe, no baile de seu Oli-
veira, seu Fortunato, entre outros assum-
ptos, scientificou-me logo que regressasse,
viria pedir-me em casamento, ordenando-
me n'essa occasião que não fôsse mais a
baileuse durante a sua ausencia, o que tenho
effectivamente cumprido, não só os bailes
como também as festas populares de que
me tenho azeitado.

A mãe.—Tens, razão minha filha... Cha-
ma Antonia para mandarmos saber d'elle,
como chegou de viagem, e, dizer-lhe que
depois d'amanhã iremos fazer-lhe uma visita
e dar paratens a d. Chiquinha pelo feliz
regresso de seu filho.

Maricota immediatamente chama a cria-
da, ordenando-lhe que mudasse de roupa
para ir á rua.

—N'esse momento batem á porta... era
Fortunato que lhes vinha fazer uma visita.

—Theodosia mãe de Maricota de subito
corre para o quarto acompanhada da filha,
pedindo a Antonia que lhe levasse o casaco
gommado, ao mesmo tempo que Maricota
pedia as sandalias, espartilho e a caixinha
de pó de arroz.

Antonia no afan de levar os objectos ás
suas patrões, deu uma encontrada n'um
pote cheio d'agua quebrando-o e caindo
no aguaceiro do que resultou molhar o es-
partilho e o casaco gommado.

—A metamorphose foi completa e obra
d'um momento; apparecendo depois a mãe
e filha acompanhadas de quebra-ferro, um
cãozinho muito estimado de Maricota, que
receberam a Fortunato debaixo d'uma ale-
greza infernal, dando causa a quebra-ferro
ladrar incessantemente e pular algumas
vezes nas pernas de Fortunato que ficou
com a calça branca toda empastada pelo
festejado animalzinho.

—Após, Fortunato, foi introduzido para
a sala de jantar, onde fez a descripção da
sua viagem, dizendo que as saudades que
tinha pelo Maranhão não derão-lhe permís-
são de gostar do Rio de Janeiro.

—Theodosia e a filha não perderam uma
só syllaba d'aquellas palavras.

—Theodosia chamando a criada disse-lhe
que preparasse com presteza café, assim
como a filha que servisse a Fortunato d'um
pouco de doce de buriti.

—Fortunato recebendo o prato com doce,
demorou um pouco em ingerir-o; sendo
por Maricota interrogado n'estas doces pa-
lavras:

—Oh, seu Fortunato o senhor não come
nada?

—Ella.—E exacto, minha senhora, hei de
comer alguma coisa.

—Depois de servido o doce e café, For-
tunato aproveitou então a occasião e par-
ticipou a d. Theodosia e Maricota que ti-
nha pedido em casamento a filha mais
moça de seu Oliveira.

—Maricota empallidecendo o olhando
para a mãe!!!

—Theodosia esverdeando e retribuindo
o olhar á filha!!!!

—Fortunato presenciando aquella scena
e temendo algum chiquie em uma d'ellas
despedio-se apressadamente, sendo acom-
panhado até a porta da rua pelo quebra-
ferro que ladrava sem piedade.

—Theodosia.—Eu... tão Ma... má...
co... ta não te... te... disse que es-
te For... tu... na... to é um diabo!!!!

—Maricota nada respondeu, estava ge-
lada, tinha perdido o sentido.

Adelino Augusto.

HIGH-LIFE

Fazem autos no mês de Março corrente:

- Em 1—^a exma, sra. d. Maria da Gloria Parga Nias e Fran-
cisco J. da Cunha, o sr. Augusto Cesar de Araujo
Britto;
- Em 2—^a exma, sra. d. Benedita Novas Alves, os srs. An-
tonio da Silva Arco, e o sr. particular amigo e so-
cio gerente d'esta Alfandaria Francisco Pinto Tel-
leira e sua interessante filha Daisy;
- Em 3—^a exma, sra. d. Joaze Barreiros Guelho Friderico es-
posa do sr. Adolpho Friderico;
- Em 4—^a exma, sra. d. Leuzia Clara de Moraes Rego, a exma, sra. d.
Rozina Pires Moreira, o sr. José E. Dias e o sr. me-
scado Zedinho filho do sr. José Pires da Fonseca;
- Em 5—^a exma, sra. d. Joaze Rego e Innocencia do Rego
Santos esposa do sr. Firmino da Cunha Santos e o
sr. Jayme Bezaglo;
- Em 6—^a exma, sra. d. Neuzia da G. Netto e a sr. me-
scada Amélia, filha do sr. José Custodio da Silva Guimarães;
- Em 7—^a exma, sra. d. Filomena Zella Franco de Matos;
- Em 8—^a exma, sra. d. Maria Clara Tavares da Silva e os srs.
Antonio Ribeiro de Oliveira e Mariano Francisco da
Cunha;
- Em 9—^a exma, sra. d. Camilla Leopoldina Rodrigues, a exma,
sra. d. Benedita Ribeiro da Cruz Viçosa esposa do
sr. João Viçosa e o sr. M. Raymundo Correa de Faria;
- Em 10—^a exma, sra. d. Domina Perdigão e Graziela Hocketh e
os sr. me- scados Roy e Mem, filhos do sr. Placido C. Reis;
- Em 11—^a exma, sra. d. Adolpho Salles;
- Em 12—^a exma, sra. d. Ester, filha do sr. Alfredo da Silva Fortuna
e a sr. me- scada Augusto, filha do sr. Alfredo G. da S.
Silva;
- Em 13—^a exma, sra. d. Ignacina Gandra, o sr. dr. Agrippino
Azevedo e José Correia de Carvalho;
- Em 14—^a exma, sra. d. Josepha Adelaide Sobrinho Rego e o sr.
Eduardo Soares;
- Em 15—^a exma, sra. d. Almerinda Nogueira e os srs. José Tito da
Cunha Nunes e José de Faria Lobato;
- Em 16—^a exma, sra. d. Eugenia Bolli Hozer, os srs. dr. João
Jansen Ferreira, medico-conseil José Pedro Ribeiro
e capitão Herano Bento Bello;
- Em 17—^a exma, sra. d. Eny, da C. de Souza;
- Em 18—^a exma, sra. d. Patrícia A. de Almeida e Zeyla Za-
rina Goulado;
- Em 19—^a exma, sra. d. Emilia M. Ribeiro da Cruz esposa
do sr. Domingos Ribeiro da Cruz e Maria José de A.
Rodrigues esposa do sr. Augusto Rodrigues, a sr.
me- scada Iva Dolores de Almeida Brito e o sr. Antonio
B. Costa Cavalcante;
- Em 20—^a exma, sra. d. Maria Henriqueta Valente de Figuei-
redo;
- Em 21—^a exma, sra. d. Alice G. Serra Martins, as exmas, sras. d.
Cecilia da Cunha Santos, Fátima esposa do sr. Fran-
cisco Fátima, Alina Rosa Nunes e Anália Victoria
Pereira e o sr. Luiz Marques Pinheiro;
- Em 22—^a exma, sra. d. Lidgera Roman, Roberta Gomes e
Jovina Sella Rodrigues esposa do sr. Benedito Rod-
rigues e o sr. Raymundo Alexandre Vianha;
- Em 23—^a exma, sra. d. G. Medeiros;
- Em 24—^a exma, sra. d. Guilhermina Rosa de Araujo Castro,
- Em 25—^a exma, sra. d. Joana Pereira Guimarães,
Acceptem os nossos cumprimentos.

EXPEDIENTE

A distincta directoria do Club Caixa-
real composta dos srs. Milton Jansen Ferreira,
João Pedro da Cruz, Ribeiro e Antonio Nu-
nes, convidou-nos para assistir á parti-
da á phantasia dada n'esse Club em a noite
de 24 de Fevereiro passado.

La estivemos. A source esteve acima dos
acontecimentos.

Egal convite recebemos dos srs. Rosen-
do Leal Lobo e Raul A. Marques, directores
do Club Recreio Familiar, para os bailes
dados por este Club nas noites de 25 e 27
de Fevereiro passado.

Agradecemos,

O sr. João Ezequiel, do Recife, commu-
nicou-nos por circular, que no dia 18 de
Fevereiro passado assumiu a presidencia
da União Typographica Pernambucana para
a qual foi eleito pelo suffragio de seus com-
panheiros.

Comprimos-lhe o e agradecemos a fine-
za da participação.

Os srs. Franklin Veras & C^{ia} e Arnau-
hyba, communicaram-nos o titulo
para socio solidario de sua em-
presa.

Revista Elegante

cial o sr. dr. Antonio Gomes Veras, que, como tal, usará da firma.

Parabéns.

O dr. Antonio Baptista Barbosa de Godois, servindo de director da Escola Normal, convidou-nos, por carta, para assistirmos no dia 10 d'este mez, á sessão solenne da congregação d'essa Escola, a qual teve por fim a entrega do diploma de normalista ás alumnas que terminaram os seus estudos.

Agradecemos.

Agradecemos ao sr. Armando Vidigal, director da Bibliotheca Publica do Estado de Alagoas, Maceió, o offício que nos dirigiu, agradecendo a remessa que fizemos do nosso album para aquelle estabelecimento.

Em circular que nos dirigiram os srs. José de Souza Gomes & C.^a, dão-nos parte de terem admitido para socio de sua casa commercial o sr. Raymundo Mariano Serra, continuando a firma sem alteração.

Agradecemos.

O sr. I. Nery da Fonseca, de Pernambuco, em carta que nos endereçou, dá-nos parte, que pela falta de informações de necessidade constante á pratica commercial em suas relações officiaes, quer no que concerne ao serviço das alfândegas e outras repartições federaes e estaduais, quer de estatística e noções de vantagem para o desenvolvimento das relações mercantis, resolveu a publicação da *Revista Industrial Mercantil*, que, formará uma verdadeira enciclopedia de informações utilissimas ao commercio e industria.

O primeiro numero deveria sair em Janeiro ou Fevereiro, sendo o preço da assignatura por um anno 38\$000.

As assignaturas devem ser dirigidas á *Revista Industrial e Mercantil*, caixa n. 202, Pernambuco.

Os srs. A. F. de Oliveira & C.^a, do Pará, em circulares que nos dirigiram, communicam-nos a extinção d'esta firma, constituindo uma outra sob a razão commercial Autran, Rocha & C.^a, que ficou com o activo e passivo d'aquella. Fazem parte d'esta nova firma os srs. Miguel Antonio de Barros Lima, Manoel Antonio de Barros Lima, Antonio Feliciano de Oliveira, Carlos Freire Autran e Manoel Lins da Rocha.

A nova firma, desejamos prosperidades.

A distincta directoria do Centro Caixaerial, convidou-nos para assistirmos á sessão magna realisada na noite de 3 do corrente, dia de seu 10º anniversario.

Foi-nos tambem offerecido pela mesma directoria, um exemplar do seu jornal «Centro Caixaerial» edição especial, orgão d'aquella sociedade.

Agradecemos.

O sr. Cardoso Junior, do Rio de Janeiro, por intermedio dos srs. Leoncio J. Medeiros & C.^a, livreiros n'esta praça, offereceu-nos um exemplar do seu livro de poesias «Larvas», prefaciado por Silva Marques.

Vamos lê-lo.

O dr. Sergio Antonio Vieira offereceu-nos um pamphletto, intitulado «Questões transcendentes» e contendo uma collecção de artigos publicados no jornal d'este Estado «Pacotilha».

Agradecemos.

THEATRO

Realis. Noite de 14 do corrente
mez no S. grande festival em homenagem a O. Coliva.

O sr. Nuno Pinho, inspector do Theatro, aproveitando o ensejo de apresentar ao publico os trabalhos scenographicos de Coliva, depois da reforma porque passou aquelle edificio, organisou um bello concerto vocal e instrumental em que tomaram parte diversos professores, sob a habil direcção do insigne maestro L.^o tenor brasileiro A. Raiol.

A festa correu magnificamente. Viam-se naquella primoroso templo da arte como duas irmãs enlaçadas n'um amplexo adoravel, eterno, edificante—a musica e a pintura. A Orestes Coliva um *shak-hand*.

Pequena correspondencia

Hypollito Xavier Coutinho—Para, Villa Arana—Muito bem, conte connosco. Se não for n'este numero será no outro. Pode mandar mais. Não é necessario o que pede. Estão muito bons.

Alberto F. Rodrigues Pelotas—Nascermos a li'a vamos mandar, porque já lhe fizemos a primeira remessa ha muito tempo.

Bernardo Caldas, Manaus—Vemos a reclamação que nos faz sobre a falta de recebimento do nosso jornal. Achamos-a justa, mas o mesmo não acontece com a maneira porque a fez. Enquanto á sua pergunta: «E assim que se trata os assignantes d'esse jornal?», não entrando na apreciação da falta de grammatica, temos a dizer-lhe que seria «ssa a maneira se V. S. fizesse parte d'esta Redacção.—N'esta data fazemos seguir ao seu endereço uma collecção de todos os numeros do anno passado e deste até hoje.—Estimaremos que fique satisfeito e aqui estamos para receber as suas ordens, contando que venham em termos menos... grosseiros.

José Bernardo da Silveira, Riachão—Sim senhor, muito bem. As suas ordens serão cumpridas e notamos as assignaturas que nos mandou, mas no nosso canhenho de assignaturas, do proximo anno, isto é, de 1.^o de Maio deste anno a 1.^o de Abril de 1901. Creio que approvará esta nossa resolução.

Aguardamos esse abraço.

Juvenio Soares de Queiroz, Riachão—Recebemos o seu boletim de assignatura para o 3.^o anno de nossa Revista, a começar em 1.^o de Maio proximo futuro.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Communicando aos nossos assignantes que todas as assignaturas da *Revista Elegante*, terminam, sem excepção, no dia 30 de Abril proximo futuro, lembramos-lhes a conveniencia de reformal-as, afim de não dar-se impedimento na remessa da folha.

Revista Elegante

NOVO ANNO DE PUBLICAÇÃO E 3.^a DA SEGUNDA SERIE

Publicação illustrada, contendo uma capa com 4 paginas de annuncios, 4 paginas de texto, um supplemento com uma ou mais gravuras, pelo processo autotypico.

ASSIGNATURAS:

ANNO 2-000, DE 1.^o DE MAIO DE 1900 A 30 DE ABRIL DE 1901

PROPRIEDADE DA

ARFALATARIA TEIXEIRA

LARGO DO CARMO

MARANHÃO

REVISTA ELEGANTE

Acceitam-se annuncios para este jornal, por contractos mensaes, semestraes ou annuaes, a preços modicos.

“O CORREIO DA AMERICA”

Temos recebido o N.^o 11 d'esta sympathica publicação que ve a luz em Nova York e que já se tornou famosa de um extremo a outro do nosso hemispherio. Chama a attenção o dito numero para o Concurso N.^o 5, mais interessante ainda que seus predecessores.

O presente é na realidade um Concurso litterario.

Os que tomarem parte n'elle, terão de attrahente, além de varios premios em ouro americano, a satisfação, se triumpharem, de ver suas habilitades litterarias proclamadas e suas composições reproduzidas milhoes e milhoes de vezes.

Nas boticas se distribue gratis “O Correio da America” e recomendamos que se estudem as condições do dito Concurso que são bastante simples.

Será sufficiente ler algumas das opiniões medicas que apparecem em quasi todos os periodicos ou no mesmo “Correio” sobre a Enlipsis. Scott e formão pequenos artigos de 100 palavras ou até 150, posto em differente forma o mesmo que dizem os medicos.

Cada competidor pode ajuntar de sua propria mente qualquer ideia acertada que lhe suggira a composição da medicina ou seus effeitos.

Este paragrapho consta de umas dezetas palavras. Pode, pois, ver que não é obra de titans o que se exige.

na. na T. p. a. cap. de Alvimara Teixeira—por José B. A. Lima.

Suplemento ao N. 95
DA
REVISTA ELEGANTE



Quartel do 5. Batalhão de Infantaria.

isa

tra amiga; o porteiro, um
nos por todo o quadro des-
do-nos, pacientemente as me-
turas; aqui uma sapata de pen-
uma pequena cruz n'um modesto
mais adiante uma ermida em mi-
com singelas inscrições circulares de
petuas e sempre-vivas, e assim outras
muitas.

Silenciosas e possuídas do respeito
do e tristeza que infunde esse lugar sa-
do, caminhavamos por entre as alas, s-
guindo o avô Thomaz, pois era assim que
n'aldeia chamavam o velho porteiro; fui
porém obrigada a parar diante de uma po-
bre campã, que chamára minha atenção.
Tinha em cima da terra um pedaço de pe-
dra lisa e ao lado uma rustica cruz, forma-
da de pás seccas; não deixava de ter uma
commovente inscrição, e foi de todas as
que fomos lendo a mais tocante; curvei-me
então e li em voz alta—

«A minha mãe.

Oh! adorada mãe! Si é certo que através
do azulão impenetrável, ou em algum obs-
curo recondito mysterioso, existe um céo,
implora ao Christo amado e poderoso que,
em breve, junto á tua esteja minh'alma pura
ainda, qual a conhecesse, conservando,
como doce orvalho tépido, a ultima lagri-
ma que verteste na hora terrível em que
me deixaste para todo o sempre.»

De quem é esta sepultura, avô Thomaz?
perguntei ao terminar.

É da mãe de Joanna, minhas meninas,
uma pequena mendiga, que anda pelas es-
tradas a pedir esmolas.

É muito pequena ainda? perguntou mi-
nha companheira.

Não senhora, já tem dezesseis annos, é
uma pobre victima da miseria e da deshu-
manidade d'aldeia, chamam-n'a a filha da
bruxa, porque, diziam, a mãe era feitiçeira;
maltratam-n'a, não querem dispensa-lhe
protecção alguma, chegando até a negar-
rem-lhe o trabalho, porque faz bruxedos.
Pobre pequena! é tão meiga, tão boa e tão
desgraçada! anda em farrapos pelos bos-
ques, habita a lura onde morreu-lhe a mãe,
já faz quasi um anno, foi n'uma noite de
tempesta tempestade.

Conte-nos tudo como foi, avô Thomaz,
pedimos ambas a um tempo, já nos interes-
sa muito, essa infeliz pequena, e, ansiosas,
esperamos.

Não era alfeição o velho porteiro, havia
chegado ha pouco alli, como depois nos
referiu, era polido e fallava com acerto, de-
pois da curta silencio, principiou:

Foi em uma noite de inverno, no vasto
grammato ennegrecido amontoavam-se as
neves, serpentavam coriscos e
fúrias, a ventania e regelava, grossas
neves cobriam os telhados das
casas, e as janellas das janellas,
enquanto a ventania turbulenta e
ribombante.

Das
vozava
ca de
resfriou
se ao
das, e
entah
Meu
li al
um
silenci
ma se
Ah
fina
chi

istres, t
ramidal;
o frontão
sentam
Caridade
rança
No
armas
pal'mos
tanhen
Ha
ogivas
dellas
circular
Solve a porta principal, le-se, em let-
tras de tres pal'mos, feitas a estuque em re-
levo, as palavras—Hospital Portuguez—e
por baixo d'estas, em aguçamento de palmo
e meio, a data—1877.—No alto da summa ha
está a palavra—Caridade.
A parte interior do rio da frente está
dividida em tres compartimentos: o que
está á direita de quem entra, o que
está á esquerda e apropriado ao ceo o
redor, que communica p' o interior
da casa, e á esquerda, a secretaria.
O interior do edificio e'ho as enfer-
meiras, os quartos particulares, casa de
levar, a cozinha, banheiros, cozinha e lo-
cas mais dependencias de uma casa
boa e bem montada.
O edificio está situado em terreno sec-
cario, é o frado, livre por todos os lados; cer-
rio da chuva; ha pomar abundante e muita ver-
de, a velha bay das que se lhe approximam.
Pobre criança! e'ho do hospita—S. João de
toda a noite! o eu allá—dia 4 de Outubro do
respeitava sua justa de—no noite e o do rei
Quando purpurinou a—protector da
invadiram a lera os alde—o filio de—
innocentes da menina ar—da, pede-se di-
dosos o cadaver da mãe, estas que o
acompanha-o, não valendo o
e as angustiosas supplicas a
quena.
Desde esse dia levei-a para a
afim de fazer companhia á minha
posa.—Ella é uma perola, minhas
mas o povo começou a maltratar
chamar-me tambem de feitiçeira; pe-
não quiz ficar mais commosco a pobre
nina, apesar de nossas instancias, não
xei porém de chamal-a ás horas da refeição
e dar-lhe alguma roupa. E' pena! tão heli-
e tão joven!
Passa os dias nas estradas e nos bos-
ques ou junto a esta sepultura, e ás noites
em sua lugubre habitação!
Calou-se o velho, pensativo, e ambas
commovidas tinhamos os olhos fitos na ins-
cripção.
La interromper o silencio que pairava
entre nós, quando puchou-me pelo braço a
minha amiga, apontando para um arbusto
frondoso e baixo que havia perto.
Ha alli alguma cousa que fez estremec-
cer aquella planta, disse ella.
Vão ver que é a pequena, minhas me-
ninas, retorquiu o velho porteiro, e, caute-
loso, levantou os galhos que rodejavam o
solo, e accrescentou—é aqui que costuma
ella dormitar a escuras.
Nunca hade escapar-se-me da mente,
minha cara Judith, um só traço daquelle
formoso quadro vivo que desen-
hou-me os olhos ao fundo
do meu coração.
Eu
Eu

se
nua
a ver
As
litterat
inanciel
das suas
que tem

idade lar
por-bala
re forma py
ntro sustentam
angulos as-
te as estatuas da
direita) e Espe-
José
da
ronyua
Franci
José M
noel R
tho Jos
xoto, J
Vn
J. Maia
Coelho
X. Braz
Exe
Luiz I.
Vasco d
dre Her
—O
um conte
—Ele
numeros
midos. 4.
A sua
Assen
ria G. de F
Manoel J. G
berto Teixe
Direto
noel J. A. d
ardino J. M
R. Faria, Jo
—Com a
temos nos os
servicos que
Humanitari
coe usso, e
molestas
quando
unangul



PUBLICAÇÃO MENSAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Propriedade da
—ALFALATARIA TEIXEIRA—

Gerente—Alfredo Pinto Teixeira

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—IMPERIAL—

Caixa Postal 40

ANNO IX

Maranhão, 20 de Maio de 1900

NUMERO 95

REVISTA ELEGANTE

Considerações philosophicas.

A Família é o Estado em embrião, contendo o germe da organização social de tal modo que, por seus costumes, bem se aquilata o grau de frasco ou de adiantamento de um povo. Ha quem a denomine a célula social comparando impropriamente a formação da sociedade humana com a organização dos corpos vivos.

Se sua evolução tem, como ficou dito, dependido em grande parte das condições moraes do laço de união dos sexos ou do casamento, não se pode também negar a parte activa e elementar que nella ha tomado o instincto da propriedade.

Este instincto apresenta-se immediatamente ao direito mais natural que se conhece, qual o de garantia da vida e conservação da propria existência, e d'elle emanam os melhores committimentos do impulso civilizador.

Em quanto abundaram os meios de subsistencia ou em quanto limitando-se a especie humana a vida animal contentava-se com os productos naturaes, a pro-

priedade era quasi desconhecida, porque todas as cousas devião ser communs e submette cada um julgava seu aquillo que podia ter em suas mãos ou sob sua vigilancia.

Logo porem que esses meios foram escasseando e que para obtel-os nas occasiões precisas tornou-se necessario o auxilio da industria, tomou ella feição individual encrevendo na proporção do trabalho e arte empregados para sua aquisição e conservação, e desde então passou a evoluir, influyendo efficazmente na constituição da familia e modo de regular os casamentos.

As cousas indispensaveis e rearam-se de um certo numero de pessoas que inspirassem, uns aos outros, reciproca confiança e estas pessoas adquiriram por isso mesmo direitos; mas tão mal comprehendidos erão ainda esses direitos que a ignorancia e o abuso da força fizeram das proprias pessoas objecto da propriedade dando origem á escravidão.

O lar, uma das primeiras necessidades da vida privada, para abrigo nas intemperies, guarda e conservação do producto do trabalho dos que se afastavam da vida em commum, reclamo a presença de um chefe e de seus auxiliares, em cujo numero entrou a mulher como depositaria mais natural das confidencias d'aquelle.

Com quanto muito informe ajuda, no tocante aos requisitos moraes, desde então ficou estibada a familia, expressão que nem sempre teve a significação que hoje se lhe dá, porque a sua origem era empregada para designar o pessoal do serviço de algum.

Ora, se este grupo de pessoas sempre constasse de um chefe, sua companheira e filhos, que por sua vez constituíssem outros grupos ou familias, teriamos logo a humanidade prolongando-se no terreno da moral e ligando pelo incentivo da propriedade as relações particulares aos interesses geraes.

Mas assim não aconteceu porque o communismo e a promiscuidade sexual, tomadas como regra geral, entorpecião a actividade individual e difficilmente pôde esta surgir da poligamia e da polyandria, nas quaes o fruto das uniões amorosas ficava sem garantia e privado dos affectos e delicacões que fortalecem a vida e estimulam as aspirações generosas.

Os phenomenos sociologicos operão por forma tão complexa e conjuncta que difficilmente se pode determinar a ordem em que se succederam os factos geradores da organização social. Tenta a formação da familia por causa immediata o casamento ou o instincto da propriedade, a verdade é que o effeito civilizador de sua instituição depende incontestavelmente da co-operação dos dois elementos.

O instincto da propriedade sem as modificações do casamento deu origem á escravidão; e todavia, para que o casamento podesse extinguir a escravidão tornando permanente o laço conjugal foi preciso que a intensidade dos affectos amorosos, susceptivel de enfraquecimento nas praticas da vida, se fortalecesse pelas preocupações do interesse que o gozo da propriedade desperta.

A promiscuidade sexual e suas variedades foram uma consequencia do instincto da propriedade antes da instituição do casamento, assim como a escravidão foi uma consequencia do casamento antes que o instincto da propriedade se aperfeicoasse.

A escravidão nada mais foi do que o resultado da má applicação do direito que devia harmonisar o interesse das cousas com o bem estar das pessoas. Gerada na ignorancia dos deveres sociaes e na consequente anarchia dos costumes entranhou-se ella por tal forma na vida intima da familia que ainda hoje é tão difficil fixar a epocha de sua apparição como extinguir os seus effeitos.

Uns attribuem-na ás guerras da antiguidade e outros aos abusos do patrio po-

der, nesse tempo, investido de auctoridade demasiadamente illimitada. Com quanto os segundos se approximam mais da verdadeira causa procurando-a não entre os estranhos, mas no seio da propria familia, parece que nenhuma das duas opiniões atinge o ponto principal.

A este respeito transcrevemos as palavras de M. Garnier Cassagnac, citadas por Theodoro Morin na sua obra intitulada— «Estado sobre a organização do trabalho e o futuro das classes laboriosas».

Diz elle:

«É evidente que ainda quando houvesse grande differença entre a escravidão applicada aos filhos e a escravidão applicada aos estranhos, uma procede naturalmente da outra. Muito depois de existir a escravidão na familia como um facto vieram as leis e as instituições que fizeram a sua theoria e erigiram-na em direito. Ella devia necessariamente ter sido um facto antes de ser um direito, sem o que o passado das nações se tornaria um enigma absurdo; seria impossivel justificar a convicção moral que fazia os escravos, vinte vezes mais numerosos que seus senhores, deixarem-se ficar escravos; e teria finalmente se conservado na memoria dos povos alguma cousa dessa epocha abominavel, em que os homens, de animo deliberado, acorrentaram seus semelhantes tirando-lhes não somente sua liberdade, porém, mais que isso, suas familias, seus direitos, sua personalidade, seu nome e consciencia da nobreza e da santidade de sua natureza.

«Ora, admitindo a theoria que aduzimos e que os factos justificam, tudo se explica. As legislações diversas e as passagens dos povos que se reúnem para dar testemunho da primitiva auctoridade absoluta dos paes de familia mostram a formação espontanea da escravidão, a qual achava-se contemporanea da liberdade, isto é, não tem começo e data do proprio nascimento dos homens. Uma vez aceita sem hesitação na familia comprehendese sem difficuldade como ella passou alem desta e como um filho, vendido, dado, empenhado ou perdido por seu pae, tornava-se escravo de senhor estranho sem alteração em seu estado e sem que elle tenha cousa alguma a sentir ou temer. Chegadas as cousas a este ponto, dá-se a generalisação das familias, sua reunião em cidade ou estado, e então os factos já existentes são contestados, regularizados e sancionados, o escravo continua escravo. Nada ha em todas estas mudanças que deva ferir o ou revoltar. A sociedade e para elle a continuação da familia e as leis nada acrescentão ao chicote do pae.»

Theodoro Morin porem combatendo a theoria enunciada julga os sentimentos paternos (sem duvida por má apreciação do caracter da familia antiga) incapazes de tamanha monstruosidade e só ve nas guerras e no constrengimento de estranhos a causa da escravidão.

Em nossa humilde opinião M. de Cassagnac teria completado a sua demonstração se a descobrisse não positivamente na barbaridade dos paes, mas na degenerada auctoridade do poder marital, isto é, nos defeitos das unões sexuaes antes da instituição regular do casamento e da verdadeira applicação do direito de propriedade.

Enquanto o casamento não pôde garantir, por seus condicoes, mores o reconhecimento da paternidade, a denominação de pae de familia nem sempre designava o progenitor. Uma vez significava elevação de posição pela idade e outras pela auctoridade, auctoridade que ainda hoje é

exercida pelos tutores entre os pupillos independentemente do parentesco.

As funções do pae de familia devião ser bem differentes das que se lhe quer attribuir. A confusão dos costumes e desregramento das paixões tirava-lhe os meios de conhecer sua descendência para que possamos considerá-lo susceptivel dos sentimentos que distinguem o pae de familia entre os povos civilizados.

Era por meio da força ou do poder das circunstancias que a mulher entrava na composição da familia, onde ordinariamente encontrava rivais das quaes desembarcavam-se, umas das outras, levando o chefe, marido ou senhor, a vendel-as com seus filhos, que assim passavam a outro dominio.

Como o filho vendido só conhecia o parentesco materno justifica-se perfeitamente o desprendimento do vendedor não havendo nellê nenhum motivo de afeição capaz de pezar mais do que o seu egoismo.

Tire-se á familia as garantias do casamento monogono deixando que o amor livre invada o lar domestico sem receio ou temor de repressão e veremos a que se reduzem os affectos e deveres paternos. Muito admirados ficaríamos da rapidez com que havíamos de voltar a esses tempos que hoje mal comprehendemos.

A venda das pessoas da familia era na maior parte dos casos um castigo ou punição das faltas nella commettidas e tão natural se tornou o exercicio desse direito que por fim foi na guerra empregado como acto de clemencia do vencedor, que vendendo os vencidos accedia ás suas supplicas poupando-lhes a vida.

São os costumes particulares que formão os costumes publicos e a'ê as leis, e é por isso muito natural que existindo na familia a escravidão como um facto originado do dominio abusivo não do pae, que nem sempre se considerava tal, mas do sexo forte sobre o sexo affectivo, se tornasse ella posteriormente um direito exercido publicamente e sem contestação alguma até o periodo em que começaram os embargos da civilisação.

A NOSSA GRAVURA

Quartel do 5.º Batalhão de Infantaria

A vista que apresentamos com o presente numero desta Revista mostra o Quartel do 5.º Batalhão de Infantaria.

A parte da frente olha para o largo que outrora chamava-se *Largo do Quartel*, hoje mudado pela Intendencia Municipal para o de Praça Deodoro; e da retaguarda para o *Campo d'Ourique*.

A sua construção foi auctorizada pela carta regia de 27 de Junho de 1792 e executada pela portaria de 12 de Setembro de 1793.

Esse edificio apesar de ser um dos primeiros do Brazil, não foi construido segundo o plano delineado, que certamente o tornaria com proporções ainda maiores e de mais architectura.

Por muito tempo conservou-se no lado direito do quartel, no lugar onde hoje está situado-se uma bella avenida com o nome de—Gomes de Castro, grande numero de pedras de cantaria, vindas de Portugal, com destinos ás obras, as quaes, após alguns annos, foram mandadas remover para o Dique.

Não acreditamos que essas obras mais sem que afasta o primitivo plano não pudessem ser aproveitadas.

Ficou concluido em 1797, no tempo de D. Fernando Antunes, da Noronha com accommodações para 1333 praias.

Mede 31 braças de frente N.S. e 81 de fundo a.O.

LITTERATURA

Dois mortos

(Ao illustre poeta V. Tito.)

Elle! solidi, mudo, humilde,
como a floresta ruidosa e silenciosa,
que da attenção alinda na orcalhada—
tombou da vida, do leito e da longançosa...

Da vida elle morreu na alvorada,
quando a existencia é divina, radiosa,
quando a attenção pequena desce da
do pelico da vida—e um céu de rosa...

Elle!... morreu... O sepiro caninha
silencioso trilha... Tal a vida
alma a contemplação no fozal caído.

Meu Deus! quanta é profunda esta angora!
...Desce a corpa de Laura a sepultura,
e com ella alguma mais—para coração!

Maio—1899.

Alfredo Castro.

GONÇALVES DIAS

Ha seu nome immortal no Maranhão
Que de honras ao Brazil e' real
Esse nome é o de Gonçalves Dias,
O grande poeta—Rei das harmonias—
Que o occidente celebrou!

O Sabiõ era seus trechos gorgeios
Procura o seu canção!
Faz parte no trinar, repete ainda
Depois, todo trilha o canção finda
A succulência do dia!

De tanto, quando além a brisa passa
Resando o gongoloso,
As palmas uma a uma, e abanico
Faz um autotruco forte ou brejeiro
De trilha a igual!

Então todo o Brazil chora sua morte,
Mas ali... no corpo patil...
Seo poble Maranhão... chora de máto!
Esse o nome e o corpo lhe releve
O nome e immortal!

H. X. Coutinho.

Rio Grande do Sul—1891.

Saudades...

A familia do Coronel X... alegrava-se com a esperança de breve abraçar o Nhônhô, como chamavam ao filho mais velho, que na Capital Federal acabava de fazer o primeiro anno de medicina.

O rapaz que pela primeira vez havia-se separado, por exigencias sociais, do seio da familia, sentia todos os dias, todas as horas, desde que deixou o seu torrão natal, as mais crueis e doloridas saudades indescritiveis.

Muita vez maldizia a sua sorte, vendo-se tão distante dos seus entes queridos, mettido em uma casa de pensão, sosinho ás vezes, cercado sobre os livros, procurando comprehender o que estudava.

Era estudioso mesmo e esforçava-se ainda mais, em obediencia ao desejo mais ardente de seus paes—conquistar um pergamino e ter o titulo de Doutor!

Chegou afinal o dia do exame e o Nhô, depois de grande susto, experimentou uma alegria sem limites: foi aprovado com distinção, e seus progenitores ao terem a agradável notícia, providenciaram no sentido do Doutorzinho ir passar com elles as férias na Capital do Estado do... onde residiam.

O Nhô rejubilava-se com essa felicidade inusitada de voltar ao seu torrão, no qual sempre fallou desde que se afastou dos braços da casa paterna.

Os primeiros tempos que passou no Rio de Janeiro foram de verdadeiro tédio para elle.

Matriculou-se na Escola, e depois de aporrear o frote com que os calouros são recebidos pelos veteranos, foi-se dando com elle e com outro, entretendo relações de amizade com os seus collegas.

Entre estes, destacava-se o Alberto, já o 5.º anno, um bello rapaz, alto, distinto, que tinha nas ceadas de pai para com o Nhô, que por sua vez, lhe dedicava grande amizade, confiando-lhe todos os seus segredos, desabafando o coração quando sentia que as saudades o suffocavam.

Às vezes, abandonava os estudos e unia-se a chorar.

Relia as ultimas cartas do norte, de seus paes, cartas cheias de affecto e conselhos.

Recordava-se então dos pedidos que elle bom velho lhe fizera, entre outros, a occasião da despedida, e que eram lembrados em todas aquellas cartas... disfarçando o seu pesar chegava-se á janella, spraiava a vista para um e outro lado acompanhando o movimento da Praia de Botafogo, onde morava.

Sentava-se depois á mesa do trabalho. Estudando com affeição, ponde fazer a bonita figura que já vimos.

Havia, porém, uma coisa qualquer que chamava a attenção do Nhô e o fazia hesitar nas horas do estudo chegar de vez a quando á janella.

Não seria a belleza poetica d'aquelle anorama de Botafogo?

Confessou finalmente ao Alberto que quella visinha encantadora quem o tornava tão pensativo ás vezes.

Aquellas tristezas, aquellas longas absences, não vinham só das saudades da familia.

Namoram-se.

Era natural.

Estavam na idade das flores, na primavera da vida como diz o poeta.

O facto é que o Doutorzinho passava as horas de recreio gemido á janella trocando ternos olhares apaixonados com a sua visinha. Olhares somente...

Era tão tímido o Nhô...

Chegou o dia da partida. O Alberto e mais alguns collegas acompanharam o nosso viajante á bordo.

Era uma linda manhã de Abril, em que a bahia do Guanabara ostentava-se orgulhosa, com todo o seu esplendor, banhada por um sol brilhante, reflectindo sobre as aguas, na formosura das ondas, uns tons crus de prata incandescente, a fazer turbilhão na caldeira gigantesca do oceano.

O paquete zarpara ás 9 horas.

Às 8 1/2 começaram a retirar-se os que tinham ido levar os passageiros.

Os futuros medicos despediram-se com abraços enternecidos de seu collega. Este, quando abraçou o Alberto, apertou-o mais levemente e deixou-o n'um gesto rápido para occultar do moço o pranto que o tomara irresistivelmente.

Porque seria isto quando elle tinha a certeza de voltar brevemente?

Pelo contrario, devia estar risonho e satisfeito, pois via que o seu sonho dourado começava a tornar-se realidade.

Depois de, no tombadilho, ter perdido de vista o bote que conduzia seus collegas para terra, recolheu-se o Nhô ao seu camarim e começou a recordar-se da vida que tivera no Rio de Janeiro.

Ao mesmo tempo, sentia-se satisfeito por ver que o vapor começava a mover-se, lembrando-se então, que dentro de poucos dias estaria na sua terra natal, na casa paterna, recebendo os carinhos de sua querida mãe, e contando factos da Escola ao seu pai, que, todo o orgulhoso, havia de querer saber minuciosamente todos os detalhes do seu primeiro anno de acadêmia.

Olhando pela vigia, observava que ia deixando a Capital do Brazil.

Quando veria de novo Aquella?

E pensando na gentil visinha, uma lagrima de saudades foi misturar-se áquellas aguas revoltas que os beijos do sol davam uns tons crus de prata incandescente.

Rio, 20-12-93.

A. R. Silla

O rouxinol e a rã

A' beira da lagôa coiza a rã,
u'ma noite d'inverno regada;
po'a Deus seja nullo pe' d'ougaia,
e sua torção, n'essa despo'la manha.

Estimando no gallo a tal gaila,
da co' e' convulsa n'outra p'eca;
n'outra noite g'ouba o' gallo a n'outra,
tornando ja' a n'outra d'alvada.

Tambem, fago, diz elle, n'outra co'za,
d'outra a' f'ez, n'outra d'outra a' f'ez;
D'outra d'outra co'za n'outra a' f'ez;
D'outra d'outra co'za n'outra a' f'ez.

coiza a ch'eva, a' f'ez a' ventuza,
a' f'ez a' ch'eva, a' f'ez a' ventuza;
a' f'ez a' ch'eva, a' f'ez a' ventuza;
a' f'ez a' ch'eva, a' f'ez a' ventuza.

Laura Rosa.

AMOR E VENTURA.

A' R...

Ver sempre a f'icidade nos teus olhos,
e suppor que a vida, f'ez, e' sempre avia;
n'outra noite g'ouba o' gallo a n'outra,
tornando ja' a n'outra d'alvada.

n'outra co'za, diz elle, n'outra co'za,
d'outra a' f'ez, n'outra d'outra a' f'ez;
D'outra d'outra co'za n'outra a' f'ez;
D'outra d'outra co'za n'outra a' f'ez.

n'outra co'za, diz elle, n'outra co'za,
d'outra a' f'ez, n'outra d'outra a' f'ez;
D'outra d'outra co'za n'outra a' f'ez;
D'outra d'outra co'za n'outra a' f'ez.

é o que deseja um coração pe'clero;
é tudo que'n'outra co'za, n'outra co'za;
exigências do Amor que nos é c'ero 17...

Mato de 1900.

M. GEORGE GONCALVES.

D. Alice

D. Alice loura, pallida e melancolica, era um verdadeiro tipo de moça romantica, tipo tanto mais aprofundado quando procurava imitar os mais correctos modelos dos romances piegas, cuja leitura a deliciava habitualmente.

De tudo D. Alice se assustava e ao menor susto tinha chibiques elegantes; dizia-se cansada a segunda volta de valsa, apoiando-se languidamente ao braço do seu ca-

valheiro; fugia-se distrahi da no meio da mais animada e agradável reunião, fitando com os seus bellos olhos azues, um ponto somente visivel para ella e até então regeitara dezenas de pretendentes á sua belleza e ao seu dote.

Sempre que extranhavam-lhe conservar-se ainda solteira, D. Alice respondia sorrindo docemente:

— Ainda não encontrei o meu ideal.

Algumas amigas de D. Alice, por inveja, sem duvida, cochichavam entre si:

— Aquella, não obstante a formosura, que lhe dão e o dinheiro do pai, ficará para tia.

Um dia, porém, quando menos esperavam, espalhou-se a noticia de que D. Alice se casava.

Uma paixão rapida e verdadeira, a de D. Alice!

Conhecera o noivo em um baile e a sua perfeição na americana, ao par de um physico de poeta descrente, electrizará a portal forma que dentro de pouco tempo decidia-se o casamento.

Encontrara D. Alice o seu ideal.

Durante o noivado, D. Alice poz em pratica todas as piéguices que aprendera nas novellas e romances—cartas perfumadas e com estylo afambicado, declarações ao luar, scenasinhas de ciúmes, adoráveis arrafos seguidos de deliciosas reconciliações, etc., etc.

Possuía D. Alice, uma bella pal'seira de ouro:—nada mais simples—um aro delicadamente cravejado de purissimos brilhantes que prendia-se ao liço por meio de um cedeado em feito de coração. A chave—rica e mimosa obra de ourivesaria, um primor de arte e de bom gosto em que se liam as palavras—"Sou tua"—deu-a ao noivo no dia do ajuste das bodas, dizendo com voz assucarada:

—E' a chave do meu coração, Augusto, é o symbolo do poder que tivestes de penetrar nos seus mais reconditos arcanos.

E apertava-lhe docemente as mãos, envolvendo-o com um olhar apaixonado.

Mas... pobre D. Alice! poucos dias bastaram para que reconhecesse quanto infeliz fôra na sua escolha.

Augusto o elegante, Augusto o perfeito dançador de americanes, era bruto, chato e interesseiro. Difficilmente conseguira o falso verniz de boa educação com que a enganara, e quando a viu bem apaixonada, suppondo-a irrevogavelmente preza a sua grosseiria a ponto de cortar as poeticas tiradas de Alice, bafando-lhe as faces com o fumo do seu charuto barato.

D. Alice reconheceu a erro em que cahira, chorou a sua infelicidade, mas, energica e decidida, retirou-se do marido numa especie de divorcio, e de talde esperou que lhe fosse devolvida a chave do "seu coração", escreveu-lhe dizendo entre outras cousas, "que aquelle objecto já sem valor para elle, apresentava o grande inconveniente de recordar-lhe factos só merecedores de esquecimento completo."

Cynica foi a resposta de Augusto:

"D. ALICE.

"Si não fôra a sua carta, não me lembraria de tal coisa. Mas, não se affimele ao que me diz, pois a sua carta é aristocratica e misteriosa, a preciso, pois, passai-a nos collegas."

"Todo seu, etc."

D. Alice soluçou com amargura tanto cynismo, mas curou-se da sua mania de

mantida, casando-se mais tarde quando desapareceu a sombra do seu destino com um homem sério e bom, ainda que um tanto fatigado, completo burguez e hoje é mãe de algumas creancinhas salidas, rosas e alegres.

ARMANDO DE BEBBERDO.

HIGH-LIFE

Fazem parte da lista de Músicos correntes:

- Em 1.—A esposa senhora dona Maria Amélia Barbosa, filha do senhor, esposa do senhor Dr. Affonso Saldanha, Alcaide da Comarca de Aracaju. Filhos do senhor: A. Cavallini, na rua do Rio de Janeiro, e o Alcaide de Itatiaia e Francisco G. de Alencar.
- Em 2.—A esposa senhora dona Maria José Pinheiro Netto, e o senhor José Ribeiro de Amorim.
- Em 3.—A esposa senhora dona Maria José.
- Em 4.—O senhor Manoel, filho do Dr. José Clementino de Barros, do Rio de Janeiro.
- Em 5.—A esposa senhora dona Maria Anna Pinheiro da Cruz Alencar, esposa do senhor Manoel, e o senhor Manoel, G. de Alencar, Moreira Nogueira.
- Em 6.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Ruy de A. da Silva.
- Em 7.—A esposa senhora dona Francisca dos Santos Machado, filha do senhor Antonio Pinheiro da Costa. Filhos do senhor: Antonio, Barbosa Alcaide de Itatiaia e o senhor Manoel, filho do senhor Agostinho de Faria.
- Em 8.—O senhor Manoel, filho do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 9.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 10.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 11.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 12.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 13.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 14.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 15.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 16.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 17.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 18.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 19.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 20.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 21.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 22.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 23.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 24.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 25.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 26.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 27.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 28.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 29.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 30.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 31.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 32.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 33.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 34.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 35.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 36.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 37.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 38.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 39.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 40.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 41.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 42.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 43.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 44.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 45.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 46.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 47.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 48.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 49.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 50.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 51.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 52.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 53.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 54.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 55.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 56.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 57.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 58.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 59.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 60.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 61.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 62.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 63.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 64.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 65.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 66.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 67.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 68.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 69.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 70.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 71.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 72.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 73.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 74.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 75.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 76.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 77.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 78.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 79.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 80.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 81.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 82.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 83.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 84.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 85.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 86.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 87.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 88.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 89.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 90.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 91.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 92.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 93.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 94.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 95.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 96.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 97.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 98.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 99.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.
- Em 100.—A esposa senhora dona Maria, filha do senhor Manoel, e o senhor Manoel, filho do senhor Manoel.

EXPEDIENTE

Recebemos do sr. J. F. de Alencar o "Manifesto do Corpo Commercial do Ceará contra o sello de Stock".

E' assignado por mais de cem firmas commerciaes d'aquella praça que, segundo dizem e nós acreditamos, estão dispostas a reagir contra semelhante imposto.

Declaramo prempitoriamente, no final, que não pagam;

1.º Porque esse imposto é inconstitucional.

2.º Porque esse imposto é excessivo, vexatorio e barbaresco.

3.º Porque a lei que o estabeleceu autorizando os agentes fiscaes a penetrar nos estabelecimentos commerciaes, a examinar a escripta, armarios, moveis, etc., autorizando-os a penetrar na casa do cidadão a qualquer hora do dia ou da noite, autorizando-os finalmente a prendê-los sem mais formalidades e recorrer contra elle ao emprego da força publica,—não somente viola a Constituição Federal, não somente é, a este ponto, uma destruição da ordem legal, como é no mesmo tempo um insulto aos brios da Nação.

De todo modo, continuarmos se o fiscal vier penetrar em nossas casas apprehender nosas mercadorias, examinar nossas escriptas, nossos armarios ou moveis ou empregar contra nossos direitos qualquer violencia, requeremos contra elle um mandado de manutenção ou, conforme as circunstancias, usaremos de esforço pessoal que a lei nos garante.

Ao sr. J. F. de Alencar, ficamos agradecidos pelo folheto.

Estamos de posse do Almanack da Família, publicado em Pelotas, para o corrente anno.

Obrigado.

Recebemos tambem o relatório da "Sociedade Humanitaria 1.ª de Dezembro," apresentado á Assembléa Geral dos Socios em 8 de Abril deste anno, que agradecemos.

Veio a nossa redacção trazer-nos os seus empenhamentos o sr. Alves da Silva, digno empresario da Companhia Dramatica—Luzo Brasileiro, que trabalhou em nosso S. Luz.

Penhorados pela fineza.

Temos em mão o 2.º relatório annual da "Sociedade de Seguros Mutuos Sobre a Vida," apresentado em 10 de Março ultimo á assembléa geral.

Obrigado.

Accusamos com os nossos agradecimentos o pamphletto do sr. Gaspar Guimarães, publicado em Manaus. E' assumpto de propaganda já inscripto no "Folheto," no mesmo Estado. Desenvolve com muita lucidez o problema sobre a integridade do territorio brasileiro e o meio mais effizaz de empregar as nossas elementas de força e cidadania para fazer effectiva essa mesma integridade.

Fomos obsequiosamente convidadas para assistirmos a sessão solenne do Gremio Littérario Estudantil em commemoração ao 1.º anniversario de sua installação; e que agradecemos desejando-lhe toda prosperidade.

Egualmente fomos convidadas para a partida do "Club Guleiral", em 24 do mez passado, realizada em casa de residência do sr. João Pedro Ribeiro, á rua dos Remedios.

Gratos.

Temos sobre a mesa dois bons folhetos: um discurso do Dr. Souza Britto, deputado estadual pelo 4.º districto da Bahia, e a Refutação ao exame procedido nos livros de Silva Mattos & Irmao, á requerimento de Giverson Sons & Co., de Liverpool.

Temos presente a circular que nos serviram de enviar os srs. Francisco Freitas & Comp., participando-nos terem admittido para socios os seus antigos interessados e amigos—os srs. Antonio Marques Ribeiro e Silva e Alexandre José Rodrigues.

Que sejam muito felizes, são os nossos sinceros votos.

Página correspondencia

Scott & Bawn.—New-York.—Já providenciamos sobre o conteúdo do seu carta de 12 de Março ultimo.

Accusamos o recebimento das seguintes paginas:

Jarchua, prosa de R. F. do Pará;
Poesia, versos de P. F. do Ceará;
A Dama, versos de V. G. de Macaé;
A poesia, versos de A. F. do Codo (Maranhão).

Mais de espaço e depois de serem devidamente apreciadas por possôr a carga da d'isso, folgaremos em dar publicidade nesta Revista.

Colombo A. da Silva e Miguel Pires—Pinheiro—Pará.—Recebemos os 2 Boletins de assignatura, mas sem as competentes importancias; queiram providenciar affim de que não seja interrompida a remessa.

Temos tomado nota das seguintes assignaturas para o 3.º anno da 2.ª serie d'esta Revista, á saber:

Maranhão:—João B. Pereira, Jacome Joaquim dos Santos Sordinha—Carolina, Souza & Irmao, Fortunato Ribeiro Filho, Fulgencio José de Souza e João Bento Moreira Ferraz—Barra do Corda: Benedicto José dos Santos e José Narcizo Brag—Brasão: Severiano Augusto Furtado e Arthur Pereira Fernandes—Viana: Manoel Simão de Macedo, Alcebades de Aguiar e Silva e Etoniano Pereira Gollares—Codo: João Correia Guimarães—S. Bento: Netherio Alves Pedrosa—Ponte Nova: Juvenio Soares de Quiróz—S. Ant. de R. das: José J. Barbosa—Itaú:—Pará:—Leozio Cunha e Antonio Leal d'Oliveira—Belém: Antonio Joaquim dos Reis, Joaquim J. Ribeiro, Theodoro Severo de Souza, Leandro Benvenuto do Rosario e João da Cruz Pacheco—Bragança: João Paulo Alves Baptista—Brasília Legal:—Amazonas:—Raymundo Nonato da Silva e Orlando Beleza—Mandós: João Genucio Socio—Remate de Males:—Paraná:—Augusto Marcelino Rodrigues—Poço Alegre: José de Carvalho Rios—Amarante:—Ceará: Prisco Cruz, Mozart Barreto, José Gumbelo Cavalcante Filho, Antonio Manoel de Carvalho e Luiz do Carmo—Fortaleza: Josias Marcos de Carvalho e Gabriel Bacharke—Cametá:—Mazó:—F. Gubina e Virgilio Guedes—Mazó:—Rio de Janeiro:—João Baptista Moraes Rego e Joaquim Alves Fontes Martins—Capital Federal:—S. Paulo: J. Zoraida Pacheco da Rocha—Estração do Pyramboia, e—Minaes-Geraes:—Francisco Pacheco Junior—Santo Antonio, correio da Pará.

DECLARAÇÃO IMPORTANTE.—Merece ler a seguinte brilhante declaração do illustrado medico Sr. Ernesto de La Cenda do Leopoldina, Minas: "Tenho ha muito empregado em minha clinica o seu preparado Rauldo de Scott com esplendido resultado nas esqueléticas, no rachitismo, na debilidad geral de qualquer natureza, e principalmente na pathy-sica mesenterica".

Impr. na T. p. a cargo da Officina Typographica—por João B. A. Louca.



REVISTA ELEGANTE

F. PASTOR

PUBLICAÇÃO MENSAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Propriedade da

—ALFAIATARIA TEIXEIRA—

Gerente-Alfredo Pinto Teixeira

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—IMPERIAL—

CAIXA POSTAL 40

ANNO IX

Maranhão, 23 de Junho de 1900

NUMERO 96

REVISTA ELEGANTE

Considerações philosophicas.

Na opinião dos pretensos propagadores das ideias modernissimas, ou se apresentam elles disfarçados com o nome de socialistas ou com alguma divisa manifestamente revolucionaria, o casamento é um negocio immoral e a familia uma instituição prejudicial ao goso commum da propriedade, é, ainda mais, que isso, uma escola fatal aos interesses da mocidade e da patria, que, uma educação uniforme tornaria mais proveitosa.

Para exaltar a excellencia destas theorias lembrão o regimen das abelhas, e das formigas, onde a vida da familia não existe e todos trabalham «em commum», sendo os cuidados maternos incumbidos a uma classe de individuos da mesma especie unicamente destinada a curar das novas gerações.

Não sabemos até que ponto podem chegar as particularizações de semelhante doutrina, mas é uma verdade sabida que a sociedade humana só em tempos muito primitivos podia assemelhar-se aos decanta-

tos progressistas dos cortiços e subterrâneos por mais perfeito que pareça o seu modo de viver.

O que com estes se dá é a vida em commum e a lucta pela existencia dominando as preoccupações sexuaes, estado por quemtambem passava a humanidade nos tempos mais imperfeitos da vida original; e como para os irracionais dominão somente leis estaticas, os seus costumes não soffrem alteração, a ordem é uma consequencia da reproducção dos mesmos actos.

A humanidade porem tem que obedecer aos preceitos da moral. O instincto da propriedade no homem aperfeicou-se pelas necessidades de sua natureza material e espirital e a vida da familia nasce de estímulos que não podem ser por lei alguma supprimidos.

Deixar a mulher dos affectos maternos ou do direito de amar e defender sua prole e teres feito della um ente tão extravagante e desaturado como a ave sem pouso e sem ninho. As suas dedicacões e constancia affectiva podem fazer a escrava mas de nenhum modo consentem no aviltamento da nobreza e santidade de sua missão.

Não ha duvida que os sentimentos altruistas generalizados pelas conquistas da civilisação tendem a limitar o circulo da familia reduzindo a extensão dos laços do sangue; chimera imaginada como meio de aproximação social, com resultado inteiramente negativo; mas d'ahi até a sua eliminação ha o impossivel, pois tem aquella nos muros do lar domestico limites bem demarcados e esperezes de resistir aos elementos de destruição.

Os direitos do sangue ou o parentesco são fóra do lar perdendo gradualmente a sua importancia e não devem ir alem da memoria das relações que naturalmente conservam as pessoas que se entenderam e viveram debaixo do mesmo tecto.

A propriedade, como um dos elementos da organização social e cuja perpetuação muito concorre para prolongar a re-

lações convencionaes de sangue em detrimento dos verdadeiros principios humanitarios, não tem razão de estar ligada as pessoas de uma familia alem dos graus de parentesco proximo.

A herança legitima, portanto, na linha collateral, é inutil e absurda alem dos primos co-irmãos. Tem-se verificado que as liberalidades espontaneas feitas por testamento aos estranhos são em muito maior numero que aos parentes fora d'aquelle grau.

Quanto á linha recta, quer ascendente quer descendente, pertence á morte e as novas gerações o trabalho pouco custoso de pôr termo á perpetuidade, porque muito raramente os bisnetos se enriquecem directamente com a fortuna de seus bisavós e *et cetera*.

Adão, que a tradição fez pae de todos, se revivesse não teria mais de quem herdar e estaria neste mundo completamente estranho, pobre e sem parentes. Para que pois desapareça mais um motivo de distincção social, convem que a familia se contenha dentro dos limites do lar, e de modo que fóra d'elle, possuão as affeições se estabelecer no sentido da mais perfeita fraternisação.

Muito embora modificada pelos effectos da monogamia não deixa ella de resen-tir-se profundamente da influencia dos antigos habitos e preconceitos aos quaes não somente se deve attribuir essa tendencia da sociedade moderna para o despotismo e caracter monarchico, mas também a sua irritação, cuja insistencia e validade continua a base em desavento com as exigencias da civilisação.

Quer na monarchia quer na república haverá opprimidos e oppressores enquantos as classes numerosas trabalharem sem consciencia de sua existencia politica sacrificada ao dominio da vontade soberana que a apassia do intere-se pessoal defende com todas as suas forças, ora apassando as mãos e produzindo as armas da nas sedições.

to absurdos que uma ciência proposital tem consagrado com a sanção connivente do tempo e da história.

Condenado o comunismo como impraticável pela extensão das necessidades da indústria, que cada vez mais se alarga com a multiplicação dos conhecimentos úteis, é somente no seio da família que se pode encontrar o germen do sentimento do amor do próximo para a fructificação dos valores sociais.

A liberdade, a igualdade e a fraternidade proclamadas como normas republicanas são palavras vagas, e exprimem manifestações sinceras da alma pública alicerçada no calor do lar doméstico.

Os romanos tinham templos onde se conservava um fogo perpetuo, como o padre do estado ou da patria, que, pelas imperfeições do regimen social da familia, devia mesmo ser consagrado fora desta, mas a patria precisa mais real de que simbolicamente da virtude do cidadão, cujo templo deve ser o proprio lar e suas divindades protectoras o trabalho e a industria.

Seu a propriedade e a união conjugal os elementos da verdadeira constituição da familia e a renovação das famílias em cidades a razão politica dos estados, portanto, se qual a importância d'aquella nos interesses da patria actual? Venhamos por cultura e por substancia colectiva, representada nas operações constitutivas da administração publica?

A resposta é, evidentemente, negativa, se podemos concordar com a commodidade de um monarca. Em todos os sistemas de governo conhecidos exprimindo o sentido popular, ou se verifica isso por meio do senso alto ou do senso baixo, nenhuma entrou nas auctoridades dos legisladores politica a representação do lar como o mais voto capiz de ligar a patria ao bem geral da humanidade pelo ligamento da familia.

No regimen moderno o electo politico é o individuo, a qual no individualismo proprio de seu seculo tornou o portador de uma opinião fluctuante e susceptivel de ser facilmente subjugado pela pressão do egoismo, tanto insuperavel de suas perturbações que em todas as partes do mundo se levantou contra os valores das idéas generosas.

O pai de familia foi, em face das leis civis, despojado da democracia actualidade que na antiguidade deu lugar aos ditos já condemnados, mas é forçoso reconhecer que, carecendo essa auctoridade, que aliás deu grande realce ás glórias romanas, a sociedade não tem, cogitando do importante papel que devia caber-lhe na ordem politica e na mais legitimo representante da opinião colectiva do lar.

A vida familiar que deve considerar-se o principio inspirador de toda a organização publica, achá-se inteiramente atendida nos caprichos particulares e como que privado de qualquer intervenção nos destinos da patria, em um verdadeiro systema philosophico-social o talento, a fortuna e quaisquer dotes intellectuales ou moraes podem dar direito a elevação do cidadão nos cargos politicos, mas somente a qualificação de chefe de familia devesse habilitá-lo para eleger.

A votação dos fogos daria ao regimen publico o caracter representativo desde sua origem e a patria por esta forma seria, o que ella deve ser, mesmo, o desenvolvimento das células geradoras da ordem social. Somente por este modo as leis do estado teriam o cunho da universalidade conciliando o egoismo individual com os inter-

esses da humanidade na partilha do destino commun.

Antes porém que isto se realize muitos já são os deveres do estado para com a familia sob o ponto de vista philosophico, e assim legislando elle sobre as garantias da vida e segurança individual cabe-lhe punir severamente os crimes e violências praticados contra a pessoa do cidadão e contra a inviolabilidade de seu domicilio.

Sobre os direitos de propriedade, abstendo-se de tornar-se proprietario senão como depositario das coisas que deixão de fazer parte do dominio privado para serem utilizadas em beneficio geral, egualando o mais possível a sorte e o direito de todos.

Legislando sobre o casamento deve o estado evitar os modos de anão que prejudicam os direitos da prole, punindo rigorosamente o incesto, o adulterio e mais vícios que transtornão a paz domestica e repellido aos costumes civilizados.

Conveniente que as prescripções da lei tenham muito em vista as condições das pessoas que pretendem contrahir matrimonio evitando a degeneração da raça em consequencia de molestias hereditarias, defeitos phisicos e outras qualidades transmissíveis.

É preciso tambem que as guerras cessem de inutilizar os individuos robustos, deixando a gerção entregue aos invalidos e aos incapazes e que a medicina prodigando a cura de naturezas moribundas as declare impróprias para a propagação da espécie humana.

Finalmente as mais considerações que podemos acrescentar resumem-se no seguinte conceito: A familia será uma escola fatal aos interesses da mocidade e da patria se esta não curar como deve de seus interesses.

LITTERATURA

O Café de Moka

Celina era uma menina de seus 17 annos. Estava portanto na idade perigosa em que o juizo, qualquer que fosse, pouco ou muito, achava-se de todos os lados sitiado pelo desabrochar dos desejos em uma emulação primorosamente desenvolvida como a sua.

Nos arredores de... não havia moca de mais attractivos, e sua avó, a velha Marica, que só acreditava na graça divina, não podia contemplar a sem admirar aquelle conjunto de perfeições terminas sobre vindo-lhe muito embora triste pensamentos que ella acalava resando um *credo em Deus Padre* para livrar sua netta das tentações do demonio.

Na igreja, enquanto a velha dedeava o rosario com os olhos nos santos dos altares, os rapazes em grupo nas portas lateraes se delectavam vendo na moca que a acompanhava a verdadeira santa que de quando em vez lançava sobre elles o seu olhar de misericórdia; pedago de céu aberto que cada um recolha para si alegremente.

Deus é o amor e é na casa de Deus que muita gente aprende a amar. Si uns lá vão atraídos pelos accordes da musica, outros para lembrar-se de seus pecados, a mocidade com certeza só vai tratar da vida, e depois que Celina exhibio em uma festa de mez de Maria os seus primeiros encontros, sobram-lhe sempre admiradores.

A avó queixava-se de que a janela estivesse á tarde convertida em locutorio de namoros, e de uma vez vendo conversar da rua um grupo bastante crescido e dispersal-o com uma bacia de agua fria astuciosamente atirada ao ar; mas, reconhecendo a melhor gente da terra, desistiu a colera offerecendo-lhes café para não estarem mais tempo da parte de fóra.

Desde então a palestra tomou certo caracter familiar ageitando no interesse de todos. A horas determinadas Celina esperava sua troupe tendo preparado o pequeno *parlour* do melhor modo possível; jarros de flores sobre as mesas; enfeites pelas paredes, cadeiras espanadas e a velha prompta para fazer o café que em abono de verdade não se lhe tornava dispendioso, delicadamente offerecido pelos apreciadores como o melhor café de Moka, e assim tambem os doces e outros mimos necessários para um agradável passatempo.

Decorreram dias e mezes em innocentes folguedas, nos quizes tomavam parte vizinhas e amigas; astros de segunda grandeza mas em compensação muito mais notendidas nas peripécias da *litteratura*, verdadeiro acontecimento nos dominios do deus Cupido. Dissemos innocentes folguedas por que não podião deixar de ser assim desde que a nota dominante era dada pelos formosos olhos de Celina, que a grande illuz derramava a paz, a ordem e todas as garantias da felicidade naquella corações que nunca se aborrecião de se-lhe atirar aos pés.

Cumês? Para que? Pois a moca já se lembrou de invetar o seu semelhante por que se agorre á luz do sol? Os homens se doíam e se moderam, bégão e se o astro rei fosse no mesmo tempo luz para uns e trevas para outros, ou tivesse duas faces como o templo de Jano, que annunciava a paz e a guerra. A primavera viria para todos e o inverno a todos regeria e enervaria.

Celina bem sabia quanto são revolucionarias as demonstrações de preferença e nos seus affectos aos *habitués* tratava a collectividade como se estivesse em presença do individuo e a prova da fraternidade remane tinha ella nessa dedicação espontanea com que cada um se ia deixando prender nos canzais de tão agradável domesticação.

A velha Marica porém pensava de outro modo e quando em certo dia sentio vir-lhe a *ceceia* á bocca disse deliberadamente a netta que já era tempo de pensar no futuro e decidisse se por alguma daquellas dedicções que lhe pareciam mais sinceras, antes que o publico começasse a fazer juizos desfavoráveis a sua reputação.

Si não fosse a experiencia dos velhos que para os mocos é a verdadeira providencia, estes nunca tomarão conta alguma ao serio, e Celina recebeu a infusão da avó como uma sentença de extranho e difficil execução. Pela primeira vez teve dores de cabeça; a lembrança da velha produziu o effeito de um enxame de grillos a cantar-lhe nos ouvidos e ella sentio-se doente.

Decidir-se de que modo? A... era tão bom... B... tão jovial... C... tão prestimoso... D... insinuante... E... cantava... F... dançava... além de outros mais que mesmo sendo uns pobres diabos não deixavam de ter merecimento; finalmente recorrendo ao seu abedario Celina vio-se em estado de indizível perplexidade, e não foi sem grandes torturas que achou a incognita do problema.

Durante uns oito dias, como que recolhida a um retro espirital, passou as noites...

Suplemento ao N. 96
DA
REVISTA ELEGANTE



Companhia Industrial Maranhense

(FABRICA DE FIACÃO DE ALGODÃO.)

SUPPLEMENTO AO N. 97
-da-
REVISTA ELEGANTE



O JARDIM PUBLICO

Em 20 de junho de 1904, realizou-se a seguinte sessão: *Seção Animal e o sr. Manoel Victorino da Silva, Presidente.*
 Em 21 de junho de 1904, realizou-se a seguinte sessão: *Seção Animal e o sr. Manoel Victorino da Silva, Presidente.*
 Em 22 de junho de 1904, realizou-se a seguinte sessão: *Seção Animal e o sr. Manoel Victorino da Silva, Presidente.*
 Em 23 de junho de 1904, realizou-se a seguinte sessão: *Seção Animal e o sr. Manoel Victorino da Silva, Presidente.*
 Em 24 de junho de 1904, realizou-se a seguinte sessão: *Seção Animal e o sr. Manoel Victorino da Silva, Presidente.*
 Em 25 de junho de 1904, realizou-se a seguinte sessão: *Seção Animal e o sr. Manoel Victorino da Silva, Presidente.*
 Em 26 de junho de 1904, realizou-se a seguinte sessão: *Seção Animal e o sr. Manoel Victorino da Silva, Presidente.*
 Em 27 de junho de 1904, realizou-se a seguinte sessão: *Seção Animal e o sr. Manoel Victorino da Silva, Presidente.*
 Em 28 de junho de 1904, realizou-se a seguinte sessão: *Seção Animal e o sr. Manoel Victorino da Silva, Presidente.*
 Em 29 de junho de 1904, realizou-se a seguinte sessão: *Seção Animal e o sr. Manoel Victorino da Silva, Presidente.*
 Em 30 de junho de 1904, realizou-se a seguinte sessão: *Seção Animal e o sr. Manoel Victorino da Silva, Presidente.*

EXPEDIENTE

No dia 24 do mez p. passado deixou o lugar de thesoureiro interno da Delegacia Fiscal, neste Estado, o sr. Raymundo Cerveira, 3.º escripturario da mesma repartição, por haver prestado compromisso legal e assumido o respectivo exercicio o sr. Nogueira Gomes.

Nada diremos sobre a maneira inteligente e crítica com que sempre se houve aquele funcionário no desempenho do cargo que acabou de exercer, aliás tão escabroso, porque está claramente accentuada na consciência de todos, e porque mesmo Raymundo Cerveira não precisa de elogios.

Temos sobre a nossa mesa o cartão de visita que nos deixou Sr. Dr. João de Oliveira, digno administrador de um grande engenho de açúcar, em Pernambuco.

Este distinto cavalheiro dedica-se a coleccionar jornaes de todos os paizos deste e de outros Estados, o que é bem louvavel para algum esclarecimento futuro.

Teve lugar no dia 30 de junho ultimo a reabertura da Bibliotheca Publica.

Presente o exm. sr. Dr. Governador João G. T. da Costa, diversas autoridades, senhores e cavalheiros, fez-se ouvir de sua cadeira o sr. Antonio Lobo, digno director da mesma Bibliotheca, n'um eloquente discurso. Mostrou em synthese a grande utilidade dos estabelecimentos dessa ordem como complemento das escolas, e por ultimo declarou que, aproveitando o encargo d'aquella solemnidade, ia ali ser collocado o retrato do illustre Senador Dr. Benedicto Leite homenagem de seus amigos pelo muito que lhe deve a causa da instrucção publica e especialmente aquella repartição

Collocado em lugar de honra o busto do distinto representante do Maranhão, foi pelo Dr. Governador do Estado erguido um

viva, logo correspondido pelo selecto auditorio, ao som do hymno nacional.

Seguiram-se outros discursos análogos ao acto.

Agradecemos o convite que nos foi dirigido para esta festa.

Durante o mês passado tivemos a visita dos seguintes srs.:

B. G. Lattham representante da importante casa de Chamberlin Donner & Co., de Manchester;

Gustavo Haarbans, da casa de H. Sternberg Jr., de Berlim;

José Maria Ferreira Pinto, de diversas
casas da Europa;

Adriano Brandão Pinto, de Julio Lima & C^a, do Rio de Janeiro;

Loers, da casa de Angelo Cridsheimer & Felsenheld, de Paris.

Penhorados agradecemos as visitas de despedida dos nossos amigos Francisco M. de Freitas e João Alves dos Santos, negociantes d'esta praça, que se retiraram para a Europa no vapor "Bourbon".

Tivemos mais as visitas dos nossos amigos e freguezes Manuel Feitosa, socio chefe da firma Manuel Feitosa & C^a, de Theresina, e de Eugenio de Freitas Diniz, negociante no Brejo.

Agradecidos pela atenção.

Pequena correspondencia

Norberto Alves Pedrosa, Ponte-Nova—Sua reclamação será satisfeita n'este mez: queira desculpar a demora.

Temos tomado nota das seguintes assignaturas para o 3º anno da 2ª serie d'esta Revista, a saber :

Maranhão.—Fortunato Pereira da Trinda-
de e Antonio Bernardo Pinto Sobrinho. Ca-
xias: João Pedro Palacio, Go-36; Joaquim
Marques Ribeiro, São Bento; Dr. Arthur Bo-
zerra de Menezes, Antonio de Araujo Lima
e Eugenio de Freitas Diniz, Brejo; Pedro L.
Fernandes, Villa do Arary; Silvino Coelho
de Souza, Benedicto Martins e José The-
ophile Ferreira, Barra do Corda; João Bento
Pereira Jacome e Joaquim dos Santos Sar-
dimia, Carolina; Candido Barbosa Torres,
Merenas; Baptista da Silva, Aureliano Pe-
reira da Silva, Philadelpho Antonio Noro-
nha, Bertoldo Lopes de Souza e Antonio do
Rego Maranhão, Riachão; José Jansen Ser-
ra Freire, Raymundo Gactano de Amorim e
Luiz Gonzaga Roland, Coronel José Assencio
da Costa Pereira, Cajapó.

—Pará—Frederico Mendonça e Romualdo Figueira, Brasília Legal; Paulo Afonso de Araújo e Souza, Belém; Ozório Braule de Castro, Belém;

— Amazonas — Rodolpho Vasconcellos,
Manóos?

—Parnhy: Hermenegildo Lopes dos Reis, Jacós; Arthur Chaves; Theresina; Antonio Maria Eslalo Filho, Campo-maior; Raymundo N. de Souza, Amarração; Raymundo N. H. Silva, Parnhyba; Benjamin Freitas, Amarante; Raymundo da Silva Leitão, Floriano, e Gervasio de Brito Passos, Piracuruca;

—Ceará—José Tiago, Camocim, Francisco Theophilo Ferreira, Acarajú;

—Magdeas—Manoel Affonso de Mello, Ju-
ventino Caldas, Manoel Francisco de San-

Anna, Antônio Monteiro e José Teixeira
de Mendonça, Maceió;

—Rio de Janeiro—A. Azevedo & Comp.,
Rio.

SEMPRE COM RESULTADO.—Dr. Mac-
cê, Estado do Rio de Janeiro, escreve o
Dr. João Capertino da Silva, médico clínico
d'aquella localidade aos Srs. Scott &
Bowne, químicos da Nova-York, sobre a
grande vantagem que elle tem tirado com
o uso da Emulsão do Scott.

"Attesto que tenho empregado, com vantagem, em minha clínica, a Emulsão de Scott nos casos de fraqueza geral, anêmia, escrofulas e lymphatismo, e tenho sempre tido bom resultado".

DE PRIMEIRA ORDEM.—Todos gostam de ouvir a verdade, muito mais quando esta verdade é para facilitar os meios de melhorar a saúde. Carlos Lewkow, advogado, diz o Dr. Sizino Ribeiro Pontes de Ouro Preto, Estado de Minas Geraes, Medico e Pharmaceutico pela Faculdade da Bahia, Leite cathedratice da Escola de Pharmacia de Ouro Preto, ex-inspector de Higiene do Estado, etc.

"Em atôno da verdade cumpre declarar que reconhecemos no Emulsão de Scott um ótimo preparado pharmaceutico, sendo-nos grato dar-vos o meu insuspeito testemunho de sua grande efficacia no tratamento da tuberculose, da scrofula do rachitismo, das adenopathias e no de varias cachexias.

"Tendo também verificado que vosso preparado é um agente terapêutico de primeira ordem para reconstituir as crianças deprimidas por uma evolução dentária morosa, e por isso não posso de preceito revelo em tais casos."

Alfaiataria Teixeira
Seccão de Alfaiataria

A maior em todo o

Norte do Brazil

Casa fundada ha 55 annos

Neste estabelecimento encontra-se variado sortimento de casemiras pretas, azues e de cor para fatos de cerimonia, meia cerimonia e phantasia. Constante deposito de alpaca pretas e de cor, brancas, brancas, branco, preto e de cor, redas e setins. Trabalhamos nesta secção a talladores, 40 operarios e 20 costureiras.

Serviço de embalagem
especial para encomendas
de fora da capital.

Grande deposito
de roupa feita

—Largo do Carmo—

MARANHAO.



REVISTA ELEGANTE

Considerações philosophicas.

As explosões da anarchia e a maior parte das perturbações da ordem publica resultam do desequilíbrio da justa proporção que entre si devem guardar os cidadãos ou cidadãos de uma nação nos gozos da vida privada.

Cercar uns de recursos excessivos emquanto a outros falta tudo é dividir a população em duas classes inimigas: de ricos e de pobres, criando um regimen de inevitável tyrannia economica que mais tarde ou mais cedo vem affectar a estabilidade das instituições patrias.

Quando as necessidades, que tendem sempre a augmentar, crescem na razão inversa da accumulção dos capitales, em outro lado cada vez mais restricto de grandes proprietários que monopolisam a fortuna publica, surge com a descrença geral a revolta dos opprimidos julgando-se o desno direito de defender a sua liberdade, porque a miséria é um estado de repulsa escrivello.

Temos disto constante exemplo na agi-

tação socialista da Europa onde todos os meios são empregados como prova da antipathia que reica entre os representantes dos dois principaes elementos de riqueza — o trabalho e o capital.

Em uma de suas allegorias contra o capital a propoganda revolucionaria de França representa-o sob a forma de enorme pachyderme, mixto de rencheronte e elephante caminhando resolutamente de encontro á locomotiva do progresso.

Está claro que n'aquelle paiz e em toda a Europa, onde aliás circulão as idéas mais adiantadas da civilisação ainda estas não podem dominar os abusos da concentraçáo do capital que por forma tão monstruosa e effloca ameaça suprimir os meios de vida da maior parte das populações fazendo numero sempre crescente e illimitado de infelizes.

A causa socialista pois em defeza de suas aspirações e prinípios professados, evitando mesmo os impet's revolucionarios é ás vezes obrigada a tragar o seu verdadeiro programma pelas facetas do ridículo que é a arma mais poderosa do fraco contra o forte.

Em terra americana, porem e especialmente no Brazil, onde tudo está por assim dizer na infancia, o capital individual ainda não chegou á idade do discernimento egoista, nem é uma era que necessite de domador.

Em quanto na velha Europa se prepara a lucta para a remoção do monstro que debaixo do seu volume esconde a terra, melhor faremos em curar da educação da criança que está nos nossos braços.

Onde devemos procurar a causa desse desequilíbrio da sorte que faz levantar tamanho clamor dos que soffrem contra o bem estar dos que gozam as delicias de sua patria?

Será na accumulção do dinheiro ou da riqueza monetaria que alguns procurão conservar como garantia de seu futuro?

Será por inercia que a maior parte dos homens deixa de empregar a actividade precisa nas lides do trabalho cahindo depois na incoherencia de sacrificar o proprio sangue em lutas fratricidas para sahir d'aquelle desgracado estado?

Parece que a causa do phenomeno não reside fundamentalmente nas hypothses figuradas que são todas superficiaes e transitorias; parece que ella se origina de abusos inveterados das desorganisações passadas e das quaes as sociedades modernas não se tem podido libertar.

O capital em numerario representa a accumulção do producto do trabalho e da economia, e a riqueza que resulta destes meios legitimos é tão justa como compativel com os instinctos humanos.

Tendo cada individuo o dever da conservação de sua existencia e da reprodução da especie, a providencia aconselha a acquisição de meios que garantão a permanencia de seu bem estar e de sua descendencia.

A fortuna dos paes importa um direito de prolongamento da familia em grau tanto mais extenso quanto maiores forem os seus esforços em trabalhar utilmente, uma vez que esses esforços não contrariem nem perturbem os direitos dos outros annullando-lhes a actividade ou o proveito que della possam tirar.

Todos os bens que forem o producto de operações effectuadas por esforço individual não podem de modo algum prejudicar a riqueza publica ou a paz e a prosperidade social, porque a vida tem seus limites naturaes e a cada accumulção succede uma partilha que generalisa os recursos de novos trabalhos e novas industrias.

O abandono proprio e o menosprezo de si attribuido ás massas proletarias não são tambem motivo justificavel da desigualdade ou inferioridade de sua sorte, porque esse estado manifesta-se como consequencia de grandes e inevitaveis difficuldades que fa-

sem reverter em favor dos ricos o maior lucro do trabalho dos pobres.

É um facto pouco observado, mas infelizmente verdadeiro, que os erros económicos das nações e que mais concorrem para a ruína pública tem por origem o abandono legal da conversão do território em propriedade particular.

A pátria deve ser considerada a mãe de todos e cada cidadão tem o direito de procurar em seu seio os meios de subsistência, pela mesma razão porque a defesa da sua integridade nenhum d'elles sem motivo desculpavel deve escusar-se de contribuir com o sacrificio de seu valor pessoal.

Mas como poderá ella distribuir com igualdade os seus dons se o solo foi desde os tempos immemoriaes sequestrado em favor dos grandes senhores? E em defeza de seus falsos direitos e não da causa commum que os excluidos derramam o seu sangue, quando circumstancias politicas a que são as vezes completamente estranhos os compelle a bater-se pela patria.

Não é preciso grande esforço de intelligencia ou grande escavação historica para comprehender-se como por todo o mundo e desde os primeiros tempos da sociedade humana a propriedade territorial tornou-se abusivamente individual.

Considerada a principio devolvida cada familia e cada tribu apossava-se da porção que lhe convinha defendendo-a o uno contra a propria, e embora as lutas originadas dessa occupação obrigasse muitas vezes o regimen da communhão, a final ella vinha a calhar sob o dominio e influencia pessoal que crescia gradualmente e fortificava-se á custa do grande numero de desfavorecidos que sem remedio devia trabalhar em terra alheia e defender o senhorio.

Percorrei a Asia, a Africa e a America que em qualquer dessas regiões haveis de encontrar o direito sobre propriedade territorial sempre exercido á satisfação do despotismo como o foi nos tempos barbaros da Europa e ainda é hoje em tolos os paizes do mundo civilizado.

A droga muda apenas de rotulo contendo o invulnco o mesmo veneno contaminador. Os escravos, os illotas, os parias, os servos da gleba e os proletarios enfim são os mesmos opprimidos de todos os tempos.

As nações modernas constituindo-se consagrão logo em suas leis fundamentais as disposições necessarias para que os principios são janais possam reagir contra os costumes inveterados.

As constituições mais liberas fazem fingida ostentação de certas palavras copiadadas umas das outras garantindo em toda a sua plenitude o direito de propriedade. Examinada porém attentamente semelhante phrase conhece-se logo que ella nada significa, começando pela obscura idéa que dá do que seja propriedade; e por esse modo tanto pode deixar os cidadãos sem terra para viver ou sem patria, como sem liberdade para se dirigir.

Em nosso paiz a Constituição não impedia que o territorio brasileiro continuasse dividido em grandes lotes de terras entre os herdeiros dos privilegiados das cartas regias, embora extinguisse os privilegios, e nem porque garantisse a liberdade individual deixou-se de manter por meio de meio sendo em escravidão um grande numero de individuos que só pela lei de 13 de Maio foram reputados livres.

E porém certo que os tiranos territoriaes começaram a inspirar o meio interesse que já inspirou a liberdade do escravo, e devemos por isso procurar evitar que o mesmo erro dado na escravidão, ainda forço

inteiramente esquecidas todas as promessas constitucionaes em favor da propriedade, não vinha, pelos desvarios administrativos, a reproduzir-se em piores condições de anarchia economica na libertação do territorio.

Pensar no presente é ter os olhos no futuro.

A NOSSA GRAVURA

Fabrica da Cambôa

A vista que offerecemos na photographia annexa é a da Fabrica da Cambôa, de propriedade da Companhia de Fiação e Tecidos Maranhense, que além de suas vantajosas condições economicas, recomenda-se pela particularidade de ter sido a primeira fabrica de tecidos estabelecida nesta capital.

Achase situada no extremo nordeste da cidade em lugar interessantissimo pitoresco. O terreno forma uma especie de península á margem esquerda do rio Anil, ladeado pelos igarapés Manoim e Medeiros, só tinha communicação a pé para a cidade por um caminho solitario e árduo, conhecido por "Carrapira", hoje regularmente habilitado.

A estrada que na gravura se nota entre baldios e arvoredos é um atterro de 133 metros de extensão e 5 de largura, mandado construir sobre o igarapé Medeiros com a intenção, para commodidade dos operarios, a fabrica com o bairro dos Remedios, que fornece a maior parte do pessoal de trabalho.

Os baldios ou mata á esquerda são mangues que cobrem o igarapé até sahir no rio Anil, e a situação que domina o quadro á direita é a quinta do major Francisco da Silva Miranda que fica em um alto ao descer o largo da Cadeia.

As arvores desta quinta impedem de ver-se o elegante edificio da tinturaria ao lado da fabrica. A casinha que está no fim do atterro é um assentamento de bombas que puchão agua de mananciaes distantes para consumo das caldeiras e tinturaria.

O *corp d'art* resente-se dos defeitos da miniatura pela distancia do ponto d'onde partito. O edificio principal da fabrica é um quadrilongo de 80 metros de norte a sul e 70 de leste a oeste.

A parte que temos em frente olha para o poente e deste lado funcionão em communidade separados as caldeiras, a officina de ferreiros, os batedores e o almoxarifado.

A excepção dos commodos mencionados, de um murto onde trabalhão mealeiras, um corredor occupado com os cabos de transmissão e um pequeno escriptorio da gerencia, todo o mais recinto interno é dividido em duas grandes secções; uma da acção á esquerda e outra dos teares á direita.

A fabrica tem machinas de fiar para produzir por dia 2000 fillos de fio e trabalha com 300 teares de fiagem e de mealeiras. A vista foi tirada no domingo de manhã e essa circumstancia descreve a fumaça fumo que se nota no ar e o movimento de pessoal em movimento, o qual de 350 operarios diariamente.

Da parte do nascente, que a estampa não mostra, está a entrada principal e de frente ha um correr de casas de boa apparencia que são alagadas aos operarios e formão uma rua larga e agradavelmente arrefada. Do lado do norte corre o rio Anil onde a Companhia tem também casas para habitação de operarios, um grunle telheiro para

carvão e minério e uma ponte com guarda para descarga. A vista desse ponto e significat descobra a barra e o rio Anil em grande extensão.

O capital da Companhia é de 1.200 contos. Os dividendos distribuidos já excedem a importância do capital empregado. A Fabrica da Cambôa pode considerar-se a cabeça da industria textil do Maranhão, onde a seu exemplo estabeleceram-se diversas outras fabricas que são hoje o mais seguro amparo da população pobre.

Dispondo desde o seu começo de profissionais habilitados, dalla tem partido toda a orientação nesse genero de industria. O melhor elogio que se pode fazer a suas administrações passadas e presentes é que sempre tem se conservado a cavallo de dividas.

A Companhia é administrada por uma Directoria, que actualmente se compoe dos Srs. capitão Hermenegildo Jansen Pereira, presidente; coronel Gastão Landeiro de Souza, thesoureiro, e Marcelino Pessoa, gerente da fabrica.

LITTERATURA

DO AVENSO.

Em tempos que se vão as obras publicas e mesmo as particulares tinham marchas menos acceleradas e eram por isto em geral mais reflectidas. Os annos de novidades acoustuão se a ver nas causas velhas a grande novidade de não haver nellas nada de novo!

Haia prova o Cáo da Nogueira, hoje Parque 15 de Novembro, que principiado em 1841 ainda está longe de ter fim. Com certeza ha de entrar no testamento deste seculo como uma de suas primordias reliquias.

Longos annos são decorridos e aquella obra cada vez mais circumscripta, vai aos poucos, aos bocadinhos, e ha de ser por seu grande criterio mais bem succedida que o celebre Palacio das Lagrimas e do que o desventurado Dique.

Este começado em 1833 como uma grande novidade d'aquella epocha, que a fazer da nossa cidade um estaleiro de navios Lilvez, mesmo uma fabrica de encouraçados, jaz esquecido nos seus muros derrocados, montões de pedra, grandes lagados onde a doce claridade da lua, esbatendo-se triste e silenciosa, faz lembrar algum representado trecho da decantada Pompeia.

O Palacio das Lagrimas, por um identico capricho da sorte tambem ficou por concluir abandonado, completo desabamento de suas paredes encruecidas e cobertas de musgo, escomas que a natureza por muito favor lhe dá para cobrir as eternas vergonhas.

Verdade é porém que o mal destas obras não foi o terem se demorado fazendo-se, e sim o terem por uma vez parado. O publico estaria satisfeito com uma pedra todos os dias no seu logar, ou um pouco de barro hoje e outro amanhã, com toda a certeza, mesmo n'uma melhora reparadora das forças.

Quem vê o que é uma obra verdadeiramente maranhense? É a da igreja de N. S. dos Remedios, mas esta, fiquem certos, ha de ter fim porque Deus quer.

Quando já estava sua bella torre gótica perto das nuvens, eis que desandou todo o pedaço de céu velho, e por milagre do

Essa Senhora tem um magalhão de dedo
em!

Agora está tudo em condições. Aí já vai por da Europa traz a sim coisa, os sinos de ouro, a messica louca e a gente vai começando a experimentar uns pecúrios de amor e devoção.

A torre ha de se levantar de novo. Ha
reios de vela escondido nas furetas o di-
nante da haste terminal; haviemos de ver a
parte interna do templo revestida de boni-
tas cortinas e no fundo o altar, sobresain-
do nelle, entre grinaldas de flores, o culto
da santissima virgem.

Convenem porém que não haja precipitações, carreiros e alagadinhos. Não se vão de coisas tais antes se a ruína de Portugal não se apresentasse, fazendo o reino teria perdido a exposição de Paris. Das coisas ditas e feitas resulta muitas vezes a desordem e a confusão que foi partilha dos filhos de Isabel.

As novas obras devem começar desde já, mas de modo que o bello-arte tenha tempo de preparar as suas todelias para essa popultíssima festa que ha de ser a maior novidade da nossa terra no século vindouro!

A propósito de cosas ditas e feitas lembro-me do theatro de S. Luiz, da Intendencia Municipal, do jardim publico, da bibliotheca do Estado e da avenida Senador Góes de Castro.

As quatro primeiras pelo curso galopante que tiveram, achando-se já no rol das coisas vistas e a última vai num desespero que quasi não dá tempo de se pensar no que foi e no que está sendo. Só parece que ali o diabo trabalha de noite.

Hoje há-se um risco e amanhã está tudo executado. De tarde põe-se lá o cimento no outro dia está o solho liso e estendido como uma superfície; mal se chega a terra e o estrume e logo os canteiros se formão, melos vão apicando a gramina e as arvores, a tal ponto que nestas muitas gente já espia para ver se ha alguma coisa que se não ha...

Não gosto disto, e sempre que passo na
nova avenida fico tão contrariado, tão des-
confortado das ideias que — só tenho a al-
ivio para o espírito — e ir diretamente ao retar-
me no habitar de bom gosto da *nova la-
ruja*, dessa que felizmente está logo feita
então.

Aquillo, sim, sonhar, é coisa que promette um grande futuro, e não deve a atalar de repente a inspiração dos elementos da ultraviolência destruição.

A providência prevendo o advento da
teia do Ceará está deixando cair a mura-
lha de uma maneira *aparentemente horro-
rosa* e quer o desmoronamento completo do
muro a não fiar pedra sobre pedra para que
os inimigos cearenses ponhão tudo no
seu lugar nesta e nas outras bocas que se
sucesserem, tornando-se o que se vai fazer
um princípio do velho Ceará depois que este
eleger ao fim.

Punto.

DO DIREITO

A morte de João foi todo de inflações, tuberculosas, difterias, encopelites, carides e tantas outras desculpas da morte com seus consequentes desgostos que se dão logo a tradição. Toda do dia 28, e a representação dos Milagres de S. João de Ilha-mar, nossa heroica cidade. Lera passado trinta e um dias de almaria e pro- bria fresta.

De certo tempo a esta parte o publico
sesta numa idea dominante..... a peste!

Faltam-lhe das "terragens" do "cambio", esperanças de fazer las "horatas", p'lo grande e mais novidades "esterminets", e elle como o cond-munelo que escapou da força a todos interrogou-nos a respeito da sua desconfiança estúpida:

Damos-lhe razão; grito, escaldado de a-
gora, fra, teu irmão. O Ze povinho que anda
as quebras, lê-se de véras, o sopro da, mais
leve, amillão.

Em um livro de antigas reliquias vimos a alegoria da peste descrita na figura de um boi, todo de feridas e cercado da esquerda a uma nuvem de moscas dentro da qual escorrega, lepra e lá pinotes em todas as direções investindo contra a nuvem que o ataca e foga ao mesmo tempo.

Nas ruas por onde passa todas correm, as casas se fecham e ali d'aquella em que consegue entrar dentro! Dahi é que vem o costume de dizer-se de quem se acha tomado de grande susto: *eu ou ali e eu ali e ali*.

Ma o diabo não é tão feio como se pinta e embora não devamos confiar na sinceridade de certas promessas não há ainda motivo para desanimar.

Garage !... Toujours de courage !...

Para que o timido jamais podesse estabelecer o seu dominio nesta terra banhada pelas aguas do And e do Bacia, a Reparticao da hygiene estadual trouxe-o com toda a galhardia amarrado a bordo dos paquetes do sul, e quando ia (a hygiene) dar-lhe a prova do quanto vale e para que serve, a Directoria geral da saude declarou trunfantemente que o bode só se amarra no Bio...

És uma lembrança que parece atenta-
tória da nossa autonomia política fazendo-
nos voltar à concentração dos últimos tem-
pos da *memória* como se qualifica na phra-
se dos heilológicos festivos. Ora se o hó-
de só se a narra o Rio, desde que elle ar-
remente ali a fogueira é para andar solto
nos Estados !

Deus, queira não nos esteja preparando o pior sorte que a dos ratos e camundongos que condenados por editais a morte de veneno, vivem em perpetua azama, esperando a hora de ser permitido às boticas vender veneno ao publico em tamanha quantidade que de uma vez de a todos elles o eterno descanso.

Para alívio de tão ingratos e pueris-
simos halos, nos a esperança de ser re-
presentada no S. Luiz, todo vestido de
novo como está, o Milagres de S. José de
Ribeirão, mas tal embrolhada se deu que
se o autor deste interessante drama já não
fosse morto de certo morreria desta vez.

Anunciada a péca pelo grupo dramático—Cândida Palacios—suscitou-se logo uma alusão de direitos entre o director do dito grupo e o secretario da Empresa das Águas de Rinaur, que apresentando-se os impedimentos mostrou que aquelle grupo não podia representar o drama seu ad menos dizer: *quien es?*

E trata toda razão por quanto se ha infernizar que deão ser respeitados 330 os a viua do prelado Americo Azavedo associados aos da Santa Causa de Bittuma que esta publicando os "Milagros de S. José" em beneficio da dita viua e das obras de Misericordia das Irmãs da mais a coincidência totalmente inexplicavel de ter falecido Americo Azavedo em festa-mar e ali se acharem os seus preciosos restos mortaes.

Felizmente o grupo dramático a que nos referimos, depois da relutância, tomou a venturosa decisão e a quem saiu-se mil

foi o art. 348 do Cód. Penal que acabou ques-
tando tornar-se imprudente... Pela forma
que estavam os ânimos, só mesmo S. José,
que é o santo mais milagroso cá da terra,
pela ter acabado a questão. Com certeza
o velho deitou alguma coisa na fogueira!

A final, o drama foi representado sempre com boas enchentes, tendo o publico a grande consolação de achar-se durante essas noites em convivência com o fino espirito de Americo Azevedo, reunido no Maranhão nas primeiras manifestações de seu bonito talento.

—Duas notas sympathicas actua-se em
nosso coração das occorrenças do mez
de Julho e são a appareição do «Jornal da
Manhã» e a installação das «Palestras Litterarias».

Saudando ambrosas e empreendimentos como «sintomas de reabilitação de nossa terra», estampos convencidos de que tanto o «Jornal» pela imprensa como as «Palestras» em suas conferências «oferecem pelos nomes a que estão ligados, todas as garantias de bom êxito no serviço da Verdade e do Bem».

Nossas felicitações e cumprimentos.

— Agora um pouco de coisa esdrúxula:

Em menos de um mez o cambio foi de 3 peanes por mil réis a 14; voltou a 11 e d'ahi sobe e desce sem explicação plausível. É um facto este que justifica perfeitamente a guerra da barbaia contra a civilisação.

Ha bem poucos annos levantou-se Menchick, o negro, contra a Italia; em seguida os boyers contra a Inglaterra e por ultimo os boxers contra a Europa inteira. So parece que toda esta gente, sobretudo os boxers no seu celeste império, não querem mais tratos com o moderno personagem que está a se metter em todos os negocios das nações.

O cambio deste fin de século deixon os trajes correctos de commerciante cosmopolita para vestir a japona do carcamano!

Quando a gente se lembra que tem estado por cerca de 10 anos a ingerir manteiga de 0,4500 o kilo, leite de 1,4000 por uma latinha e tantas outras coisas, que nos *minutos* *tempos* se comprava por pouco mais ou menos, tem se impetado de ir direito ao frontispício do frezgo e aplicar-lhe uma lata cheia d'agua de obras de misericórdia.

E com esta terminamos antes que nos chegue o sangue às orelhas !...

E. Virgata.

Ephemeris.

Expositio, illustratio, vocabula, nomen, et
— adhibere et in rebus de accidentibus
— Auctoritas et opus — manager et elegans
fructus proventus, laqueus confutatio

These leaves and seedpods are common, and among the most palatable, west of a mountainous region, where all the other fruits are inedible.

Trile preinscripția, a divergar zerante,
 non posuibile, sunt lense, non confecto,
 unde raportat de sternal formula;

com os seus filhos, que lhes vai dictando,
entre os lances de umado posto,
segunda vez como p'ra p'ra de N. 10.

Papitau Blea.

Historia de um beijo.

Um dia eu cheguei a pensar
 No problema, eu sei que é isso
 A respirar sem dificuldade,
 Eu sei que é isso.

Surpreendendo todos, porém,
Ao a curva ao vestido,
Desnuda a vista os ternos
De portar os vestidos.

Mas não foi com a do
Nobre da indumentária
O que a vista, e revelou-se
Com toda a simplicidade.

Das rendas a mais bonita
Exceção e a mais bonita,
Mas rendeu francamente
Que a oferta não confundisse.

Acostumada, porém, de todos:
—Era melhor que os outros
A mais bonita vista
Que traza nos seus faces.

—Não! redempção não passo
Solidariedade o desejo,
Pouco sei, mas não ignoro
Que o mundo condensa o tempo.

Qual condensa? redempção,
Usou a vida em toda parte,
E a prova da que assegura
De estanca já vos darão.

—Tu não vês ali em casa
Tua mãe beijar tua mãe?
—Sim, respondeu-me, e eu lhe disse:
—Pois nos beijamos também!

Mas replicou em seguida:
—Minha mãe nunca me disse
Que si pedisse-me um beijo,
Francamente eu consentia.

Mas prosseguiu: —Não repeta
Como posso o colibri
Beijando o jardim, a rosa,
A aguçada e o lagarto?

Pois, assim como elle beija
Aquellas flores cheirosas,
Em posso beijar, sem crime
Das faces as tuas rosas.

Tu não vês que a sala toda
Vem beijar a brancura branca?
E que a albedo beija o pólen
Que faz o mel da colmeia?

O casal de pombozinhos
Quando se abraça nos telhados,
—Beijam-se, trocam beijos
De ternos repassados.

E assim a luz d'esses astros,
Que brilham pela amplidão,
No meio do infinito,
As faces da criação?

(Pertence a legião prima
Em certa perplexidade,
Pensando no fundamento
Da minha santa unidade.)

—Tu não vês que lá na igreja
Beijam-se a Virgem e a Christo,
E quem não beija de todo
Vai se tornando maléfico?

Pois é que o beijo é divino
Dizem para dos Céus,
Não condempnamos, portanto,
O que é tributo de Deus.

Beija beija-te nas faces,
Estas faces de carmim,
São bellas, tentam, fasciam,
São faces de um cherubim!

E eis que ella, senhora, fallou:
—N'beija-se ao proprio Deus,
Beija, não pode, a terra
Condempnar o que é dos Céus!

Firmino Saraiva.

A Ingratidão.

O castigo dos Céus: porque não crendo
que tanta ingratidão no mundo houvesse,
agora a negra fúria me apparece
em tenebrosa toia me envolvendo.

A faz que o peito meo, que não conhece
tanto mal, tanto damno, vá soffrendo
o que a soffrer de amores (caso horrendo!)
possa tanto quem tanto não merece...

Aqui, sorriso amargo é, por vingança,
debrochado nos labios feticheiros
d'essa que eu amo e que me desconhece;

Ali... nem sei que digo, pois, me ranga
o revér, n'este circulo de imbesteiros,
tanto bem que tão mal se reconhece!

M. George Grawell.

(De Officina das Nuvens.)

HIGH-LIFE

Paroquias no mês de Agosto corrente.

- Em 1— a senhora Inventiva Ferreira da Silva;
Em 2— as senhoras Rosa E. Ribeiro, Maria Estephania de Souza e Raul Ferreira, e o sr. Armando Almeida;
Em 3— a exma. sr. d. Fátima Passarinho, e o sr. Raul Ribeiro da Costa;
Em 4— a senhora Raymunda Theodoro de Souza e o menino Aristides, filho do sr. Gaspar de Carvalho Lima;
Em 5— a senhora Zulema Bockell e a exma. sr. d. Antonia C. Lima;
Em 6— as exmas. sr. d. Adélia, Laura Pereira Guimarães, Maria Antônia Leal Guimarães, e Rosa Amelia de Castro Martins, o sr. dr. José Rodrigues Fernandes, Antonio José Ferreira e José Serrão Pinheiro;
Em 7— o tenente-coronel Frederico Gonçalves Machado;
Em 8— as exmas. sr. d. Zulema, d'Almeida Carlos e Marques e para do sr. commendador Augusto Cesar Marques, Brancina da Costa Miranda e Maria Augusta de Castro;
Em 9— a exma. sr. d. Mariana Joazeira Teixeira, João de Freitas, esposo do sr. João Joazeira Teixeira, e o menino Leocir B. de Souza, a menina Nêdo, filha do sr. Manoel Joazeira Teixeira, o menino Amador Araujo e o commendador Bento Frazão Raposo;
Em 10— as senhoras Estrella da Costa Nunes e Abner de Magalhães de Salles e o sr. Lourenço Valente de Figueiredo;
Em 11— o sr. Victor Castro e o menino Raul, filho do sr. Antonio Raul;
Em 12— as senhoras Suzana Serra Martins e Lucilla Fernandes, ambas filhas, e exma. sr. d. Mariana Pereira, o sr. João Gonçalves e para do sr. Arysio Ramos, as senhoras Anna, filha do sr. Antonio Rodrigues de Souza, e Dora, filha do sr. Sebastião Xavier;
Em 13— a exma. sr. d. Rosa Nina Parga de Castro, o sr. tenente-coronel Alfredo Ferreira da Silva e Antonio de Almeida Rosa;
Em 14— as senhoras Victoria Rodrigues de Mello e Maria Filomena Farias Martins e o menino Alvaro, filho do sr. Antonio Bernardo Pinto Sobrinho;
Em 15— as exmas. sr. d. Maria Augusta da Silva Moreira, esposa do sr. Augusto Domingos Moreira, e Maria Isabel Ferreira Lourenço, a senhora Anaclara Cantareira e o menino Bernardo, filho do sr. dr. Carlos E. de Almeida de Peleto;
Em 16— a senhora Jacintho Rosa Chaves, esposa do sr. dr. João de Santos Chaves;
Em 17— o sr. João Gonçalves da Rocha;
Em 18— a senhora Amélia de Barros e Vasconcelos, a exma. sr. d. Alina de Padua Fortuna, esposa do sr. A. Fortuna, e o sr. Raul Harris Sabino Branciforti;
Em 19— as senhoras Leocir Rodrigues de Mello e Sinhá Raimunda, e o sr. Archimedes Rago;
Em 20— a senhora Filomena Rodrigues de Mello, a exma. sr. d. Angelina de Santa Roca, e o sr. Benedito Pinto da Fátima;
Em 21— o sr. Milton Pires da Fátima e Carlos Torroes Franco de Sá, o sr. Gaspar de Souza Ribeiro, o sr. João Paulo de Miranda Gomes e Adolpho R. Nogueira;
Em 22— o sr. Raymundo P. Lisboa Gouveia e o tenente Antonio Paulo Serra dos Santos;
Em 23— o sr. Benício Augusto Rodrigues;
Em 24— a senhora Chaculina Augusta de Castro Diniz;
Em 25— a senhora Domitilla Jansen Mattos, e o sr. Osvaldo Mendes;
Em 26— a menina Conceição, filha do sr. Carlos Ferreira Coelho, o menino Antonio B. Paulo Sobrinho e o sr. Antonio A. Pereira;
Em 28— a senhora Julieta Vicentina de Moraes Regis, o menino Silvio, filho do sr. dr. Francisco Antonio Branciforti e o sr. Ruy Gonçalves Rodrigues;
Em 29— a exma. sr. d. Raymunda L. da Silva Ribeiro;
Em 30— a exma. sr. d. Rosa Parga Virgínia de Castro.

A todos os nossos parabéns.

EXPEDIENTE

No vapor "Gubral" embarcou para o norte nosso collega de redacção, o sr. Euclides Marinho Aranha, procurando melhoras nos seus encommendos de saúde. Basejamos-lhe prospera viagem e fazemos votos para que encontre tanto na mudança de ares como no sã da amizade remédio e conforto para seu completo restabelecimento.

Do sr. Alexandre Mendes, Director e Secretario da Sociedade "Fraternidade e Instrucção Commercial", em S. Felix, Estado da Bahia, recebemos uma circular pondo-nos a lista dos cidadãos que tem de contribuir durante o anno social de 1900-1901. Fazemos votos pela prosperidade d'esta sociedade e agradecemos pela attenção.

Agradecemos o convite que nos foi dirigido pelos srs. Jefferson de M. Aquila Aires, Carlos T. Franco de Sá e Joaquim Ribeiro Lopes da Silva, dignos directores do "Club Caixaial" para a partida dançante que teve lugar em 21 do p. passado.

Pequena correspondência

Sr. Mito Cruz Saldanha, Ceará: recebemos o boletim de sua assignatura, mas sem a respectiva importância; o envio-toppe tem indicio de ter sido aberto depois de fechado. Queira providenciar.

Sr. Benedito José dos Santos, Brejo, está providenciado o que reclama.

Sr. Romualdo Freitas, Brazilia Legal, Pará: Notadas as 3 assignaturas e as adesões pela produção que nos re-noffen. Em tempo opportuno será satisfeito.

Do sr. Ignazio Cunha, recebemos diversas peças de musica de sua composição, que recomendamos aos apreciadores. Agradecemos os exemplares que nos foram entregues.

Do sr. Antonio Ferreira, bibliothecario do "Phenix Caixaial", do Ceará, recebemos uma circular pedindo-nos a remessa do nosso jornal, no que será satisfeito.

Temos tomado nota das seguintes assignaturas para o 3º anno da 2ª serie d'esta Revista, a saber:

Maranhão—Alfredo Vieira, Eugênio Castello; José Carlos de Brito Bayma, Góto, H. C. Coelho, Pindaré, F. Antonio de Almeida, Pindaré.

Pará—Olympio Rebello, Mendonça, Ramiro M. Rentes e Francisco Ca d'oso Franco, Brazilia Legal, João Tibyricá Lima, Pará.

Piauí—Capitão Angelo Pacheco, Capitão Dirceu Brasilino d'Albuquerque Rosa, Joel Gennino de Oliveira, Affonso João Candido de Deus e Silva, Capitão Francisco Figueiredo da Silva Duarte, Capitão Francisco de Mello Bastos, José Francisco Nunes da Silva, Coronel Antonio Maria Enlialo e Coronel Gentil Costa, Campo Maior, Torquato Torres, Miguel Alves.

Capital Federal—Maria Guriota Ziegler, Bona-Fogo.

GRANDIOSA PREPARAÇÃO. — Grande numero de pessoas, gastão o tempo e dinheiro sem utilidade alguma ensaiando medicamentos novos, de formulas desconhecidas e efeitos divulsos, quando está a mão um medicamento cuja formula está tão universalmente conhecida, e cujos resultados nunca falharam.

A Emulsão de Scott é uma medicina necessaria e de um valor inestimavel, como os leitores verão pela declaração do distincto facultativo da Bahia, o Dr. Umbelino Herachio Muniz Marques, medico pela faculdade da Bahia, Membro do Instituto Vaccinogenico, etc., etc., que reproduzimos n'estas columnas com satisfação:

"Attesto que tendo empregado na diatese escrophulosa o preparado conhecido por Emulsão de Scott obtive sempre os melhores resultados. —Dr. Umbelino H. Muniz Marques."

Insp. na Typ. a vapor da Officina Typographica de José B. A. Lima.



REVISTA ELEGANTE

Considerações philosophicas.

A patria é a communhão de direitos dentro de um territorio de limites reconhecidos. A ella se ligam a liberdade individual, a nacionalidade e a coesão da população distribuída em estados, cidades e vilas de habitantes susceptíveis de costumes, leis e governo.

São as bases de cívicos patrióticos, os povos que se achão na certa terra de civilização exercendo as industrias e o comércio com outros povos e a communhão de seus productos porque o sentimento de patriotismo é uma consequência das relações internacionais.

Com tanta razão considera-se a ideia da patria como uma das mais importantes das instituições sociais. Aquella que reconhece sua patria, deve ter uma noção mais ou menos perfeita da utilidade da terra que a representa, da historia da terra, dos habitantes e bem conhece os seus deveres para melhor julgar das garantias que as leis lhe dão em troca do respeito que deve guardar aos direitos alheios.

Os direitos alheios não são somente aquelles que se exercem dentro da mesma nação, mas estendem-se a todo o genero humano, uns no interesse da vida privada e outros no interesse da vida publica, originem esta do direito patrio e do direito internacional.

Assim como o interesse individual circumscreve no pequeno circulo do lar gera a necessidade das relações cívicas criando o direito patrio, assim também as condições de ordem, clima, governo e conveniências territoriais mantendo a autonomia e diferenças caracteristicas das populações geram a necessidade das relações internacionais fazendo de cada nação uma familia da communhão universal.

Nada mais digno de reflexão do que o artifício providencial que as inclinações sociais põem em actividade regulando o equilíbrio do regimen universal. Ao mesmo tempo que, como já ficou exposto, a propriedade determina a separação das familias e dos estados na vida isolada e egotista de cada um, e a sua própria instituição a gerem mais focando a solidariedade humana e das leis fraternas do altruismo.

Estudando-a sob este novo aspecto convém antes de tudo saber quais são as coisas que fazem o seu objecto e concorrem directa ou indirectamente para marcar os limites da esfera em que girão as diversas aspirações.

O homem isolado só pode ter verdadeiro dominio sobre as coisas moveis, guardando-se pela apprehensão e defesa resultantes dos proprios esforços, mas como esses esforços são insufficientes para reter todas as coisas uteis, a necessidade de se help esta logo proclamou a conveniência da ordem social pelo estabelecimento da familia ou de um aggregado de maior ou menor numero de pessoas interessadas na felicidade commum.

Por outro lado o territorio que pela continuidade de sua extensão dá apenas di-

rectos mal definidos de occupação só é utilisado como propriedade particular, para o exercicio do trabalho, por uma transformação ficticia de sua natureza immovel e por limitações convencionaes reguladas pela autoridade da uma organização politica ou de sociedade constituida.

Finalmente o ar e a luz que por toda parte circulão como elementos da propria vida e que pela sua absoluta indivisibilidade não se prestão a forma alguma de partilha real ou convencional tornão-se incontestavelmente uma propriedade de todos, ou, para melhor dizer, universal, pelo qual não que cada individuo nella tem e do qual não pode ser privado qualquer que seja o territorio onde se achão.

Se o ar e a luz, as primeiras coisas que por um presente mysterioso da natureza possuímos desde os primeiros instantes de nossa existência, podese o ser divididos ou partilhados, a ambição dos homens delias teria se apossado, uns em prejuizo dos outros, da mesma forma porque, embora incompletamente, se apossa da terra e das aguas.

Vê-se pois que de entre as coisas necessarias para a conservação de nossa existência e sua reprodução, objectos da vida natural e instinctiva preocupação, umas ha de que só podemos gozar em commun e sem exclusão de pessoas, outras cuja posse individual necessita de garantias da communhão e outras que se prestão inteiramente ao dominio particular.

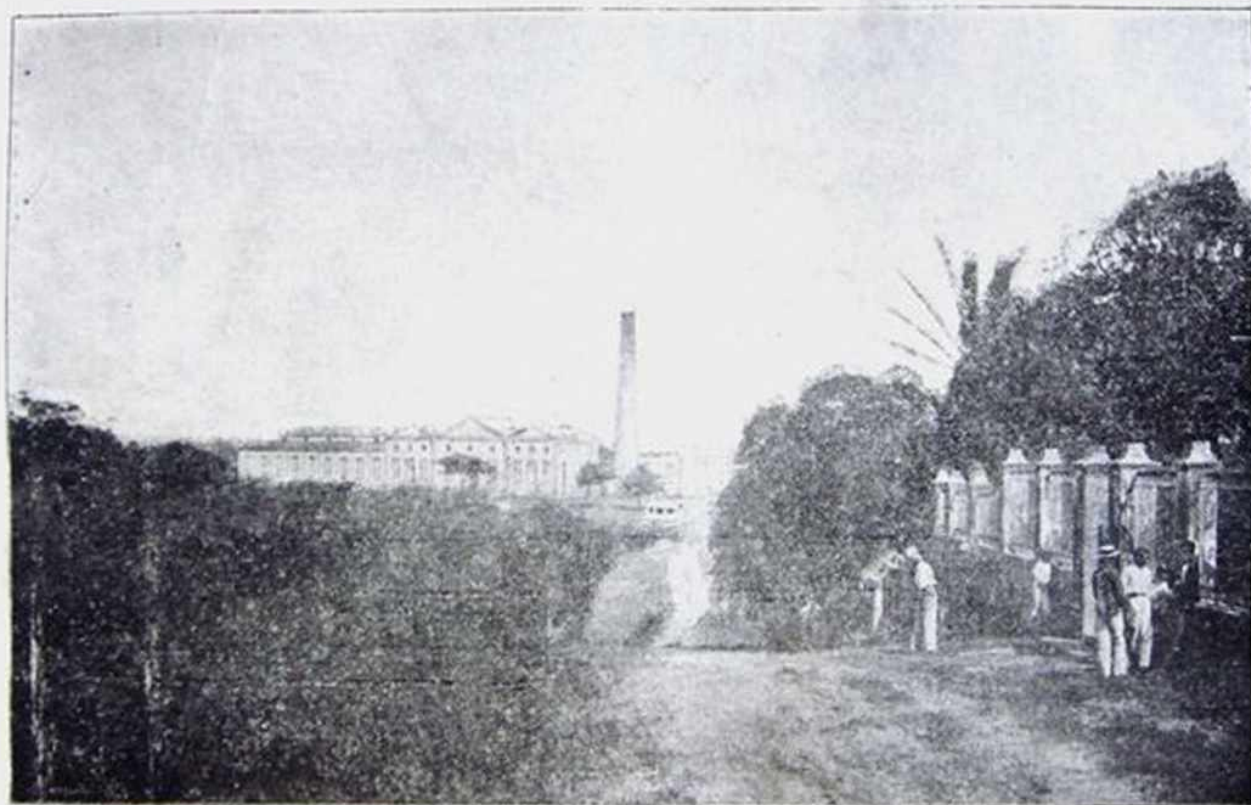
O simples gozo, portanto, a posse e o dominio como caracteristicos da propriedade em geral constituem direitos diferentes nas relações e modos de viver do homem para com seus semelhantes.

Para usar delles na vida privada basta a vontade exercida e pela força physica ou pelo prestigio da força moral, porque o vigor e robustez do corpo tornão-se capaz de defender as coisas adquiridas como os seus instintos ao instinto e a recalcitração de leões.

SUPPLEMENTO AO N. 98

—da—

REVISTA ELEGANTE



Fabrica da Camboia



REVISTA ILLEGANTE

E. PASTOR

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Propriedade da

—ALFAIATARIA TEIXEIRA—

Gerente—Alfredo Pinto Teixeira

TELEPHONE 56
ENDEREÇO TELEGRAPHICO—IMPERIAL—
CAIXA POSTAL

ANNO IX
Maranhão, 5 de Setembro de 1900
NUMERO

Antes do pacto fundamental de um povo todos os meios de aquisição, quando não são justos, podem ser mais ou menos legítimos, porque a lei é a vontade do mais forte; constituída porém a nação e da sua dever mostrar como transportou o indivíduo do estado natural do isolamento á communhão ou como conciliou os seus interesses com os interesses sociais.

O direito de propriedade, diz M. Laboulaye é uma criação social. Todas as vezes que a sociedade muda de meios e annulla as heranças ou os privilégios políticos...

qualquer conciliabulo politico ou nua de organizar alguma lei que á vista de um partido logo veresificaria a apparencia da justiça com o tabuleiro os seus artigos occultos positivamente e por combinação legisladores principios que sejam tempo o reñgio das situações diffíceis.

Preparemo-nos para a grande era em virtude da qual a nacionalidade ser uma consequencia da intima familia ao solo da patria que todo tem o direito de occupar por meios...

Considerações philosophicas.

Entre nós o pedaço de território não foi um a vez usado por alguma aventura (não limitado pela necessidade do seu trabalho, mas pelo caráter de um título tão gracioso quanto especulativo) não volta mais ao domínio público se não em casos muito excepcionais; e deste modo a nossa pátria, que em seu vasto território podia recolher as populações do tróico ardeu nem sempre garante ao desolado um palmo de terra que lhe seja útil.

Os legões amarellos ou não infectados de sargos não formam bryozoa constituem o patamar das propriedades em ter grande extensão distribuída e cada um, que eles com os seus sargos, já uma espécie de puzes de infusórios. Então se dá a uma forma a clonagem de sargos amarellos, mas nenhuma divide que a propagação sempre presente de transmissões de hoje para a terra à manhã um colosso de novo sargos de todos instintos transplantados de outras regiões.

Antes do pacto fundamental de um povo, todos os meios de aquisição, quando não são justos, podem ser mais ou menos legítimos, porque a lei é a vontade da maioria; constituída para a nação e dá o seu dever, mostrar, como transportou o indivíduo do estado natural de isolamento à comunhão ou como, com ilusão dos seus interesses com os interesses da nação.

O direito de propriedade, diz M. Laboulaye, é uma criação social. Todas as vezes que a sociedade muda de moles e anula as heranças ou os privilégios políticos ligados ao solo, está a se seu direito; e nasceu, tem o que conta a p r direito anterior, porque antes dela o fora dela na ha; nullo é que está a fonte e a origem do direito.

As liberalidades dos reis de Portugal na distribuição do território tiveram por fim único firmar o domínio da metrópole, a qual pela primeira constituição brasileira ficou extinto e desde então não devia cessar a razão da exploração por semelhante forma.

Mas, assim não acontecem: e os abusos continuam, com suas muitas consequências fatais, como foram, a imigração de africanos, a perda para a cultura e as terras, os estratos de violência extensiva feita a força e a fome e fome morte e os contos da escravidão com seus deploráveis efeitos na família e na administração pública.

A própria constituição republicana, que devia inspirar-se, por meio das liberdades necessárias, no respeito dos direitos da causa de todos, não pôde ser, por isso, que não se consultasse os políticos sem saber como são em geral as massas, meios de produção e de consumo pública e o egoísmo dos grandes proprietários, que sefizessem do Território por direito de conquista ao de quem tinha estado em primeiro, os meios de governar sob a garantia de suas conveniências.

E de facto assim é. Se assistirdes a

qualquer conciliabulo politico onde se tenta de organizar alguma lei que interesse a vida de um partido logo vereis que sob a forma apparente da justiça com que se estabelece os seus artigos occulta se propositalmente e por combinação tacita dos legisladores principios que sejam a todo tempo o refugio das situações difficeis.

Preparamo-nos para a grande reforma em virtude da qual a nacionalidade só pode ser uma consequência da íntima ligação da família ao solo da pátria que todo o cidadão tem o direito de ocupar por meio do seu trabalho livre e diligente.

Sob a influencia deste principio o trabalho será o unico meio de aqguisicao territorial e consequentemente para que o cidadão possa estar no gozo de seus direitos politicos não exercendo em sua patria cargo civil ou militar deverá possuir no territorio della alguma cultura ou edificação.

Para o exercício dos cargos públicos, civis ou militares, é necessário que o indivíduo tenha nascido no território nacional ou herdado a nacionalidade deste; a ocupação do território, porém, para o fim de cultura ou edificação é livre a todo cidadão estrangeiro como meio de naturalização.

Para regular a distribuição das terras e conter os ocupantes, quem quer que sejam elles, naturaes ou estrangeiros, dentro das possibilidades de sua industria ou trabalho tornao-se substancialmente necessarias duas disposições que de ha muito deviam ser a base das agremiações politicas ou o motivo principal da apparente contrafacção a que chamamos inconscientemente — Patia.

Essas disposições tem por objecto o seguinte:

1- *Considere-se* decoladas para o Estado as terras que se acharem sem cultura no adjacência da linha do limite marcada na Lei fundamental do país; sob as ex indemnizações a que tiverem direito as titulos legítimos.

2.º *Sujeitar a cultura da terra e a exploração a um imposto territorial, proporcionando a extensão da ocupação regulada por medida e preço constitucionalmente estabelecidos.*

A organização política que não se inspira neste princípio de ordem social acaba mais tarde ou mais cedo convertendo-se numa fonte de desgraça pública pelo domínio do despotismo, da hipocrisia e anarquia que o estado de ignorância, miséria e escravidão effectivas em que vivem as populações supporta a despeito dos constantes protestos da civilização.

A justiça, diz H. Spencer, não admite a propriedade applicada ao solo, porque se uma parte do solo pode ser possuída por um individuo, que a retém para seu uso pessoal, como uma cousa sobre que exerce direito exclusivo, outras partes da terra podem ser occupadas pelo mesmo título, caindo toda a superficie do mesmo planeta nelle as mãos de certos individuos.

Julgamos aspirar a liberdade destruidor os tiranos e ninguém se lembra que o domínio privado exercido directamente sobre o solo é a origem de todo o captivo. A terra deve sempre conservar-se no estado de coisa commum e somente por meio do trabalho utilizada ao gozo privado.

O imposto é pois o unico modo de igualdade como justa compensação aos direitos da communhão que cede o dominio util da coisa indivisa em beneficio particular, ficando ella obrigada aos encargos sociais.

A antiga instituição da emphyteusis que só teve de não haver sido estabelecida em favor de privilegios, dá perfeita idea do modo porque a terra deve ser possuída e utilizada. E porem o Estado o unico senhorio para que todos os cidadãos tenham o direito de usufructo segundo as necessidades do trabalho e da industria, que são cosmopolitas e vivem em todas as patrias.

O imposto é tão substancial e tão profundamente constitucional que nem mesmo o Estado deve ser delle isento nas occupações por utilidade publica.

Como ninguém se sujeita a imposto territorial que não seja proporcionado aos seus interesses tem elle a dupla vantagem de conter os occupantes em suas exageradas preferencias de dominio e de encher o territorio de uma população compacta que se desenvolve e progredie por maneira proveitosa, hamdo o monopolio que segrega as populações pela extensão das propriedades baldias.

Creando a sociedade privilegios para uns a quasi concede o falso direito de possuir a terra n'uma extensão dominada para as operações de sua industria retira aos outros a faculdade de trabalhar livremente e não pode corrigir ou conter a vagabundagem senão compellindo os segundos a servir os primeiros, o que em substancia nada mais é do que uma nova forma de escravidão.

Taes privilegios poem em abandono milhares de individuos a quem nem os grandes proprietarios protegem nem o Estado os ampara dando occasião a que as religiões e a caridade particular venhão sem remedio acudir a tão grande numero de infelizes.

Não é, alem disso, ás religiões a quem incumba cura dos cidadãos infelizes, porque não são ellas que regulam as leis do trabalho e não o estado e mo principalmente interessado na paz, ordem publica e felicidade de todos.

Desruindo o territorio segundo as necessidades da industria o numero de infelizes torna-se cada vez mais limitado e custa menos ao Estado dar-lhes o amparo que a solidariedade reclama dos sentimentos verdadeiramente humanitarios.

Carta cidadão retirando somente da communhão a parte indispensavel para seu trabalho e de sua familia deixa o excedente devoluto para recolher as populações das outras nações que venhão com novas indústrias animar logares sem vida.

E sobre estas bases que assenta a imigração estrangeira, devendo porem esta ser procurada mais por necessidade dos immigrants do que como geralmente é feita a custa do Estado fornecendo gratuitamente terras aos estranhos e proporcionando-lhes vantagens de que não gozão os nativos.

Importa isto em estabelecer patrias diferentes dentro da propria patria e crear com o malogro de taes empresas elementos de perturbação da integridade nacional.

Um paiz que precisa de immigrants deve antes de tudo tomar suas leis accomodadas aos interesses geraes da humanidade, atrahindo-os pelas garantias que ellas offerecem á vida da familia por meio do trabalho e não por promessas de um futuro imaginario.

O modo de occupação do territorio da patria como a synthese mais perfeita de sua existencia politica não só revela o caracter nacional como influe sobre a forma do governo. Os selvagens não tem patria porque não tem regras estabelecidas para a occupação do territorio em que habitão e com razão os seus costumes não se submettem a governo algum regular.

LITTERATURA

SEM AVENSO

Em compensação aos males solidos deu nos o mez de Agosto uma temporada de agradável-passatempo. A festa de Santa Filomena quasi que encheu a primeira metade do mez e o resto completou-se com outras muitas diversões sobresahindo entre ellas a parafada do Club Gueiral e as recitas da Companhia dramatica.

A igreja do Carmo, nitidamente retecada, espelhava-se á luz do sol de dia, e á noite aos reflexos do luar, presidindo o regosio manifestado n'aquella profusão de gente e de cousas que dava ao largo um aspecto attrahente e digno de attenção pela variedade de vistas.

O templo já é por si mesmo uma prece constante que se levanta ao céu pela voz do campanario. Esse ameno fronte que arremessa os projectos destruidores levando a morte ao corpo das coizaes, alina-se em diaphano commovedor pedindo a paz na terra entre os homens.

Não ha quem não conserve na lembrança as vibrações dos sinos de sua terra no tempo da infancia e não se alegre ouvindo os repiques convidativos das festas de arrua onde se expande a alma publica fortalecendo a vida da familia fatigada das labutações domesticas.

Nellas dois são os sentimentos dominantes—o espirito religioso dentro do templo e fora os gozos profanos. Na porta da igreja, por uma transformação aconselhada pelo bom senso, separa-se a alma christã da alma pagã.

Decorada a bella igreja do Carmo com todo o esmero d'arte e sempre repleta de

povo levantavão-se ali por entre luzes e flores ondas de insenso de envolta com os cantos de loquor que os accordes da musica fazião soar ao attar da Santa veneranda.

Assim correu todo o novenário e todo a festa sua nota final na missa do dia 12 celebrada com toda a pompa e a grand-instrumental. Quem no acto da consagração, quando tudo era silencio e respeito, não sentio a alma afogar-se nos mysterios do incompreensivel ouvindo o terror de cores melodiosamente sobre o thema—*alla mente confusa de dubbio e dolor*?

O verdadeiro crente, aquelle que cre porque cre mesmo, transportou-se momentaneamente ás regiões celestes em extasy divino; o livre pensador, ou o que não cre porque ignora e não pde saber, sentio que a fé quiz entrar-lhe pelos ouvidos; um atheu, não sabemos o que diria, se podesse falar!

Nesses momentos solemnes da religião só ha um ser de forma humana que ri interiormente da sagrada estupefacção e este ser degenerado da especie é o hypcrita que de braços abertos, joelhos em terra, acatilhado por detrás de uma compostura supplicante illude a tudo e a todos porque nunca acreditou n'aquillo de que se mostra tão fervoroso sectario.

Foi para elle que se fez o fatego, a disciplina de cinco pernas representando as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo e no entretanto elle alli estava impune... No meio dos verdadeiros christãos, dos bons e honestos catholicos vimos um desses monstros saboreando a memoria de suas maldades e retirando-nos!

No arraial bem diferentes erão os estímulos que impellião a massa ambulante de ambos os sexos, avida de premios grandes... Premio para suas vaiações, premio para o estomago e premio para as algibeiras que não se esvaziando pelos taboleiros, botequins, casas de sortes e loterias n'uma jogatina de metter medo ao proprio príncipe de Monaco.

O jogo e o alcoolismo vão se tornando instituições perigosas. Não haverá meios de se divertir o publico sem libações e asir? Quando noas tantas molestias fazem repetidas victimas voltão-se todos contra a agua crystallina das fontes pedindo nestas victorias e exames clinicos, mas ninguém se lembra das insomnias passadas pelo habito do jogo nem da quantidade de alcool que sob diversos rotulos ingere por dia.

Felizmente para a sociedade ha uma influencia menos prejudicial—o *derreço*—que em grande parte a desvia d'aquelles dons perigos. O culto das deidades no arraial rivalisou se não foi maior, com o da padroeira da festa. Na igreja os reverendos capuchinhos exaltavão pela palavra sagrada as virtudes de Santa Filomena e no largo Bené e outros devotos cantavam a ladainha as santas de suas devoções.

Para se conhecer que ali a festa, mesmo sem ser rofanada, era toda profana, bastava ler as maximas contidas nos disticos que em lettras de luz exprimião a idéa dominante nas noites de mais animação.

Eis-as:

Quinta-feira—Classe catciscal

O trabalho vence tudo,

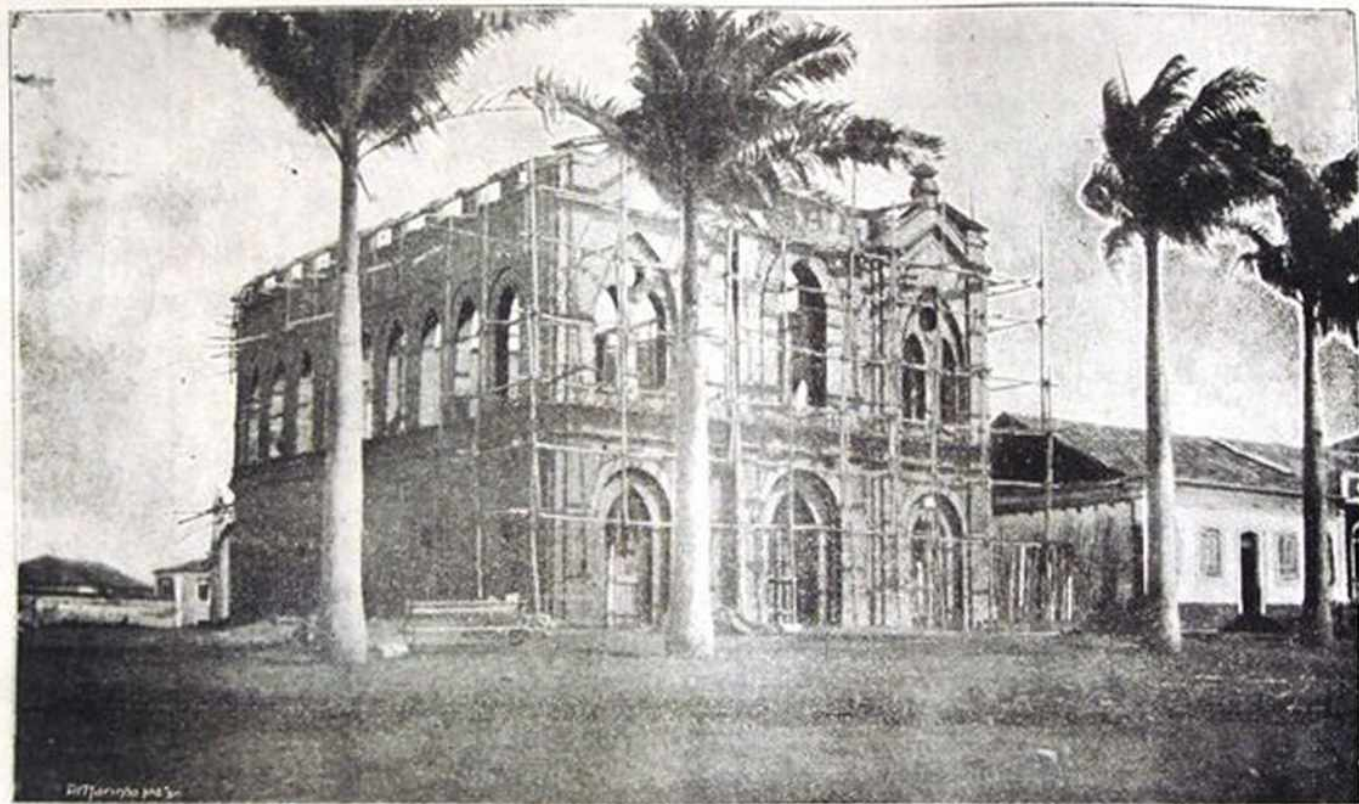
Sexta-feira—Patroes

A economia é o capital.

Suplemento ao n. 99

—DA—

REVISTA ELEGANTE



Igreja dos Remedios

Estado actual em reconstrucção

Sabado—Bello sexo

Amor á familia.

Considera á vista disto, caros leitores, quantas iniligencias não ha-le alcançar da corte do eua Santa Filomena em favor das intenções reveladas em tão variegados cultos ?

Houve com certeza equívoco n'aquelles humilissimos conceitos, porque nem sempre o trabalho vence tudo, e com a também a economia só por si não é o capital. Ha indivíduos que trabalham to la sua vida se a nunca sabem da cepa torta e do mesmo modo, certos pessoas economicas que por muitas eircunstancias não podem trabalhar e nada tem.

O que não entra em davi-la é que n'aquellas consisas phrases pode haver tudo, menos eua á Santa Filomena. Parece mais um choraminga-to pelas despesas antes da festa acabada, ou uma intriga socialista entre o trabalho e o capital, intriga que o coração bem formado das maranhenses dissipou por meio de um conselho prudente.

Em nossa humilde opinião qu-m ven-ceu tudo, foi o bello sexo, dizendo em sub-stantia: «Não triguem lembrem-se que os senhores (representantes do trabalho e da economia) tem filhas, esposas, mães e talvez mesmo noivas»

Com o fim de terminar por uma vez as rivalidades, aconselhamos aos patrias que para o anno vinduro dividam a collecta em duas partes, uma para as despesas da festa e a outra para a conciliação dos dois elementos do capital—o trabalho e a economia—e a outra para ás da vespera, a cargo do bello sexo, no qual ficão comprehendidas suas caras metoas.

Por esta forma o culto do arraial será dedicado as nossas amáveis leitoras em honra de Santa Filomena, mas sem tuma pena de dinheiro; pelo que deverão ellas mostrarem-se um pouco mais escasas de suas graças, mesmo porque a estatística dos hymeneos não corresponde ao fervor das adorações, sinceras ou fingidas, o muito menos ao numero de corações rendidos.

Em desagravo dos brios offendidos offerecemos para ter approvação a seguinte tabella dos derrichos no arraial.

—Tabella—

Por cada olhar expressivo que diga alguma coisa—Uma illuminação.

Por um riso qualquer mesmo sem hilari-idade—Uma banda de musica.

Hayendo hilaridade—Duas bandas en-terando a do 35.

Um balão por cada tour de promenade pelo brago de algum derrigante.

Por cada encontro contra a vontade dos papaes—Uma girandola de foguetes.

E assim tudo mais em proporção.

Para os que disserem que estas coisas se fazem com trabalho..... Taella dobrada e triplicada para quem fallar em economia.

—A partida do Club Guxetral esteve esplendida. A duração da existencia deste Club é não só uma prova da utilidade da instituição como da harmonia de seus mem-bros, moes oriundos das familias mais distinc-tas desta capital e que são por isso mesmo cercados da mais ju-la considera-ção nas recreações proprias de sua idade.

Ali está a jovialidade a par de tudo quanto ha de melhor em educação e fino trato. Descrever todas as impressões de uma destas partidas não é coisa muito faci-

Não são todos que podem manter a verve de uma narração em que os affectos e com-moções mais vivas se succedem indefinida-mente e só pode a bem exprimir-se em lin-guagem interjectiva.

Limitamo-nos por isso a agradecer cor-dalmente as atenções que nos forão dis-pensadas.

—Co-mo esta peça já vai algum tanto extensa, deixamos de emitir juizo sobre a comp-inha dramatica—Luzo Brasileira—Não julgue porém a empreza que haja por isso quebra de apreço de nossa parte; pelo con-trário. Na impossibilidade de criticar cada um dos espectaculos que fomos de uma vez dizer por todos observando a legenda da bandeira americana:

E pluribus unum.

Chinita mia!

(Ao João dos Santos Lima.)

*Beas sabes, meu amigo, que te não vendo
as continuadas lizes no maderito
e de negra palcos, agido, comeco
te em favor da tua soffrendo!*

*Mil romas penas e romas mil esgoço
ao lembrar que de mim vae te expellido,
ou, mesmo, fora, que te la dendo
ão te fures de mim que te meço.*

*Te vades de mim, de mim, querida,
que, desceste de toda a esta vida,
me coelho de ti a esta momento.*

*Não te esgoço de mim, que te ficando
a tola a tola, fide, de quando em quando
assim vira em tua tola pensamento!*

M. George Gromwell.

(Da Officina dos Novos.)

Desalento e desejo

*Vicendo és, mas, é um viver tressos
Misturas com a tua fidal desalento,
Julgado já que a tua fidal desalento
Sabes a tua fidal a tua fidal desalento.*

*E assim vivendo fidalito-me fido
Por toda parte, E a tua fidal desalento,
Quero viver vivendo um só momento
Achochegado em teu gentil regico.*

*Quero fidal a tua fidal desalento
E assim vivendo que a tua fidal desalento
Para depois darte da tua fidal desalento.*

*Vede esta audição um tanto louca;
Pois, além d'este fidalito me meus fidalito,
—Tu sentiras o meu fidalito fidalito!*

O. Almeida Galeão.

(Da Officina dos Novos.)

A NOSSA GRAVURA

Igreja de N. S. dos Remedios

Na edição desta Revista, n. 86 de 12 de agosto do anno p. passado, dos revendo o vistoso largo dos Remedios tivemos o caso de fallar sobre a igreja que hoje offerecemos em estampa; agora, porém, del-la trataremos especialmente.

Em 1719, o syndico dos religiosos de S. Francisco, João da Silva Cutrim, depois de ter com esses accordado, cedeu por escriptura publica ao capitão Manoel Monteiro de Carvalho uma porção de terra, já roçada, na ponta denominada do *Romão* para ser edificado a ermida do N. S. dos Remedios e casas para osromeiros.

Por nomeação do dito capitão Monteiro de Carvalho incumbio-se das obras o ermitão João Gonçalves, o qual, segundo a confirmação de frei José Deigate, aliás bem es-tranhavel, já ha um anno servia de ermitão da ermida que de *presente se estava faze-do*.

Por algum tempo durou esta pequena capella engastada nos matos, onde o povo attrahido pela devoção convergia todos os annos em grande romaria.

Devido a circumstancia de ter fugido para esse lugar um preto que matara o seu senhor, os fleis apossados de medo afugenta-ram-se ficando a imagem sem culto e des-amparada.

Em 1775 o governador Joaquim de Mel-lo Povoá mandou abrir uma estrada que hoje forma a rua dos Remedios, e assim fez reviver a antiga devoção.

Achando-se a capella por esse tempo bastante arruinada, foi reedificada pelo ermitão Francisco Xavier—a custa de esmolas.

Em 1818 os negociantes desta capital temaram a Senhora por protectora do com-mercio e navegação e enriqueceram o tem-plo com bonitos paramentos, alfaias, tra-tando tambem por esta occasião de embel-lezar o largo que lhe fica em frente.

Com o correr dos annos a igreja foi de novo arruinando-se até que em 1830 a me-za da irmandade nomeou uma commissão de tres membros para proceder aos concertos.

Devido a tradição religiosa as festas em honra á N. S. dos Remedios eram celebra-das, cada vez mais, com maior brilho e so-lemnidade, cessando em 1833 quando o templo foi demolido para ser erecto outro, segundo a deliberação da respectiva meza.

Foi organizada uma commissão com-posta dos srs. Americo Sotero dos Reis, Raymundo Archer da Silva e Pacifico Quar-te Seiro para dirigir as obras.

Em 1835 estão-lo já bastante adiantadas, e depois de ter despendido quasi cincoenta contos de reis, quantia obtida por diversos donativos, e mais cerca de vinte contos de reis proveniente de apolices geraes pertencentes á Santa, tiveram de paralisar tudo devido a circumstancia de ter desabado a torre em construção e não restar mais di-nheiro para a continuação.

Era por todos deplorada a indifferença e o desalento que havia em não se tratar de proseguir a obra começada com tanto gosto e dedicação, e tanto mais quando esta igreja proporcionava a melhor das nossas festas.

Eram muitos a censurar, mas ninguém tomara a iniciativa de trabalhar em prol deste templo—até que o Commendador Do-mingos Gonçalves da Silva fez espontanea-mente um apello para o commercio no in-tuito de concluir as ditas obras.

Pedia ha muitas casas importantes de-nossa praça que cada uma concorresse com 1 % sobre o total dos seus despesas de importações pagas na Alfandega.

Foi este alvitre geralmente accedido e desde logo o Commendador Gonçalves da Silva couvidou para auxilia-lo os srs. José Pedro Ribeiro, dr. Manoel da Silva Sardi-nha e Joaquim Esteves Dias. Este ultimo ficou encarregado na qualidade de theso-reiro de receber a contribuição que, com

Revista Elegante

outras ofertas já attinge cerca de setenta contos de réis.

Foi mandado vir da Europa o material preciso para a armadura do templo, tendo já vindo parte d'elle.

Agora, devido a anulação que existe, parece que a obra se concluirá brevemente, e p'lo plano que lhe foi traçado, pode-se dizer que ficará bella e com muita solidez.

HIGH-LIFE

Fazem annos, em meo de Setembro corrente:

- Em 1—na casa, sr. do. Zuleide Ribeiro da Costa e Maria Reynauda Liden (a padroeira);
Em 2—na casa, sr. do. Maria Isabel Collares Moreira, Anna Emilia Gonçalves Rodrigues Lisboa e Anna Liden das Santos (a padroeira) do sr. José Pedro Ribeiro;
Em 3—na casa, sr. do. Gaudêncio Teixeira e Gera, a padroeira Gerazinda Ribeiro e a padroeira Maria Liden do sr. Agapito Gonçalves Pereira;
Em 4—na casa, sr. do. Maria Reynauda da Silva e Amélia Augusta Pavesi;
Em 5—na casa, sr. do. Henrique Freitas, a padroeira Nelly, filha do sr. Antonio B. Barbosa de Godoy e o sr. Manoel José Alves da Costa;
Em 6—na casa, sr. do. Edmundo Soares Lima Pereira e o sr. de. Alfredo S. Pires e o sr. Augusto Pereira e o sr. Francisco da Cunha Serra;
Em 7—na casa, sr. do. Aurora Ferreira da Souza, Joazequina N. da Silva Fernandes, Anna Ribeiro e Filomena Z. F. Fernandes e o sr. Antonio Rodrigues de Santa;
Em 8—na casa, sr. do. Zuleide Ribeiro da Costa e Maria Reynauda Liden (a padroeira) do sr. José Pedro Ribeiro;
Em 9—na casa, sr. do. Zuleide Ribeiro da Costa e Maria Reynauda Liden (a padroeira) do sr. José Pedro Ribeiro;
Em 10—na casa, sr. do. Zuleide Ribeiro da Costa e Maria Reynauda Liden (a padroeira) do sr. José Pedro Ribeiro;
Em 11—na casa, sr. do. Zuleide Ribeiro da Costa e Maria Reynauda Liden (a padroeira) do sr. José Pedro Ribeiro;
Em 12—na casa, sr. do. Zuleide Ribeiro da Costa e Maria Reynauda Liden (a padroeira) do sr. José Pedro Ribeiro;
Em 13—na casa, sr. do. Zuleide Ribeiro da Costa e Maria Reynauda Liden (a padroeira) do sr. José Pedro Ribeiro;
Em 14—na casa, sr. do. Zuleide Ribeiro da Costa e Maria Reynauda Liden (a padroeira) do sr. José Pedro Ribeiro;
Em 15—na casa, sr. do. Zuleide Ribeiro da Costa e Maria Reynauda Liden (a padroeira) do sr. José Pedro Ribeiro;
Em 16—na casa, sr. do. Zuleide Ribeiro da Costa e Maria Reynauda Liden (a padroeira) do sr. José Pedro Ribeiro;
Em 17—na casa, sr. do. Zuleide Ribeiro da Costa e Maria Reynauda Liden (a padroeira) do sr. José Pedro Ribeiro;
Em 18—na casa, sr. do. Zuleide Ribeiro da Costa e Maria Reynauda Liden (a padroeira) do sr. José Pedro Ribeiro;
Em 19—na casa, sr. do. Zuleide Ribeiro da Costa e Maria Reynauda Liden (a padroeira) do sr. José Pedro Ribeiro;
Em 20—na casa, sr. do. Zuleide Ribeiro da Costa e Maria Reynauda Liden (a padroeira) do sr. José Pedro Ribeiro;
Em 21—na casa, sr. do. Zuleide Ribeiro da Costa e Maria Reynauda Liden (a padroeira) do sr. José Pedro Ribeiro;
Em 22—na casa, sr. do. Zuleide Ribeiro da Costa e Maria Reynauda Liden (a padroeira) do sr. José Pedro Ribeiro;
Em 23—na casa, sr. do. Zuleide Ribeiro da Costa e Maria Reynauda Liden (a padroeira) do sr. José Pedro Ribeiro;
Em 24—na casa, sr. do. Zuleide Ribeiro da Costa e Maria Reynauda Liden (a padroeira) do sr. José Pedro Ribeiro;
Em 25—na casa, sr. do. Zuleide Ribeiro da Costa e Maria Reynauda Liden (a padroeira) do sr. José Pedro Ribeiro;
Em 26—na casa, sr. do. Zuleide Ribeiro da Costa e Maria Reynauda Liden (a padroeira) do sr. José Pedro Ribeiro;
Em 27—na casa, sr. do. Zuleide Ribeiro da Costa e Maria Reynauda Liden (a padroeira) do sr. José Pedro Ribeiro;
Em 28—na casa, sr. do. Zuleide Ribeiro da Costa e Maria Reynauda Liden (a padroeira) do sr. José Pedro Ribeiro;
Em 29—na casa, sr. do. Zuleide Ribeiro da Costa e Maria Reynauda Liden (a padroeira) do sr. José Pedro Ribeiro;
Em 30—na casa, sr. do. Zuleide Ribeiro da Costa e Maria Reynauda Liden (a padroeira) do sr. José Pedro Ribeiro;

A todos os nossos parabéns.

EXPEDIENTE

Como unificamos os nossos estimados frequentes e antigos annos d' esta revista e o 120.º annos que acabamos de contrahir no Porto um habil e competente cortador que assumiu a direcção do corte e provas da nossa secção de Alfaiataria.

Recebemos

"A Crise e os Caminhos", ligeiras considerações acerca do papel moeda inconvertível, trabalho do sr. A. Cardoso Pereira; "Resumo do registo civil da comarca da Capital", relativo ao 2.º trimestre do corrente anno, elaborado pelo respectivo director, sr. dr. Raul Machado;

"Brasil", versos de J. Eustachio de Azevedo, em comemoração ao 4.º Centenario Brasileiro.

Agradecemos

Foi-nos enviado pelo conselho central da "Sociedade de S. Vicente de Paula", no Ceará, uma circular explorando o abito em favor dos pobres flagellados pela secca que se manifesta n'aquelle Estado.

Realmente é digno de toda compaixão a crise pavorosa que se accentua com todo o seu cortejo de miséria e dia a dia mais vai augmentando, maior numero de victimas vai fazendo.

Hontem era a secca e a fome que, supplicante, devastava aquella porção de almas infelizes, hoje é tambem a peste que se associa inclemente, terribilissima annihilando vidas preciosas.

Em nosso escriptorio fica semelhante apello a generosidade publica.

Recebemos um officio do "Centro Itabirano", em Minas-Geraes, pedindo a remessa da nossa Revista.

Seremos promptos em enviá-la.

Agradecemos o convite que nos foi gentilmente dirigido pelos dignos directores do "Club Caixaer" para assistirmos a partida que teve lugar no dia 25 do mez passado na casa de residência do illm. sr. capitão Hermenegildo Jansen Ferreira, á rua de Nazareth.

Temos sobre a nossa mesa o cartão de visita do sr. dr. A. J. Alves de Faria, no qual communicamos que assumiu a chefia do districto telegraphico deste Estado.

Obrigado.

Acha-se entre nós, em sua excursão litteraria, o sr. Candido Costa, que, ha bem pouco tempo, muito honrou as colunas desta Revista com os seus brilhantes escriptos.

Delle recebemos o drama historico em quatro actos denominado "Pedro Alvares Cabral e As Duas Americar", em homenagem ao quarto Centenario da descobrimento do Brazil.

Vamos lêr com attenção que merece.

Pequena correspondencia

Sr. J. Eustachio de Azevedo—Pará.—Providenciado de accordo com o seu ultimo endereço.

J. Augusto de Castro Moura—Acarahú.—Sim, senhor, queira d' sculpar nos.

Temos tomado nota das seguintes assignaturas para o 2.º anno da 2.ª serie d' esta Revista, a saber:

Maranhão—Polide M. Jorge, Barra do Corda; Antonio Netto, Antonio Fernandes da Fonseca e Mario C. Ramos, Caxias; Francisco da Silva Serra, Coratá;

Pará—João Baptista Cardozo, Huascar O. Lopes e João Baptista da Silva, Anajás; Augusto Sergio Silva Mattos, Bragança; Arthur Leal e Manoel Martins da Silva, Belém;

Piauí—Diocleciano da Silva Ribeiro, José Miguel & C.ª, Agapito Alves de Barros,

Luiz Milla de Carvalho, Raymundo Pereira Franco, Francisco Pacheco Soares, Benedito Martins Ferreira, Epaminondas Madeira Manoel Paraguaná de Souza Martins, Hedeonso Ramos de Souza, Fructoso Pacheco Soares, Cyro Mamado de Castro e Francisco de P. Baptista, Colonia; José Edmundo, Francisco Ribeiro, João José Ribeiro, João Guimaraes e Pedro Solino Pessoa, Florianópolis;

—Ceará—Jayme Medina, Baturité; Rio de Janeiro—Dr. Domingos Pedro dos Santos, Arsenal de Marinha

ACONSELHO SEMPRE SUA APPLICAÇÃO.—Com toda franqueza escreve o Dr. Guilherme Pereira da Costa, da Bahia, especialista em moléstias de crianças, Medico do Estabelecimento de Educação Infantil "Collegio de Nossa Senhora da Providencia", adjunto e ex-interno do antigo Hospital de Caridade, Medico Examinador da Companhia de Seguros de Vida "Caixa Geral das Familias", Ex-membro do Asylo de Alienados "São João de Deus", socio effectivo da Sociedade Medico-Pharmaceutica de Beneficencia unta e ex-medico director do Hospital de Misericordia "Santa Izabel", sobre o confeitado preparado dos srs. Scott & Bowne, chimicos de Nova-York.

"Reconhecendo a efficacia do excellente preparado Emulsão de Scott, aconselho sempre sua applicação todas as vezes que se faz mister em minha clinica pediatrica, o que attesto e affirmo in fide medicus."

ALFAIATARI TEIXEIRA

Secção de Machinas

O maior deposito de machinas de costura em

MARANHÃO

Unica agencia das machinas

Davis de Dayton—Ohio—Chicago

Unica agencia das machinas—New-Home. Encontra-se tambem neste vasto deposito, machinas de Singer—Domestic—Minerva—Columbia—Bosnia—Jones—Fernando Esser & C.ª—Nothmann & C.ª, e Gitzner.

Preços sem competencia Condições excepcionaes

Concertam-se machinas de costura, para o que se tem pessoal habilitado. Vende-se peças de sobrecolante, como jeans, lencalheiras, agulhas, correntes, amoladoras, molas, etc., etc.

Unico deposito e agencia neste estado das bicycletas—Humber, Flying Horse, Rudge-Wolseley, Dayton e Crescent. Constante deposito de accessorios para bicycletas, especializando-se em lanternas de accionamento de oleo, selas, buxinas, bompas, espheras, pneus, e outras peças de accionamento, capas, bombas, escovas, e clips, verniz preto, composições, oleos, velo penicillantes, supportos e carretos de lanternas para lanternas de accionamento.

—Preços vantajosos—

Largo do Carmo.

Imp. na Typ. a vapor da Alfaiataria Teixeira—107 N.º George Grenwell.



REVISTA ELEGANTE

Considerações philosophicas.

Sendo a cultura da terra a primeira de todas as indústrias, e a mais fecunda fonte de felicidade pública, nenhum povo deve negligenciar a sua cultura, nem constituir em quanto o território da pátria não for um patrimônio puramente nacional, capaz de fornecer o pão e a vida ao cidadão laborioso.

O domínio privado exercido directamente sobre a terra, tanto a força nos habilita senhores, ao mesmo tempo que enerva os estímulos patrióticos, excita a ideia de igualdade e fraternidade aliás o mais apregoado apogeu das modernas formas de governo.

Imaginemos um pequeno país regulado por leis aparentemente justas, mas que se visse dominado pela cubera de um estrangeiro bastante rico para concentrar na sua pessoa a vida nacional comprando uma por uma todas as instituições ou quaisquer outras propriedades herdadas na ocupação do solo.

A proporção que se effectuassem tais compras a primitiva nacionalidade iria des-

apparecendo pela sequestração das terras e os novos títulos de arquesição ou teriam de fazer da autoridade pública um instrumento docil da vontade do novo soberano ou a revolução seria a consequência da luta entre o seu interesse privado e o direito publico.

Toda a actividade estaria subordinada aos caprichos do grande senhor que bastava deixar a terra inculta para fazer estorcer-se na miséria a população ou obrigar a trabalhos excessivos auferindo elle os ulcros dessa aglomeração de escravos.

Elimina o todo o sentimento de liberdade e de igualdade, a paz publica só havia de manter-se por um estado de obediência cega á autoridade absoluta, ao mesmo tempo que as theorias do direito e da justiça não passariam de elementos perigosos como perturbadores que devião ser da ordem estabelecida.

Or se considerarmos que em vez de hypotheses nós temos o fact real do dominio exclusivo exercido sobre o solo, ou pelos príncipes que o distribuem a quem lhes parece ou pelos particulares que por compra herança ou doação o transmitem de uns para outros proprietarios como continuadores d'aquelle absurdo direito bem patent'es se tornam as causas da escravidão do povo e da anarquia dos governos.

Os mesmos que se acham mal com a monarchia nada melhoram com a republica; porquanto qualquer que seja a forma de governo em nenhuma delle os povos tiram da natureza os seus direitos pois tudo se attribue ao favor e á bondade dos que governam. As leis generosas abortem antes de formar programas regulares, e isto como não se trata de indagar se ellas são proveitosas, mas tão somente de saber se vão prejudicar os interesses de quem mandam.

O individuo passa a absorver a sociedade e por toda a parte o poder pessoal manifesta-se contra os que se elevam pelo direito e pela justiça. A terra escravizada por um pequeno numero não pode de forma al-

guma produzir homens livres se verdadeiramente é o preceito romano de que o parto segue o ventre.

Contra esse preceito promulgou-se entre nós a lei de 28 de Setembro de 1871 declarando livres os filhos das escravas, mas logo reconheceu-se que esta lei nada remediou porque mais tarde foi preciso libertar as mães para que os filhos fossem completamente livres. Libertei-mos pois a terra como a nossa verdadeira mãe e isso basta para sermos livres.

Passando de uma forma de governo para outra, ou antes da pessoa de um governo para a pessoa de outro governo fazem-se festas, apetreja-se o despotismo que calhe para sonhar-se a nova era de felicidade que todos desejão, mas com o correr dos tempos as esperanças se finão e com ellas as mais sinceras convicções.

Os exemplos da historia estão ali bem patentes para desiludir-nos. Debalde a republica franceza derramou o sangue dos patriotas para regar a arvore da liberdade e jamais republica alguma tem derramado com proveito o sangue humano, porque sempre o despotismo e a tyrania succedem a preconizada liberdade, tornando-se os remedios applicados á depravação dos costumes origem de corrupção ainda maior.

Felizmente já com gaur á alvorecer os principios são presentando se muito ao longe a verdadeira causa do mal. No Congresso brazileiro deste anno houve deputado que achasse opportuno apresentar um projecto marcando os limites da propriedade territorial nas aquisições de terras feitas por estrangeiros.

Embora este projecto não fosse julgado objecto de deliberação, em pouco tempo vinha substituido por outro de outro deputado fazendo passar para a União as terras devolutas e dadas pelo antigo governo monarchico a particulares, empresas agricolas ou industriais. Por abutarem as terras entre nós podem parecer extravagantes as intenções contidas em tais projectos, ao

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—IMPERIAL—

CAIXA POSTAL—40

ANNO IX

Maranhão, 14 de Outubro de 1900

NUMERO 100

entretanto já são ellas reflexos da luz que hade illuminar o futuro de nossa patria, o qual pede desde já providencias que sejam capazes de cortar o mal pela raiz.

As constituições br-zileiras tem tido por unico objecto sup-rificuldades sobre formas de governo. A de 1822 garantia pela monarchia a dynastia de D. Pedro I que abdicou em seu filho D. Pedro II, e a que emanou do acto de 15 de Novembro a forma republicana de transição mantendo as conveniencias de um estado especial de cousas. Ambas ellas p-deem exprimir tudo, menos a substancia da vida nacional.

Em vez de se aglomerarem os cidadãos para manter governos pessoases qualquer que seja a mascara de que se tenha revestido o interesse individual, melhor sera que se congreguem como interessados na communhão de seus direitos ou por um motivo que envolva de modo claro o interesse de todos.

Para pôr em labraração pacifica o territorio da patria é preciso que todos possuam sobre elle direitos iguaes, ou que ninguém se julgue exclusivamente dono para que elle possa ser uma propriedade de todos.

Não somente as terras devolutas devem pertencer ao Estado como todas as que já tendo entrado no dominio particular se acharem sem cultura ou edificação, unicos titulos de acquisição para o dominio util sujeito ao imposto equalitario.

Pre-cisamos de uma constituição que defina melhor a nossa patria evitando que a furia anarchista nella assente os seus aparelhos de guerra. Ainda é tempo de indemonstrar os proprietarios de tudo quanto possuem inutilmente para que possam sub-metter-se com satisfação ao mais justo e patriótico das impostos. Salvemo-nos por este meio evolutivo, enquanto o territorio da Europa opprimido pelo peso de enormes capitais que o cobrem de todos os lados espera sem remedio o julgamento da revolução socialista.

Debalde ali se levantão os exercitos defendendo privilegios absurdos. A miseria das populações que se aglomeram nas grandes cidades fugindo do monopolio se-nhoril fornece em cada desgraçada um assassino, mais tão destinado e arrojado que atreve-se sosinho a tentar contra a vida d'aquella a quem exercitos reunidos temem de combater em campo raso.

E assim um após outro vão cahindo os soberanos sem que ninguém trate de indagar donde vem a coragem dos agentes de tão extraordinaria quão misteriosa resolução.

Voltemos para a terra as nossas vistas procurando nella a paz e a felicidade.

A nossa constituição politica fazendo do accessorio o principal diz o modo porque se achão divididos os poderes publicos, determina bem o tempo que deve durar uma administração politica, crea para isso garantia de armas e tribunaes e estabelece regras para fazer eleições; mas esqueceu-se de mencionar, se quer, os limites do territorio de nossa patria e de declarar expressamente quaes os direitos do cidadão em relação ao solo em que pisa para que depois se seguissem como consequencia deste facto de interesses reciprocos a organização republicana como a mais garantidora dos principios da liberdade, equalidade e fraternidade nelle contidos.

Pensem pois os homens entendidos nesta materia e reformem a lei fundamental, dando a nossa patria uma constituição mais compativel com o espirito moderno e preparando-a para os commettimentos do novo

seculo, no qual a luz da imprensa e da electricidade hão de dissipar as nuvens que se-pario as nações, não como familias da humanidade que são, mas como bandos de animaes ferozes que se odeião e destroem-se pela posse da terra, que uma organização rascavel tem podia pôr á disposição de todos.

Sendo as leis civicas uma consequencia dos costumes naturaes e os governos meios de execução d'aquellas, é nos diferentes costumes, leis e governo de cada povo que se acha descreminado o caracter e indole de cada nacionalidade.

E assim por mais que as evoluções sociais e os progressos da civilização assimilem as constituições politicas das nações ou os principios geraes porque se regem, nunca poderão extinguir os sentimentos patrioticos, porque a occupação do territorio obedeendo tanto as causas naturaes como as convencionaes exigirá sempre uma subdivisão de leis e governos accomodados aos diferentes costumes, o que outra cousa não é sinão a proclamação da patria.

Os habitantes das regioes polares não podem ter os mesmos habitos e um modo de viver identicos aos dos povos que habitam as zonas torridas; os seus alimentos, maneira de trajar e até a própria actividade phisica estão sujeitas a regras diferentes da hygiene.

Do mesmo modo os insulares que tirão do mar todos os meios de vida devessem costumes e leis muito diversos dos povos que habitam os centros montanhosos dos grandes continentes. O que para uns é consequencia das leis naturaes ou planetarias para outros só se faz por disposição das convenções.

A posição geographica e differenças de clima exercem tal influencia sobre a vida dos povos que ella não se nota somente nos costumes, mas se manifesta na propria forma phisica determinando raças diversas em cores e tipos phisonomicos.

Os mares, os grandes rios, as altas montanhas e cordilheiras interminaveis forão servindo de marcos para as primeiras occupaões territoriaes, que o augmento da população gradualmente subdividiu e fez objecto de dependencia nacional regulada pelo direito das gentes.

Estas separações naturaes ou convencionaes avivando cada vez mais os estímulos patrioticos não servem de estorvo a organização universal, pelo contrario augmentão a necessidade de estreitar com ella o laço de ligação entre as nações.

Porque cada povo tenha suas leis e governos especiaes que garantão a cada cidadão o modo proprio de viver feliz em sua patria não se segue que não deva obedecer ás leis universaes que a todos permite viver na patria estranha on fe a vida deva ser garantida aos individuos da especie humana considerados em sua origem como prolongamento de uma só familia ou como membros da grande republica da humanidade.

A NOSSA GRAVURA

Fabrica do Canhamo

Damos em supplemento a photographura da Fabrica do Canhamo especialemente destinada a tecidos dessa fibra ou panos de estopa.

Foi começado o edificio em 28 de Julho

de 1891, concluido em 31 de Dezembro de 1892 e inaugurado em 25 de Fevereiro de 1893.

Trabalha com 1200 varas occupando um pessoal de 20 operarios e machina motora de força de 120 cavallos.

Esta situação no fim da rua de S. Pantaleão em lugar abundante de agoa, tendo para o gasto das caliteiras e mais uzos 2 poços de boas dimensões providos de bombas sufficientes, tocadas a vapor.

Osapparelhios mechanicos são todos de bons fabricantes e das mais modernas invenções. Além dos commodos do edificio principal tem o estabelecimento no quintal da fabrica um grande armazem para deposito junto a uma ponte construida á margem do rio Bacanga, na qual achase montado um quindeste para o serviço de desca gas.

Para o transporte de volumes e combustivel na trilhos de ferro communicando a ponte com o armazem e fabrica.

O capital da respectiva Companhia é de 90.000.000 dividido em 9.000 acções e conta 297 accionistas.

A administração é actualmente exercida do seguinte modo:

Directoria

Os Srs. José Peir e Rubeiro, Carlos Ferreira Coelho e Manoel Mathias das Neves.

Comissão fiscal

Os Srs. Capitão Heronencildo J. Ferreira, Dr. José Francisco de Viveiros e Dr. Tarcisio Lopes.

Gerente

O Sr. Major Francisco da Costa Rodrigues.

LITTERATURA

SEM AVÊSSO

Correu maravilhosamente a festa dos Remedios, festa que em uma das edições passadas julgavamos, pelo estado da egreja, muito longe de realisar-se.

A devoção popular porem desejosa de ver reproduzirem-se os actos do antigo culto, por cerca de oito annos interrompidos, apre-tou os meios de modo que neste mesmo anno, o ultimo do seculo que se extingue, foi satisfeita a aspiração geral.

Podemos assegurar que a Senhora dos Remedios foi desta vez festejada com o mesmo esplendor nos tempos idos em que os ricos fazião garbo de gastar dinheiro com as ostentações da religião, firmando por esse modo a sua popularidade e tornando conhecida a satisfação que espontaneamente nascia desse legitimo estado de felicidade.

Hoje democratisadas as instituições são as diferentes classes que se reúnem para manter as velhas tradições amenisando as agruras dos tempos que cada vez se tornão mais calamitosos. A braços com a peste e a secca se não soffremos o mal da guerra que derama o sangue e tira a vida do corpo, temos a guerra do canhão, da falta de viveres e por cima de tudo a dos impostos que esgota a algaibeiras tirando a vida da alma.

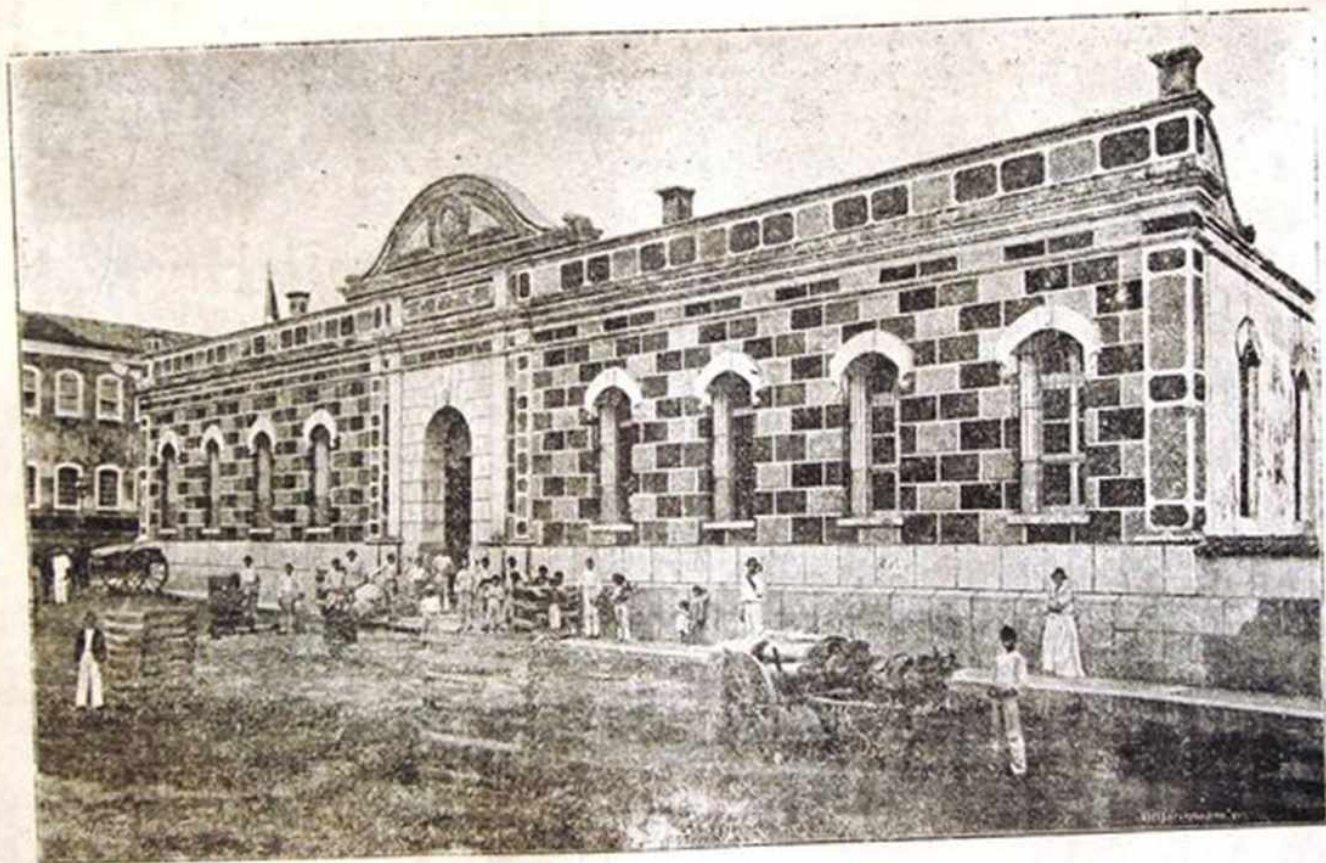
A verdadeira philosophia aconselha o regosijo do povo como o melhor remedio das grandes desgraças. Morre uma pessoa cara, consolamo-nos; dá-se uma calamidade publica, reunão-se os que não fião atingidos do mal, cantem, dansem e divirtam-se para que o tempo de existencia não se torne de todo insupportavel.

Convem dispensar ás lagrimas, á dor e á tristeza o menor espaço de tempo possivel.

Suplemento ao n. 100

—DA—

REVISTA ELEGANTE



Fabrica do Canhamo

Estuda-se sciencias, artes e officios, mas ainda nenhum benemerito se lembrou de crear escolas em que se aprenda a suprimir a dor, o medo e tantos outros inimigos do nosso bem estar neste mundo.

Estas considerações acudiam-nos repetidamente ao espirito, quando assentados em uma cadeira no largo dos Remedios apreciavamos, nas ultimas noites da festa, o bello mar, o mar, a estatua do poeta, as palmeiras, a igreja em construcção, a capellasia provisoria e todo aquelle pateo orlado de bellas casas que serviam de amparo a nossa vista perdida no meio de tantas maravilhas.

Não ha duvida que as festas mais populares do Maranhão são a de Santa Felomena e a dos Remedios. Uma no coração da cidade atrahia para o largo do Carmo toda a população que no fim do inverno procura libertar-se do bofo e da humidade, outra no rigor do verão é em sitio aprasivel o refrigerio do publico que se recreia respirando as auras do levante.

Em nossa opinião devião ser eliminadas todas as mais festas de arraial para que estas duas podessem durar mais tempo. É impossivel descrever fielmente tudo quanto houve de agradável e satisfatorio nessas noites: bellissima illuminação, fogos de artifício, musica, cantos religiosos, casas de recreio sortis e o mais que podia apetecer qualquer um dos cinco sentidos.

Incontestavelmente a nota mais saliente foi a da illuminação da igreja em construcção, na noite de 6.ª feira (5), exprimindo a verdadeira substancia da festa. Houve porem por essa occasião um grande dislatamento foi o vulcão de foguetes invadindo subitamente o espaço e desprendendo delle feixes de taboas sobre as cabeças expostas.

Os feios que se achavão armados de bengalas esgrimindo defendendo-se ou cobrindo-se e o guarda chuva aberto, mas o bello sexo, os achanjos, os cherubins e serafins ao sequito da Senhora dos Remedios que só tinham para se defender o riso nos labios e o delicado leque nas mãos, como se haviam de cobrir?

Seria uma incivildade de requintado egoismo dizer uma senhora ao cavalheiro que estivesse se servindo do seu chapéu de sol: cubra-me...

Junto de nós deu-se um episodio burlesco. Um cavalheiro offereceu o seu guarda chuva a uma gentil senhorita para que ella por si mesmo se cobrisse, e elle, que tinha talvez o coração traspassado pela seta do amor, viu como premio da generosa acção a sua ratimplota atravessada pela taboas de um foguete de lagrimas!

Os vulões de foguetes só são permittidos no mar; em terra é uma violencia, é mais do que isso: uma indecencia tocando as raas da immoralidade.

O bello sexo esteve correcto, divino e encantador. Não conhecemos ainda o resultado total do torneio de belleza e elegancia; mas podemos affirmar que as maranhenses são geralmente bellas e sympathicas, e elegantes são todos os feros que se trajão observando rigorosamente as medi'as da Alfratiana Teixeira.

O que é porem extranhavel nos costumes do Maranhão é que depois de terem os representantes do sexo forte se exhibido no mais apurado gosto da moda, affectando a maior correcção de linguagem e de maneiras, a percorrer os jardins delictosos onde as flores e os fructos pendem dos ramos virescentes, retiram-se muitos delles sem a mais leve impressão do contacto d'aquelles admiraveis encantos.

Não poucos deixão o ambiente perfu-

mado e vão n'um obscuro retiro tragar os cajús azedos, as l'angas verdes e outras gulodices deixando recolher-se aos celeiros as peras macias, os pecegos aveludados, os sapotis, os annanazes e outros saborosos fructos e flores que elles bem podião mui graciosos e alegremente colher.

A Revista compareceu ao concurso. Bem defronte de um grupo selecto que parecia abysmado nas delicias da noite assentou-se na sua machina de costura, pôz o pesinho sobre a pisacadeira e dando impulso as engrenagens esperou os suffragios que em pouco tempo derão-lhe o titulo de elegante.

Entre os seus mais decididos partidarios achou-se o Diario que dando um asso á frente apresentou a sua chapa...

Acto continuo perguntou-lhe a encantadora operaria:

— Vota de coração cavalheiro? Que idade tem?

— 31 annos, respondeu o interpellado.

— Então pinta...

— Minha senhora, continuou elle, quando o coração sente, a cabeça nada vale, mas nem por isso usa de fingimentos...

— Bem; nesse caso seria melhor votar na Pincotilha que sendo uma senhora de idade conserva todas as graças da mocidade...

O cavalheiro, depois de breve pausa insistio:

— Se recusa o meu voto parto para as regiões sideraes no primeiro aerostato que subir aos ares!

— Oh! não; desde que se trata de um uiridido pode votar, acudio a Revista.

Ao dissolver-se o eleitorado, o Jornal da Manhã disse em meia voz ao Federalista:

— Na verdade, collega, o Diario ainda se atria...

Porque não ha chuva?

Dize uma dia a «Verão» ao velho claviero da via... já vai... é bom que te encontres!
O capeta me leve para o inferno,
Se nas faces sajar o que os lipos!

Responde, grandíssimo insolente,
Retreguin o velludo, indigado,
Levo a vida, seu bilhe, a alcorço!
A' tudo que coudante em sol ardente!

Quas vida... nem quas nada... triste luto,
Levo ao rheumatismo e deflexuras
A' collectas, todos, peçoço grato!

Ab! é assim? Vou provar-te, quando posso,
Vica lá os seus fuz fróides,
Que no vos acastando a pouco a pouco...

Laura Rosa.

Vida feliz

En vivo bem feliz, contente, entre pastores,
Sempre gaheta a rir, vagando nos capins,
Dito e apoltondo, pensando em meus amores,
Ouvindo mil trinaões de vozes femininas...

En vivo sempre em festa, colhendo lindas flores,
Brincando nas lagas, serenas, chrysalides,
Fazendo melões versos, sinuous, subchutes,
Cantando, comorado sonoras cravinas...

Que vida delictosa!... Que vida de gozia!
Um dia eu vou a casa e outro a pascaria,
Von uma milite ao boio e outra a serocata...

E sempre ventamos, ao para oar dos grades,
En vivo bem tranqullo, passando meigos queros,
Representando Virgilio... cantando a Travista!

A. Americo Cesar.

São Luiz—1895.

N'um Album.

Quando eu morrer, na minha sepultura,
Não quero flores, nem sombrio ditto;
Deixa que eu saia o meu nome escrito
dormia sonhando sempre com a ventura!

E com los p'antos, ôô, a desventura
Não lbe vas daquerta. Escudo o grito
angustioso, hebreo, espallido,
que nos prova a horrida feitura!

E quando algumas vezes, muito ao riso,
te recordares d'esto que na vida
consegues-te de amor nas collas d'ouro!

Vas visitar-lhe a legítima guarida
lavando-lhe, porem, um tudo e caro
ranhille de bellos tobo, querida!

M. George Gromwell.

(Da officina dos Novos.)

HIGH-LIFE

Fazem annos 100 mais de Outubro corrente.

- Em 1-^a a senhorita Laura Raso, nome distincto collaborado e a exma. sra. d. Julia Pereira Barbosa de Godoy, esposa do dr. A. B. B. de Godoy, a senhorita Haydya Cavalcante e o sr. Raymundo Licurgo Nunes Lisboa;
- Em 2-^a a senhorita Nila da Costa Nunes, a exma. sra. d. Joana Rita de Macedo Brito e o sr. Francisco Antonio Brandão;
- Em 3-^a a exma. sra. dr. Raymundo Viveiros Coqueiro de Carvalho e Luconcia da Silva Teixeira, esposa do sr. particular amigo e socio chefe d'esta Alameda Gaspar Pinto Teixeira, os srs. dr. Benedito Pereira Leite, José Paulo Coelho e Silva Junior, Paulo Brito, o sr. Zepherino, filho do sr. José Vieira, e Pedro Lopes;
- Em 4-^a a exma. sra. dr. Rosa Pereira dos Santos e Maria Raymunda Trindade, e o sr. Milton, filho do sr. Eudylas Marinho Amado, redactor d'esta Revista;
- Em 5-^a a exma. sra. d. Maria Anália Serra de Carvalho Pinho, esposa do sr. Marcelino Passos;
- Em 6-^a a exma. sra. dr. Ignor Bessa Fernandes, Elmida Maria Godinho de Freitas, Laura Pires Bello, esposa do sr. Arthur Bello, e Alice Sara Rodrigues;
- Em 7-^a a exma. sra. dr. Alina Serra Franco de Sá, esposa do sr. dr. Joaquim Pinto Franco de Sá e Guilhermina F. de Sá Culturas Marica, esposa do sr. João Pedro Colares Moreira, os srs. Custodio Gonçalves Belchior, Alfredo Guio do Oliveira Lima e Lucio de Almeida Costa;
- Em 8-^a a exma. sra. d. Maria Julia da Costa Nunes e o sr. João Pedro Ribeiro;
- Em 9-^a a exma. sra. d. Alina Lopes e o sr. Cassido Maciel Amado e Manoel Silvestre C. Santos;
- Em 10-^a a exma. sra. dr. Rachel Ferreira do Ascendo e Maria Firmina dos Reis e o sr. Raymundo Joaquim Everett May;
- Em 11-^a a exma. sra. d. Joana de Andrade Carneiro, esposa do sr. Joaquim Pinto Carneiro e o sr. José, filho do sr. Apolinario Jansen Ferreira;
- Em 12-^a a exma. sra. d. Edmunda da Fonseca Balzer e o sr. tenente Teófilo de Lellis Pinheiro e a senhorita Lucinda Brasil;
- Em 13-^a a sr. Francisco da Costa Rodrigues e Guadalupe Cunha;
- Em 14-^a a exma. sra. d. Maria dos Remedios Rodrigues Santos, esposa do sr. Manoel S. da Costa Santos, Maria D. Pereira e Bertha Paiva;
- Em 15-^a a exma. sra. d. Ambrosina Gasparinho e o sr. Florentino Ferreira Garrido;
- Em 16-^a a senhorita Maria da Silva Teixeira, esposa do sr. particular amigo, socio chefe d'esta Alameda Gaspar Pinto Teixeira e o sr. José de Almeida Santos;
- Em 17-^a a sr. Manoel Alves de Barros;
- Em 18-^a a senhorita Alina Gonçalves da Silva e a exma. sra. d. Ananias Valente de Figueiredo;
- Em 19-^a a sr. Henrique Nogueira, coronel Carlos Augusto Franco de Sá e Joaquim da Ascendo Ramon;
- Em 20-^a a senhorita Maria Josepha do Porto Lisboa, a exma. sra. dr. Filomena Coelho e Silva, esposa do sr. Raymundo Archer da Silva, Maria Anália de Lima Costa, e Domicila Leite Amado, digna consorte do sr. particular amigo e distincto redactor d'esta Revista Marinho Amado, e o sr. Pedro Paulo Brasil;
- Em 21-^a a sr. Benjamin Franklin Neves Pereira;
- Em 22-^a a senhorita Everson Almeida e a exma. sra. d. Maria F. Pereira de Bello e o sr. Joaquim Ribeiro Alves dos Santos;
- Em 23-^a a senhorita Estephania Souza e Tati Augusta Belmonte;

Em 28-09 casou-se: Ruyton F. Franco de Sá, a segunda Bertha, filha do sr. Amâncio Ribeiro da Oliveira e m. sr. Manoel Pereira Guimarães Júnior;

Em 30-09 sr. Sprito César Ribeiro, e o senhor Artur, filho do sr. Manoel S. Guedes Santos;

Em 31-09 casou-se: Euzila da Rocha Pereira, as meninas Bertha, filha do sr. Manoel Laurino Soares e Amândia, filha do sr. Amâncio Pereira.

Accidit ut dicitur singulariter.

EXPEDIENTE

As Duas Americas

Em boa hora chegou a nossas mãos a 2.^a edição do livro do sr. Candido Costa—As Duas Americas—acompanhado do drama historico—Pedro Alvares Cabral—, obras publicadas em homenagem ao Centenario do descobrimento do Brazil.

As precisidades contidas nesses dois productos de uma intelligencia illuminada, como se revela a do autor, não pôde ser objecto do juizo de uma só leitura; nas profundas escavações que fez muito ha que aprender-se. A critica exige tempo e a competencia que nos falta.

Quem lê as Duas Américas sente-se logo transportado a uma época semi-fantástica e obrigado a pensar nos acontecimentos que fizeram surgir do oceano o novo mundo; no silêncio de suas florestas gigantes; no isolamento das praias a que estupefactos devião ter mais de uma vez aportado naufragos e aventureiros; na ignorância selvagem de seus habitantes, depositários dos segredos d'aquella natureza prodigiosa.

Após a variedade de quadros que a impo-
nencia de tão extraordinário assumpto
offerece levantão-se os dois grandes vultos
de Christ: o Colombo e Pedro Alvares
Cabral, um mostrando o caminho da America
do Norte aos hespanhoes e o outro o da
America do Sul aos portuguezes.

Quando estes homens não fossem tudo quanto foram, o livro de que nos occupamos basta para justificar a estatura com que a historia os apresenta a admiração da posteridade, fatigada de idéas errantes nesse labirinto interminavel de maravilhas do passado.

Para o americano e para o brasileiro o sr. Gaudio Costa escreveu uma biblia e o seu drama—Pedro Alvares Cabral—nada mais é do que um complemento da identificação de seu talento com o portentoso assumpto do livro principal.

Se essa época de originalidade primitiva e de magêas recordações despertou em quem lê sentimentos de amor e poesia, tão natural u o deve ter sido, em quem escreveu, a elevação d'alma considerando nas grandezas de uma das mais admiráveis epopeas do genero humano?

* Revela o sr. Candido Costa abundante evidência de erudição quando trata da antiguidade dos povos americanos, da origem da palavra America; da antiga civilização do México e do Perú; possibilidade da navegação dos phenícios e carthaginezes pelas costas da America, e finalmente das viagens dos navios de Salomão ao rio Amazonas.

Antes do grande acontecimento todas as vistas se achavam voltadas para o Oriente donde vinham as riquezas que alimentavam o luxo dos reis. Todas as jornadas, romarias e expedições dirigiam-se para o lugar donde parecia nascer o sol, objecto da curiosidade geral.

A mesma civilização do México e do Perú,
encontrada com surpresa no novo mundo.

parece uma consequência dessa grande inércia de caminhar para o oriente, vindo-se os costumes asiáticos para ali transportados por cabotagem pelas costas septentrionais do mar Pacífico, pois os vestígios de imigração prehistórica na parte oriental da América não passam de furtos isolados de naufrágios sem importância alguma nos progressos da civilização.

Obstruiu a passagem do Oriente por terra pela tomada de Constantinopla pelos turcos todas as atitudes voltaram-se para o mar como o caminho menos disputado para aquele destino, e Colombo viajando para o Occidente em busca da afortunada Zipangu procurava por sua vez o oriente, idéa fixa que desapareceu depois da primeira viagem em roda do mundo.

Roca pelas raias da fabula a creença em expedições de navios de Salomão ao Anta-
zonas para conduzir o ouro do Ophir e ou-
tras preciosidades de terras desconhecidas.
Se Salomão com tào navios no mar Vermel-
ho para se juntarem á frota do Hiram que
navegava pelo Mediterraneo, não se segue
que deixasse por isso de tomar em ambas as
expedições a direcção do Oriente pelas cos-
tas da Africa e da Asia.

Também não satisfaz o argumento da semelhança de vocabullos da língua *quichua* ou dos *calis* — um grande numero de termos hebraicos, por quanto este facto devia ser uma consequencia da civilisação do Peru — enigrada da Asia, penetrando as terras habitadas das nascentes do Amazonas.

O mais importante — porém é que em todo esse amontoado de hipóteses transmitidas dos tempos obscuros que precederam à luz da imprensa, mantém o autor das *Duas Américas* o critério preciso para deixar transparecer sua opinião pendendo para o lado das melhores probabilidades e tornando sua obra fecundo manancial, onde os poetas podem beber inspirações e os sábios encontrar motivos para novas investigações.

O livro que o sr. Gungido Costa acaba de offer cer á luz dos tempos é um excellente guia para quem pretenda penetrar na antiguidade da região americana. Se Christo vivo Colombo não foi o primeiro europeu que pisou o solo americano foi certamente o que o fez de modo a ser imitado e seguido com proveito da humanidade.

Se Pedro Alvares Cabral aportou ao Brazil por um acaso, nem por isso foi menor a sua gloria desde que soube tirar partido desse acaso. Na demonstração destas e outras theses referidas aos factos modernos a critica do autor é de uma correcção irrepreensivel.

Torna-se igualmente de uma c'ansa admiravel explicando a razao historica e a razao astronomica no modo de contar o tempo do descobrimento do Brasil, em 22 de Abril como querem uns, ou em 3 de Maio como quem outros, attenta a divergencia dos dois calendarios Juliano e Gregoriano.

Discorre tambem muito judiciosamente sobre o logar do desembarque de Cabral na Bahia, ponto controvertido por diversos escriptores e que foi objecto de uma conferencia publica do nosso querido Coelho Netto quando esteve nesta cidade.

Seja-nos permitido dizer que o sr. Cavido Costa foi em outros dias um dos mais assíduos colaboradores da Revista Elegante, a qual tem sido o campo das recreações literarias de talentos não vulgares, e por isso tomados de justo orgulho pelo magnifico successo do seu trabalho pe-nos-lhe a obsequiosidade de fazer os degnos dessa emnencia, onde não podemos chegar, para damos um abraço de amigo aqui ao rez-do-chão.

Da Academia Literaria estabelecida em Lisboa recebemos honroso officio solicitando a remessa do nosso jornal e communicando ter sido feita em 28 de Julho ultimo a eleccao da directora da dita associacao, que ficou assim composta: Presidente honorario, Ramalho Ortigao; Presidente, Gomes Leal; Vice-presidente, Jose Sarmiento; 1.º Secretario, Oscar Leal; 2.º Secretario, Augusto Peixoto; Vogues, Amadeu de Freitas, Faustino da Fonseca, Julio Santos e Alberto Bessa.

Temos recebido e agradecemos o estimável presente dos seguintes jornaes :

A *Actualidade* editada sob a direcção dos distintos srs Luiz de Carvalho e Henrique Fernandes.

Os Novos, órgão da Officina dos Novos, agremiação de moços estudiosos amantes das letras.

O Tupy, órgão da sociedade—Esperança Litteraria.

Os dois primeiros publico-se nesta cidade e o terceiro em Belem do Para.

Archão-se todos providos de bons artigos
e velando talento e facilidade na arte de
dizer.

MAIS UM EXEMPLO.—Com muita satisfação reproduzimos nestas columnas para os nossos leitores a importante declaração do distinto medico de São Paulo, o dr. Paula Lima, ex-assistente dos Hospitais de Paris, ex-interno da clinica do Prof. Torres-Hansem, ex-medico effectivo dos hospitais Beneficencia Portuguesa do Rio de Janeiro, membro da Sociedade de Hygiene de Franca e da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, sobre a Enulsão de Scott :

"Attesto que tenho empregado frequentemente e com excelentes resultados a Emulsão de Scott dos srs. Scott & Bowne de New-York, nas crianças lymphaticas e escrofulosas. Esse medicamento constitue valiosa acquisição para a therapeutica infantil."

NENHUM CAPAZ DE SUBSTITUI-LA.

E o desejo dos srs. Scott & Bowne, químicos de Nova-York, deixar bem patente no espírito das mães a grande importância do uso da Emulsão de Scott para seus filhos quando de constituição fraca e adoentado, e quando o alimento ordinário os não nutra. A Emulsão de Scott desenvolve-se-lha com rapidez admirável.

O dr. Alfredo de Araújo, diplomado em sciencias medicas-cirurgicas pela faculdade de Medicina da Bahia, diz no seu attesta o seguinte :

"Attesto que tenho empregado a Emulsão de Scott dos srs. Scott & Bowne, de New-York, com maravilhosos resultados, na escrofulose, rachitismo, na tuberculose pulmonar e em todos os casos em que é necessário o levantamento das forças orgânicas. Não conheço nenhum preparado congenero que seja capaz de substituí-la; o que digo afirmo sob a fé do meu grau

¹¹São Simão, Estado de São Paulo.

$\beta = 10^{-6}$, $\gamma = 10^{-7}$, $\delta = 10^{-8}$



REVISTA ELEGANTE

Considerações philosophicas.

Na sua acceção moral a palavra humanidade envolve a idéa de consciencia do dever, e seria a menos propria para denominar a especie humana, distinguindo-a dos demais seres animados, se os homens em sua totalidade se conservassem sempre em estado de ignorancia primitiva dominados somente do instinto de crueldade.

Mas como a consciencia do dever é uma qualidade propria da natureza racional e a ignorancia d'elle um estado accidental, quer da intelligencia de cada individuo, quer do proprio genero humano, os erros e desvarios sociaes estão forçosamente sujeitos a esse principio de unidade que nos conduz ao aperfeiçoamento.

É esse mesmo principio que regula a luta constante e progressiva entre o movimento espontaneo e o movimento reflectido de nossas accções, dando em resultado o atrito de opiniões que mais tarde ou mais cedo termina pelo triumpho da verdade.

Não havendo povo civilisado que possa considerar-se moralmente perfeito, nem horda selvagem absolutamente incapaz das modificações da moral a palavra humanidade abrange todos os homens interessando todos os paizes e todas as nações do mundo nos direitos reguladores do bem estar social.

Não é facil determinar como desde o seu inicio se tem operado os progressos da moral, visto que segregados os povos antigos em seu modo de viver, ignorando ou desprezando mesmo os meios de communicação das idéas, nem todos obedeceram uma lei uniforme de evolução, da qual por preconceitos inveterados ou circumstancias poderosas ainda muitos se conservão afastados, e em estado verdadeiramente espectral.

Estudar por tanto a Humanidade é nada menos que procurar conhecer a vida das populações e o modo porque a variedade de costumes e leis puderam ir se fundindo pouco e pouco no mesmo molde, ou por que fórma em presença da civilisação moderna se não de estreitar entre os homens os laços da harmonia fraternal que deve conduzi-los á paz universal.

Este estudo complicadissimo prende-se aos diferentes factos que contribuíram para a vulgarisação dos conhecimentos uteis, e não devem por isso mesmo ficar em esquecimento as grandes descobertas e invenções que encurtoeram as distancias geographicas e facilitaram as relações internacionaes, salientando-se entre outras as que deram em resultado a applicação da bussola, da imprensa, do vapor e da electricidade.

So depois que esses elementos entraram em uso foi que, apesar dos ingentes esforços anteriores, começaram a expandir-se as sciencias, regularam-se as artes e as industrias perpetuando-se as conquistas da intelligencia; e deste modo no periodo de menos de cinco seculos a Humanida-

de caminhou em progresso e civilisação mais do que em todo o passado que se perde na noite dos tempos.

Todos os factos e exemplos da historia tendem a mostrar que o isolamento não convem a especie humana, quer a consideremos sob o aspecto da vida individual, quer sob o aspecto da vida collectiva ou social. Isolado o individuo antes do desenvolvimento de sua intelligencia elle será um selvagem; isolada uma tribo de selvagens ella será, quando muito, uma nação barbara durante numero incalculavel de seculos.

A linguagem que parece a primeira vista uma qualidade puramente pessoal é no entretanto o resultado de convenções da collectividade, e do mesmo modo as artes e as industrias uma consequencia da luta pela existencia em que os esforços individuais tendem cada vez mais a se incorporar pela aprendizagem constante dos methodos que a intelligencia formula organizando os seus diferentes systemas scientificos.

É o influxo social que faz com que o sentimento se torne menos penoso, a actividade menos difficil e a razão cada vez mais esclarecida. E assim como os individuos passão do estado de ignorancia e de embrutecimento moral ao mais alto gráo de elevação da intelligencia pelo cultivo das relações sociaes, assim tambem os povos se civilisão na proporção de suas relações internacionaes.

É pois incontestavel que os elementos mais efficazes da civilisação são os que tendem a approximar os povos entre si, e são por isso mesmo maravilhosos os serviços que prestão as artes e as industrias animadas pelo commercio arrastando consigo os conhecimentos proprios para o desenvolvimento material e fixando as leis garantidoras da ordem moral.

Por esta forma a Humanidade tornando-se depositaria das idéas universaes chama

PUBLICAÇÃO MENSAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Propriedade da

—ALFALATARIA TEIXEIRA—

Gerente-Alfredo Pinto Teixeira

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—IMPERIAL—

CAIXA POSTAL 40

ANNO IX

Maranhão, 12 de Novembro de 1900

NUMERO 101

a seu seio todas as populações do mundo que em alguma parte de sua superfície hade apresentar sempre um ponto luminoso atrahindo as vistas que partem da escuridão.

Augusto Comte define a Humanidade o conjunto dos seres humanos passados, futuros e presentes, e nota que a palavra conjunto indica que nella não se deve compreender sino os homens que forem verdadeiramente assimiláveis por effeito de sua cooperação na existência commum.

Esta definição faz dividir mentalmente a grande massa das populações humanas em duas partes distinctas, compostas uma de seres convergentes e outra de seres anárquicos ou dissolventes, ou mais claramente, uma que tende para a composição de um todo harmonico e outra refractaria a toda sorte de cooperação.

Mas, em verdade, tal separação só pode ser conhecida parcialmente quando alguma collectividade se constitue sob uma forma opinativa qualquer que revele o triumpho da reflexão sobre os instinctos espontaneos; e ainda assim não está ella inteiramente espurgada das divergencias individuaes que embora dominadas lhe são secretamente oppostas.

Além disso, tem como consequencia a rejeição de uma grande parte do concurso especial que os excluidos podem prestar á collectividade, attentas as propriedades de nossas funções psychicas que embora devão agir uniformemente nem por isso deixão de submeter-se ao predomínio de concepções exceptionaes.

O homem é, como alguns virmos escripto, um pequeno mundo. Recebendo pelos sentidos as impressões do exterior, sua alma figura-se como que o espelho dos objectos que o cercão, e as imagens que nelle se representam são tão variaveis como a multiplicitade desses objectos, de modo que o conhecimento das propriedades assimilaveis torna-se tanto mais apreciavel quanto menor for o numero de individuos sobre que se opera a confrontação.

Seria talvez melhor dizer que a Humanidade é o conjunto das opiniões assimilaveis das gerações passadas, presentes e futuras, accitadas e observadas por uma actualidade. Encarado por esta forma o presente como consequencia do passado e regulador do futuro teria o eminente philosopho d'ido o mesmo cunho de eternidade ao seu *Grand Ser*; pois tanto importa dar existencia aos mortos pela vida subjectiva como por suas opiniões transmitidas pela historia no circulo da patria ou por qualquer outro meio de tradição no seio da familia.

Ser phisico ou ser moral, homem ou opinião, o certo é que todas as tendencias humanas se prendem á collectividade e é nas manifestações desta que se deve procurar os pontos de assembléa que levão o homem ao seu destino commum.

Verifica-se das proprias leis genericas que a vida de cada pessoa está dependente da de um grande numero anterior. Em 500 annos, por exemplo, concorrem para a existencia de um só individuo mais de um milhão de pessoas, dando a cada uma delias dois progenitores (pae e mãe) no periodo de 20 gerações substituidas de 25 em 25 annos.

Do mesmo modo uma industria útil que tenha sido iniciada a 500 annos e desde esse tempo cultivada e aperfeçoada deve chegar a nós com o concurso de tantos auxiliares que seria um grande erro attribuir a alguns individuos soezente as vantagens que auferissemos de semelhante industria.

Isto basta para nos fazer compreender quanto devemos ao passado e qual a importancia do concurso que um só individuo, por mais relevante que seja, pode prestar ao futuro. O passado torna-se tanto mais colectivo e numeroso quanto maior for o espaço de tempo que delle nos afastar, e é preciso portanto procurar na origem das sociedades antigas e seu consequente desenvolvimento os antecedentes naturaes da organização moderna.

LITTERATURA

Expansão

Brasão de, em tride marmório,
Fria aqua do lido crystallino
Do prado ao rio e fundo rio,
Por entre o verde musgo que a margem;

Tome argem supra redida
Da tardinha que cinto tratante,
E nos braços d'ouro desolado,
Recolhe-se a terra doente;

Também sinto em meu peito acalhar
Recolhe-se contrito, angustado,
Mist'alma entristecida pelo dia;

E crystallino como o claro rio,
Tão leve como a brisa da tardinha,
As lagrimas pulsam fú a fú.

Laura Rosa.

SEM AVÊSSO

Conhe-nos a ventura de assistir no Theatro S. Luiz a 3ª recita do Divorcio, representado pela Companhia Dramatica Luso Brasileira, drama que sendo, segundo affirmão, o primeiro da lavra de Plácido Guerra, não deixa por isso de ser uma obra prima como a maior parte dos productos de sua mão de mestre.

Não se trata de uma dessas peças theatraes de enredo vulgar que põe em scena intrigas amorosas oxaltando sob apparencia agradável vícios que corrompem os espectadores e prejudicão os bons costumes; ao contrario disso o que vimos foi o desenvolvimento de uma these philosophica que se serve da forma litteraria para instruir e moralisar.

O theatro dramatico tem dois modos de corrigir os erros sociaes: a comedia lançando o ridiculo contra os frequentes vícios da hypocrisia, da mentira e da falsa fé; e a tragedia, que pondo em jogo as paixões desordenadas, torna patente os seus effeitos pelo horror que inspira o crime.

Plácido Guerra não escreveu uma comedia nem propriamente uma tragedia, mas muito habilmente consubstancia na sua obra uma e outra cousa conciliando os extremos do temperamento duplo que o proprio pseudonimo indica para dar-nos uma boa lição entre a paz e a guerra nessas lutas da alma em que o movimento reflectido tende sempre a supplantar os impetos espontaneos.

Não é uma comedia porque não cabe o espirito zombeteiro do ridiculo em um assumpto collocado na altura em que o põe o autor. Não é uma tragedia porque a morte de Roberto da Silva no ultimo acto é mais a consequencia de uma gargalhada fazendo troça do absurdo da lei, do que de um tiro de revolver que suprime a existencia de um pobre diabo!

Em todo caso, porém, entre a comedia e a tragedia, nesse terreno difficil e escor-

regadio, mantem o autor vigor tal de raciocinio e o lyrico de uma linguagem tão correcta e cheia de novidades artisticas que sem as interrupções do riso e sem o defluxo incommodo da commoção os espectadores conservão-se attentos e interessados, desde o principio até o fim sem perder uma só nota de sua bonita dicção.

Ao encerrar o 1º acto mostrou logo Plácido Guerra o dedo do gigante. Um cerebro menos sagaz na separação dos espousos teria precipitado os acontecimentos em prejuizo do enredo litterario; mas elle muito subtilmente introduz em scena a criança que faz a sua mãe a mais ingenua das perguntas:

—Mamã, porque deixas papai ir-se embora?!

Quanto a nós o drama fez-se todo neste pedacinho de ouro.

Tambem o 2º acto é fechado mui sensatamente com as explosões das duas rivaes, Elisa e Conceição de Vasconcellos, em que a primeira é abatida pela replica aniquiladora da mãe da filha do marido... Tem-se nesse momento d'ida a miséria da pobre Elisa.

Finalmente em todo o drama o autor conseguiu manter a uniformidade logica de seu modo de pensar contra os effeitos da lei do divorcio combatida pelo clero, pela sciencia e pelo coração.

Pelo clero nos conselhos do padre Pedro, pela sciencia no procedimento de Augusto preso pelo laço de amor paternal, e pelo coração no arrependimento de Elisa e acto final de desesperação da desventurada Suzana.

Quanto ao desempenho pareceu-nos que se não fosse a peça tão nova outco seria elle. O pessoal da Companhia não é máo. Vimos nella artistas de verdadeiro merito, mas é forçoso confessar que a distribuição dos papeis de uma peça nem sempre se consegue em duas ou tres representações. O papel de Augusto talvez eoubesse melhor a quem representou de sogro deste e vice-versa.

A sogra de Augusto attrahiria maior ridiculo sobre sua vaidade caracterisando-se mais velha quando tratava do enxoval de seu casamento.

A menina Suzana andou um pouco acanhada no 1º quadro e melhor no ultimo.

O archivista, nos meneios de cabeça e gestos exagerados, andou mal. Admitte-se habitos ridiculos ou cêstros como o de enditar o colleirinho, mas fazer da cabeça rodizio foi um tanto forte.

Pareceu-nos tambem que a palavra *peção* dirigida a senhoras, mesmo em aparte, n'um baile de certa ordem, não deve estar no drama; foi talvez effeito que lhe deu o actor em prejuizo da belleza original.

Não obstante estes pequenos senões o desempenho agradeu e deu uma excellente noite. Continue Plácido Guerra na carreira encetada que o publico só tem a lucrar como apreciador que é de seu invejavel talento.

29 de Outubro de 1900.

Realizou-se na noite de 8 do corrente a 4ª representação do drama acima alludido em homenagem ao seu distinctissimo escriptor.

Contavamos como certo que fosse grande o successo da bilheteria para corresponder ao da peça, entretanto, assim não aconteceu: o auditorio foi diminuto.

Tornou-se notado o corte que houve desta vez numa das scenas brillhantes que contorna o drama.

Suzana de Vasconcellos ainda não tinha terminado a soberba narração que fazia a Adelaide de sua vida desastrosa com o marido, — o que dá motivo ao divórcio — quando, precipitadamente foi interrompida com a entrada de novos personagens, verdadeiros intrusos n'aquelle momento.

Não se recordaram de que a peça já era conhecida do publico e de que, principalmente, estava presente o seu autor. No correr do drama, porém, graças a adorável penna de Plácido Guerra fica bem accentuado aquelle motivo tão desastoso quanto horrificante.

Afóra alguns outros senões, leves, e verdade, mas que já devião estar corregidos, pois foi a 4ª representação, tudo mais correu muito regularmente.

Cupido e os espiritos

Uma manhã brumosa e sombria, sentada no pinheiro de um monte, onde enredava-se o musgo espesso e verde, salpicado de pequeninas e innocentes flores montesinas, desbotadas de fresco, achava-se o interessante Cupido.

Trefego sempre, divertia-se o filho de Venus em colhe-las, e em atirar setas ao alvo, mas, vendo para alli dirigi-se um enxame de borboletas brancas, deixou o brinco e esperou. Vieram as borboletas e poisaram no musgo, voltando incessantemente.

la o travesso perseguiu-as, toi porém detido por estas exclamações d'ellas:

«Oh! não! deixa-nos ao menos descansar um pouco, e iremos já.»

Ah! disse o menino, tem o dom da falla? digam-me pois quem são e donde vieram tão cedo.

«Somos, respondeu uma dellas, espiritos castos de donzellas pudicas, que reserva Deus para o seu reino de gloria. Vistes aquelle feretro que aqui passou hontem á tardinha, ao desaparecer do sol, caixão aberto, enfeitado de rosas brancas? era uma virgem que Deus já tem, era eu; vês como somos alvas? e, dizendo isto, levantou o véo, seguida pelas outras companheiras, enquanto repetia consigo o trefego «Espiritos castos de donzellas pudicas, alvas, tão alvas!» mas um estranho ruido fê-lo voltar-se, era outro enxame, que poisava voltante!

Oh! lá, amiguinhas! gritou o menino — ah! agora são todas amarellas; a que vindes? disse-me, é de muito longe?

«Sim, responderam, lá das celestes alturas, por mandado do Christó, somos espiritos puros de mões ternas; não vês ali entre o arvoredo em baixo alvejar aquella casinha caida? e não percebes alguma cousa?»

Tres crianças chorando, disse Cupido. «Foi a mãe que acabou de expirar, vamos buscar-lhe o espirito para levar ao supremo tribunal.»

E as crianças?

«Ficam assim mesmo; decretos da Providencia!» E foram-se em direcção á casita, que transparecia por entre o arvoredo, deixando o menino absorto, a seguir-as com o olhar, balbuciando tristemente: — pobres pequenitos orphãos! como choram! e já lá vão tão perto as borboletas...

«Bons dias, menino», interromperam-lhe muitas vozes juntas.

Bons dias, minhas senhoras, retorquiu Cupido. — Eram outras que chegavam.

«Não somos senhoras, somos senhoras», volveram as recém-chegadas.

Senhores! de onde? também são espiritos?

«A que vem essa pergunta?»

Porque, desde aqui, cheguei, só me tenho occupado a fallar com espiritos!

«Pois somos também» disseram as borboletas, espiritos de esposos condescendentes e bons, viemos do Paraíso á cata de um que partiu hoje da terra e ainda lá não chegou.

Porque, então?

«Porque o demonio embargou-lhe a passagem, elle era mau marido, e, alem disso, casou tres vezes, e não veio sem mandar na frente a ultima esposa.»

E foi perdoado?

«Foi, somente por ter casado o mesmo numero de vezes que São Pedro negou a Jesus Christo, e tem tido muitas missas por sua intensão.»

Ah! então, ide-vos já, antes que o carregue o demonio.

«Pois então, adeus!» e alaram-se, perdendo-se da vista do travesso, que dizia a sós: estas são pardas e sarapintadas, que feiosas! nem as vejo mais... mas, alli vem outras e tão negras! serão espiritos de demonios? Psiu! vão passando assim... não fallam com a gente... Eh! bons dias! não querem descansar?

«Não», responderam.

Digam ao menos o motivo.

«Porque vamos com muita pressa, a mandado da nossa soberana, somos mensageiras de sinistros presagios, servas fieis da morte!»

Da morte! bom, bom, retorquiu o nosso heroe, já sei, muito obrigado; queiram desculpar-me tel-as interrompido, podem seguir sua viagem, e galernos ventos as levem.

«Adeus», responderam as sinistras.

E, todo tremulo, Cupido as esconjurava — cruces! dizia elle, ha mais tempo, malditas! Tem razão os viventes supersticiosos de ficar tristes e amedrontados, quando lhes entra uma destas pela janella! são espiritos malevolos, que Deus abandona, e o proprio Lashel engesta; que se sumam para bem longe e cá não voltem...

«Oh! que lindas flores, que macio musgo verdeado! olhem, lida aqui tremem as perolas do orvalho! — quem é este menino, que aqui está?» e uma vozinha infernal aturdiu, de repente o matutino passeante, que calou-se, escutando.

Uma nuvem, lindissima, de azulinhas borboletas voltavam em redor, sem se calar, nem poisar.

Ainda mais? perguntou o pequeno, aturdiu, sem obter resposta. Quem são? mas não era ouvido.

Estão idiotas? Que malucas! E continuava a vozejar cada vez mais.

«Um menino com azas!» diziam as barulhentas, «brincando com uma flecha!» repetiam outras, «vamos indagar se viu passar por aqui as borboletas negras.»

«Não vi tes, lindo menino, passar por lá umas companheiras nossas, pretas, bem pretas?»

Não sei de nada, gritou Cupido, já rouco, só vejo aqui uma surda de doudas e encabradadas, que vieram do inferno.

«Do inferno, bradaram a um tempo, encabradadas?» tem graça! pois não se nhor, pelo contrario.

Vieram do céu? são anjos?

Justamente, responderam; e viemos do azul nítido e limpo da immensão etherea, somos innocentes espiritos de crianças, como vós, seraphins do Altissimo, mas... não vistes aquellas nossas companheiras, dizeti:

Passaram ainda ha pouco aqui, mas, não pararam, para que as queiram?

«Pertencem ao sequito da morte, que já deve vir bem perto! ha poucas horas determinou o Senhor a vinda de um pequenito e arrependeu-se depois, não quer que morra mais.»

E porque?

«Porque ha de ser poeta!»

Então, quem tem de ser poeta, não morre?

«Não morre, não.»

Nunca?

«Quando o sabem ser, não morrem nunca; ainda que penda o corpo, fica o nome immorredouro.» «Mas, oh! lá vão as nossas procuradas, sigamol-as», exclamaram subitamente os espiritos azues celestes e rullaram as debeis e transparentes azitas, sem, ao menos, dizerem adeus.

Sim senhor! disse o Amor, depois de vel-as sumirem-se na amplidão, eu não sabia desta, que os poetas não morrem; bom achado! vou fixar minha residencia perpetua no coração dos poetas, não morrerei nunca! Dizendo isto, ergueu-se nas azulinhas roseas em busca dos laes privilegiados para esconder-se.

Por isso, carissimos leitores, lide sempre a verdade nos amorosos cantos dos poetas, visto que, pura e perpetuamente, é nesses corações sensitivos em que habita o amor, desde essa sombria e brumosa manhã, quando fallou com os espiritos o impertinente Cupido.

D'aquelle certo e seguro asylo, vai elle, muita vez, por passeio, aos outros corações, voltando sempre como as ageis borboletas, que viu no monte.

Cá por mim, em tão boa hora o digo, ainda não o conheço de perto, por não lhe ter merecido sua honrosa visita; mas, como tenho ás vezes meus poeticos ou poeticos sonhos, é muito possivel que possa ainda descrever-lhe algumas façanhas...

Laura Rosa.

ELLA...

(Ao Nascimento Moraes.)

Longos annos passei sem vê-la, quando um dia procurei-lhe novamente, ia o sol se escondendo no poente e ella contrita estava, então, resando:

E, de mansinho, fui me approximando d'ella que, d'este mundo já descrente, não esperava mais ter-me presente tão perto assim, talvez, a contemplando:

Toda era bella e demonstrava ainda ser a mesma engraçada — Brionia do vivo olhar e da expressão tão linda:

Mas... que valle esse amor que me lisonja se essa que amei co' uma amizade infinda é hoje triste e solitaria monja?!

M. George Gromwell.

(Da Officina das Novas.)

HIGH-LIFE

Para quem quer a novidade correta
Em 100 annos de Rosa Augusta de Mello Brito
Em 100 annos de Rosa Augusta de Mello Brito
Em 100 annos de Rosa Augusta de Mello Brito
Bella

Em 1.^a casa, sr. d. Joaquina da Silva Miranda, esposa do sr. major Francisco da Silva Miranda;
Em 7.^a casa, sr. d. Antônia Barreto da Costa Rodrigues, a menina Amicidinha, filha do sr. Affonso Pinho e capitão Antonio Raymundo Rebelo;
Em 8.^a casa, senhora Emília Compa, Costa, a exm. sr. d. Francisca da Silva e Silva, esposa do sr. Alfredo G. dos Santos Silva e o sr. capitão José Gonçalves Machado;
Em 9.^a menino Eltonio A. Lopes;
Em 10.^a sr. dr. Antonio R. B. de Godoy e a menina Mariquinha, filha do sr. Manoel de Oliveira Carneiro;
Em 11.^a as exms. sr. dr. Francisco Pereira Guterres e a senhora Guterres do Alameda;
Em 14.^a senhora Belizinda Fernandes, Silva Miranda, Georgina A. d. Aguiar e Silva e Filomena Vieira da Silva Goyoso, a exm. sr. d. Francisca Barreto e a menina Helena, filha do sr. Gerardo Pereira de Oliveira;
Em 15.^a senhores Sarah Ribeiro e Götinho Lima, os sr. Joaquim S. Nunes Leão e Altino Rigo;
Em 16.^a a exm. sr. d. Augusta Borja de Castro;
Em 17.^a as exms. sr. dr. Maria Amélia Couto, Ethere Ribeiro da Costa, Maria José Lopes, o sr. Raymundo H. Lago Parça e o menino Ildi, filho do sr. João H. Cardoso;
Em 20.^a senhora Hermínia Rosa, as exms. sr. dr. Assunção Gonç. Fernandes, Haydée de Oliveira e Souza, Hermínia Lopes e Clávia Assumpção;
Em 21.^a a senhora Victória da Serra Santos;
Em 22.^a as exms. sr. dr. Belarmina Zula da S. Ribeiro, Esponia Leonor Vilhena Fernandes, esposa do sr. dr. José Rodrigues Fernandes e o sr. Joaquim Alves Junior;
Em 23.^a a senhora Elina Storey, os sr. João Fernandes Marques;
Em 24.^a a senhora Lúcia Soares Ferreira;
Em 25.^a a exm. sr. d. Marianna Amélia de Souza;
Em 26.^a a exm. sr. d. Alexandrina Victória Costa Leão, esposa do sr. Antonio Costa Leão;
Em 27.^a a senhora Piedade Smith e o sr. José Estelito da Silva Goulart;
Em 28.^a as exms. sr. dr. Guilhermina Adelaide de Almeida e Maria Lúcia Affonso Nino, esposa do sr. dr. Almir Nino, os sr. Augusto Ayres da Silva, João Gonçalves Machado e o menino Antonio, filho do sr. Manoel Moreira Peito;
Em 29.^a a senhora Anna S. Ribeiro;
Em 30.^a o commendado Carlos Antonio Gonçalves, Accedido ao nosso compêndio.

EXPEDIENTE

Homenagens a Gonçalves Dias.

Realizou-se no dia 3 do corrente mez o cortejo cívico para solemnizar o 36.^o anniversario do primoroso lyrico brasileiro Antonio Gonçalves Dias. Partio o prestito da Bibliotheca Publica percorrendo diversas ruas desta cidade em *marche aux flambeaux* até ao largo dos Remedios, junto a estatua do poeta, onde foram pronuncadas diversas orações.

Depois do dia 7 de Setembro de 1873 quando o Maranhão inteiro assistio delirante a apothose que rendia-se ao excelso cantor dos *Tymbrás*, pelo monumento consagrado a sua memoria, parece que tudo cahiu em profundo esquecimento, tudo emudeceu, tudo apagou-se, só a estatua permanencia de pé.

Se algum culto havia á imagem que ali deixaram talhada no marmore, era o culto silencioso das estrellas, era o culto das noites enluaradas, era o frufutar das brisas nas palmeiras, era o marulhar das ondas na praia.

Mas não bastava somente essa veneração do céu e do mar,—céo que lhe deu vida, mar que a tirou—era preciso a manifestação ruidosa, alegre e festiva dos filhos de sua terra que tanto soube amar.

Eis, pois, a moied de que aureolada de esperanças levanta-se agora, depois d'aquelle dia, e vai contendo, entusiasta, como sacerdotes desse idolo prestar-lhe modesta mas significativa homenagem.

Bravos! Bravos!

Diante da estatua ouvimos alguns discursos e muito delles ainda temos presente.

Justo é que todos admirassem n'aquelle momento o grande vulto da nossa patria, justo é que todos numa comunhão de sentimento cada qual o mais puro entoassem honvares a sua imprecivel memoria, justo é que todos resolutos prostrassem a alma numa adoração fervorosa de crente, porém, é também justo que não se diga, como ouvimos, que na fulguração das l-ttras o poeta sobrasando dentro os astros de seu tempo, fuzando, deulhes mais briho, mais inspiração, mais incitamento; construiu-se o centro regulador, a synthese de todos elles.

Não: o poeta foi grande, ninguém ousa discutir a sua glória, é incontestavelmente o primeiro lyrico da America latina, porém ao seu lado avultão-se outras individualidades não menos illustres em diversos ramos do conhecimento humano, outras cérebros não menos vigorosos que resplandeceram mais cedo do que elle e caminharam e progrediram sem ainda conhecerem a irradiação assombrosa do seu genio.

Gonçalves Dias diferenciando-se desses adejou em outra atmosphera mais crystallina, atmosphera que faz bem as almas, atmosphera em que todos podem viver e respirar a peito cheio; Gonçalves Dias é o poeta.

Elle só deixará de existir quando não mais houver corações que amem.

Foi a sua lyra doce e harmoniosa que deu-lhe a estatua. Adoremol-a, pois, mais façamos completa justiça ao passado de que ella é o symbolo.

A nossa photogravura

Desde que incetamos a 2.^a phase desta Revista illustrando-a com supplementos onde temos offerecido diversas vistas, só hoje deixamos de fazel-o devido a falta de clichés. Encomendados já ha tempos esperamos que em breve nos chegue ás mãos.

Pedimos, pois, desculpa dessa falta involuntaria.

Na edição desta Revista n. 99 de 5 de Setembro ultimo tendo de estampar em supplemento a photogravura da igreja de N. S. dos Remedios, pedimos os necessarios apontamentos para fazer a descripção noticiosa da mesma, e depois de algumas difficuldades, conseguimol-a graças aos esforços de um distincto amigo.

Agora vem ao nosso encontro um outro cavalheiro, muito competente para informar a respeito, ao qual a principio nos dirigimos, e pede nos a inserção das linhas que abaixo damos.

A proposito convem dizer que sempre temos em vista observar todo criterio possivel em nossas descripções, pois, são trabalhos que ficam registrados para o futuro, e, se algumas vezes acontece nos distanciarmos um pouco da verdade, não é por culpa nossa, mas tão somente pela indifferença ou desprezo dos que podem esclarecel-a.

Rectificações ao artigo sobre a Igreja de N. S. dos Remedios.

Antes de ser demolida a igreja fazia parte da meza administrativa da irmandade:

Hermenegildo Jansen Ferreira.
Anacleto Tavares da Silva.

Joaquim Marques Rodrigues Netto.
Euzebio Varella.
Feliciano Moreira de Souza.
Henrique Delfim da Silva Guimarães.
Thiágo Rodrigues Torres.
Raymundo Archer da Silva.
Antonio Horacio da Costa Santos.
Dr. Manoel Jansen Pereira.
Pacifico Duarte Socero.
João de Aguiar Almeida.
Joaquim José Gonçalves Junior.
Americo Vespucio dos Reis.

Este ultimo nunca fez parte de commissão alguma de obras, e, depois da sessão de 9 de Agosto de 1893, em que a Meza de liberou mandar fazer, contra o seu voto, a obra da igreja sem orçamento e que fosse esta posta em arrematação, não compareceu mais ás sessões da Meza.

A commissão de obras compunha-se dos mezaros Hermenegildo Jansen Ferreira, Feliciano Moreira de Souza, Raymundo Archer da Silva, Euzebio Varella e Pacifico Duarte Socero.

Não se despendeu nas obras 50 contos de réis, e não passou de 30, resultado da venda das apolices que possuia a irmandade de 21 a 22 contos, resultado da Kermesse effectuada que deu 5 contos e tanto liquidos e alguns donativos para este fim recebidos. Foi encarregado da Kermesse o mezarario Feliciano Moreira de Souza, ajudado pelos collegas Americo Reis, Costa Santos, Archer da Silva e outros.

Veio visitar-nos o n. 8 da "Actualidade", ornado d'esta vez com o busto do veneravel cantor dos *Tymbrás*, por ser consagrado ao 36.^o anniversario do seu passament. Traz muitos bons artigos.

—Veio também as nossas mãos a edição unica dos "Echos d'Amazonia", escripta sob a sublime inspiração humanitaria de ser fortalecido no espirito publico o sentimento de amor e piedade pelos filhos do Ceará, opprimidos pela secca e pela fome. Agradecidos.

Pequena correspondencia

D. Francisca Praxedes de Jesus — Santo Antonio, correio da cidade do Pará, Minas-Geraes.—Providenciado de accordo com a sua ultima communicação.

FRESCURA E VIGO ADMIRAVEIS.—A Emulsão de Scott é não só o melhor preparado de oleo de fígado de bacalhau até hoje conhecido, sob o ponto de vista medico, mas também é preferida por causa da feliz combinação que n'ella existe dos hypophosphitos de cal e soda, o que torna a indefinidamente perfeita e inalteravel em qualquer clima.

A Emulsão de Scott dá frescura e vigor admiraveis.

O distincto medico do Rio de Janeiro, Dr. João Pires Farinha, n'uma carta dirigida aos Srs. Scott & Bowne em parte diz: "Sempre que na minha clinica hospitalar e civil tenho necessidade de empregar oleo de fígado de bacalhau dou preferencia a Emulsão de Scott."



REVISTA ELEGANTE

Considerações philosophicas.

Por uma propriedade oriunda do nosso ser somos levados a sentir e a deliberar antes que a nossa intelligencia possa bem regular o criterio de nossos actos e por essa razão nas funções connexas de nosso espirito o sentimento e a vontade ordinariamente preponderam sobre a intelligencia que é a mais importante e ao mesmo tempo a mais fraca de nossas faculdades, pelo que só mais tarde vem a dominar, dando-nos este phenomeno em seus effectos a verdadeira explicação das evoluções sociais.

Se os homens desde as suas primeiras aglomerações se deixassem dirigir somente pelo instincto de conservação, as suas necessidades materiaes impulsionando o movimento reflectido abririam o caminho mais curto de seu aperfeiçoamento, mas a natureza por toda parte ostentando-se em phenomenos surpreendentes e incompreensíveis para a infancia da intelligencia, desde logo porcou o cerebro humano de creações

sobrenaturaes e phantasticas que se tornaram o objecto das principaes preocupações.

Na impossibilidade de conhecer a origem de taes phenomenos a idea da onipotencia surgiu mysteriosamente confundindo-se com os effectos das causas ignoradas, e compreende-se facilmente a influencia que exerceram os sonhos e o delirio infantil de imaginações excitadas crean lo para cada emoção um deus propicio ou vingador.

Os seres invisiveis, ou espiritos, habitaram as cavernas, o fundo das agoas, os ares e as montanhas, proclamando pela boca dos vulcões e das tempestades o seu prestigio mysterioso. A maior parte desses espiritos só podião fazer mal apesar dos cultos que lhes erão tributados.

Nesses cultos praticados sob as formas grosseiras da zoolatria, do naturalismo e da astrolatria erão sacrificados animais domesticos e os proprios homens. Os deuses erão tão cruéis que nas suas transformações tomavão muitas vezes a forma de animais carniceiros. Os egypcios só adoravão o coreodilo por que os podia comer.

Como taes divindades fallavão a linguagem do terror que era mais sentida do que comprehendida, cada uma dellas tinha a seu serviço interpretes que de seus mysterios davão conhecimento ao povo, tornando-se por este modo uma inesgotavel fonte de especulações das classes privilegiadas.

Sob o dominio de semelhante regimen a cooperação das opiniões assemilaveis só era possivel entre individuos das mesmas crenças, devendo-se muito bem ajuizar da extensão das divergencias sociais pelo egoismo da aristocracia divina, que por toda parte impunha seus cultos multiformes e contradictorios.

Este estado bestificante do sentimento prolongou-se na proporção do isolamento de cada nacionalidade, ou, mais propriamente de cada religião porque a patria era apenas uma circumscripção territorial deter-

minada pelo espirito religioso e o poder temporal um instrumento da preponderancia theocratica.

A intelligencia humana porem não pode conservar-se oprimida por mais tempo do que aquelle que é preciso para reunir os elementos de sua actividade, e sendo as artes e as industrias a unica valvula de suas expansões com ellas se foi iniciando pouco e pouco o combate regenerador.

O trabalho bem intencionado não tem patria, nem religião; é essencialmente cosmopolita. Todas as nacionalidades o acolhem e ainda hoje nos admiramos, apesar das divergencias religiosas, da combinação de forças e de animo que foi preciso empregar para produzir as eternas pyramides de Giseh e outros monumentos consagrados pela antiguidade á gloria de seus deuses e de seus reis, quando uma grande parte desses prodigiosos esforços era executada por hebreus monotheistas com idolatras egypcios e babilonicos.

Em tempos modernos vio-se perfeitamente trabalhar de laixos de um só pensamento inglezes, francezes e nacionaes de toda a Europa com os simselvagens da Africa e da Asia removendo pela abertura do canal de Suez o obstaculo que embargava a ligação do commercio do ocidente com o oriente separados ainda em duas grandes communhões religiosas desde a tomada de Constantinopla.

Para maior firmeza deste asserto a historia nos dá noticia das riquezas fabulosas de Cresus, das grandezas de Babilonia, das ostentações de Salomão e magnificencias orientaes, de tal ordem que ainda hoje as grandes ostentações dos ricos se dá o nome de luxo asiatico, e todas essas cousas nada mais forão do que manifestações da intelligencia humana pondo em actividade o trabalho e as industrias.

O ouro e o marfim do Sudan, a porpora de Tyro, a myrrha e os perfumes da Arabia, o marmore do Egypto, os tecidos da China

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—IMPERIAL—

CAIXA POSTAL—40

ANNO IX

Maranhão, 12 de Dezembro de 1900

NUMERO 102

e do Japão, tudo se reunia para satisfazer a vaidade dos poderosos estabelecendo uma corrente de ligação sympathica entre os povos que os preconceitos de religiões e costumes oppostos trazião em estado de isolamento.

Mas se por uma parte o commercio transpunha pela troca dos productos os circulos de ferro que separavão as differentes nacionalidades, por outro lado era elle que com sua actividade pacifica chamava as vistas ambiciosas dos tyrannos para essas preciosidades que se ia buscar em paizes estrangeiros; e deste modo as proprias relações de interesse que devião conciliar os homens despertaram os instintos de conquista ou do dominio da força lançando-se os fortes contra os fracos.

Tão contemporaneos andaram sempre na antiguidade o obscurantismo e o despotismo, que a guerra como o unico meio de se entenderem, constituiu-se por sua vez em elemento civilizador, levando os povos guerreiros sua vontade e leis até onde podião chegar suas armas, as quaes garantindo as industrias e o commercio tornavam-nos tanto mais livres e communicaveis quanto maior fosse o territorio das victorias alcançadas.

Esta tendencia de unificação pela compressão e pela violência, consequencia natural do illimitado poder do despotismo ficou tão arraigada nos costumes sociaes que ainda hoje as questões internacionais decidem-se mais pelas ameaças da força do que pelo direito, e isto na propria Europa civilizada que é obrigada a viver armada até os dentes para manter o equilibrio da politica interesseira.

Considerada parcialmente, a marcha da actividade humana é susceptivel de variações que a fazem avançar e retroceder, e por isso as evoluções da humanidade, embora constante e progressivo em seu conjunto o elemento intellectual, não comportão uma apreciação descriptiva pelas epochas da historia, que devendo narrar os factos da existencia de cada organização social, taes factos não se ligão ainda por um systema completo de cooperação universal.

FOLHETIM

Chegamos ao ultimo mez do anno. Não é simplesmente uma data ou uma epocha que se afirma no calendario dos povos, não; é uma batalha quase ganha na marcha evolutiva do progresso humano; é a apothose sublime do passado que se extingue, a evangelisação do futuro que desponta,—é um século que vem succeder ao outro século.

Esperemos a hora de haster a bandeira gloriosa que ha de tremular no espaço mostrando ao claro fulvo do sol a nova era que surge—1901.

Cada século é um marco na historia. Se me fosse dado reunir o que o século passado deixa de mais profundo na sciencia, de mais sólido na arte, de mais brilhante na philosophia; se me fosse dado apreiar todos estes grandes acontecimentos em terra de escrever um livro e não um pobre folhetim como este, só uma pena fecunda, prodigiosa, extraordinaria mesmo, poderia numa expansão feliz deluxar esse quadro com todas as suas nuances.

Antes, porém, de passar adiante congratulo-me desde já com o leitor pela sa-

Assim pois para melhor compreender-se a natureza da luta que se agita no espirito humano e pela qual o movimento reflectido procura dominar as exagerações do sentimento e os abusos da vontade absoluta dos poderes arbitrariamente constituídos, devemos encarar a humanidade sob dois aspectos somente—o das manifestações da força e o das manifestações da intelligencia, tendo ambas como consequencia o dominio do direito.

Sob o primeiro ponto de vista compreende-se as preponderancias theocratica e militar desde o apparecimento do homem social, e sob o segundo os factos de ordem moral que por sua efficacia sociologica temido ou podem ter consequencias univisaes.

LITTERATURA

DO AVÊSSO

Talvez que haja ainda quem se lembre de um celebre beliscador, que foi por algum tempo em Paris o terror do madamismo. Metten-se-lhe em cabeça que devia trazer em sobresalto as formosas parisienses.

Nos templos, nos cafés e em todos os logares publicos onde houvesse aglomeração de senhoras, o invisível penetrava por entre os grupos pespegava profundo beliscão, desses de deixar a marca das unhas na delicada cutis e fugia.

Não raramente achavão-se amigas distraídas em innocentes colloquios e ás vezes junto dos proprios paes e maridos, quando de repente uma empalidez e fitava as companheiras com os olhos arrasados em lagrimas... com certeza estava beliscada!

Faça-se idéa do alvoroço que se seguiu e meios que crão empregados para apanhar o desalmado que tão cinicamente abusava de sua destreza perturbando a serenidade dos animos e a paz dos corações.

tificação de crer que havemos de ver por entre hymnos festivos a entrada do novo anno e com elle a aurora do século.

Mas não me despeço ainda do mez em que estamos; cada um falla do que gosta. O mez de Dezembro traz me reminiscencias tão intimas, tão delicadas, tão puras como toda comparação seria banal. Lembro-me de quando eu era criança e como gostava das terras que começavam neste tempo; lembro dos folguedões do natal cercado de canticos e poesia.

Ainda que hoje não ser epetissem as mesmas scenas não puderia me esquecer d'aquelles corções de pastorinhas, gentis, innocentes, de saioté e corpete salpicados de flores, cado na mão, cantando, bailando ao tom dos pandeiros e da castanhola estridente. Nada tão delicioso como aquellas quadrinhas de pé quebrado recitadas junto ao presepe enfeitado de murtas, cachopas de manga, pataqueira, e rosas.

Não ha duvida que as festas do Natal são as que mais agradam o espirito, principalmente o das crianças pela santidade do seu principio; cada povo consagra um brinquedo, um atractivo qualquer para commemorar-las.

E' a unica que tem atravessado séculos sem perder de leve o seu fulgor: é incensada nos templos e acarejada nos lares.

Gorgetas, premios offerecidos ao fero policial, tudo era tentado para a captura do monstro, cuja pena um conselho femenino decretou pouco mais ou menos n'estes termos:

«Que uma vez preso o atrevido seria compellido a percorrer em exposição publica as ruas da cidade montado em um burro, de braços amarrados e bezuntado de mel para que as moscas podessem saciar-se tirando á vontade o seu quinhão.

O patife, que era um fidalgo inglez, logo que soube da sentença azulou para os Estados-Unidos da America do Norte e ali teve vida regalada passando pela memoria o rol das victimas da excentrica anglomania.

Se o caso se desse no Maranhão destes ultimos tempos em que a Athenas tem se transformado em verdadeira Esparta, nem a sentença seria de fazer rir nem o engraçado teria tempo de fugir...

Felizmente para honra e gloria da nossa terra ha uma pleiade de moços bem dispostos de corpo e alma e por tal modo experimentados em exercicios gymnasticos que em presença delles o mais déstro beliscador (não sei se me entendem) não passaria de um pobre diabo a pedir de cocoras compaixão e misericordia...

Estes moços devem aggreirar-se elegendo secretamente o seu presidente, secretarios e cooperadores para os casos de pouca vergonha e desagravo das almas delicadas que soffrem injurias sem as poder repellar. São estas cousas que despertão os sentimentos generosos e salvão as instituições quando querem cahir.

Basta por esta vez. Não ha meios de fazer rir quando os proprios palhaços andão a chorar...

Discurso recitado na noite de 15 de Novembro pela alumna da Escola Modelo D. Anna Jesuina Leite Corveira, no Theatro S. Luiz, por occasião do espectáculo commemorativo da proclamação da Republica Brasileira, promovido por officiaes do exer-

Tudo mais vai decabindo com o tempo. Não admira que isto aconteça com as festas populares cujas tradições vão se perdendo aos poucos e nem sempre se podem coadunar com o meio; o que é para estranhar é como vão se apagando na alma nacional, de modo bem sensível, as datas gloriosas que recordam os grandes feitos.

Oh! patria, abre os teus olhos desmaiados e vê como tuidos, desconfiados, já sem creença, erguem-se os teus filhos!...

As datas consagradas pela historia são maiores ainda do que os monumentos erigidos nas praças; se estes assignalam a bravura ou valia de um homem, aquellas trazem o esforço de muitos; se estes representam o precursor de uma idéa, aquellas mostram o seu triumpho.

Entretanto, que se vê? Se não fossem as fanfarras do hymno nacional, os apparatus de um officialismo convencional, passariam despercebidos esses dias gloriosos do passado que custaram tantos sacrificios.

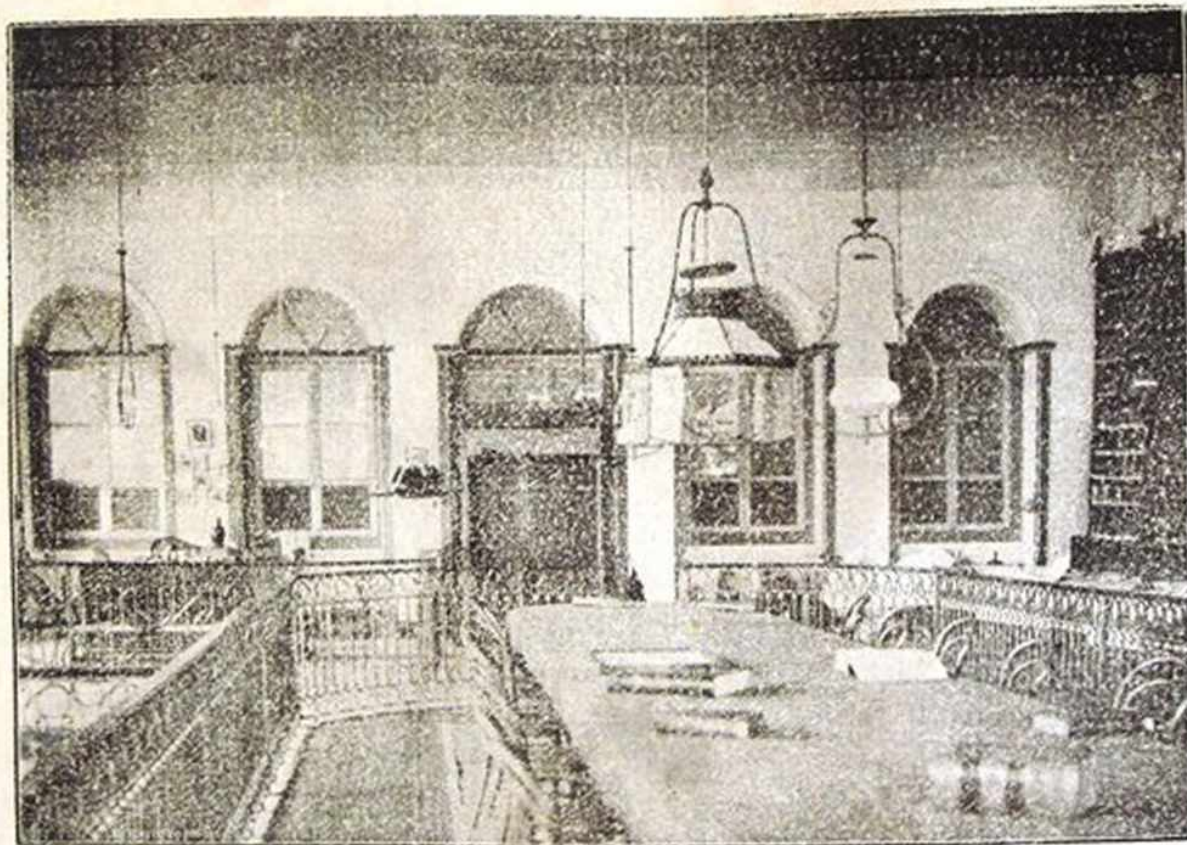
Ainda me lembro quando aqui, nesta appellidada Athenas, festejava-se com enthusiasmo palpitante a data fulgurosa da independencia do Brazil e da adherencia do Maranhão á mesma causa.

Santa reminiscencia! Nestes dous dias ardorosamente feste-

Supplemento ao n. 102

—DA—

REVISTA ELEGANTE



Bibliotheca Publica

(SALÃO DE LEITURA)

ção na intenção de obter auxílios para as vítimas da seca do Ceará.

Meus Senhores.

Criança ainda, filha das novas instituições e sentindo em mim a aurora do futuro, venho pelo ruído inspirado do hino nacional e pelo brilho das luzes que nos rodeiam juntar minha voz, embora débil, à expansão de vossos regozijos pela data que hoje se comemora.

Nasci do seio desta terra prodigiosa, sou brasileira; respirei no berço as auras da liberdade, sou republicana, e, penetrando na estrada ampla que nos leva à civilização, tenho diante de meus olhos o pavilhão estrellado, não conheço outra lei.

Antes de mim desmoronou-se o ideal de meus pais e nas ruínas jaz cahido o pedestal autrêquico! Que elles lamentem esse desastre; eu só alago as novas crenças.

São ellas que despertão na minha alma os sentimentos que nos mandão consolar os que sofrem e egualar pelo amor do próximo os direitos da humanidade.

São ellas que por toda parte proclamão com denodo e intrepidez o dogma da liberdade, igualdade e fraternidade. E para consagrar a sua nobre aspiração ahi tendes o grandioso exemplo desta festa.

Ao mesmo tempo que é um tributo de veneração à pátria estremocida, é também um obolo de caridade aos nossos irmãos que gemem nas visinhas regiões, nessa terra acariciada pelas brisas atlânticas que Alencar respirou.

Em falta de expressões bastantes elevadas que correspondão à magnitude da generosa acção peço que me permitta levantar um brado de adesão às glórias do nosso cara pátria.

Viva o dia 15 de Novembro!

Viva a Nação Brasileira!

Viva o Povo Maranhense!

jados, havia não só a iluminação obrigada, como outras em muitas casas particulares.

Se fosse dado tomar o pulso neste povo atheniense sentiria-se como em suas artérias pulsava forte o amor da Pátria. Por toda parte flores, bandeiras, balões, músicas, passantes e discursos, por toda parte uma alegria espontânea, communicativa.

Hoje tudo vai se acabando, tudo se extinguindo: vem o cambio, vem a seca, vem a peste.

No dia 15 de Novembro, ultimo, consagrado a comemoração da Pátria Brasileira, resolveu a digna officialidade da guarnição federal, neste Estado, promover em falta d'aquellas festas, um espectáculo de grande gala.

Bravos! distinctos officiaes, mostrastes que os vossos galões não servem de enfeites, nem a vossa espada de brincos, mas que a tendes para servir e amar a nação quer esteja ella em paz quer em guerra.

Mas oh!... quase que não digo — apesar de ser aquelle o unico festejo para solemnizar tão notavel acontecimento pouta gente se abalou dos seus commodos para ir ao theatro!

Lembro-me que em noites taes, quando a sala dos espectadores estava cheia, assomava á tribuna o presidente e, de pé, com um gesto fidalgo e attencioso, saudava o

A NOSSA GRAVURA

Bibliotheca Publica

(SALÃO DE LEITURA)

A criação da bibliotheca publica no Maranhão remonta desde o anno de 1829, por iniciativa do dr. Antonio Pedro da Costa Ferreira (barão de Pindaré) que fazia parte do Conselho da Provincia.

Foi installada em uma das salas do convento do Carmo á custa de subscrições promovidas pelos cidadãos Manoel Raymundo, Correia de Faria e João Gualberto da Costa, d' signados para esse fim pela Camara Municipal de que eram membros.

A principio pouco procurada e depois abandonada completamente foram os seus livros estragando-se a ponto de muitos delles serem queimados por imprestaveis.

Com a fundação da sociedade — Instituto Litterario, restabeleceu-se a Bibliotheca entregando o respectivo bibliothecario aos drs. Antonio Henriques Leal e Antonio Rego todos os livros que já montavam ao numero de 1900 volumes, afóra grande quantidade de folhetos e jornaes.

Tonou algum incremento devido aquella sociedade, mas depois, com a sua extinção, voltou ao mesmo abandono até quando, entregue a meros depositarios, foi transferida do convento do Carmo, onde ainda se achava, para o salão nobre da escola Onze de Agosto. Começou a funcionar em 4 de abril de 1883, na administração provincial do dr. José Manoel de Freitas. Era franqueada aos leitores todos os dias, das 7 ás 10 horas da manhã e das 3 ás 6 da tarde, tendo como bibliothecario o cidadão Paulo Augusto Gomes Pereira. Contava em suas estantes 2525 obras, em 3879 volumes, achando-se alguns truncados e outros em máo estado. Com o auxilio do dr. Almeida Oliveira e de outros cidadãos, que fizeram doação de muitos livros, prosperou a bibliotheca por algum tempo, sendo depois descurada.

auditorio e dava vivas ao Imperador, á Nação e ao Povo, o que era por este correspondido entusiasticamente.

Em seguida, o Chefe de Policia proferia outros vivas, e um delles era, como de estilo, dado ao presidente da provincia.

Mas o que presenciámos nós, no dia 15 de Novembro deste anno?

Arrebatados os officiaes do Estado tocaram as suas bandas de musica postadas no salão interior o hino brasileiro; que adoravel é este hino! e S. Exc., chegando depois a sua tribuna, grave e respeitoso vio que a platéa estava quase vazia, e, portanto, supprimidos os vivas.

Quem os havia de responder? Com a chegada de S. Exc., que era o momento mais opportuno, uzou da palavra uma interessante menina, cujo discurso vao em outro lugar para ser lido desde que foi por vozes ouvido.

Parabéns, menina, fostes vós que destes a nota ridente da festa: a innocencia é sempre alegre, pouco se importa com o choro. Chore quem quizer, vosso discurso foi um riso.

Depois de ter tocado a symphonia da pragmatia, ao subir o panno, já á ultima hora, entraram alguns habitués, de chapéo na mão, a olhar para os camarotes como quem ia cumprir uma tarefa.

Por disposição legal passou para um dos consistorios da Cathedral, onde funcionava a Assembléa Provincial, e esta para a escola Onze de Agosto que offerecia melhores condições. Ahi permaneceu por pouco tempo em vista do bispo deocesano precisar do logar. Foi transferida para um dos salões superiores do convento do Carmo, e encarregado de organisal-a o dr. Francisco Antonio Brandão. Em breve teve de ser removida para os baixos do mesmo convento por circumstancias que desconhecemos, e foi ahi, numa especie de subterraneo, que passou ella a peor vida.

Sem ninguem que a zelasse, seus livros existiam amontoados no chão, cheios de poeira, arruinando-se cada vez mais e até sendo subtraídos.

Devido aos esforços ingentes do senador Benedicto Pereira Leite, presidente do Congresso Legislativo do Estado e chefe da situação politica, reorganizou-se a Bibliotheca do Estado, passando a funcionar no predio n. 2, a rua da Paz desta cidade, occupado outrora por uma das escolas publicas primarias.

O restabelecimento desta util instituição teve logar pela lei n. 121 de 4 de maio de 1895, annexando-a ao serviço de Estatística, e posteriormente deste designado pela lei n. 130 de 8 de abril de 1896.

Foi nomeado para servir o logar de director o sr. José Ribeiro do Amaral, cuja proficiencia era reconhecida. Tendo este pedido a sua exoneração a 16 de agosto de 1897, depois de haver prestado bons serviços, foi designado provisoriamente para substituí-lo o sr. Antonio Leal Lobo que exercia o logar de official da Secretaria do Governo. No anno seguinte teve a nomeação effectiva e, é justo dizer, que não podia ella recahir em pessoa mais idonea.

Este estabelecimento achase hoje montado com toda decencia possivel, distribuido em diversas secções, possuindo em suas estantes oito mil volumes, parte por doação e parte por acquisição do governo.

Além desses livros que contem obras importantes pelo menos uma sobre cada ramo de conhecimentos, recebe com toda regularidade grande numero de jornaes, pu-

Quando finalizou o espectáculo que correu cheio de applausos, quando o povo, se é que havia povo, sabia acceleradamente, eufregamente, appareceu num dos camarotes lateraes um official do exercito que falou pela commissão dos festejos.

Este discurso teve a sorte do primeiro, mas que importa! A Republica não foi feita pelo exercito e pela armada em nome do povo?

No dia 18 do referido mez, consagrado a adherencia do Maranhão á nova forma de governo... nada houve.

Que é feito de ti, oh! patriotismo?... Nada; abstenho-me de fazer mais comentarios porque já vou tornando-me longo, extensissimo e não sei até onde vae a paciencia do leitor.

Concluo repetindo-lhe os meus parabens pela entrada do anno novo e do seculo que ahi vem.





REVISTA ELEGANTE

Considerações philosophicas.

Dissemos em outro lugar ser ignorada a verdadeira origem do homem. E na verdade parece-nos tão falsa a idéa que temos do modo de seu apparecimento como do tempo em que este se deu, adoptando-se a narração da Biblia que afirma ter esse acontecimento se passado nas nascentes do Eufrates quatro mil e poucos annos antes da era christã.

A tradição mosaica, porém, pode envolver um grande fundo de verdade se as suas afirmações tiverem em vista fixar, não o berço do primeiro homem, mas o das sociedades humanas designando o lugar onde a civilização deu os seus primeiros signaes de vida.

Ella só devia surgir dos sitios para onde por sua posição geographica concorrem primeiro os excessos das populações da Asia, da Africa e da Europa, grandes regiões que reunidas em um mesmo continente se estendão para extremos oppostos e desconhecidos.

E' fóra de duvida que o territorio occupado pela hachia do Eufrates e seus contornos offerecia para aquelle fim a melhor posição possível; porque alem de ser o entroncamento das tres regiões e o centro das communicações terrestres de todo o mundo conhecido, era esse territorio sob o ponto de vista marítimo o mais vantajoso para relacionar o grande commercio sem os riscos que a nautica podia correr no tempo das imperfeições primitivas.

O mar Caspio levava as embarcações desses povos ao interior da Seythia; o Golfo persico á Arabia e terras gangeticas circundadas pelo Oceano indico; o Golfo arabico á Africa; o Mar Negro á Sarmacia e o Mediterraneo ás costas septentrionaes da Africa e meridionaes da Europa podendo estender o curso da navegação até as costas occidentaes de ambas como fizeram os phenícios.

A excellencia da posição desses mares interiores e grandes golfos era ainda augmentada pelos rios que nelles desagoravam ensinando pelo seu proprio curso o caminho por onde as migrações devião dirigir-se aos pontos da convergencia industrial e commercial. Basta lançar os olhos para o mappa do mundo antigo e desde logo se reconhecerá como e onde forão travadas as primeiras lutas da civilização.

E' ainda Moyses que apesar de seu anachronismo dá uma idéa bem formada da organização social d'esses tempos e da qual nem outros livros nem os monumentos fallão com tanta certeza e autoridade. Elle nos diz como a familia hebreia desde Abraham, procedente da Caldea, vivia transportando-se de um para outro lugar em busca dos commodos da vida pastoril.

Tão populosas se tornavão as nações errantes que ainda submettidas ao captivado do Egypto já os hebreus infundido pelo numero sérios receios no poderoso pharaó de despojar-o de sua autoridade, sendo por esse motivo expulsos de seus dominios e

seguido-se para elles uma longa peregrinação pelos desertos da Arabia e afinal a conquista da Palestina após renhidas e prolongadas guerras.

Da vida pastoril até o termo de suas conquistas experimentaram os israelitas todas as formas de governo e todas ellas estabelecidas por supposta determinação de Deus, sob cujo mando tudo se fazia. Este systema de organização politica era mais ou menos o dos demais povos da antiguidade, e não raramente se encontravão pela primeira vez populações estranhas com os mesmos habitos autorizados por divindades diferentes.

Compreende-se bem que taes modos de governar baseados em principios falsos não podião manter-se respeitados sem violências e excessos de rigor em populações que tendião a augmentar consideravelmente na proporção dos recursos naturaes de territorios fertilissimos e extensos. A consequencia disto era que a cada desobediencia ao poder seguia-se um exodo que terminava pela conquista de outro lugar disputado pela força.

A guerra foi portanto um dos elementos mais poderosos da civilização até certo tempo. Emanação dos deuses vingadores que nada mais erão do que a desorientação das proprias paixões humanas, ella teve o seu lado util, mas progredindo sempre e aperfeiçoando-se cada vez mais nos meios de destruir tornou-se uma calamidade que a Humanidade supporta sem os effeitos que em outras eras a tornavão necessaria.

Nesses tempos o estado rudimentar da arte militar e falta de instrumentos bellicos como os que existem modernamente, capazes de em algumas horas varrer da face da terra populações inteiras, fazia com que as lutas se decidissem mais pela quantidade de que pela qualidade das armas.

A força era o resultado da combinação do maior numero possível de combatentes; o que obrigava-os depois dos combates a

ANNO X

Maranhão, 12 de Janeiro de 1901

NUMERO 103

manter um regime de união em condições de garantir os direitos adquiridos pela vitória e de atrair a adesão dos vencidos para se empenharem em novas lutas; e por outra parte esta ameaça constante compellia os fracos a se acatellarem por uma política de alianças capaz de resistência e defeza.

Uma das grandes manifestações da força de que a historia antiga dá noticia foi a dos persas, que successores da preponderancia egypciaca submeteram os medas, os lydios, assyrios, babilonios, phenicios e aos proprios egypcios, e querendo estender ainda mais o campo de suas conquistas enviaram expedições á India, a Scythia e atravessando o Bosphoro chegaram até o centro da Russia.

Para se fazer idéa da ostentação militar dos persas n'aquelles tempos basta dizer que o seu exercito e esquadra apparelhados para vingar o desastre de Maratona compunha-se de oitocentos mil homens de infantaria, oitenta mil cavalleiros e mil e duzentos navios. A monarchia persa consistia de extensas provincias dominadas por governadores nomeados pelo rei.

Aos persas succederam os helenos empunhando Alexandre de Macedonia o sceptro da supremacia universal. Tendo dominado toda a Grecia e margens do Mediterraneo, invadio a Asia, conquistou a Phenicia, o Egypto, a Persia e levou sua marcha triumphal até a India. A preponderancia helénica nada mais foi do que uma consequencia da aggregação de elementos anteriormente reunidos pela civilização egypciaca e tornou-se por isso mesmo fecundissima no progresso das sciencias e das artes.

Com a morte de Alexandre Magno seguiu-se a preponderancia romana. A Grecia e todas as suas conquistas cahiram sob seu dominio, que estendeu-se até as Galias, Bretanha, peninsula ibérica e Africa onde destruiu Carthago a rainha dos mares. Roma chegou a tamanha auge de grandeza que podia considerar-se em seu orgulho a senhora do mundo.

Seria interminavel a narração de todas as conquistas e guerras que a estas se foram succedendo, porque até hoje a historia do genero humano apesar das modificações do espirito moderno, nada mais é do que a historia de suas guerras, podendo-se dizer que o unico direito verdadeiramente reconhecido é ainda o direito da força, pois nenhum facto de ordem social subsiste definitivamente sem a sancção da autoridade das armas.

Dividido o imperio romano surgiu com a invasão dos barbaros do norte uma nova civilização com o caracter religioso militar. Tendo os logares onde se passou a vida de Christo cahido em poder dos mahometanos, o fervor dos catholicos levantou expedições para conquistá-los, as quaes fizeram por muitos annos a preocupação da Europa convertida ao catholicismo.

Nesta luta a religião dominou por algum tempo o espirito guerreiro limitando-se o braço militar á missão exclusiva de prestar sua força aos acenos da igreja, que tomou a direcção dos mais importantes committimentos reunindo o christianismo sob a bandeira da Cruz todos os povos do occidente enquanto o islamismo fazia o mesmo com relação a seus adeptos sob o commando do propheta Mahomet.

Foi em verdade um grande passo nas leis da evolução do progresso humano a transformação das creanças religiosas nos dois monotheysmos. Trancados com a tomada de Constantinopla, as portas do Oriente pelo fanatismo islamico, o Occidente

irmanado por uma só fé e obrigado a concentrar-se na Europa devia necessariamente lançar as vistas para o oceano e procurar como fez, no seu dorso o caminho por onde podesse chegar á posse das riquezas indianas.

Começaram d'ahi as expedições da costa d'Africa, tendo como consequencia as viagens da India pelo cabo da Boa Esperança e successivamente a descoberta da America e da Oceania terminando pela circumnavegação do mundo. Tão extraordinarios foram estes successos para os destinos do genero humano, já pela extensão das relações commerciaes, já pelos resultados politicos e scientificos obtidos do conhecimento do globo terrestre, que d'ahi por diante parece que a Humanidade começou a viver de novo.

Por toda parte vulgarisando-se as narrações dos viajantes que tornavam manifestas as riquezas naturaes das terras descobertas, o espirito de conquista foi pouco e pouco enfraquecendo para dar lugar as grandes emprezas maritimas. As proprias cruzadas que pelo enthusiasmo com que eram levantadas só devião terminar pela occupação da terra santa, cederam á força dos acontecimentos deixando em poder dos inimigos o tumulo do fundador do christianismo.

Mas a religião christã irradiada pela Europa toda e acompanhando as expedições ás costas d'Africa, ás Indias, á America e á Oceania em pouco tempo sition o Islamismo e estabelecendo-se sob a forma universal tornou-se pelos seus ensinamentos e incomparavel systema de organização o arbitro de todas as contendas politicas e por isso mesmo a soberana do universo.

A unificação do genero humano foi desde então um facto resolvido e iniciado encarregando-se do seu desenvolvimento o tempo auxiliado pelo commercio que percorrendo todos os mares levava no bôjo de seus navios a civilização do Occidente aos mais afastados recantos do mundo que generosamente retribuia com esses preciosos productos que ainda hoje enriquecem a Europa.

A posse de taes riquezas e sua utilização exigia um regimen que devia ser a origem das constituições politicas, do reconhecimento do direito patrio esboçado pela forma romana, e do direito das gentes regulando embora imperfeitamente as relações dos povos entre si, pois alem de tudo a religião christã que por sua vez sagrava reis e derribava tronos havia escripto a paz universal na bandeira de seu programma, o qual o poder temporal de que se revestiu alterou entrando em luta com os principios ainda confiados no valor de suas armas; e dessa luta resultou uma anarchia geral pelos seismas que se succederam e desavenças politicas delles emanadas.

A consequencia deste estado de cousas foi que a França depois de uma bem combinada propaganda de principios, collocando-se no logar mais elevado da esphera intellectual e considerada por isso mesmo o cerebro do mundo, deu o brado da liberdade, brado que foi o mais temerario e o mais arrojado committimento do fim do seculo antepassado.

A luta que dellé se originou custou a vida a milhares de patriotas e pôz a grande nação em armas contra si propria e contra todas as potencias europeas debellando os elementos divergentes, luta que durou desde a tomada da Bastilha até a queda de Napoleão Bonaparte em Waterloo, quando serenaram os animos e os povos, cada vez mais atemorizados do horror da guerra moder-

na, entraram a pensar, de modo mais ou menos permanente, na necessidade de submeter-se ao dominio do direito e da justiça.

LITTERATURA

SEM AVÊSSO

Eis-nos chegados ao ponto de apreciação de um facto que a imaginação dos homens faz tão importante, mas que na ampulheta dos tempos passa mais despercebido que um segundo no mostrador de um relógio de algebeira.

Trata-se do momento em que um seculo expira e o outro começa a respirar, momento que na noite de hontem foi nesta heroica cidade esperado por diferentes modos satisfazendo cada um, como bem lhe aprouve, o gosto de sua phantasia.

Não faltaram bailes, reuniões familiares, diversões publicas e particulares para os que só tiveram em mente rejubilar-se e grande abundancia de missas para quem quiz dar graças a Deus. Houve tambem quem levasse a noite inteira a dormir e outros que por não poderem conciliar o sono passaram o tempo a morder tudo quanto teve a desgraça de lhes cabir na bocca.

Um seculo que começa deve no seu curso chronologico percorrer o periodo equivalente a 1200 mezes ou 3500 dias, mas desde que elle expira esse periodo vai reduzindo-se a proporções cada vez mais inapreciaveis que afinal foge da memoria mais rapido que o enganoso vôo de um minuto.

A idéa que fica do passado não é outra senão a que resulta do mal ou do bem que elle causou e enxertou no organismo da presente. O velho seculo 19 que herdeou de seu antecessor as bellas theorias de liberdade, igualdade e fraternidade morreu nos braços de Kruger opprimido entre a *espada* e a *ignorancia*. Começou a sua triste sorte na ilha de Santa Helena para acabar no Transwal.

Com certeza o Velho morreu apaixonado vendo mallograrem-se uma por uma as tentativas de suas nobilissimas aspirações deante das exigencias da perfidia e das intrigas diplomaticas, urdidas sempre no interesse das nações poderosas ou antes da insaciavel ambição dos principes.

A má fé e a imprudencia converteram-se em lei conferindo direitos ás grandes injustiças, aos costumes mais revoltantes e desarrasoados. O seculo que acaba de passar e a que por muito tempo se andou chamando seculo das luzes, postas de parte as suas luminarias, bem se poderá mais tarde chamar o seculo do horror!

Esta denominação fica bem caracterizada pelas guerras destruidoras que nelle houve, pelas fabricas collocaes de artigos bellicos que se estabeleceram, por esses monstros de ferro e madeira que percorrem os mares e os grandes rios com o ventre em brasa vomitando a morte por todos os póros e cuja cobardia muito bem se avalia pela espessura da couraça de aço que os reveste.

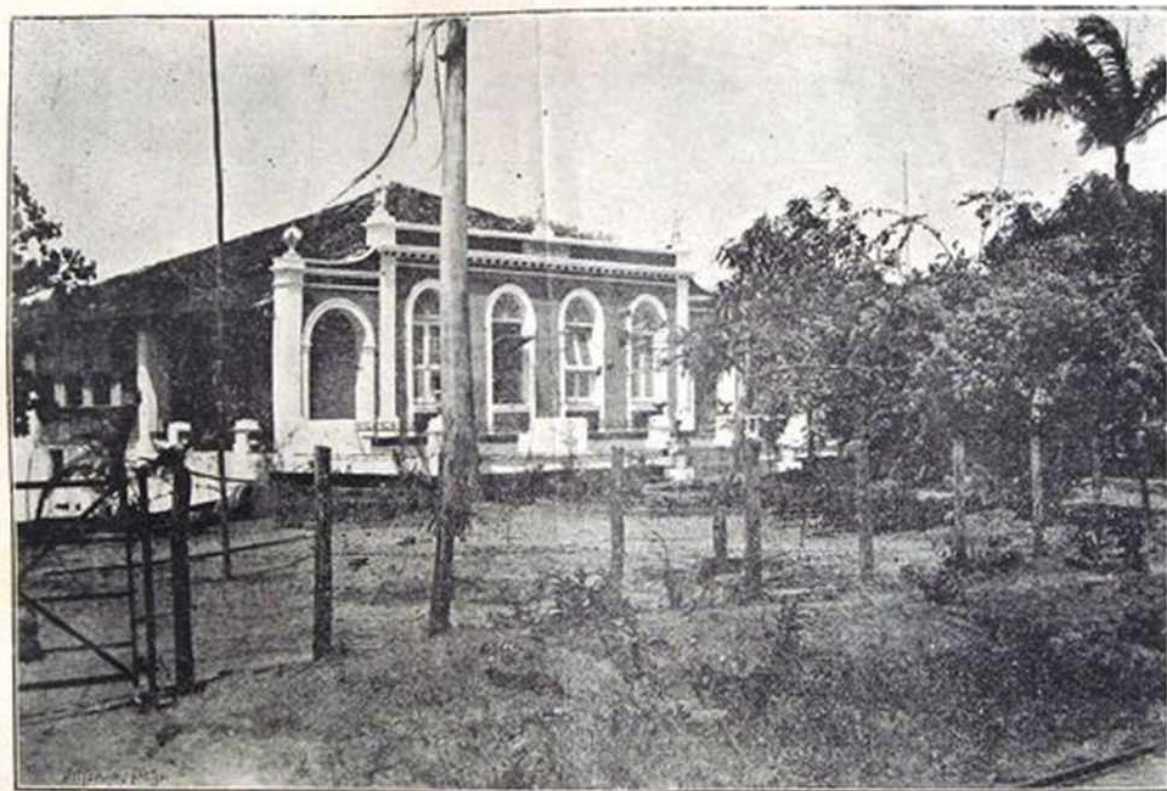
Seculo das luzes é o que d'aqui a quinhentos annos ninguém mais o hade chamar! Acreditamos na existencia da luz, mas ella não foi bastante para illumiar sufficientemente a intelligencia e o coração dos homens.

Quem quizer dar-se ao trabalho de recorrer ás estatisticas hade encontrar as nações ditas civilizadas gastando em armamentos dez vezes mais d'aquillo que gasta

Suplemento ao n. 103

—da—

REVISTA ELEGANTE



M.G.

Imp. em machina rotativa de Marinoni da Alfabetaria Teixeira--Maranhão.

Chacara Britania



PUBLICAÇÃO MENSAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Propriedade da
—ALFAIATARIA TEIXEIRA—

Gerente-Alfredo Pinto Teixeira

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—IMPERIAL—

CAIXA POSTAL—40

ANNO X

Maranhão, 11 de Fevereiro de 1901

NUMERO 104

REVISTA ELEGANTE

J. F. Gromwell

O jornalismo diário desta terra cheio de profundo sentimento noticiou em suas columnas, no dia 28 do mez passado, o fallecimento do nosso compatriota João Francisco Gromwell, noticia que de vezas entristeceu a alma maranhense.

Sem periscutar os destinos do alem-tumulo nem discutir concepções philosophicas, rimas agora por nossa vez deixar patente com algumas palaveras embora frias a afecção que tributamos ao distincto morto pelas qualidades que o enobreciam.

Sim. Nobreza só tem quem possue um caracter puro, quem soffre e não se abate, e João Gromwell—conscio dos seus deveres era de mais altivo, não se hamilhava nem recuava diante de qualquer sacrificio.

E' assim que, lutador intemerato, conhecido da base solida de que dispunha pelo talento, debatia-se com a sorte que nem sempre premia o esforço e a honra.

Agora, porém, que os dias lhe corriam

mais serenos foi quando justamente a morte traiçoeira-lhe a existencia.

Nasceu nesta cidade a 6 de Maio de 1862 e falleceu a 27 de Janeiro do corrente anno. Com pouca idade teve a infelicidade de perder seu venerando pae, Manoel George Gromwell, ficando amparado apenas pelos conselhos de sua desvelada mãe D. Mathilde Angelica Mendes dos Reis Gromwell.

Oh! mas os conselhos de uma mãe são gottas purissimas de orvalho que vicejam e crystallizam a alma dos filhos como o fino rocío do céu as flores da madrugada.

Os espiritos formados na pratica do bem não precisam de outros incentivos para elevar-se e sabir a esphera que lhes é destinada, fazem-se das suas proprias forças, e a phenix da fabula, é astro de primeira grandeza que brilha porque tem luz.

Educado desde o berço por sua mãe João Gromwell tornou-se forte, sabia pensar com discernimento, sentiu com profundidade, e caminhou e progrediu.

Mas sem meios de fortuna e obrigado ás necessidades que muitos seres endorçam os passos, e apanejou as vistas, foi obrigado, cediendo ainda, a decair a ordem de seus estudos que certamente o fariam alcançar maiores posições, conform: attestaram os principios do seu saber, para procurar um emprego que lhe mantivesse. O primeiro que obteve foi na Alfandega recebendo pezeno ordenado, e depois na repartição das Telegraphas, onde melhorou alguma tanto.

Por este tempo já fazia o seu noticiado na imprensa para o qual tinha de si do gosto; collaborava na «Paratilla», jornal de que era redactor Victor Lobato, de imparecivel memoria.

Exonerado do cargo que occupava n'aquelle ultima repartição seguiu para o Rio de Janeiro onde continuou a escrever em diversos jornais com seu penha bem aparado. Ah! fez parte do «Atilab Republicano», como secretario, tendo por chefe o eminente estadista Saldanha Marinho. Proclamada a nova

forma de governo, idéa de que era apostolo, voltou a sua terra natal em companhia do primeiro governador nomeado, Dr. Pedro Tavares, que o escolheu para official de gabinete, logar de immediata confiança.

Depois desse periodo que pouco durou em razão de ter mudado a administração do Estado, João Gromwell, sacrificando as nobres ambições de sua alma, illuminada pela esperança do muito que podia dar á politica e as letras que cultivava com estoicismo, e quasi como um desilludido da recompensa que é sempre escassa, arrastou-se para a vida commercial occupando o cargo de guarda-livros de um importante estabelecimento.

Mas sempre incansavel, d'ahi mesmo, sobre as operações arithmeticas dos livros que escripturava já como mestre, não deixava de collaborar na gazeta onde traçou os seus primeiros artigos.

Ella registando o seu infeliz passamento disse:—Fôra difficil fazer uma relação das secções em que elle derramara a sua rever sciullante, saindo-se sempre com felicidade e firmando a nomeada que desde então adquiria de n'a escripta penitente e infatigavel.

Uma nota, porém, escapou-nos no correr destas linhas, mas que o fizemos propositalmente porque, da data de seu nascimento á data em que falleceu, que é a ultima, tão solemne como a primeira, existe de permisso uma outra que por assim dizer completa as duas: é a do seu convorcio.

Ao lado da familia de seu pae, ficando o «thae revero» da mãe estremecida e dos irmãos que idolatrava sentia elle natural conforto, tranquilizava-se da luta pela vida, era delicioso esse viver, mas o coração reclamava-lhe uma compãveira que junto áquelles compartilhasse e igualmente de suas alegrias e de seus infortúnios porque só assim estaria completa a missão social do homem. Constituir familia é contribuir para a elevação moral da geração presente e da que ha de vir, representa uma divida para o homem de bem e

João Gromwell não podia, pois, ser indifferente a ella e pagou-a esponsando a Elen. Se-ahora D. Alexandrina de Souza Gromwell aos 23 de Junho de 1897, na cidade de Viana, donde ella era natural.

Após o seu consorcio, seguiu a instancias de amigos dedicados para o risinho Estado do Pará, empregando-se logo como guardalivros de uma casa bancaria.

Pouco tempo depois collou enfermo e cercado de sua mulher, mãe e irmãos os Srs. José George Gromwell, Manoel George Gromwell e D. Adilia Gromwell, via que dia a dia esgotavam-se-lhe as forças até que por fim succumbiu, deixando após si o pranto e a dor.

Sirena de consolo que a sua memoria ha de ser sempre respeitada porque soube conquistar uma posição independente como independente era o seu caracter, porque soube collocar-se á altura da consideração de todos e, é grande, é sublime, diz um contemporaneo, quando pela educação, pelo trabalho ergue-se o pobre a altura do rico, o plebeu a do nobre, quando substitue-se a aristocracia do dinheiro e essa fidalguia emprestada dos nossos avós—a do sangue—pelo talento, pelo trabalho e pelas ações.

Nossas sentidas condolências a sua digna familia.

Considerações philosophicas.

Fosse uma consequencia da propagação dos conhecimentos encyclopedicos ou fosse porque o estado das relações commerciaes, tendo em vista a posse do novo mundo e exploração dos paizes novamente descobertos, assim o permitisse, o certo é que depois da Revolução Franceza o caracter das guerras começou a modificar-se profundamente.

A fama dos grandes guerreiros, celebrada em prosa e verso, terminou em Napoleão o Grande, depois do qual nenhum outro teve mais a vangloria ou a cobiça do dominio pelo terror. A paz universal passou a ser o objecto principal do direito das gentes que os diferentes governos acceitam hoje como obstaculo legitimo ás usurpações militares.

Não obstante as terriveis guerras que no seculo 19 se deram taes como na Europa as da Grécia, unificação da Italia e franco-prussiana, e na America a separatista dos Estados-Unidos, já não foi o valor dos generaes o que mais se admirou senão os effeitos dos encanecidos, dos engenhosos canhões, das armas de agulha e outras que com diferentes nomes matão com a mesma promptidão.

Em terra diante de uma metralhadora e exposto a uma sarivada de projectis não ha homem bastante valente ou louco que se jacte de afrontar a morte. A victoria é portanto devida mais ás descobertas do silencio pacifico da arte do que á habilidade do guerreiro.

No mar o almirante que dirige o leme ou manda soltar as velas aos ventos e em outros tempos orgulhava-se de conhecer os segredos da nautica desapareceu diante do prestimo do machinista e dos foguistas que no porão dos navios são os verdadeiros demônios na obra da destruição dos seus semelhantes.

No estado de aperfeiçoamento em que se achão osapparelhos da arte militar os povos cultados só tem um meio de resolver o problema, já que não deve ser admitida a hypothese da aniquilação do ge-

nero humano, e é a do congressamento das nações procurando suprimir o mais possivel a influencia dos elementos divergentes.

A queda do prestigio individual dos principies cercados da força por motivo de sua propria fraqueza fez surgir as theorias sociologicas, mas acima do individuo, acima das theorias que infructiferamente se succedem umas as outras, estão os resultados praticos da bussola, da imprensa, do vapor e da electricidade, desenvolvendo as artes e as industrias e dando expansão ás sciencias.

São incontestavelmente estes agentes do progresso as mais bellas concepções da actividade humana e cada um delles assignala em seu descobrimento e cultura social periodos de verdadeira manifestação da intelligencia lutando pacifica e systematicamente contra as leis viciosas e multiplicadas vexações da falsa fé e da ignorancia.

Pretendem os chinezes ter conhecimento da bussola desde 1120 annos antes de Christo, mas o seu uzo na Europa pela utilidade que passou a prestar só se tornou geral no seculo XIV ou 1500 annos da era christã, dando-se do apparecimento até a applicação permanente desse instrumento que tantos serviços ha prestado á regularidade da navegação e do commercio cerca de 2520 annos.

Tambem não foram os chinezes estranhos á arte da imprensa que na Europa começou a progredir no meado do seculo XV quando Guttemberg engendrou o seu processo de tipos moveis melhorando o modo imperfeito das chapas gravadas em madeira e sobre as quaes applicava-se as folhas de pergaminho ou papel, sendo depois de impressas colladas pelas costas para formar livros.

O novo modo de vulgarisar o pensamento poz-se então em harmonia com o progressos intellectuaes dos paizes mais adiantados em civilisação e para os quaes a leitura se tinha constituido uma necessidade que não podia ser mais satisfeita pelos meios pouco abundantes dos manuscritos e impressos acima mencionados.

Accerca de duzentos annos que o vapor começou a ser applicado como causa de movimento e contudo a dous ou tres mil annos sua força expansiva já era sem resultado conhecida do mundo antigo. Heron de Alexandria que viveu 120 annos antes da era chaista descreve nas "Pneumaticas", obra que lhe é attribuida, diversos apparelhos em que se empregava a força do vapor.

Quanto á electricidade parece que os antigos não tiveram della outro conhecimento além d'aquelle que podiam obter dos diferentes phenomenos manifestados pela propria natureza; e ainda quando tivessem não era para admirar que tambem esse poderosissimo auxiliar da civilisação partilhasse da mesma sorte dos outros grandes achados que por tão longos annos se conservaram embriónicos.

Estes factos mostram que não devemos desesperar da demora do triumpho da verdade no combate travado contra a mentira e a ignorancia que desde o principio do mundo assentaram os seus arraiaes no vasto campo do espirito humano. A luta tem sido grande e aturada, mas a victoria é certa. A verdade ha de dominar todos os corações embora hoje só um pequeno numero seja capaz de a receber e a supportar.

Estamos talvez dando mais importancia á bussola, á imprensa, ao vapor e á electricidade do que a memoria dos homens que a historia cofebra, mas a verdade é que

nestes está o individuo accumulando as paixões do egoismo e n'aquelles poderosos elementos do progresso está o trabalho das gerações applicado á industria que é a vida da collectividade.

Nos homens está o odio, na industria ou no trabalho util do homem está a paz e o amor, essa lei da cohesão que ha de inspirar o Codigo da Justiça Universal que por sua vez hade congressar as populações dando a todas ellas as mesmas normas constitucionaes, a mesma lingua, a mesma moeda e a mesma religião que outra não poderá ser senão a do Dever Social.

Terminamos aqui uma parte das Considerações com que de ha muito occupamos os leitores desta Revista. Logo que nos permitta o tempo daremos publicidade a outros artigos que pela ligação dos assumptos formarão a 2ª e ultima parte.

A NOSSA GRAVURA

Ponte do Cutim

A photogravura que distribuimos com o presente numero desta Revista representa um trecho do logar denominado Cutim, a um kilometro distante da cidade.

Como se vê, forma um bellissimo bosque e é muito transitado tanto por pessoas que habitam em casas proximas como das que se destinam a logares mais distantes.

Antigamente era ali a estrada que conduzia ao interior do ilha, cortada adiante por uma ponte de madeira construida com bastante solidez; hoje, porem, pararello a esta existe outra estrada por onde passa a linha ferrea, tendo em plano superior uma nova ponte que dá passagem aos comboios da Companhia Ferro Carril.

LITTERATURA

Perguntas.

A Cotinha Raposo.

Cotinha, si te eu disser
onde leva o fresco vento
nos humidos penhascos
afflicto, a modo,
quando a aurora vem sorrinda
para o sol resplandecer,
guardas segredo?

Onhe mach'adua vagante,
quando a tarde doalhece
e o crepusculo se encerra,
doceando vem,
poeira da contrahida,
sem fim, desolada,
por onde revoloteia,
canta a saudades?

Men estranho, do maninho,
o que diz-me a palmar,
si me deixas attender,
quando a noite,
nosso milles primordiaes,
formosa, colorada,
e a esperança n'um pontinho,
seria discreta?

Laura Ross.

Supplemento ao n. 104

—DA—

REVISTA ELEGANTE



Imp. em machina rotativa de Marinoni na Alfabetaria Teixeira—Maranhão.

Ponte do Cutim

MIZERIA...

Quanta mizeria e quanto soffrimento
a natureza contra nós conjura;
quanto magoa cruel não nos tortura
desde o primeiro ao ultimo momento...

Quanta dôres e quanta desventura
não nos confunde pela abutimento,
que ás vezes... (oh, terrível pensamento!)
—silencio, coragem, quanta loucura!

E' bem feliz, portanto, o que sonhando
vae pelo mundo inconsciente e tredo
o seu proprio cicer philosophando...

Porque, da vida o horrído segredo
quem procura sondar mesmo brincando,
das mizerias do mundo terá medo!

27 de Janeiro.

M. GEORGE GROMWELL.

Princeza

Quando a loira princeza Versada,
Passa por mim alva e primorosa,
Traçando toda cor de neve e rosa,
Enlaidada de fin e recia fina,

Quando ella passa candida e formosa,
Bella, risonda, angelical, formosa,
Parece uma Versal linda e minosa,
De uma apparição meiga e divina...

E, ao vel-a, ando, salto e seductivo,
Passar por mim divina e sublimosa,
Aureolada de graça e de primor:

Mish'ahua cosmadora e esclamadora
A' segue ternas e apaixonadamente,
Cantando os hymnos triumphos do Amor!

A. AMERICO CEZAR.

HIGH-LIFE

Facem anno no max de Fevereiro corrente:

Em 2-a extra, srs. d. Maria Amalia Teodoro Santos, Maria Nova Rodrigues, esposa do sr. Antonio Nova Rodrigues e o sr. Theodoro-coronel Antonio Augusto Cordeiro de Castro;

Em 3-a extra, srs. d. Amélia Faria de Castro Martins;
Em 5-a extra, srs. d. Olíndia Nogueira Viçoso, esposa do sr. dr. Raymundo Alexandre Viçoso e Raymundo Faria de Moraes Rego e o sr. dr. Manoel Bernardino da Costa Rodrigues;

Em 7-a extra, srs. d. Zolinda Hübner Rayol, esposa do sr. Antonio Rayol, os srs. coronel Alexandre Collares Moreira Junior e Ezequiel Torres Franco de Sá;

Em 10-a extra, srs. d. Luíza Maria de Lacerda, filha do sr. José S. de Moraes Rego e o sr. José Gomes Maria Netto;

Em 11-a extra, srs. d. Zaira Nogueira da Silva, esposa do sr. Dionísio Silva;

Em 12-a extra, sr. Augusto Vidal Rodrigues;
Em 13-a extra, srs. d. Ignorata Guimarães e o menino Nogueira, filha do sr. dr. Oscar Galvão;

Em 14-a extra, srs. d. Amélia dos Santos Arco, esposa do sr. Antonio da Silva Arco, os meninos José Manoel, filho do sr. dr. Raymundo A. Vinhas, e Pery, filho do sr. Joaquim Alves Junior e Stelio, filho do sr. Joaquim Pinto Carneiro;

Em 16-a extra, srs. d. Joaquim Augusto de Santiago e o menino José, filho do sr. dr. Antonio G. Coelho de Souza;

Em 17-a extra, srs. d. Anna Edicéia da Fonseca, esposa do sr. coronel Adolpho Pires da Fonseca e Maria Rita Nogueira e o sr. Alfredo da S. Fortuna;

Em 19-a extra, srs. d. Parulita A. de Pinho, a menina Zenobia, filha do sr. dr. Claudio Serra e o sr. Coarado P. Freire;

Em 20-a extra, srs. d. Nila Arago, filha do sr. Raymundo Arago e Sebastião, filha do sr. Manoel Silvestre da C. Santos;

Em 21-a extra, srs. d. Adelaide A. Ferreira, as meninas Angélica, filha do sr. Arthur Bello e Nila, filha do sr. Antonio da Silva Monteiro, os srs. Ortila Cavalcante, Antonio Rodrigues de Melo, Francisco Baptista e Ge-

lherme A. de Almeida;
Em 22-a extra, srs. d. Beatriz, filha do sr. Joaquim Alves Junior e o menino Humberto P. da Fonseca;
Em 23-a extra, srs. d. Rita de Cássia dos Santos Lima, e o sr. capitão Leopoldo de Barros e Vasconcellos;
Em 24-a extra, srs. d. Antonio da Costa Nunes d'Oliveira, esposa do sr. Geraldo P. d'Oliveira, os srs. tenente-coronel João Baptista de Moraes Rego e José Gonçalves Pereira;
Em 26-a extra, srs. d. Antonio, filho do sr. Manoel S. Costa Santos e a menina Neza, filha do sr. José Gonçalves Pereira;
Em 27-a extra, srs. d. Domingos Ribeiro da Cruz;
Em 28-a extra, srs. Francisco Joaquim Vianna, José Ramos, o sr. major Augusto Alves das Santos e o menino Hilson, filho do sr. Alfredo da Silva Fortuna.

Acceptem os nossos cumprimentos.

EXPEDIENTE

Escola Modelo

Forão hoje abertas as aulas desta Escola com uma bonita festa motivada pela collocação do retrato de seu fundador o illustre Senador Benedicto Leite.

O retrato é um bem acabado trabalho do atelier de Moura Quineau do Ceará e foi collocado no gabinete do Director sob um doce adorno com bambinelas das cores nacionaes.

Na porta do estabelecimento tocaram tres bandas de musica e compareceram ao acto muitos professores e escolares e grande numero de pessoas gradas entre as quaes achavão-se os Srs. Governador do Estado e o proprio Senador Benedicto Leite.

Ao desvendar-se o retrato o Sr. Governador declarou que sua conservação naquella logar era um tributo de gratidão aos serviços prestados á Instrucção pelo distincto maranhense, alvo d'aquella manifestação.

A estas palavras respondeu o Sr. Senador agradecendo a honrosa homenagem e discorreu no sentido de mostrar que aos esforços e bons auspícios do governo era devido o estado prospero da instrucção publica no Maranhão.

Em seguida interessantes meninas, alumnas da Escola, recitaram poesias e lançaram flores sobre o festejado cidadão, que tomando de novo a palavra as louvou pelas boas provas de estudo e applicação citando-as a novos e proveitosos esforços.

A festa esteve imponente e não houve quem não sabbisse della gratamente impressionado, vindo a satisfação com que ali se achavão tantas criancinhas como se já estivessem habituadas a converter a monotonia do estudo das primeiras letras em horas de deliciosa recreação espirital.

A concorrência de espectadores teria sido maior se não fosse o grande cochilo que deu o jornal official da noticia para o meio dia a solemniade quando ella devia dar-se tres horas antes.

Para fallar a verdade foi este o unico incidente lamentavel, o qual concorreu para que deixassem de comparecer a tempo alumnos que supposseram a hora regimental prorrogada pelo acto solemne que se dizia marcado para hora certa e determinada.

Em casos taes a duvida obriga a colher informações exactas e é preferivel a uma noticia errada na vesperta das funcções publicas. Isto porém em nada prejudicou a substancia da festa que esteve na altura conveniente e foi uma das mais justas homenagens prestadas ao Senador Benedicto Leite na sua vida de homem politico.

Destinguimos no homem politico duas

entidades, aquella que age na esphera do interesse partidario e a que visa o bem geral, que, depois das inevitaveis lutas asseguradoras do prestigio do governo, deve ser o objectivo da administração publica. Estas duas entidades operão conjuntas e só se destacão utilmente quando a segunda pode funcionar com inteira liberdade e sem obstaculos.

Como lutador politico o vigor, energia e actividade do Senador Benedicto Leite são bem conhecidos e por isso mesmo não o julgamos isento das faltas que as affeições por um lado e os ressentimentos por outro possão levá-lo a commetter; mas pensamos tambem que essas faltas são compensadas por sentimentos elevados que o preoccupão grandemente no interesse de sua patria.

Assim sendo outro não é o seu objectivo politico senão o desenvolvimento da instrucção publica. A estrondosa manifestação que lhe fizeram as escolas ao pisar a terra maranhense no seu regresso da Capital Federal já foi um reconhecimento de beneficios a ellas prestados, beneficios que por sua vez os actos do governo o demonstrão.

A Escola Modelo, instituição nova no Maranhão e que na França tão grande realce deu a instrucção publica servindo de tirocinio ás Escolas Normaes, a reforma da Escola Normal e o Gymnasio, tudo organizado sob as inspirações do illustre Senador são padrões de uma gloria que nem os proprios adversarios podem deixar de reconhecer.

Já que para esse ramo do serviço publico parecem estar voltadas as vistas de S. Exc. muito devemos esperar de suas intenções. As instituições são magnificas e a mocidade maranhense muito tem a lucrar com ellas, habilitando-se para um futuro auspicioso e recuperando o Estado o seu credito litterario tão decaído por uma educação superficial preparatoria da ignorancia presumida em que temos vivido.

E' na rigorosa execução da lei que está o segredo da grande obra: na assiduidade dos professores, boa ordem e disciplina entre os alumnos. Se o distincto cidadão e o governo que com elle age tomarem a peito a completa execução dos programmas de instrucção por elles architectados, o illustre Senador terá com certeza a gloria de deixar o seu nome perpetuamente gravado nos porticos das nossas escolas e estabelecimentos de instrucção.

Essa gloria não deve ser menor que a dos autores que tem os seus nomes escriptos no dorso dos livros de grande valor litterario; obra por obra não sabemos mesmo qual se deva julgar mais importante. Os proprios paes dessas tantas crianças, que são as verdadeiras esperanças da patria, quando por ventura lhe negarem o voto partidario precisarão de forças para reagir contra o movimento natural do coração, órgão por demais susceptível do doce influxo da gratidão.

4 de Fevereiro de 1901.

Recebemos o "Almanack Maranhense" offerecido pela acreditada pharmacia dos nossos amigos srs. João Vital de Mattos & Irmão, impresso no mesmo estabelecimento.

Está um bijou.

Temos presente a Revista da Escola

Preparatoria e de Tactica, do Centro Literario Militar, do Realengo.

Encoraja excellentes artigos tanto em prosa como em verso.

Gremio Esmeraldino

D'esta importante associação recebemos a circular que abaixo publicamos. Penhoramos bastante quando temos de attender a apellidos d'esta ordem:

ARACAJU, 1.º DE NOVEMBRO DE 1901.

Illustrada redacção da «Revista Elegante», S. LUIZ.

Seguir a senda do progresso; marchar na estrada da instrucção, é o que mais nobilita o homem no seio da sociedade; e quando podemos trabalhar em prol dos nossos semelhantes, ajudando-os a levantar uma idea proveitosa, praticamos uma acção louvavel.

A nossa attitudo, hoje, perante tão illustrada Redacção, nada mais é, sinão solicitar o vosso valioso concurso para o nosso empreendimento. Em tempos fundou-se nesta capital uma sociedade recreativa denominada—**Gremio Esmeraldino**—e, sendo como é, esta sociedade, possuidora de uma bibliotheca, onde se encontra uma variadissima collecção de romances e outras muitas obras scientificas para deleite e cultivo dos espiritos dos seus associados, precisa-se, contudo, para o seu melhoramento, de alguns jornaes; e como seria bastante oneroso a tomada de assignaturas dos jornaes que desejamos, vimos, crentes de que abraçareis a nossa idea, pedir a remessa de vossa folha para a nossa bibliotheca, acto este que merecerá os nossos mais sinceros agradecimentos.

Com apreço e estima, firmamo-nos
vossos Am.ºs Obr.ºs Cr.ºs

Jacquinio Filho—Presidente.
Arsenio Araujo—Vice dito.
Jacquinio Porto—1.º Secretário.
Theodorico Bastos—2.º dito.
João Augusto Ribeiro—Thesoureiro.

Accusamos agraçecidos a edição unica —“Vinte de Janeiro”— em homenagem ao coronel Henrique Ferreira Penna de Azevedo, eminente politico do Estado do Amazonas.

Por telegramma particular sabe-se ter sido transferido desta Alfandega para a da Parnahyba, no Estado do Piahy, o nosso amigo sr. Euclides Marinho Aranha, encarregado da direcção desta Revista.

Recebemos dos Srs. Dourado Zenobio & Comp., da Parnahyba, uma carta de felicitações pela entrada do anno-novo.
Agradecidos.

Do sr. Orlando Belleza, de Manaós, recebemos um bem impresso cartão de felicitações pelo começo do novo anno.
Gratos.

Em retribuição a collecção da nossa Revista que lhes mandamos ao anno passado recebemos um bello exemplar do «Almanack Popular Brasileiro», de Pelotas, para o corrente anno.

Summamente penhorados agradecemos tão delicado brinde.

CATALOGO GERAL

de Preços da

Alfaiataria Teixeira

Acha-se em distribuição o 13.º Catalogo d'esta Alfaiataria, a mais importante do norte do Brazil.

Para as pessoas do interior que desejarem communicar-se com este importante estabelecimento é de uma vantagem sem limites, pois, especificando todos os objectos de que se acha suprido realça logo os preços de maneira que quem quer que seja, sem intervenção de terceiros poderá adquirir o que muito bem lhe aprouver em tempo e ao seu contento.

N'este importante e util livrinho tudo facilita aos seus amigos e freguezes a Alfaiataria Teixeira.

Fica, portanto, a disposição das pessoas que desejarem não possuir o mandarem buscar n'esta Alfaiataria, que o remetterá immediatamente livre de porte e de outra qualquer formalidade.

Da distincta commissão bibliothecaria da cidade de Lima Duarte, composta dos srs. dr. Canuto Gonçalves Pereira Sá Peixoto, major Jeronymo Rodrigues Oliveira Junior e Joaquim Teixeira Gonçalves recebemos uma circular em que nos solicitam o nosso valioso auxilio para o engrandecimento da bibliotheca publica fundada nessa cidade pela Loja Macmura Alliança Progressista. Tomando na devida consideração tão justo appello manifestamos-nos bastante gratos.

Da importante firma commercial desta praça Baraett, Irmão & Comp. recebemos uma circular em que nos communicam a admissão, em 1.º de Janeiro findo, dos seus antigos empregados e amigos srs. Alfredo Lopes Marinho e José Irineo Borges da Sil-

va para fazerem parte da mesma firma, podendo ambos usarem-na.
Agradecidos.

O Sr. Paulo Netto, que cultiva a arte musical como distincto amador, acaba de brindar esta Revista com uma valsa intitulada «Revista Elegante».

Agradecemos ao Sr. Paulo Netto a sua gentileza e em breve teremos a grata satisfação de ouvir a por pessoa habilitada a quem demos para executar.

Agradecemos bastante penhorados a visita do nosso caro confrade redactor d'O Christão, o distincto medico sr. dr. Soares do Couto.

Thomaz Ribeiro

Com a idade de 70 annos falleceu o notabilissimo litterato e homem de Estado, Conselheiro Thomaz Ribeiro.

Encheriamos muito papel se tivéssemos de tratar de sua vida que é uma verdadeira constellação, mas por falta absoluta de espaço apenas registramos esse acontecimento que deve ser por de mais penhoroso para o velho Portugal.

Pequena correspondencia

Manoel Nogueira da Silva—Pelotas, Capital Federal.—Vimos remetter pelo primeiro paquete os ns. da nossa Revista já publicados. To namos nota de sua assignatura que termina em abril p. futuro. Se de-sejar continuar a receber com regularidade a nossa Revista é favor renovar a sua assignatura que começa em 1.º de maio d. 1901 a 30 de abril de 1902.

Antonio Ferreira de Oliveira—Pará.—Tomamos nota da sua assignatura e pelo primeiro paquete lhe remetteremos os numeros já publicados; a assignatura de nossa Revista começa em 1.º de maio e termina em 30 de abril do anno seguinte.

RESULTADO EXCELENTE E PROMPTO.

O Dr. Miguel de Barros Penteado, medico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, enviou a seguinte declaração aos Srs. Scott & Browne, de New-York, sobre efficacia da Emulsão de Scott: «Attento em té de meu grau, que ha muitos annos tenho empregado na minha clinica a Emulsão do oleo de fígado de bacalhau com hypophosphitos de cal e soda, dos Srs. Scott & Browne, de New-York, em todos os casos de escrophulos e lymphatis-mos em geral nos casos de debilidade geral do organismo, sempre com resultado excellent e prompto. Sendo de surpreender sempre, mesmo nos casos mais delgados a perfeita tolerancia do estomago para este preparado, no que se distingue dos similares.

«Mogy-Mirim, São Paulo.

«Dr. Miguel Penteado.»

Impressão na tip. a vapor da Alfaiataria Teixeira por M. George Greenwell.



REVISTA ELEGANTE

E. PASTOR

PUBLICAÇÃO MENSAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Propriedade da
—ALFAIATARIA TEIXEIRA—

Gerente-Alfredo Pinto Teixeira

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—IMPERIAL—

CAIXA POSTAL—40

ANNO X

Maranhão, 19 de Março de 1901

NUMERO 105

REVISTA ELEGANTE

Congresso do Estado

Realisouse no dia 13 do mez passado com a solemnidade do costume a abertura do Congresso do Estado.

O sr. dr. Governador na mensagem que apresentou por essa occasião deu conta dos actos occorridos na sua administração, salientando as medidas mais urgentes que necessitam alguns dos ramos do serviço publico.

Acreditamos que as palavras de S. Ex.^a não passarão despercebidas e por consequente em breve será posto em pratica tudo quanto reclama.

E' geralmente reconhecido que o Maranhão vai sendo dotado de grandes melhoramentos devidos ao zelo e solicitude tanto do poder municipal como do estadual: os quaes assim continuando, como promettem, promoverão todos os beneficios de forma a nada desejar para honra e satisfação nossa.

Está aberto o Congresso do Estado, e sendo elle que regula os actos do governo

marcando a esphera de sua acção, cabe correspondel-o dando toda a amplitude possível dentro de suas forças no que interessar ao bem publico.

Não será preciso dizer aos illustres membros desse Congresso:—sede patriotas! Não; é o coração de cada um delles que irá fallando; é por meio desta voz intima que os povos de todas as nações, que as nações de todo o mundo, elevam-se a altura eminente de seus brios.

Hão de ser bastantes patriotas e por isto estamos convencidos de que não perderão tempo com discussões inuteis, frivolas, de mera politica, que só servem para encher os annaes e mostrar loquacidade.

A tribuna parlamentar não deve ser escolhida somente para despedir elanmas de eloquencia, mas e principalmente para exprimir idéas, que inspiradas no bem, convertem-se em legendas de luz.

Nestes ultimos tempos temos visto se operar grandes reformas da instrucção publica, o que é um meio efficaz para nos aproximarmos de um futuro prospero e digno de nós, maranhenses, que sempre gozamos do melhor nome; temos visto como se procura diffundir o saber creando escolas publicas por toda parte sob os mais aperfeiçoados systemas de ensino, e derramar luzes assim pelos que necessitam e um trabalho meritorio e de profundo reconhecimento para a posteridade.

A par desses gratuosos commettimentos que se avalião, ninguém pode contestar as diversas obras de merecido apoio taes como o embellezamento e asscio da cidade, que muito importão para a sua salubridade e attractivos. Mas não é simplesmente destas cousas que precisamos; restão algumas outras que necessariamente não podem nem devem escapar as boas intenções do poder legislativo.

Si nas verbas orçamentarias consignasse despesas para tantos melhoramentos dignos dos que os podem gozar, é bem

claro que não se deve esquecer, se não por um crime, de outros muitos para os desfavorecidos da sorte que não podem associar-se ao mesmo gozo.

Si para aquelles constroer-se theatros, para estes faça-se hospitaes.

E' disto que, sobretudo, necessitamos agora.

Ha muito deu-se começo a um logar, posto que pequeno, mas proprio para os alienados; porem, talvez, por falta de recursos pecuniarios, a obra deixou de ter andamento até hoje; ficou no começo attestando de alguma maneira a pouca importancia que se lhe deu.

Não accusamos a ninguém mas lamentamos o facto de constantemente vagarem pelas ruas da cidade pobres loucos, indo alguns parar na cadeia como se fossem culpados ou commettessem crimes quando os verdadeiros criminosos não são elles.

Existe lá para as bandas do Gavião um hospital de lazarus, isto é, umas palhoças pobres, arruinadas como os que nellas habitam. Estes infelizes ali se acham degradados, isolados de todos, esperando a morte a cada instante, e como se não bastasse esta terrivel condemnação foram alojados atraz do cemiterio! Antes enterrassem-nos logo do que fzel-os penar tanto olhando todos os dias as sepulturas que os esperam. Felizmente já houve quem delles se condõessa, procurando collocar-os melhor.

Agora vejamos quantos mendigos transitam pelas ruas supplicando de porta em porta a caridade publica, vejamos como elles, famintos, cobertos de andrajes, tremulos de fome, procuram um recanto que os abrigue para chorar a sua miseria e já mais o encontram.

Do que servem para estes os theatros e os jardins publicos? E' que para os pobres incapazes de trabalhar, estão somente reservados os espinhos, para elles somente o oprobrio, as calamidades.

Mas não! A Caridade é o amor de to.

dos por todos, é a irmã gêmea da Fé e da Esperança, divindades sublimes que não desamparam o homem em busca do seu ideal; ella existe sempre como um bálsamo consolador das almas affictas.

Ergam-se, pois, de par com as escolas azylos de mendicidade.

E que destino tem os orphãos desvalidos?

Estão aqui, ali, por toda parte e não ha quem pense com a precisa abnegação na desdita que lhes acompanha. Se suas mães, quando ainda as tem, cercam-lhes de caricias lutando com sacrificios para lhes darem a vida da alma que é o sentimento, coitadas! faltam-lhes os meios para instruírem-lhes a intelligencia, que os deve guiar e dirigir.

A Lei no intuito de amparar os d'alhes um tutor e crea extermos publicos, mas do que vale isto para orphãos pobres?

A boa vontade nem sempre supera as difficuldades que se aglomeram. Muitas vezes falta-lhes o que comer e vestir, nada tem se não o amor da mãe que os protege, e em taes condições do que serve a previdencia da Lei?

Cree-se antes um instituto orphanologico capaz de instruir e educar essas criaturinhas que, agredidas, bem podem retribuir á Patria este favor verdadeiramente humanitario.

Já é tempo de se ir cuidando nestas cousas.

LITTERATURA

O Mar

Nada mais simples do que lançar-se a vista para essa lamina de apparente crystal que envolve a maior parte da superficie do globo, ora apertando-se entre margens, ora estendendo-se pelas praias e costas ou finalmente perdendo-se na immensidade do horizonte. A vista dilatando-se parece estar sempre a folgar, mas as impressões que sente a alma varião muito e differem conforme o tempo e o lugar em que nos achamos!

De manhã, á beira da praia, o mar inspira-nos o desejo de viajar. As pequenas ondas, que nos seus valvex nos procurão e nos deixão, parecem dizer: «Vinde com nosco ver como é grande a natureza! vindo contemplar mais de perto o céu, e depois vos mostraremos as cidades e todas essas maravilhas que se escondem atraz do véu que os olhos não podem facilmente penetrar.

A tarde o mar só inspira tristeza e saudades. O ar salino communica ao nosso organismo, nas horas da aproximação da noite, um mal estar cheio de recordações melancolicas. Vemos n'aquelle immenso campo sem flores entro os destroços dos aventureiros, attrahidos pela ambição das riquezas, o fim de tantas vidas preciosas que foram surpreendidas no cumulo de suas innocentes aspirações.

Embarcados experimentamos a cada instante sensações mistas de esperanças e decepções, umas vezes conduzindo-nos ao extremo da coragem e do heroismo e outras ás humilhações do medo. E em cima do mar que se tem representado as mais admiráveis epopéas.

Oh! quantas scenas de horror, e também quantos episodios de amor!

Tomou um dia pas-sagem em um pequeno barco a vapor que devia em 4 horas atravessar um grande braço de mar agitado. A minha viagem não tinha antecedências nem consequências; era eu e minha mala-sinha de mão.

Quando transpuz o portão achei-me em frente de uma linda passageira, que pela cor alabastrina de sua cutis, correctá simplicidade de traços e maneiras suggestivas do porte a todos provocava natural curiosidade de inquirir sobre sua procedencia e destino.

Ea, porém, acostumado a viajar e a ter agradáveis encontros a bordo, fazendo apenas ligeiro reparo mental, não indaguei nem soube mais para onde dirigio-se a bella viajante e fiquei por ali mesmo a conversar com improvisados amigos.

Pouco depois de ter o navio arrancado o ferro, havendo apenas percorrido algumas milhas, começou a debater-se com as ondas, as quaes, á proporção que elle vencia a extensão deixando após si longa esteira de espumas, mais se enfiava como se estivessem combinadas para vingar-se de tamanha audacia e em pouco tempo o mar já roncava e espumava de todos os lados.

Não sou dos mais affeitos e começando a temer passei em revista os milhares de milhões de habitantes do humido elemento, desde o mais insignificante infusorio até os maiores cetaceos, consi-derei na profundidade em que devia achar-se a terra firme debaixo do meus pés e reso vi metter-me na camera proxima dizendo commigo: «Se isto for adiante morreré resignado.»

A Herculano em uma viagem de Dover e Calais foi obrigado a recolher-se ao porão de uma pequena embarcação por conselho da tripulação para abrigar-se da furia de uma grande tempestade e o poeta ali ficou quietosinho vendo no escuro com os olhos da intelligencia a natureza do perigo, do qual estava apenas separado pela espessura de uma taboa.

Lembrei-me de tudo isso e procurei um lugar onde pelo menos não visse as empolgações do bruto que parecia querer sacudir de cima de si tudo o que não conseguia tragar ao engolir.

Na camera encontrei com surpresa minha a interessante passageira, sozinha, a ler um livro de orações. Assentei-me na bancada fronteira e achei-me n'aquelle lugar mais aliviado contemplando nas intermitencias das minhas apprehensões e sustos quanto havia de perfeições n'aquella angelica creatura.

O mar continuou furioso e a cada minuto que dava o vaporzinho ella levantava o semblante pedindo socorro na modor de seus grandes olhos, e n'um desses solivanteos em que a embarcação parecia precipitar-se bruscamente para o abismo ella metten apresentando no boço o livrinho e mandando de impetosa franqueza assentou-se junto de mim; pôz sobre o meu hombro direito as duas mãos e pôz-me a olhar a cabeça de minha passageira de cima.

«Acenda-me por quem...»

Achei-me então n'uma situação malhadora tendo necessidade de fazer um grande esforço para transformar em coragem as minhas impressões nervosas e procurei do melhor modo que pude tranquilisá-la da idéa falsa que tinha de um perigo eminente.

Infelizmente n'uma das occasões em que lhe dirigia a palavra confortadora ouvi-se grande alarido em cima, que segundo fui depois informado não passou de um formidable banho nos passageiros da coberta, mas este incidente tornou ainda mais

desanimada a minha formosa companheira.

Tive então dô do seu estado commovido. Desenvolveu-se nella uma loquacidade insinuante e pondo em evidencia as aspirações dos meus 25 annos a cada murro titanico que o mar imprimia no costado da embarcação tinha ella sempre uma phrase de angustia para proferir e dizia:

—Salve-me... diga o que quer de mim... darei tudo pela minha vida de 18 annos que será sua... vamos... falle...

E o mar a esmurrar!

—Sim, continuava ella... não vê como são lindos os meus cabellos?... Eu dou-lhe as ondas do meu cabelo por todas as ondas do mar.

Se de facto não estivessemos correndo algum perigo e não me achasse dominado de verdadeiro encanto teria apreciado de outro modo os desvarios d'aquella louca momentanea, mas conseguindo dominar-me desfiz-me em caricias e atencões respeitadas durante toda a crise nervosa que só se acalmou e extinguiu-se com a aproximação de terra.

Logo que o mar tornou-se manso e o navio começou a deslizar-se para o porto toda aquella estranha eloquencia foi pouco e pouco se transformando em profundo silencio, até que por fim tirando ella do bolso o livro de orações foi assentar-se de novo no seu lugar de trahindo-se em rever as paginas.

A sua indifferença para commigo depois de tão vehementes manifestações deu-me a conhecer que eu estava ali de mais, era talvez uma injuria ao pudor e retirei-me com uma reverente cortesia que em verdade foi a ultima que aquella mysteriosa desconhecida me permittio fazer-lhe.

Ancorado o vapor desembarcou ella com uma familia que veio recebel-a a bordo; tomou o trem do caminho de ferro e foi se sem já mais dignar-se de conceder-me o mais leve signal de gratidão.

Pensei depois e muito nas consequências deste drama singular, cujo desfecho foi o seguinte:

Ella salva pela intercessão de suas fervorosas orações e eu o naufrago das ondas de seus cabellos! Desde então o mar tornou-se para mim um eterno banheiro; nunca mais vi nelle vagas nem tempestades.

O Céu, a Terra e o Mar

Não rolava ainda no Céu a pallida lua, nem as estrellas multipias tremeluziam; era a terra árida e estéril, despidida de flores perfumadas, de mioscos tapetes de verduras, de murmurejantes rios crystalinos e frescos, e o mar sempre insensível era mudo e quieto, porque não guardava ainda perolas nem coraes, e nem brincavam saltantes em seu seio os diversos peixinhos.

Estava, pois, em principio a criação, e existiam apenas tres infinitos e bellissimos elementos: —o Céu, a Terra e o Mar, immer-sos em impenetravel obscuridade, fendida somente pela poderosa voz do Creador, quando ordenava —peio estrondo grandioso do trovão. Nesse momento, a terra estre-mecia, o mar gonía, e o céo estrebaria se mandando então um comeco, que fedia rapidamente o espaço, sumindo-se na primeira ou na segunda.

com a educação do povo, e isto basta para dar a verdadeira ideia do quanto a maldade do coração está acima dos conselhos da intelligencia.

A vida do futuro porém hade continuar a ser fortalecida pelo Bem do passado do mesmo modo porque hoje vemos a bussola guiando a rota do commercio por todo o mundo, a imprensa illuminando a intelligencia dos povos, o vapor dando força a industria e a electricidade a manifestar a mais e a mais os seus prodigios. São estes factos que immortalisam os seculos que se passou e de balde queremos personificá-los no homem.

O Bem que elles representão é obra exclusiva do tempo que mata o individuo para eternisar a collectividade. Nenhum homem resiste em pleno estado de consciencia á destruição de um seculo e aquillo que delle (homem) apparece nada mais é do que o trabalho das gerações. O proprio tempo que prolonga o Bem, destende-o em ramificações e fal-o fructificar por toda parte, destroe por fim a obra do individuo e com ella a gloria de seu nome.

Na comemoração dos seculos devemos tão somente pensar que elles estão divididos em annos, mezes dias e horas, e cada hora lançada no grande livro da eternidade deve ter uma acção boa a credito do futuro, no qual encontraremos o saldo na vida das gerações que nos succederem.

Nas festas de hontem ha uma collectividade que teve toda a razão para regosijar-se e é a dos christãos, porque esse dia recorda o começo da epocha gloriosa de uma das manifestações do Bem. Assim como a imprensa tem o seu Gutenberg e o navio a vapor o seu Fulton, o conselho da paz teve o seu Christo.

O seu legado foi a cruz. Os hypocritas abração-na publicamente, beijão-na, chorão a seus pés, porque não a podem trazer no coração; o coração delles é de pedra.

Mas a cruz é o symbolo da paciencia que nenhum homem deve deixar de trazer consigo. Aquelle que é victima de uma injustiça e não encontra reparação nas leis ou nos que as executão deve lamentar a obra do Mal e beijar mentalmente a sua cruz na convicção de que a justiça mais tarde será feita n'alguem de seus semelhantes.

Os esposos infelizes, os amigos trahidos, os pais abandonados e outros desventurados, antes da manifestação publica de suor devem beijar não a cruz de metal ou de madeira que alguns trazem ao pescoço, mas aquella que todos guardão no escripto do seu proprio coração.

Terminamos aqui, caros leitores, pedindo-vos desculpa de ter pegado na pena para cumprimentar-vos pelo começo do anno novo, que promette com suas chuvas fertilisadoras abundancia de searas, e apenas vos apresentamos um retalho fim de seculo, no qual entoando o *per omnia secula seculorum* vos obrigamos, talvez sem queirades, a dizer:

Amen.

1.º de Janeiro de 1901.

Na praia

Gostava bem da vida que levava na praia, todas as manhãs e tardes unida a outras companheiras lá lamos esperar os barquinhos dos pescadores, sentadas na barreira em animadas prosas; já conheciamos quasi todos os pescadores daquelles arredores e sabiamos os nomes de todas as canoas e barcos.

O velho Marcos era de todos, quem

mais dava-se comnosco, todos os dias projectavamos um passeio na sua «Gaivota», mas sempre nos dizia o bom velho: He! he! he! minhas meninas, o mar lá fora é bravo e a minha «Gaivota» é sôsa, vai só d'uma bordada quando o vento favorece, e quando não, lá começa ella a fazer piroetas, he! he! he! mas é bôssinha a canôa, obedece muito ao leme, que eu governo, e quando enfuna-se-lhe a vela vai por ali que é um peixinho, e então é que vê-se o bonito! era sempre assim que respondia.

Uma tarde, lembro-me bem, eramos tres, sem pensarmos na nossa temeridade, desatamos uma canôa, era a «Teimosa» e fizemo-nos ao largo, confiadas nos nossos remos e na quietude da maré, todas experimentamos o leme, e depois remamos a bom remar; experimentamos tambem a linha de pescar, que encontramos dentro de uma cuia ao fundo da canôa, porém nada de peixe e assim, entretidas, levamos algum tempo, quando nos lembramos de voltar, não houve leme, nem remos que trouxesse a canôa, a «Teimosa» teimava cada vez mais para deante, sem governo já, porque havíamos largado tudo, e si não fóra um pescador, o tio Lourenço, com a sua «Flor da barra», por certo não estaria aqui fallando; quando nos apanhamos em terra, fizemos cruces, protestando nunca mais.

Foi o velho Marcos quem nos veio ajudar a desembarcar. Então, he! he! he!, disse-nos, com a sua habitual risadinha, a «Teimosa» sempre pregou um susto ás meninas, felizmente lá estava perto o Lourenço, senão, tinham hoje os peixes boa ceia, he! he! he! As meninas estão molhadas e com certeza tem fome, a nossa casa fica mais perto, e si quizerem... lá está a Rufina com a criança, é choupana de pobre, não façam cerimonia.

Não estavam assim tão molhadas, mas tinhamos com effeito muita fome, e, como conheciamos a boa Rufina, acceptamos de bom grado o convite e nos dirigimos para lá, acompanhadas do pescador.

Chegamos a pequena casinha de palha e fomos obsequiosamente recebidas pela mulher e filhos do tio Marcos, estavam na faina do concerto de peixe.

Bôa noite, tia Rufina, boa noite, meninas, licença para tres, dissemos nós.

Deus lhes dê muito boas noites, senhoras, pois não, podem entrar, a casa é nossa respondeu. Oh! crianças, venham tomar abençãos ás moças. Vem cá, Maria, traz os banquinhos, e tu, Julião, vai buscar a garrafinha do vinho de cajú.

Não se incomode, diziamos, ora si fosse para isso não teriamos vindo.

Não, meninas, tudo isso é gosto, retorquiu o tio Marcos; olha, Rufina, ellas estão com muita fome!

O jantar está quasi prompto, respondeu a boa mulher; vai já pôr a mesa, Luzia, minhas senhoras não reparem estão em casa de pobres que só tem desejos de agradar, depressa, Luzia.

Era um gosto ver a limpeza e acoço de tudo, compunha-se a mobilia da sala de quatro bancos, dois cépos, uma mesa bem velha no meio, e uma mesinha ao lado com um pequeno oratorio cheio de imagens descoloridas.

Em um canto se achavam alguns utensilios do barco e aparelhos de pesca e na parede em um prego uma tarrafa pendurada.

Na varanda, andavam agodados, para cá e para lá; a Luzia com uma esperteza, propria da sua idade, estendeu na mesa da sala a toalha muito alva e alguns pratos,

trazendo em seguida o peixe guisado, muito cheiroso.

Abanquem-se, meninas, não precisa cerimonia, a janta não é cousa que preste, mas serve para entaipar o estomago até irem para casa, crianças, voceis vão ali para a meçaba; traga as moças, tio Marcos, assim fallava a boa mulher, em quanto arrumava os bancos em roda da mesa, venham, venham em quanto está quentinho!

Nós, já se sabe, tomamos logares, e comemos como frades, com excellente appetite, tudo mettia gosto—o acoço, a boa vontade e até o cheiro do peixe, de que ficára impregnada toda aquella choupana, tudo alli cheirava a maresia, até os pequenitos que se nos vinham encostar com os dedinhos na bocca e o queixo babado, e aos quaes acariciavamos.

Terminada a refeição, lembrou-se uma das minhas companheiras de pedir aos velhos que nos contassem o motivo do medo que tinham os moradores d'alli de passar á noite junto de um tronco já decepado de uma velha laranjeira, que havia distante do povoado, perto de uma cancella já toda desmantellada.

«Quem lhes pode contar isso é o Marcos, minhas senhoras, por ser mais lembrado, respondeu a tia Rufina, é um facto muito triste.

Conte-nos, tio Marcos! conte! pedimos todas a um tempo.

Eu já não me recordo bem dessa historia, meninas, não é lá, muito curta e tem sua razão de ser, mas, isto de medo, não é commigo, he! he! he! passo por alli a qualquer hora do dia ou da noite, as senhoras não são moças medrosas, não é assim?

Oh! não, não! respondemos.

Pelo menos mostraram bem, esta tarde, com a «Teimosa» do Cypriano da prainha, he! he! he! pois bem lá vai a historia, vamos ver si me lembro:

«Aquella laranjeira, senhoras donas, foi alli plantada pelas mãos mimosas da Côra, filha do velho Cypriano, dono da canôa, que as meninas levaram esta tarde; era bem pequena ainda, quando a plantou, pobre criança! e a sua laranjeira cresceu comsigo, viçosa e bonita como a dona, molhava-a todos os dias, tratando-a com o maior cuidado, e, tão alegre dizia sempre nas suas conversas—chei de pôr as flores da minha laranjeira no dia do meu casamento, si algum dia me casar, era muito alegre e interessante em criança, e depois de moça, viva e engraçada, nós a chamavamos—*rouxinol da praia*, vivia sempre a cantar aquella pequena! estava sempre a rir e a contar historias, diziam que sanira a mim.

Não havia por cá rapaz, algum que lhe cahisse em graça, quando iam pedir-a, respondia logo—que não se tinha ainda florido a sua laranjeira, e não podia portanto formar casamento, e passava assim descurada; mas... é certo o que dizem—não ha bem que sempre dure, nem mal que se não acabe—, foi o que aconteceu.

Appareceu por aqui um moço, não sei viudo de onde passar uma temporada, antes cá não viesse, minhas senhoras! apaixonou-se pela Côra e ella por elle! pediu-a em casamento antes de ir daqui, e ficou tudo justo, menos o dia, pois persistia a Côra na tal mania da sua laranjeira. Desde então vinha elle sempre visitá-la, era um bom moço, isso era! foi infeliz, coitado!... debaixo da laranjeira era o amoroso colloquio, conversavam elles lá enquanto a mãe da pequena fazia rendas para o enxoval,

onvia-se só o treque, treque dos beldros, o tagarelar da Cór com o noivo.

Era ella, porém, amada por outro aqui, que lhe não perdoou a preferença aquelle, e esse pobre attentado do demônio jaz na cadeia; amava-a, em segredo, e quiz tirar um dia a sua desforra.

Viram-no por aquella cancella, quebrada hoje, por abandono, levava a sua espingarda ao hombro, pois era bom caçador, e ninguém incomodou-se com isso; ora muito bem, ali pela tardinha fora Cór com a mãe esperar o sr. Raul (era assim o nome do noivo) poucas horas depois, ouvira-se um tiro, perto da bocca do caminho... foi vindo... foi cotia... que o Felipe atirou... e isto, e aquillo, mas, qual nada!... D'ahi a pouco, entra a correr como um doido o noivo de Cór, gritando pelo nome della com uma mão no peito apertando uma ferida: era de ver o sangue a jorrar em borbotões! coitadinhos de ambos!... foi cair nos braços da rapariga debaixo da laranjeira e lá expirou... parece que ainda vejo a desventurada Cór soltar aquella estridente gargalhada, em vez de chorar quando ao mesmo instante uma forte rajada de vento sacudira a arvore que pela primeira vez se havia florido n'aquelles seis ou oito dias e uma chuva branca de flores cahira sobre elles!...

Enlouquecera na mesma hora... e ao mesmo instante gritava e ria de metter d'outra vez a agente chorar... «Agora, laranjeira... agora! para que quero mais tuas flores!... ah! ah! ah!... guarda-as para ti, não as dejes mais, ah!... sabiam que elle hoje morria estas malditas e me não disseram nada, enganaram-me! olhem aquellas que nadam na poça de sangue, estão rindo de mim!...»

Tudo isto dizia a pequena já fora de si e assim ficou dahi por diante até o dia em que Deus fóra servido chamal-a tambem, que não tardou muito.

Pouco antes de morrer, não descansou enquanto não derrubou-se a laranjeira... e assim ficou só o tronco, como está... Simto ainda arripio, quando me lembro!

Pelas enrugadas faces do velho pescador rolaram duas lagrimas, que enchugou com as costas das mãos, e proseguiu:

«Pois foi assim, minhas meninas, foi assim... e é por esse motivo que os moradores da praia tem medo ainda de passar junto daquelle tronco carcomido pelo tempo, que já vai longe!»

Muito enterneceu-nos aquelle facto verdadeiro, que tão singellamente contou-nos o velho Marcos, e, horas depois, quando depois nos dirigimos para casa, foi com immensa pena que olhamos para o tronco cahido.

Depois dessa nossa arriscada aventura da pesca, ao largo, nunca mais premeditamos outra, porém dirigiamos sempre os nossos passeios á casa do velho pescador, principalmente apertadas pela fome, e após á ceia ou ao almoço aos domingos, contava-nos elle bem bonitas e interessantes historietas, que prometto de quando em vez ir relatando ao leitor.

Laura Rosa.

Guimarães, 7 de Dezembro de 1900.

A NOSSA GRAVURA

A estampa junto mostra a importante obacura denominada—Britania, de propriedade do sr. dr. Edmund Compton.

Acha-se situada no arrabalde desta cidade conhecido por Caminho Grande; em frente passa a linha ferrea que vai para o Anil, distante desse lugar seguramente meia legua.

HIGH-LIFE

Parcem annos ao meo de Janeiro corrente:

- Em 1—*as exmas. sras. dls. Zaira Nina Rosa e Maria José de Carvalho Brito;*
Em 2—*a exma. sr. d. Mathilde Ribeiro, a menina Elvira Brito e o sr. Domingos C. de Carvalho;*
Em 3—*as exmas. sras. dls. Leontina Gabriela da Costa Melo, esposa do sr. Edmundo Melo, e Teodora Rodrigues Machado, esposa do sr. Teodoro Machado;*
Em 4—*a senhorita Alzira Fragoso;*
Em 5—*a exma. sr. d. Olympia de Souza Rego;*
Em 6—*a senhorita Leonilda Soares Pereira, Milena Neres, Alzira Trindade e o sr. Nuno Pinho;*
Em 7—*a exma. sr. d. Colinda Costa e a menina Clotilde Pires da Fonseca, filha do sr. capitão Adolpho P. da Fonseca;*
Em 8—*o sr. dr. Manoel da Silva Saldanha;*
Em 9—*as senhoritas Verequilha Viana e Gaudila Soares Ferreira e o sr. João Pereira;*
Em 10—*a senhorita Alice Steery;*
Em 11—*o sr. Nuno Alvares de Moraes Rego;*
Em 12—*o menino Herbert, filho do sr. dr. Manoel J. Ferreira;*
Em 13—*a exma. sr. d. Caetano Cabal de Souza, esposa do sr. coronel Feliciano Moreira da Souza;*
Em 14—*as senhoritas Rosinha Pereira, Adelaide Bessa e Rosa C. dos Santos Guimarães e o sr. Armando Nogueira;*
Em 15—*a exma. sr. d. Prisca Rita Bello Martins e os meninos Lauro Pires da Fonseca, filho do sr. capitão Adolpho Pires da Fonseca, e Felino, filho do sr. Joaquim Carneiro;*
Em 16—*a exma. sr. d. Lúcia Adelia de Oliveira e Souza e o menino Domingos, filho do sr. Alfredo Gonçalves da Silva;*
Em 17—*a exma. sr. d. Sebastiana Joaquim Dias, esposa do sr. José Estevão Dias, as meninas Marianna, filha do sr. Alfredo G. dos Santos Silva e Maria Elisa, filha do sr. Francisco Joaquim, os sr. Antonio Alves da Silva e Arthur J. de Moraes Rego;*
Em 18—*as exmas. sras. dls. Candeia Belfon Guimarães, Lisboa, esposa do sr. Eustáquio José Lisboa e Felisbilla Cunha, esposa do sr. Camélio Cunha;*
Em 19—*a menina Neres, filha do nosso amigo e socio d'esta Alfabetaria Francisco Pinto Teixeira;*
Em 20—*o menino Carlos, filho do sr. dr. Joaquim F. da Costa Lima, e Walker, filho do sr. José Gonçalves Pereira;*
Em 21—*a menina Marcella, filha do sr. José Custódio da Silva Guimarães e o sr. Antonio Mattos;*
Em 22—*a exma. sr. d. Sigmira Ferreira dos Santos, a menina Luciana, filha do fideiussor comographo Americo Azevedo e o nosso particular amigo e socio d'esta Alfabetaria Gaspard Pinto Teixeira;*
Em 23—*as exmas. sras. dls. Maria Clara Boges, Maria L. Pires Cavalcante, Menina B. Costa-Rodrigues, Maria L. Ferreira Santos e o sr. João de Aguiar Almeida;*
Em 24—*as exmas. sras. dls. Rosa E. Pereira, Leontina Cunha, Candida Bezerra Faria, esposa do sr. João de Faria Lisboa e os meninos Hugo, filho do sr. Simão Barnett e Arthur, filho do sr. L. Bomeo;*
Em 25—*as exmas. sras. dls. Maria Luiza C. Almeida, Severa Vieira da Silva e o sr. Manoel S. da Costa Santos;*
Em 26—*o sr. Augusto Omar dos Reis;*
Em 27—*a menina Anuncia, filha do sr. capitão Adolpho Pires da Fonseca e o sr. Joaquim Pedro da Silva Monteiro.*
Aceitamos os honrosos cumprimentos.

EXPEDIENTE

Tivemos occasião de ver por convite do sr. coronel Nuno Pinho o bonito presepe armado em casa de sua residencia.

Foi um mimo que lhe fez o distincto scenographo Oreste Coliva, que, ultimamente nesta capital, pintou o panno de bocca do theatro S. Luiz.

Figura ao fundo a modesta cidade de Bethlehem, a primitiva Ephrata, dentro dos seus portentosos muros, apresentando a singeleza architectural dos seus edificios numa perspectiva bem cuidada.

Em cima, no concavo infinito d'um azul polido e luminoso, destaca-se a lua como um sorriso do céu rejubilando-se com a terra.

Na alfombrada planicie que se destende daquelle cidade adormecida pelo silencio

pesado da noite, vagueia bando de ovelhas acordadas naquelle instante mysterioso, eterno instante, em que broxleou no mundo a estrella promessora da paz.

Ao lado, num pobre estabulo, tendo por esteio uma cama de palha, devisa-se a imagem pequenina de Christo, o recém-nascido, cercado de seus paes, os dois viadantes, José e Maria, que parecem absortos, enlevados numa prece divina.

Alguns bastidores bem combinados formão uma especie de bosque cuja reflexão do luar enche aquella paisagem d'uma coloração verde-tenro suavissimo. Parece que sente-se a frescura da noite.

Nada ha mais que desejar. Parabens, pois, ao sr. Coliva por mais este bellissimo trabalho.

Ficamos obrigados pelo civico que nos colhegi e Rev. Sr. Padre João dos Santos Chaves para assistir a solenne collocção da Cruz comemorativa do fim do século na igreja da Conceição, que teve lugar no dia 31 do mes pasado.

Temos sobre a nossa mesa duas folhetos bem escriptos, um do Club União e Perseverança, do Pará, em homenagem ao eminente politico d'aquelle Estado, o senador Antonio Lemos, nosso conterraneo, pela feliz data anniversario natalicio; o outro tambem em do seu homenagem ao benemerito cidadão coronel Alexandre Collares Moreira Junior, em razão de deixar o lugar de intendente do municipio desta capital, lugar que exerceu a contento geral.

Esta Revista já teve occasião de render a preito de sua admiração a este illustre maranhense, estampando em supplemento o seu retrato.

Agradecemos.

Ficamos obrigados aos sr. Leoncio James de Mello & Comp. pelo seu allanack para o corrente anno.

Recebemos os seguintes cumprimentos pela entrada do corrente anno:

Adolpho B. Nogueira, agente geral ao Estado do Maranhão da "Garantia da Amannia", deseja á V. S. amplas felicidades ao correr do novo anno.

Tenente-Coronel Claudino de O. e Cruz agradece e retribue as felicitações pelas boas entradas do anno e seculo novo.

Tenente-Coronel F. Collatino de Aragão agradece as felicitações e envia as mesmas — Newton Passos & C., boas festas.

— José Esteves Dias tem o prazer de complimentar a V. S. pelas Boas Festas, desejando innumeras prosperidades no anno novo. Aproveita a occasião para levar ao conhecimento de V. S. que mudou a Pharmacia Francaza de que é proprietario da rua do Sol para a da Estrella n. 5.

— O Centro Caixaeral congratula-se convosco pela entrada do novo seculo.

— A União Velocipedica Maranhense, envia-vos cordias felicitações pelo novo anno.

— Benedicto Marcellino Serra, marceiro S. José, complimenta a V. Exa., e deseja que o Anno-Bom seja-vos sorridente acompanhado de uma messe de ventura e felicidades de que V. Exa. é digno.

Com abundancia de coração agradecemos a todos tão significante prova de gentileza que nos dispensaram.

— TENHO PRESCRIPTO. — Attesto que tenho prescripto em minha clinica o preparado pharmaceutico denominado Emulsião de Scott, de Scott & Bown, de New-York, com resultados favoraveis.

Dr. Arthur Vargas.

Impressão na typ. e vapor da Alfabetaria Teixeira & M. George Greenwell.

Foi, em uma dessas solennas occasiões, a um forte clarão do raio, que esses elementos se conheceram e se fallaram a medo, temendo a voz de Deus.

Ainda poucas palavras não eram trocadas, quando se fez ouvir um imperioso — Silêncio! E disse o Senhor do Universo: «tenho para cada um de vós um thesoiro que dou a guardar e que me apresentareis, paros como vos dei, quando mandar aqui a luz, tomai-os; e, no mesmo instante, um estrondo formidável ecoou pelo espaço.

Momentos depois, sobreviu a calma e o silencio, foi o mar quem primeiro perguntou á terra.

— Qual o thesoiro que deu-te o Creador?

— Dize-me primeiro o que te coube, respondeu esta.

— Mostrar-l'ho-hei, quando reluzir um relampago, retorquiu o mar.

— Também verás o meu, disse baixinho a terra.

— Observo pacientemente o céu — só apresentarei o meu, quando vier a luz.

Não tardou o momento desejado; antes porém, com a rapidez do luzir d'um relampago, cobriu-se a terra de flores e coalhões de mar de peixinhos prateados, molluscos, perolas, corais e ambar; o céu conservou-se sombrio.

Chegou enfim a luz, quando ergueu-se o sol no levante, formou-se o dia, mas já a terra estava coberta de plantas e de flores, os rios murmuravam, a grama verdeava os prados e vergeis; no mar centuplicavam-se os peixes a brincar.

Deus então determinou:

Virá o homem colher as flores, que serão desfolhadas e pisadas, os ribeiros já-mais cessarão de correr, e os animais destruirão a herba macia, os peixes serão apalhados, mortos e comidos, e perseguidos as demais riquezas ao mar e á terra!

Passou o crepusculo subitamente, ap proximou-se a noite doce e serena, uma a uma começaram a surgir as formosas estrellas, crivando o firmamento, assomou linda e radiante a branca lua, prateando a terra e o mar, e uma voz longinqua murmurou suavemente: — eis o meu thesoiro.

O mar rugia feroz e impetuoso, procurando esconder sua riqueza no seio profundo; a terra estremeceu de raiva, só a lua sorria-se nas naves, dizendo então: — ninguém nos tocará!... e as estrellas repetiram em coro mais além, — ninguém nos tocará!...

Quando ouvirdes, leitor, o rugido do mar, ou o abalo do terremoto, não vos assusteis, foram esses elementos castigados por desobedientes; como ambiciosos e avessos, defendem os seus thesoiros, não vos assusteis, pois, contemplae antes o céu, que se mostra sereno e marchetado, onde rói placidamente a bella lua, sorrindo sempre!

Laura Rosa.

Guimarães, 3—Fevereiro—1901.

As tres lettras

Do Eulides M. Aranha

Alvaro e eu, havíamos resolvido, para aproveitar o verão fluminense, passar o domingo em Copacabana.

E de facto, partimos para a bellissima praia de banhos aos primeiros fulgores do sol nascente e ali escolhemos o restaurant de villa Ipanema para a nossa hospedagem desse dia.

O mar fortemente agitado, mostrava vagalhões enormes que vinham quebrar-se sobre as dunas de areias tumidas da pittoresca praia, cobrindo-a de espumas alvadas e brilhantes á luz do sol ardente.

Mocas e rapazes tomavam banho na praia, formando um grupo no qual Alvaro e eu nos fomos juntar a convites de amigos nossos que faziam parte do grupo.

Dentre as mocas que ali se achavam, destacava-se o perfil gracioso de Alice Bourquet que, vestida de azul marinho dobrado de branco, ainda se conservava na beira da praia como que receiosa de entrar nas aguas agitadas do mar.

Demorei-me algum tempo apreciando a encantadora banhista que de cabellos soltos aos ventos, trazia um chapéu de palha toco atado por uma fita rosea que descia pendendo-lhe o formoso rosto para o mar, fazendo-lhe o sorriso mais doce.

E assim passaria horas intiras contemplando a candida joven que fugia quando as ondas se espraiando buscavam beijar-lhe os pequeninos pés, ou saltando entre cortada exclamações de susto quando as aguas amorosas lhe sacudiam de longe uma chuva de gottas pequeninas, si ella não me gelasse com o olhar que me fitou ao deparar-me contemplando-a!

Alvaro e eu voltamos para o restaurant e durante todo o dia, por mais esforços que eu fizesse, a imagem de Alice não me saia do pensamento, mais encantadora e mais linda!...

Cahia a tarde.

Passeávamos costeando a borda do mar, quando ao longe avistamos um grupo e que era o mesmo de que pela manhã havíamos feito parte.

Alice, trazia uma vestimenta simples e elegante, e, não sei porque motivo baixou os olhos quando me viu... também eu fiquei perturbado ao vê-la e senti que minha mão tremia apertando a sua delicada mão.

Passeando chegamos a estação de bonds e resolveu nos dar uma volta ao Leme.

A pequena roleta que nos conduzia ao Leme, fazia tintar uma campainha monotonica, em quanto alguns rapazes do povo seguíam caminho da Igreja cantando o:

«Bem sei que tu me não amas,

«Bem sei que tu me desprezas,

ao som de um violão querulo e raudo.

Nesse momento fito o meu olhar em Alice, como a dizer-lhe que aquelles trovadores interpretavam o que minha alma sentia... Mas, o seu olhar era tão puro e doce, tanto amor me revelava, que eu fiquei arrependido de lhe ter feito mesmo um pensamento uma censura injusta!...

E, caminhando ao lado d'ella, eu buscava sob as folhas verdes das agaves da praia as mais delicias conchilhas para offerecer-lhe como desculpas do pensamento que tive por um momento...

Já o sol se atufava nas aguas do oceano quando voltamos a villa Ipanema.

Alice estava hospedada em um chaletinho muito pittoresco em villa Irene, muito proximo da praia e tendo um jardim pequenino mas bem cuidado.

Ao despedirmo-nos, notei que Alice fitava insistentemente a fita e alva areia,

como querendo indicar-me alguma coisa, algum segredo talvez!...

Eram tres lettras só que ella havia escripto com a ponta da guarda-chuva: J. T. M.

Já o esplendido pharol de Ilha-Rosa em sua continua rotação se fazia admirar, quando regressei a cidade trazendo na imaginação as lettras que Alice escrevera na areia, e o seu retrato gravado n'alma.

Muitos dias passei a procurar a significação d'aquelle problema!

Seu nome—não era, porquanto eu o sabia já.

Trabalhei muitos dias e muitas noites vele em busca do mysterio que encerravam aquellas lettras, quando enfim resolvi confessar á Alvaro todo esse enredo amoroso.

Depois de pensar por muito tempo, o meu bom amigo disse-me: Alice Bourquet, é uma menina que possui uma educação esmerada, o conhece perfeitamente bem o francez, e com certeza essas tres lettras revelam uma confissão de amor, n'aquelle idioma: «Je t'aime!»

Lucio Moreno.

SEMPRE A SOFFRER...

Reacredesce no meu peito a dor que tanto o feriu desde quando lhe fugiu esse amor que o traz sujeito; mas... com toda a indiferença e calmo aguardo a sentença que possa nos dar o ver: porque, por mais que procure ver se este mal se obscurece... o soffrimento é só meu!

Só ella vive orgulhosa gozando este meu penar, té mesmo sem se lembrar desta vida desditosa; só ella se furt a graça, que o peito me satisfaz contra a sorte que o colheu; porque, por mais que lhe peça que de mim se compadeça... o soffrimento é só meu!

Só ella possui a dita de minorar-me este mal, mas, contanto, nada val implorar-lhe a paz bendita; e hei de soffrer enquanto não vir enchugar-me o pranto esse que assim me prende!

A Mulata

(A Henrique Nogueira)

Perolas soltas

I

O nobre e azeitadinho dormia calma
na sua casa, a "Paua" da floresta
uma noite de inverno.
O nobre e azeitadinho dormia calma
na sua casa, a "Paua" da floresta
uma noite de inverno.
O nobre e azeitadinho dormia calma
na sua casa, a "Paua" da floresta
uma noite de inverno.

II

Juntas as seus pés umas rôlinhas brancas
e neve construíam um ninho e um punhado
de roxinhos entoava canções festivas.
Entre a ramagem da floresta virgem, um
intenso cantarolava uma alegre enleixa,
chamando a companheira amada para junto

da sua accórdia attonita e atira um vago
olhar para todos os lados...

VI

Um mancebo de olhos azues e cabelos
loiros, elegantemente vestido com um «chic»
lenço de cachemira clara, magistralmente
talhado pela tesoura maravilhosa da «Alfaia-
laria Teixeira», então em um handolim—uma
canção de amor....

ALBERTO RIVIERE.

Delirio

(A Abeilard Mattos)

Por entre a sua saia côr de lyrio
se via a linda perna torneada
oculta numa meia matizada,
e vel-a sem beijar era um martyrio.

Eu fui louco d'amôr enfiar o fado:
depuz naquella perna bello ardente
não sei... do repente
porém foi... vibrado.

Estava junto... adormeci-a.
Após o osculo, creio que cobrou vi-a,
ergueo-se como que electrificada.

Depois, creio que dormio, olhos cerrados
e os braços sobre o lindo seio cruzados
ficou sobre o colchão jadeado.

Março 92

HENALPE

Os nobres de algibeira.

Ha poltro de alma, de intelligencia e de
espírito. Porém ha uma pobreza peor do que
todas as pobreza.

Um homem com as algibeiras vasias não é
homem.

E' um ente, um aborto da natureza. Não é
deste mundo, nem do outro. E' de um mundo
inteiramente desconhecido: como se dissesse-
mos um habitante de Marte ou de Jupiter.

O homem com as algibeiras vasias não tem ami-
gos, parentes, nem amigos. Porque a mulher
actualmente não quer mais um homem com
algibeiras vasias.

O homem com as algibeiras vasias não é recom-
endado. Não é recomendado para o emprego de «dieta».

— Não é recomendado para o emprego de «dieta».

— Não é recomendado para o emprego de «dieta».

— Não é recomendado para o emprego de «dieta».

— Não é recomendado para o emprego de «dieta».

Para que um
outro. Eas
cada al-
gibeira um contra-p...

Muços de contas para pagar, ordens sem pagamento, notas, estatísticas de estrada de ferro, de escolas de mestres etc.

Sou o verdadeiro retrato, a «célula viva» de um empregado á quem não lhe pagam os ordenados.

Qual outro Jere me lamento e digo:
Periga a salvação da patria, por sacrificio
impõe-se-me o real? O enorme
«defeito» do real diminuirá se o meo
estomago estiver cheio?

E inteiramente dispensavel que as minhas
tripas e tegam uma completa revolução para
que a ordem politica não se altere?!

Para que os outros credores do Estado cobrem seus creditos condemnando-me á estar
sem um real?

Porque eu não gasto um real pela razão de
não tê-lo, torna-se a mim como uma medida
economica. A minha crise metallica ha de re-
mediar a crise que sobre o estado pesa o
pesar de todo o anno?

Para que a peste nos invada torna-se-me
como meio hygienico.

Morto de fome canina, da fome «fulmi-
nante».

Nem depois de morto servirei para um le-
que em um corpo composto de ossos
le não se pode fazer autopsia.

Nem para estudos anatomicos serve
nem pobre.—O homem sem dinheiro é
spectaculo mais lamentavel.

E' um phantasmo humano.

E' a paralisia da vontade, porque não po-
tê-la.

E' um modelo de injustiça constitucional
porque não peca dos direitos que as leis co-
cedem ao cidadão.

E' a cantinella do proximo. E' o sinapismo
dos amigos. E' o catalogo das necessidades
manas.

E' uma carabina sem fechos. Tudo isto
muito mais o pobre decente.

Tudo isto e muito mais sou eu «fome e
nheiro», eis a incognita da minha equação.

Um real e o mundo é meo.

Quem nol-o dá?

J. L.

Imitação

As ressequidas folhas uma a uma
já vão caindo,
Chega-se o outono, as andorinhas tristes
Lá vão, fugindo...

E fogem... fogem... vão ruflando as aris
Ares buscar,
E quando o bosque se cobrir de folhas
Hão de voltar...

Assim foram fugindo de meu peito
As illusões,
Voltam as aves, mas não volta a vida
Aos corações.

GI. GOMES D'AVELLAR.

